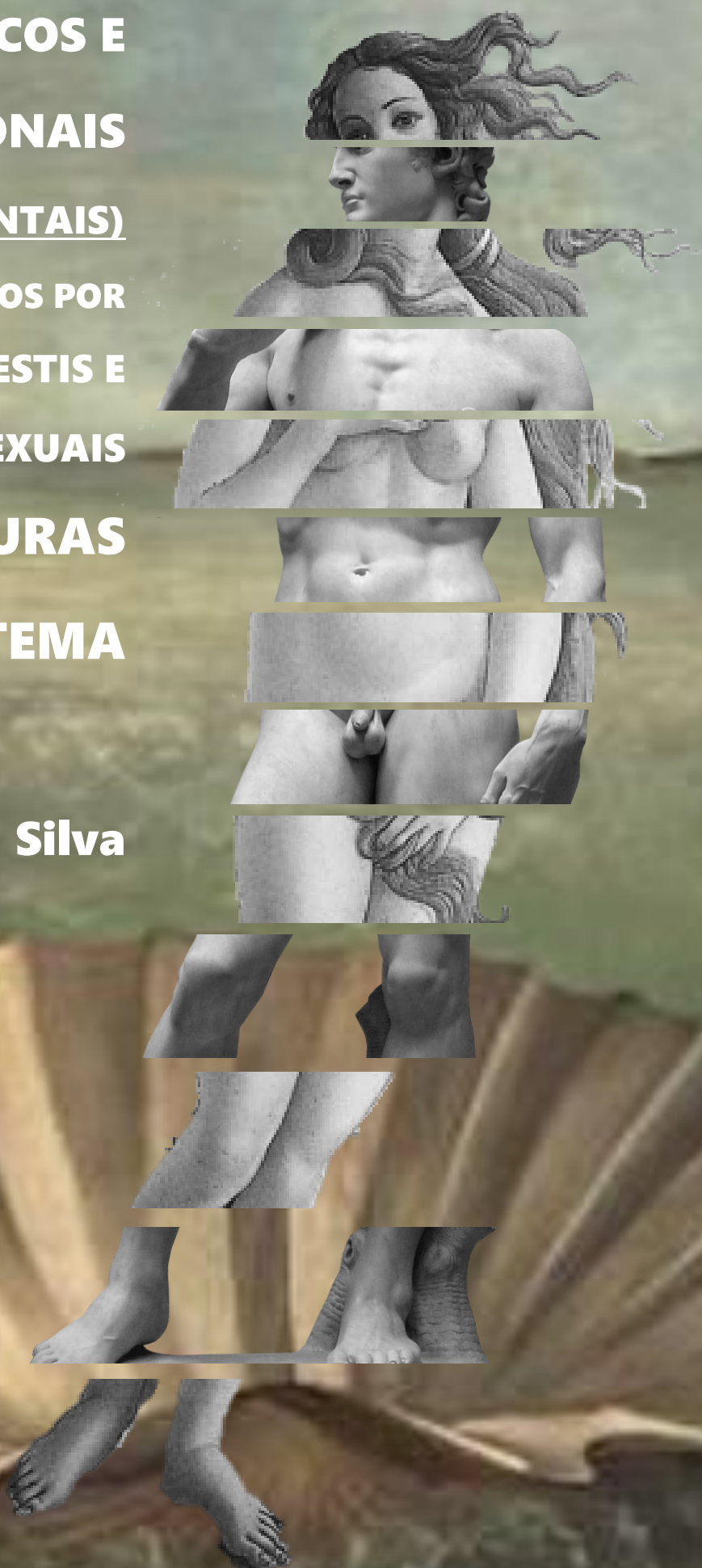


**PROCESSOS
ARTÍSTICOS E
EDUCACIONAIS
(INCIDENTAIS)
VIVENCIADOS POR
MULHERES TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS
DO RECIFE E AS FISSURAS
NO CIS-TEMA**

Filipe Lima Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Filipe Lima Silva

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCACIONAIS (INCIDENTAIS) VIVENCIADOS
POR MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RECIFE E AS FISSURAS
NO CIS-TEMA**

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Filipe Lima Silva

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCACIONAIS (INCIDENTAIS) VIVENCIADOS
POR MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RECIFE E AS FISSURAS
NO CIS-TEMA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, do Instituto de Ciências Básicas da Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de doutor em Educação em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte

Porto Alegre

2021

FICHA CATALOGÁFICA PROVISÓRIA

CIP - Catalogação na Publicação

LIMA SILVA, FILIPE
PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCACIONAIS (INCIDENTAIS)
VIVENCIADOS POR MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO
RECIFE E AS FISSURAS NO CIS-TEMA / FILIPE LIMA SILVA.
-- 2021.
210 f.
Orientadora: Claudia Glavam Duarte.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. CORPUS-TRANS. 2. EDUCAÇÃOES INCIDENTAIS. 3.
ARTE-GERADORA. 4. TRANSEXUALIDADE E TRAVISTINIDADE. 5.
CARTOGRAFIA DOS DESCOSTUMES. I. Glavam Duarte,
Claudia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Filipe Lima Silva

**PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCACIONAIS (INCIDENTAIS) VIVENCIADOS
POR MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RECIFE E AS FISSURAS NO
CIS-TEMA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação em Ciências.

Aprovada em: 14 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Vândiner Ribeiro – UFRN

Dra. Rejane Ramos Klein – UFRGS/CLN

Dra. Rochele de Quadros Loguercio- PPGEC – UFRGS

Dra. Claudia Glavam Duarte – Orientadora - PPGEC –UFRGS/CL

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres que me deram esteio e afeto, direta e indiretamente, para seguir e produzir, pois, através dos seus devires, pude me fazer potência em escrita e vida: **Irenilda de Souza Lima** (minha mãe); **Marcela Cássia Sousa de Melo Benício** (minha irmã-comadre); e **Tulipa Benício Figueiredo** (meu amor-afilhada), bem como a todas as mulheres de/em luta nos descostumes impostos aos seus corpos, em especial aos corpus-trans.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido e grande amor **José Ricardo dos Santos** que, com paciência/resistência/amor, mas principalmente e por isso tudo, apoiar-me para que eu pudesse chegar ao presente trabalho são.

Agradeço ao meu irmão-amor-amigo **Dominique Lima Silva** que me acarinhou de diversas formas impossíveis de resumir em curtas linhas, mas que cabe na palavra TUDO.

Agradeço ao meu amigo-irmão-amor **Eudes Santos** que leu, corrigiu, puxou minhas orelhas fazendo tudo isso com carinho e desprendimento.

Agradeço ao **Chico Ludermir** por me receber, permitir e dispor de sua obra para construção desta tese.

Por fim, de forma especialíssima, agradeço à minha orientadora, **Claudia Glavam** por sua sensibilidade, cuidado, disposição... mas, acima de tudo, por ter sido incidental em todo o processo e, mesmo sem essa pretensão imediata, ter me ajudado com as ferramentas que me fizeram transformar meus aportes, meus *perceptos* e ver o mundo através de um olhar mais pulsante.

EPIÍGRAFE

“O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou pra mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa pra minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, unicamente o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo; vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos” (Simone de Beauvoir)¹.

1 BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCACIONAIS (INCIDENTAIS) VIVENCIADOS POR MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RECIFE E AS FISSURAS NO CIS-TEMA

RESUMO

Este trabalho lastreia-se em problematizações e possibilidades instigadas pelo trabalho artístico-gerador de Francisco Ludermir Ferreira com corpus-trans (travestis, transexuais, transgêneros) de Recife –PE, para o campo educativo. O movimento realizado foi impulsionado pelas questões: Que processos educacionais emergem das construções artísticas, vivenciados por mulheres travestis/trans, propostas por Chico Ludermir? Que desdobramentos podem ter para a educação escolarizada? Com o objetivo de responder essas problematizações tomou-se, como material empírico a obra “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres, a intervenção artística “Mulheres: Nascer é Comprido”, ensaios fotográficos, vídeos que contam, recontam e releem o que foi produzido pelo artista a partir da escuta sensível de 11 mulheres em corpus-trans. Além destes, analisou-se entrevistas e matérias de revistas e jornais sobre a obra e as mulheres retratadas nela. Guiados pela cartografia dos descostumes observamos espaços e dispositivos que servem aos indivíduos homogeneizados pelo cis-tema heteronormativo, mas que também se constituem em espaços onde os corpos, considerados abjetos, fazem fricção com o cis-tema. Em última instância, a ideia consistiu em problematizar a potência dos corpos-trans para a emergência de novos movimentos educacionais com base na vida. Nessa perspectiva, a presente tese propõe o conceito de Processos Educacionais Incidentais que, percebidos no trabalho artístico-gerador de Chico Ludermir, compreende fluxos atemporais, sem lugar específico ou ordenáveis vinculados a potências percebidas no estado de coisas que se articula à educação. Assim, a tese define-se pela busca, pelos estranhamentos, fricções e ranhuras entre corpos, no caso, corpus-trans femininos limando e sendo limado por corpos divergentes que desembocam em um material empírico artístico não-formal que se traduzem em processos educacionais incidentais. Apostamos que, lá onde o cis-tema bloqueia os fluxos dos devires-transexuais, a educação incidental trans-dialógica arromba e se mostra em potência. A educação incidental aparece sempre que se percebe-se a fricção de experiências, a divergência entre corpos e a desestabilização da subjetividade pelo viés de uma educação para a diferença e para a vida vivida, uma vez que traz em seu cartografar percepções do mundo, diferentes subjetividades, seus efeitos e o deslocamento do pensamento para formas não homogeneizantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educações incidentais – corpus-trans – arte-geradora – cartografia dos descostumes

ARTISTIC AND EDUCATIONAL PROCESSES (INCIDENTAL) EXPERIENCED BY TRANSVEST AND TRANSEXUAL WOMEN FROM RECIFE AND CRACKS IN THE CIS-TEMA

ABSTRACT

This work is based on problematizations and possibilities instigated by the artistic-generating work of Francisco Ludermit Ferreira with corpus-trans (transvestites, transsexuals, transgender) from Recife -PE, for the educational field. The movement was driven by the questions: What educational processes emerge from the artistic constructions experienced by transvestite/trans women, proposed by Chico Ludermit? What developments can it have for schooleducation? In order to answer these problematizations, the work "The Incomplete History of Brenda and Other Women" was taken as empirical material, the artistic intervention "Mulheres: Nascer é Comprido", photographic essays, videos that tell, recount and recount what was produced by the artist from the sensitive listening of 11 women in corpus-trans. In addition to these, interviews and articles from magazines and newspapers about the work and the women portrayed in it were analyzed. Guided by the cartography of unaccustom, we observed spaces and devices that serve individuals homogenized by the heteronormative cis-theme, but which also constitute spaces where bodies, considered abject, friction with the cis-tema. Ultimately, the idea consisted of problematizing the power of trans bodies for the emergence of new educational movements based on life. In this perspective, this thesis proposes the concept of Incidental Educational Processes that, perceived in Chico Ludermit's artistic-generating work, comprises timeless flows, with no specific or orderable place linked to perceived powers in the state of things that are articulated to education. Thus, the thesis is defined by the search, for the strangeness, frictions and grooves between bodies, in this case, corpus-trans females limating and being filed by divergent bodies that result in a non-formal empirical artistic material that translate into incidental educational processes. We bet that, where the cis-theme blocks the flows of transsexual devires, trans-dialogical incidental education breaks down and is shown to be in power. Incidental education appears whenever one perceives the friction of experiences, the divergence between bodies and the destabilization of subjectivity through the bias of an education for difference and life lived, since it brings in its cartograph perceptions of the world, different subjectivities, its effects and the displacement of thought to non-homogenizing forms.

KEYWORDS: Incidental educations - corpus-trans - art-generator - cartography of unaccustom

SUMÁRIO

<i>A</i> MODO DE INTRODUÇÃO	14
Propor uma cartografia é propor-se a se cartografar também.....	14
Do devir-cartográfico que surge deste doutoramento.....	21
Processos investigativos e material empírico pulsante.....	24
Um <i>croquis</i> da cartografia dos descostumes	26
Pista, movimentos, fluxos e contrafluxos transdialógicos em linhas.....	27
I – <i>U</i> MA PROPOSTA DE CARTOGRAFIA DO DESCOSTUMES NA PESQUISA EDUCACIONAL.....	30
1.1. Uma reversão metodológica: as pistas e ferramentas cartográficas.....	33
1.2. O que pode uma Cartografia dos Descostumes?	35
1.3. Conexões e intensidades antropofágicas na história incompleta de Brenda e outras leituras de vidas abjetificadas	43
1.4. Movimentos da Cartografia dos Descostumes.....	46
1.5. O cartografo e o devir-criança: experimentações nas pesquisas em educação.....	51
II - <i>U</i> MA CARTOGRAFIA DE MOLECULAR IDADES ATIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DE LINHAS DE FUGAS ARTÍSTICAS	54
2.1. Linhas de fuga da arte para pensarmos a Educação	55
2.2. Eu vim de infinitos caminhos e os meus sonhos choveram lícido pranto pelo chão.....	62
2.3. Imagem-cristal: curtas-metragens e ensaios fotográficos de vivências trans	65
2.4. Intervenções artísticas: performances no/do passado.....	72
2.5. A poesia política dos corpus-trans em movimentos éticos, estéticos e políticos.....	75
2.5.1. Educações incidentais em movimentos-éticos.....	77
2.5.2 Educações incidentais em movimento estético.....	78
2.5.3 Educações incidentais em movimentos coletivos-políticos.....	80
III - <i>A</i> MICRO FÍSICA REATIVA PROCRUSTIANA, CORPUS TRANSEXUAIS E O TRANS-DIALOGISMO EDUCACIONAL	84
3.1 Cartografias dos descostumes: o mapeamento de uma micropolítica ativa no cotidiano da periferia social	85
3.2 Uma micropolítica reativa do inconsciente colonial capitalístico sobre e entre os corpus-trans.....	89
3.3 Sentenças procrustianas no sistema necropolítico: um cis-tema esquarterador e transgenerocida	93
3.4 O maquinário escolar e as linhas molares da cisnormatividade	99
IV - <i>A</i> NTIFLUXOS PARA UMA CIÊNCIA DA VIDA QUE NÃO CALE CORPUS-TRANS	104
4.1. Influxos dos discursos científicos interditanes aos corpus-trans	106

4.2. O mapa dos setores da tentativa de invisibilização de corpus-trans.....	113
4.3. Marcas do silenciamento dos corpus-trans na vida escolar	116
4.4. Lacunas dos apagamentos dos corpus-trans no espaço-escola.....	123
4.5. Educações incidentais: onde não houver <i>afectos</i> , força-se brechas de sobrevivência	128
REFERÊNCIAS	142
ANEXO I – FOTOS DO LIVRO- “A HISTÓRIA INCOMPLETA DE BRENDA E DE OUTRAS MULHERES...”	151
ANEXO II – FOTOS DA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA “MULHERES: NASCER É COMPRIDO”	153
ANEXO III – PRINTS DOS CURTAS-DOCUMENTÁRIOS	154
APENDICE I	155
APENDICE II	173
APENDICE III	191

Nômade

hiper

HIPÓTESE

trans

menor

Construções artísticas vivenciadas por corpus-trans da Grande Recife possibilitam a emergência de processos educacionais incidentais oriundos de fricções/atritos ao Cis-tema

A vida PODE SER escola QUE
TAMBÉM PODE SER vida QUE
TAMBÉM PODE SER arte QUE
TAMBÉM PODE SER vida QUE
TAMBÉM PODE SER educação e
que é GRITA: - fora GENOCIDA
e o que ele impede de
VIVER

A MODO DE INTRODUÇÃO²

Propor uma cartografia é propor-se a se cartografar também

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós (LARROSA, 2001, p. 22).

As linhas que me conduziram de outro lugar, em estudos rurais e estruturalistas, até a possibilidade de propor esta tese, foram tantas e tamanhas, em cores, texturas e intensidades, que ora me sentia imerso, ora parte de um mapa. Aumentar com atividades e pesquisas anteriores os elementos que atravessam o pesquisador e o transformam desde as leituras, os encontros com a arte e as orientações no período da qualificação, entre outros, parecem ser passos que compõe a cartografia que se apresenta e que traça alinhamentos com as discussões da educação.

Trata-se, em última instância, de percorrer minha biblioteca, como afirma Larrosa (2001), em busca de palavras que expressem como venho me constituindo e me transformando. Ao tentar recolher tais palavras e compor algumas linhas deste mapa, percebo o quanto a temática desta tese já sussurrava, ou melhor, o quanto eu a rondava por intermédio de discussões, mesmo que incipientes, que fazia no âmbito da necessidade de construção de políticas públicas destinadas a alguns setores produtivos, tais como, grupos de agricultores familiares, pescadores artesanais, marisqueiras, extrativistas, entres outros. Inicialmente, esses primeiros traços no mapa, que tratavam de temáticas sobre identidades, autonomia dos sujeitos e questões sobre gênero, entre outros, se davam ancorados em outra perspectiva teórica.

Nesse ínterim, em 2019 discutia a importância da valorização das culturas

² A capa desta tese é uma alegoria que envolve a pintura de Sandro Botticelli denominada “O nascimento de Vênus”, pintada em 1486, falando de um nascer deusa que no nosso trabalho surge do desmontar do herói bíblico “Davi”, esculpido por Michelangelo em 1475.



locais, dos saberes de mulheres e homens para a implantação de ações públicas que buscassem a melhoria de suas condições de vida. Dito de outro modo, interessava-me em garantir que a identidade local, assim mesmo no singular, fosse observada na construção de políticas públicas (SILVA *et al*, 2009). Além disso, minha formação jurídica propiciou que, entre os anos de 2009 e 2012, atuasse como assessor jurídico da Prefeitura Municipal de Olinda e como pesquisador junto ao Projeto de Pesquisa³ “Pescando pescadores: políticas públicas e extensão pesqueira para o desenvolvimento local”, visando analisar o impacto das políticas públicas para o desenvolvimento da pesca artesanal e para as relações sociais de gênero, considerando as condições de vida dos pescadores e das pescadoras de Pernambuco.

Em 2010, as questões de gênero, até então coadjuvantes nas discussões que fazia, assumem certo protagonismo ao problematizar, em um evento específico da área⁴, os desafios da compreensão de gênero na formação de extensionistas. Nessa época, questionava-me sobre os entendimentos dados pelos extensionistas sobre o que é gênero? Onde adquirimos as concepções sobre este assunto? De uma forma bastante essencialista, rondava um aparato conceitual que me permitisse analisar “a participação de mulheres que vivem no meio rural brasileiro e que sejam assistidas por programas de assistência técnica e extensão rural para o apoio da agricultura familiar sob uma ótica agroecológica que norteie as ações públicas para este setor” (SILVA, *et al*, 2010, p. 1). A centralidade dessa temática nas pesquisas que realizava apontava para a

[...] necessidade de valorização da participação das mulheres na agricultura familiar. Também que a questão de gênero deve ser conteúdo nos projetos formativos vivenciados nas universidades brasileiras. Compreender a força do trabalho das mulheres e suas formas de organizações é de fundamental importância para a viabilidade de programas de apoio ao desenvolvimento rural (SILVA, *et al*, 2010, p.6).

Contudo, ainda imerso em uma trama que encadeava discussões de gênero, ruralidades, educação e inclusão social, ingresso em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no qual passo a discutir outras temáticas, também importantes para o momento-mundo que vivemos, que

3 Projeto vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco.

4 Tais discussões foram apresentadas no Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 e no Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural (ALASRU).

eclodiam à época e interrompiam o elán de cores das questões de gênero articuladas a processos de educação que vinham se desenvolvendo.

Embora em pausa, as questões de gênero não restavam inatas, corroíam em fluxo constante, criando, esperando as possibilidades de brotarem em desterritorializações e reterritorializações. Tais pausas, parece-me ser, acompanhando Deleuze, períodos em “que se produzem as mutações essenciais, que as forças em ação no movimento do pensamento exercem sua pressão, cujos efeitos costumam ser de retardamento. São momentos de decantação necessária para perceber melhor seu próprio caminho” (DELEUZE, 2010, p. 102). Tal momento de decantação produziu um cartografo e um mapa adaptável, conectável e desmontável que apontou para inúmeras entradas e linhas de fuga que me deslocaram de uma linguagem estruturalista e macropolítica para processos de desbravamento de espaços de uma micropolítica ativa que apresento nesta tese.

A partir de 2013, entre movimentos e transformações da paisagem da minha carreira profissional, a construção do docente/pesquisador iniciou-se com a aprovação no concurso para professor na UFRPE/Unidade Acadêmica de Serra Talhada (450 km de Recife) e, de forma arborescente e contratual do meu concurso, ministrei aulas da área de Direito e nos cursos de pós-graduação lato sensu em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável e Gestão de Políticas Públicas. Contudo, linhas de fuga se decalcaram no mapa que me levaria a possibilidades de pensar a Educação em Direitos Humanos, por vieses pós-estruturalistas, não-estáticos de discussão.

Entre o passado e o futuro, se integra ao pesquisador/docente outras paisagens psicossociais que emergem por intermédio—da minha presença na Comissão de Direitos Humanos UFRPE/⁵ e das leituras acadêmicas exigidas pelas disciplinas que eu ministrava e que giravam em torno da educação, Direitos Humanos, gênero e sexualidade. Nesse ínterim, foi possível articular e ministrar palestras, mesas-redondas e conviver com a vulnerabilidade dos *corpus-trans*⁶ na universidade que eu lecionava, razão pela qual acendeu-se todos os sinais de

5 A Comissão de Direitos Humanos da Universidade Federal Rural de Pernambuco foi fundada em 2013 e tem como objetivo “a garantia dos direitos inerentes à pessoa, sua dignidade, igualdade, liberdade e direitos inalienáveis, tem por finalidade coordenar e realizar ações em defesa dos Direitos Humanos, contemplando as atividades de ensino, pesquisa e extensão” (Artigo 1 do Regimento Interno).

6 Optaremos pelo uso da expressão cunhada nesta pesquisa como “trans-corpus” que permite a compreensão do “T” da sigla LGBTQI+ quanto às três identidades: travestis, transgêneras e transsexuais. Ressalta-se ainda que, apesar da importância política e social de suas distinções, o material empírico não deixa clara a opção da maioria

alerta para avaliar os limites do que se suporta, os desencantamentos e o desmascaramento dos sujeitos constituídos.

Trazer a teoria e a prática das resistências que se percebem em pesquisas e em textos é dar voz aos afetos que exigem passagem, além das militâncias e enfrentamentos sobre as articulações entre educação, gênero e sexualidade enquanto intensidades de nosso tempo, bem como suas desterritorializações recíprocas permitiu que o cartógrafo se cartografasse também e achasse outros elementos de discussão a cada passo da vida.

Em 2014, estratégias que permitissem de alguma forma mutações na sensibilidade coletiva quanto à compreensão e à transformação do *status quo* passaram a emanar através do grupo de estudos vinculado à Comissão de Direitos Humanos da UFRPE. Essa condição nos permitiu trabalhar com temáticas que orbitavam sempre em torno das discussões de educação, Direitos Humanos, gênero e sexualidade em vários âmbitos da vida. Produzimos o Primeiro Encontro de Direitos Humanos da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE), com o tema “combate à homofobia”, no qual trouxemos para o auditório Movimentos Sociais e pesquisadores da temática, articulando-os com grupos e massas dentro de nossas limitações institucionais.

Assim, em 2014, segue-se um caminho que coaduna ao pensamento de Rolnik (2014)⁷ de que para o cartógrafo a teoria é sempre uma cartografia que se faz junto com as paisagens cuja formação ele acompanha. Nessa perspectiva, absorve-se matérias de qualquer procedência sem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Dessa mesma forma fui, mais uma vez, me constituindo também através das construções e das desconstruções propostas enquanto parte ativa da Comissão de DH em Serra Talhada. Nessa instância, foi possível produzir inúmeras pesquisas, com trabalhos sobre questões que envolvem gênero, que serviram para cunhar matérias de expressão e criar sentido, pois, conforme nos arma Rolnik (2014), todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.

Foram fontes, pesquisas, movimentos e pistas diversas, nem sempre teóricas, mas

das mulheres que o compõe quanto ao uso de um termo em detrimento do outro, apenas a certeza de que as mesmas são mulheres.

7 ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 2011.

sempre tendo como operadores conceituais as mulheres do meu contexto sertanejo e nordestino à época. Seja ao discutir os Benefícios do Programa Mãe Coruja⁸ no parto humanizado na cidade de Custódia-PE⁹ ou trazendo os traços das interseccionalidades de raça e classe social ao discutir o referido Programa Mãe Coruja na garantia de qualidade de vida às gestantes e crianças nos redutos indígenas Pancarás e Atikun em Carnaubeira da Penha, Sertão pernambucano¹⁰.

Em outras frentes, propôs-se avanços que vislumbravam romper, apropriar, desaguar movimentos de uma micropolítica ativa na inserção e empoderamento de mulheres sertanejas¹¹ no mercado de trabalho¹², pensando sobre as perspectivas de gênero e trabalho entre as docentes de uma Universidade no Sertão de Pernambuco¹³ ou discutindo a formação da Secretaria Municipal da Mulher em Serra Talhada-PE¹⁴.

Buscando instrumentos para compor uma história do presente através de olhos e de corpos vibráteis (ROLNIK, 1999), que se produzissem em combustão espontânea, nos envolvemos, enquanto partícipes da Comissão DH, em temáticas que permitiram o aprender no sentido de sentir e viver os fluxos de intensidades e os cruzamentos entre forças em oficinas de pensamento: “Dialogando sobre gênero na escola” em um simpósio (2015) para professores em

8 SILVA, Filipe Lima; LEITE, A. F. B. A consolidação dos Direitos Humanos à Vida e a Saúde no Programa Mãe Coruja no Sertão do Pajeú do Estado de Pernambuco - Brasil. In: ASENI, Felipe; PINHEIRO, Roseni; MUTIZ, Paula Lucia Arévalo. (Org.). Gestão e Políticas de Saúde. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016, v., p. 95-111.

9 SILVA, Filipe Lima; MEDEIROS, E. T. S.; LIMA, N. L. M.; SILVA, E. R.; RAMOS, D. C. S.; SANTANA, M. D. P.; AMARAL, N. A. P. Benefícios do Programa Mãe Coruja no Parto Humanizado: uma análise na cidade de Custódia - PE. In: XIV JEPEX - Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014, Recife. Anais do XIV JEPEX - Jornada De Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014.

10 ALVES, M. M. P.; SILVA, I. R. C.; PIRES, L. P.; BENÍCIO, Marcela Cássia Souza; SILVA, Filipe Lima. Política Pública e Direitos Humanos: Programa Mãe Coruja na garantia de qualidade de vida às gestantes e crianças nos redutos indígenas Pancarás e Atikun em Carnaubeira da Penha, Sertão Pernambucano. In: XV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, 2015, Recife. Anais da XV JEPEX, 2015.

11 SILVA, L. M.; SIQUEIRA, M. J. S.; MENDES, J. E. A.; NUNES, J. C.; FIGUEIREDO, MCSMB; SILVA, FL. Empoderamento e inserção das mulheres na Região do Pajeú no mercado de trabalho. In: XVI Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, 2016, Recife-PE. Anais da XVI JEPEX, 2016.

12 BARROS, A. P. A.; CARVALHO, A. L.; SANTOS, I. B.; LIMA, D. B. C.; SILVA, F. B.; BENÍCIO, Marcela Cássia Souza; SILVA, Filipe Lima. Políticas sociais para promoção da igualdade de gênero: a inserção da mulher sertaneja no mercado de trabalho em Serra Talhada-PE. In: XV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, 2015, Recife-PE. Anais da XV JEPEX, 2015.

13 MAGALHAES, V. C.; LIMA, E. R. S.; PONTES, N. L. M. T.; SILVA, Filipe Lima. Uma análise das perspectivas de gênero e trabalho entre as docentes da UFRPE-UAST. In: XVI Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017, Serra Talhada - PE. Anais da XVI Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017.

14 ILVA, T. S.; SOUZA, A. G.; SANTOS, R. C. M.; SILVA, Filipe Lima. Análise da Secretaria da Mulher em Serra Talhada-PE como instrumento de política pública. In: XV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, 2015, Recife-PE. Anais do XV JEPEX, 2015.

formação junto ao PIBID/UAST/UFRPE ou na roda de diálogo (2016) “a experiência do feminino na universidade - empoderamento e protagonismo feminino” junto à Comissão de Direitos Humanos – UFRPE.

Escapamos do ordinário plano de organização de territórios e lançamo-nos a desestabilizar jogos de objetivação e subjetivação. Pude, então, coordenar o I Simpósio de Comunicação e Educação em Direitos Humanos da UFRPE que teve como tema a “Transfobia”. Houve a exibição do documentário “Meu Nome É Jacque” que conta a história de Jacqueline Rocha Côrtes, uma mulher transsexual, soropositiva e militante. Os comentários e análises do documentário ficaram sob a responsabilidade de Janaina Castro, minha amiga, mulher trans e militante; e da professora Eveline Rojas, socióloga e pesquisadora do tema.

Tais instâncias me aproximaram de pesquisas e estudos na seara da Teoria Queer¹⁵, bem como das vivências de pessoas transgêneras de forma geral (masculinas e femininas), alunas e alunos da UFRPE ou convidadas (principalmente da AMOTRANS¹⁶), acolhidas em sensibilidade através da intimidade e abertura que os *afectos* e *perceptos*¹⁷ latentes nos permitiram.

Permito-me dizer que em um momento estava eu, homem cis, em palestras, intervenções artísticas, aulas, falas e discussões em grupo sobre a transexualidade na comunidade acadêmica, enquanto que em paralelo, na “vida real”, aumentavam fortemente os dados do genocídio de mulheres em virtude de seus *corpus-trans*. Contudo, reciprocamente os corpos em atrito, fricção, geram fagulhas, tremores e inquietações conforme cada um se permite experienciar a expansão da vida e, assim, mais uma vez, sentia que essas vidas latejantes se inflamavam também em mim.

15 Tomaz Tadeu da Silva (2016), em seu livro “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo”, explica a teoria queer como aquela que radicaliza o questionamento da estabilidade da fixidez da identidade feito pela teoria feminista recente e questiona o predomínio da heterossexualidade como a identidade considerada normal, discutindo a forma como os processos discursivos de significação tentam fixar determinada identidade sexual, o que se torna uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento de identidade. A Epistemologia que é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, profana desrespeitosa.

16 Amotrans-PE (Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco).

17 Os *afectos* traduzem também a ideia de descostume que desenvolveremos mais adiante por envolver devires que geram sensações diametralmente distintas, mas entrelaçadas, enquanto que o *percepto* é um conjunto de sensações e percepções que rompem, perpassam e excedem as forças daqueles que os vivenciam.

Desde de 2017, no doutoramento, a sensibilidade prevalecente que transitou por outros aportes, tipos de pesquisa e mecanismos de investigação volta-se para os arredores das mudanças que surgem na paisagem vista, na produção da realidade e na criação de sentidos. A partir dessa sensibilidade, deparo-me com dados do Dossiê dos Assassinatos e da violência contra pessoas trans da ANTRA¹⁸ em 2017 (ANTRA, 2017) que relatavam uma triste realidade tão próxima de mim geograficamente, mas que, do ponto de vista social, parecia muito longe. Atualmente, em 2020, as faixas etárias das mulheres assassinadas passam a incluir fortemente adolescentes, corroborando a frieza de dados estatísticos de nossa necrópole Brasil, na qual se assevera que a estimativa de vida delas diminui a cada ano (ANTRA, 2020), mostrando que o cartógrafo também deve estar em estado de prática política constante.

Ainda assim, surgem espaços de incubação de novas sensibilidades através de canais de efetuação que podem escapar por movimentos sociais e por processos de empoderamento que geram remobilizações e novos ajustes de forma elástica ao promoverem desordem e reordem. Nesse sentido, pudemos ver nas eleições de 2020 (ANTRA, 2020) que houve 411 pré-candidatos assumidamente LGTQI+, sendo que desses, 25 pessoas transexuais ou travestis foram eleitas como Vereadoras, representando um aumento de 212% em relação às candidaturas eleitas nas eleições municipais de 2016.

Rolnik (2014) diz que os procedimentos do cartógrafo devem ser inventados em função daquilo que pede o contexto em que se encontra sem precisar dispor de um protocolo normalizado. Tais reverberações geraram um olhar sensível, vibrátil, que permitiu que eu chegasse à atual fase do doutorado como professor do Campus Recife/UFRPE em virtude de produções, eventos, disciplinas lecionadas, bem como minha formação (mestrado em educação) e, com o doutoramento em Educação em Ciências.

Atualmente, leciono na área de Educação Brasileira: Legislação, Organização e Políticas e me refaço novamente nas palavras de Rolnik (2014) que anunciou que a cartografia, acompanha e se faz ao mesmo tempo que ocorre o desmanchamento de certos mundos e a formação de outros que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

18 Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

Enfrentamentos, naquele espaço cisheteronormativo de uma unidade acadêmica da universidade no Sertão do Pajeú Pernambucano e agora no Campus Recife, se fizeram necessários para que este trans-trânsito fosse possível. Tal condição trouxe e ainda traz rupturas e avanços nas discussões daquela instituição e essas me serviram de gatilho para as inquietações que se apresentam nesta tese.

Do devir-cartográfico que surge deste doutoramento

Assim, a pesquisa que proponho nesta tese me desacomoda do lugar de professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco ao mesmo tempo que contribui com meus avanços na temática: ingresso ao doutorado com um pré-projeto de pesquisa em aportes estruturalista e paulofreireanos. Apesar dos movimentos feitos, pareceu-me que alguns mundos insistiam em se manter e dificultavam, dessa forma, a passagem de novos fluxos.

No entanto, momentos de orientação acenavam outras possibilidades e outras lentes teóricas. Ainda arraigado no mundo que lutava em não esfacelar, pensou-se em analisar movimentos sociais do campo a partir de uma interlocução com os conceitos deleuzeanos de Ciência Maior e Ciência Menor... Porém, a trajetória foi se alterando... Fazia-se necessário estudar, aprofundar, romper e crescer. Paira na minha memória os estranhamentos com outras linguagens, outras figuras, cartografias... Um grande número de possibilidades a cada leitura, aula ou aproximação acadêmica nas orientações e cumprimentos de créditos como aluno especial no Centro de Educação da UFPE. Aulas de Fundamentos Filosóficos da Educação, com Flávio Brayner; grupos de pesquisa em espiritualidade e cuidado de si, até a disciplina de Alexandre Simão Freitas que me apresentou aos *corpus-trans* desta tese.

Nesse caminhar um encontro: sou apresentado ao livro “História Incompleta de Brenda e outras Mulheres”, material que trazia a história de pessoas em “carne viva” em seus processos de estabelecer-se enquanto mulheres... e corpos desejantes. Além disso, mostrou-se possível a aproximação com seu autor, Francisco Ludermir Ferreira (Chico Ludermir)¹⁹, o que permitiu

19 Francisco Ludermir Ferreira (Chico Ludermir) é mestre em sociologia (PPGS-UFPE) desde 2018 e graduado em Comunicação Social Jornalismo/UFPE em 2011. Fez parte do projeto de extensão Coque vive de 2007 a 2012 e hoje integra a rede Coque (R)existe. É autor dos livros "A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres" (Editora Confraria do Vento), "Dos alagados à especulação imobiliária" (Editora Universitária), "Senhoras do Coque" (Editora Coque Vive) e editor de duas edições do Caderno de Narrativas da Cultura Pernambucana (Secult-

uma guinada na pesquisa, no jeito de fazê-la e na dicromia entre as compressões que surgem a partir de *afectos* e *perceptos*.

Retornando à 2017 e já apresentado à História Incompleta de Brenda, a tese passa a emergir de fendas da cidade. Compreender que esse livro fazia parte de um material artístico mais amplo que era composto também pela intervenção artística chamada “Mulheres: O nascer é comprido” e 10 curtas-metragens produzidos pelo artista Chico Ludermir me fez ir em busca de tais materiais. Identifiquei, em uma primeira análise, que o trabalho do artista partiu de entrevistas gravadas, transcritas e de registros em foto desenvolvidos junto a travestis e transsexuais (em associação a uma pesquisa proposta pelo Núcleo de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco (Nisc-UPE) e que fora financiada pelo Ministério da Cultura entre 2013 e 2016, mas que possuiu um desfecho autônomo. Esse conjunto de materiais passou, então, a compor o material empírico desta tese. Assim, as histórias de vida e os relatos das *transformações* das mulheres que participaram do projeto podem ser apresentados em três partes (todas em uníssono) que se articulam nesta pesquisa, como foi em sua confecção:

- A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres, editado pela Confraria do Vento que apresenta narrativas acompanhadas do ensaio fotográfico de cada uma das personagens participantes do projeto, retratando, com beleza, cenas cotidianas de vidas pouco vistas. Essas histórias, como retrata o autor, são uma espécie de contos de não ficção²⁰. O livro tem o prefácio assinado pela travesti Maria Clara Araújo dos Passos, pesquisadora sobre questões de gênero e sexualidade na educação; e um cartum inédito de Laerte Coutinho, intitulado “vocação para resistência” (LUDERMIR, 2016).
- Mulheres: o nascer é comprido – intervenção artística desenvolvida no projeto Reforma e revolução, na Fundação Joaquim Nabuco, com curadoria de Moacir dos Anjos e Bruna Pedrosa, na qual se reuniram fotos das personagens (tanto as elaboradas por Chico, como as trazidas dos acervos pessoais da época em que ainda eram tratadas como homens) impressas em azulejos e fixadas com cimento às paredes do prédio em reforma. O fato de tais fotos estarem impressas em azulejos permitia que as mulheres pudessem fazer intervenções na imagem, articulando a memória à possibilidade de se reinventar e

PE) e do Guia Comum do Centro do Recife (Funcultura). É artista das exposições "Entre" (SPA das Artes) e "Mulheres: o nascer é comprido" (Fundaj) e curador das exposições "Design e Resistência" (Fundaj) e "Ivo Amaral e o nascimento do FIG" (Sesc). Produziu o longa-metragem Coque: memórias da Terra (Funcultura), e realizou em coletivo os curtas da série Despejo (Coque Vive) e da animação .ZIP (Coque Vive e OiKabum). É colaborador da Revista Continente desde 2010, tendo artigos e fotografias publicados (plataforma Lattes/CNPQ).

²⁰ Na verdade, esse é o terceiro livro de Chico Ludermir, que traz na bagagem diversos trabalhos engajados e militantes (Coque Vive/(R)existe, Movimento Ocupe Estelita) tanto na literatura como nas artes visuais.

“alterar” seu passado. Essa intervenção artística foi fotografada e descrita por jornalista e pelo próprio Chico Ludermir conforme veremos no transcórre desta tese.

- Série de vídeos (10 curtas-metragens²¹) – Os curtas foram produzidos nos processos de avaliação da proposta interventiva e nas transformações percebidas pelas personagens, releituras das narrativas e encenação de si mesmas como se fossem histórias alheias. Nesse momento, elas puderam propor intervenções nas histórias escritas, razão pela qual houve a menção honrosa no Festival de Cinema da Diversidade em Recife-PE (Recifest) em dezembro de 2015.
- Relatório detalhado de Chico Ludermir, especificamente sobre esta sua obra, publicado no caderno de Suplemento da Companhia Editora de Pernambuco, “Encontros que tornam bela a incompletude”, no qual insere trechos de seu diário pessoal de campo sobre seu processo criativo com registros que se assemelham a cartas enviadas para si mesmo (LUDERMIR, 2017).

Busquei, nessas obras, as formas (ou desintegrações) de educação ocorridas. Elas não estavam legendadas na arte ou visibilizadas nas intenções do artista. Mas, para mim, os movimentos executados por ele pressupunham a existência de rastros educativos. Eles estavam lá todo tempo em um bailar orquestrado pela vida e pelas proposições de autores vinculados à Filosofia da Diferença. Cada história de vida narrada, recontada e redefinida que trago nesta tese apresenta elementos de assujeitamento, violência, quase-morte que vão sendo lembrados e sofridos, mas também amores, desejos, sucessos. Importante destacar, que não ocorreram contatos, entrevistas, por parte deste pesquisador, com as mulheres que compõem o material empírico. Debrucei-me, exclusivamente, sobre o material, produzido por Chico Ludermir em sua arte-geradora, em busca de pistas educacionais. Em outras palavras, busquei entender os atravessamentos educacionais que percorriam sua obra.

Importa ainda ressaltar nesta introdução que as falas das mulheres analisadas nos apresentam a família e a escola como espaços onde a condição dos *corpus-trans* é negada, silenciada, aviltada ou expulsa. A vivência me levou à pesquisa em si: vaguei por dados, por textos e pelo material empírico produzido por Chico Ludermir, mas foi justamente a vivência e a problemática da vida cotidiana acadêmica destes *corpus-trans* na UFRPE que me conduziram à esta pesquisa e me acompanharam como um fantasma que perpassa paredes, corpos e tempos

21 Brenda Bazante, Maria Clara, Mariana, Luciana, Luana, Wanessa, Deusa, Francine, Chris e Rayanne

até possuir este *corpus* de pesquisa.

Cabe registrar que a pesquisa aqui proposta busca albergue e respaldo do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Químicas da Vida e Saúde, uma vez que se identifica na construção e luta pela educação, bem como os efeitos das práticas sociais no fazer/ensinar ciência sem se desvincular do elemento vida e das experiências pedagógicas que permitam desobstaculizar as prisões de pensamento e deixar eclodir os rizomas que promovem uma revolução includente. Em especial, a linha escolhida, “educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”, faz com que as aproximações teóricas permitam que a educação reitere elementos que partem de várias instâncias de socialização: como a família, a escola e as ruas, lugares esses que trazem discursos e práticas para produção de “verdades” e de subjetividades que fazem fricção com o cis-tema e que transitam entre continuidades e descontinuidades percebidas nas discussões pós-estruturalistas.

Tais fendas possuem uma conotação de transitoriedade por tratar-se tanto do lugar de onde se vem como o lugar aonde eclodem. É um conceito que resgata a marginalidade política de grupos sociais que são empurrados de volta, através delas (fendas), por terem seus corpos considerados como abjetos. O conceito trata de inúmeras interseccionalidades que nesta tese terão recortes étnicos, de sexualidade, de gênero e de classe. As fendas da cidade são fendas também da realidade, a realidade que é permitida à alguns corpos e negada a outros. São rizomas que rompem o inconsciente colonial capitalístico (ROLNIK, 2016) e mostram devires.

Processos investigativos e material empírico pulsante

Logo fui encontrado pelos processos educacionais no trabalho artístico de Chico Ludermir. Nomeei-os de *Incidentais*, pois percebo-os como fluxos atemporais e sem lugar específico ou ordenável vinculados a potências percebidas no estado de coisas que se articula à educação. Como a tese e o material empírico encerram-se, desatou-se a relação passado/presente e os efeitos que dela trans-bordam, uma vez que acionam em termos de pensamento da educação escolarizada.

Neste material pulsante, Chico Ludermir surge para mim como jornalista, pesquisador, escritor, diretor e fotógrafo. Multiartístico, profundo nas formas de ver, sentir e retratar linhas

de intensidade, engajado em múltiplas frentes, militante ferrenho em prol de Direitos da Cidade, Direitos Humanos e condições de vida marginalizadas. Tais facetas, provavelmente, são algumas das razões pelas quais seu trabalho publicado forma de livro gerou um imenso rebuliço nas minhas ideias e passou a ser elemento central das discussões nesta tese.

O material empírico analisado permite este epílogo, explicando que encontramos nele a fricção entre corpos que se antagonizam dentro do que Suely Rolnik (2019) nomeou de um inconsciente colonial capitalístico. Trata-se da “política de inconsciente dominante nesse regime [capitalismo financeirizado e neoliberal] a qual atravessa toda a história, variando apenas suas modalidades junto com suas transmutações e suas formas de abuso (ROLNIK, 2019). Nesse regime, a cis-hetero-normatividade impele os corpos-trans à subalternidade e à abjetificação descritas e co-escritas nas narrativas de mulheres. Tais narrativas, são visibilizadas, como já mencionado, no conjunto da obra de Chico Ludermir: ensaios fotográficos, curtas-metragens, projeções cinematográficas e intervenções artísticas.

Além desse material, pesquisei registros de mesas-redondas, entrevistas com o autor, artigos jornalísticos sobre ele e sobre sua produção artística, compondo assim o conjunto de dados empíricos. Todos esses lugares, movimentos e espaços protagonizados pelos *corpus-trans* me permitiram a leitura educacional e fez surgir a presente cartografia. Observou-se ainda processos e movimentos educacionais que tencionavam as relações escolares, familiares e profissionais a partir das fendas da realidade que reclamam para si o acento de diversas interseccionalidades ou articulações. Nesse sentido, compartilho o pensamento de Silvia Aguião (2020, p. 92)

Nesse campo, as proposições em torno do que convencionamos chamar de interseccionalidades me vêm sendo úteis enquanto ferramentas conceituais e metodológicas que auxiliam na apreensão dos mecanismos através dos quais certas marcas sociais são reconhecidas como tendo mais relevância em detrimento de outras, na compreensão de como certos eixos de classificação, sempre contingentes, contextuais e relacionais, são produzidos, objetivados e cristalizados na produção cotidiana de identidades, subjetividades e agenciamentos. Ou, dizendo de outro modo, o arsenal teórico-político mobilizado e mobilizador da ideia de interseccionalidade oferece um conjunto de ferramentas reflexivas úteis para a compreensão de complexidades sociais que conformam dinâmicas de privilégio e desigualdade social.

22 A abjetificação e a expressão abjetos vai ter como significado no dicionário (Michaelis) como sendo aquilo que não tem dignidade ou é desprezível e vil. Contudo, os compreenderemos como sendo os corpos que existem da forma como se reconhecem, mas que são considerados como “fraturadores da matriz identitária cisheterocentrada, pilar perpetuador do patriarcado e, por isso, reconhecidos socialmente como abjetos, perversos: corpos matáveis” (BUTLER, 2003).

O espaço-família, as ruas e outros espaços de socialização são mexidos e alterados pelos *corpus-trans* femininos como um rio que revolve as pedras e se desvia dos obstáculos. Rio às vezes represado ou em enxurrada, às vezes límpido ou caudaloso, mas que nos faz deslocar e roubar o uso da frase de Heráclito de Éfeso que preceitua que “ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras”. Assim, os *corpus-trans* femininos e seus rizomas são um rio rompendo o aspecto convencional da educação e é esse o centro dessa pesquisa.

Um croqui da cartografia dos descostumes

A presente tese não almeja trazer nos seus retratos elementos que demonizem a escola e a família, nem tão pouco busca apresentar o clichê da violência escolar exercida contra os *corpus-trans*, por mais que visibilizar estas violências seja importante, mas cartografa-se possibilidades e potências... Elementos que emergem em devires novos, outros pensamentos, uma educação outra. Proponho, assim, repensar a educação e os indicadores de civilidade contemporâneos para desobstruir as prisões de pensamento e deixar eclodir os rizomas que correspondem às vidas-trans.

Para tanto, faz-se essencial descrever que a pesquisa trata de uma cartografia que, neste trabalho, apresenta espaços e dispositivos que servem aos indivíduos homogeneizados pelo sistema heteronormativo, mas que também servem como espaços onde os corpos são dispostos na prostituição, pegações e outras atividades do “submundo” transerótico da Região Metropolitana do Recife. Trata-se de um processo que se mostra como sendo mais que uma não-metodologia, mais do que uma ruptura com a metodologia que reproduz e que verifica, pois seu sentido tradicional, comum aos manuais, dá vez a uma reversão metodológica que permitiu uma outra perspectiva para acompanhar a realidade a partir dos territórios existenciais.

Embora não seja ato comum às cartografias nas quais nos espelhamos, compreender a pesquisa que se descortinou parece ser essencial para os futuros leitores e banca defini-la de forma imediata. Assim, nosso trabalho envolve as formas como ocorrem as fricções e ranhuras entre os corpos a partir da transexualidade que se apresenta nas escolas. Nossos caminhos

investigativos²³ cartografam subjetividades, mas mostram também que nos grandes monumentos, bairros residenciais-familiares, favelas, lugares turísticos, universidades e centros comerciais que se mostram como espacialidades comuns e costumeiras à população recifense, vidas-trans também circulam de forma clandestina, camuflada, captada e escamoteada.

Assim, lugares visíveis são também fendas sociais e políticas onde encontram-se descontinuidades advindas do inabitual, do descostume. Surge uma cartografia dos descostumes que retrata os movimentos que geram estranhamento em locais onde as formas permitidas de vida transitam sem os bloqueios impostos aos corpus-trans. As linhas de uma proposta cartográfica, como a aqui assumida, que se pauta nos descostumes, marca-se por uma possibilidade expectadora de que as potências queer de mulheres, *corpus-trans*, atravessadas por tantas forças e constituidoras de novos devires, possam trazer um espectro de discussão educacional.

Pistas, movimentos, fluxos e contrafluxos transdialógicos em linhas

Orbita nesta tese uma educação tida como incidental, desterritorializações de gênero e interdição de fluxos de vida e corpus-trans depreendidos a partir de um complexo de atividades artísticas que não se intencionaram educacionais (embora fossem) e que, a partir daí, pudemos cartografar as fissuras que nos possibilitam pensar no espaço escolar.

A tese em si, questão mais forte que golpeia mediante aos primeiros acenos em direção a pesquisa, traduz-se em duas questões: **Que processos educacionais vivenciados por mulheres travestis/trans emergem das construções artísticas propostas por Chico Ludermir? Que desdobramentos podem ter para a educação escolarizada?**

Essas questões que rondam geram uma pista geral: são processos educacionais incidentais. Para fazê-lo emergir, sugere-se alguns movimentos específicos que contribuem para o cartografar. Cada movimento surge em capítulos específicos, com justificativas, conceitos-chave de destravamento e se desdobra em nova pista e movimentos como se verá adiante.

23 A construção detalhada da Cartografia dos Descostumes e seu filão não-metodológico será desdobrada no capítulo I.

A pista principal de nossa investigação é cartografar os fluxos transdialógicos da educação incidental, por se tratarem de formas de socialização, de comunicação e processos educacionais que se misturam sem regência ou proporção a partir de rompimentos possibilitados por *corpus-trans*²⁴ de mulheres a partir de elementos artísticos. Como movimentos iniciais que se desdobram em capítulos ²⁵ para alcançar tal pista, propus-me a: 1) Pensar a cartografia dos descostumes das vidas transexuais de mulheres da Região Metropolitana do Recife em processos educacionais incidentais; 2) Desenhar as sobreposições dos silenciamentos, dos apagamentos e das interdições dos *corpus-trans* nos discursos científicos; 3) Sinalizar os perigos identificados no mapa da cartografia dos descostumes relativos ao sistema educacional de enquadramento de corpos vigente imposto procustianamente aos *corpus-trans*; 4) Topografar as possibilidades de educação incidental em construções artísticas que envolvem *corpus-trans*.

O deslinde se iniciou em esboços teóricos e processos de amadurecimento do pensamento em artigos submetidos à apreciação de revistas indexadas que geram os seguintes itinerários: Capítulo I - Uma proposta de cartografia do descostumes: pesquisa educacional em desterritorialização de gênero; Capítulo II - Antifluxos para uma ciência da vida que não cale *corpus-trans*; Capítulo III - a micropolítica reativa procustiana e o trans-dialogismo educacional; Capítulo IV - uma cartografia de molecularidades ativas educacionais a partir de linhas de fugas artísticas: o corpo, nas artes, fala o que a escola poderia ouvir.

Assim, a tese define-se pela busca, pelos estranhamentos, fricções e ranhuras entre corpos, no caso *corpus-trans* femininos limando e sendo limados por outros corpos divergentes em processos que desembocam em um material empírico artístico não-formal que se traduz em processos educacionais incidentais.

Acrescento ainda que as fotos e *print screen* (anexos I, II e III) não são em si objetos de

24 Registramos que o conceito de Educação Incidental trazido nesta tese se distancia conceitualmente de outras construções terminológicas como o ensino incidental trazido por Lara Mascarenhas (2018) e Dionísia Lamônica (1993) que o compreendem como “formato de ensino aplicado no decorrer das atividades cotidianas que se aproveita do interesse da criança para aumentar a motivação para aprender (MCGEE; DALY; JACOBS, 1994) [...] pode ser entendido como a situação que ocorre quando o adulto (instruído) se aproveita da demonstração espontânea da criança de interesse por algum estímulo do ambiente (um brinquedo, por exemplo) para ensiná-la uma determinada habilidade ou colocar em prática uma competência aprendida”, também baseado no trabalho de Hart e Risley (1975).

25 Como exigência do PPG, alguns capítulos foram transformados em artigos. Nos apêndices desta Tese encontram-se os referidos textos.

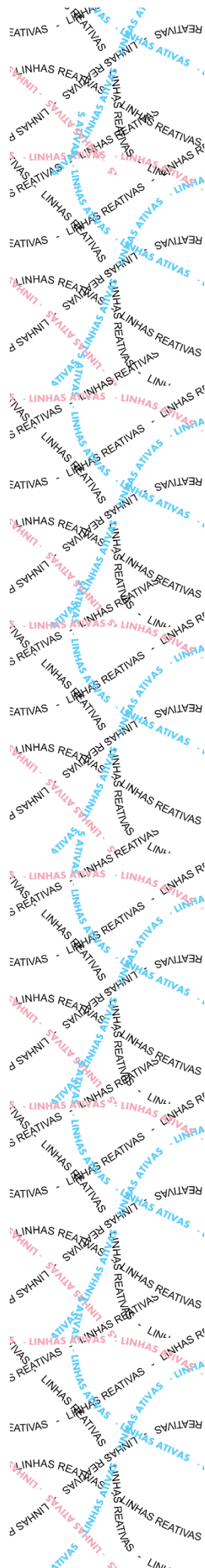
análise, mas contribuem visualmente para que os nomes aqui estabelecidos também possam rostos a serem lembrados. Dito de outro modo, foge ao escopo desta tese analisar estas fotos em si, conforme veremos ao longo deste trabalho, pois trata-se, nesta Tese, dos processos de produção das intervenções feitas por Chico Ludermir no que se refere aos aspectos educacionais ali vislumbrados. Assim, analisaremos os processos de educação incidental que geram esses espaços através de imagens com desejos, sentidos e afetos, mas com ênfase em nos aproximarmos dos elementos pedagógicos de criação e das percepções afetos que este processo gera.

I – *U*MA PROPOSTA DE CARTOGRAFIA DO DESCOSTUMES NA PESQUISA EDUCACIONAL

Teremos neste texto a apresentação do ferramental de uma pesquisa educacional que tomou por base um conjunto de atividades artísticas que tratavam de biografias de mulheres travestis e transexuais, aqui consideradas como *corpus-trans*, bem como o método de registro dessas vivências. Dessa forma, fez-se importante o constructo desse detalhamento da pesquisa cartográfica, seus teóricos inspiradores e as comparações com outras cartografias dentro da linha de discussão tida como pós-estruturalista e da Filosofia da Diferença. Seu teor se aproxima da ideia de uma reversão metodológica e propõe pistas e movimentos para alcançarmos a problemática proposta.

O texto apresenta sucintamente o material empírico (conjunto de atividades artísticas do autor Chico Ludermir) usado nesta pesquisa e que compõe o *corpus* de outras publicações, além de ter por cerne a caracterização da Cartografia usada, enquanto gênero substitutivo da metodologia convencionalmente posta em trabalhos científico e a Cartografia dos Descostumes, enquanto espécie e elemento presente para desdobramento da relação do pesquisador com o material empírico e com o texto que se apresenta.

A necessidade de uma definição teórica e prática da cartografia utilizada mostrou-se fundamental para compreendermos que é possível encontrar processos de educação incidental, não necessariamente institucionalizados, que promovem um desatar das pontas de passado e presente através da “releitura” e “alteração” das histórias de vida de *corpus-trans* que serão apresentados no decorrer deste trabalho. Apontar para tal ferramenta de mapeamento, descrição e percepção da realidade confere melhor base para compreensão dos elementos encontrados e registrados. Nikolas Rose (2001, p.155) disfer que “um eu é, por assim dizer, ‘gerado pela estória’, como o indivíduo escolhendo entre as diferentes formas de narrativa às quais foi exposto”.



A cartografia encontrou seu trânsito em um material empírico riquíssimo em sensações e sensibilidades dispostas em livro, intervenção artística, curtas-metragens, entrevistas, artigos jornalísticos e projeções cinematográficas, movimentos aos quais tivemos acesso e nos propusemos a analisar por um viés educacional. Embora tratar-se de um texto teórico referente a uma possessão cartográfica e sua utilização, faz-se essencial que, ainda que de forma sucinta, apresentemos o material artístico que nos permitiu esta pesquisa educacional. Com destaque, trataremos a intervenção artística “Mulheres: Nascer é Comprido” e o livro “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...” (LUDERMIR, 2016). Assim, a construção deste trabalho partiu do acesso às biografias narradas por mulheres na qual elas mesmas contaram suas histórias à Francisco Ludermir. A partir dessa produção literária e artística, debruçamo-nos sobre tal material a fim de perceber rastros, sussurros de um processo educacional.

Na intervenção artística “Mulheres: Nascer é Comprido” (BEZERRA, 2015; BRASILEIRO, 2015), ocorrida em 2016, Chico Ludermir propôs uma oficina de pensamento com a participação de corpus-trans que haviam participado de um projeto com ensaios fotográficos, gravação de curtas-metragens e um livro. A proposta da oficina era construir uma intervenção composta por fotos destas mulheres. Além das fotos que foram feitas durante os ensaios fotográficos anteriores ao evento, foram acrescentadas fotos de infância daquelas mulheres, impressas em azulejo. Esse foi escolhido em virtude de ser um material que permite alterações na imagem. As fotos da infância representavam um tempo em que eram chamadas ou designadas ainda por nomes masculinos.

A proposta era que cada mulher alterasse sua própria foto e trouxesse para o presente elementos presos nas imagens como um colar com skate do menino que se transforma em um coração, pomos-de-adão “cirurgicamente” retirados e cabelos curtos que se transformam em um belíssimo picumã (como se atreve o pajubá). Algumas nada fizeram em suas fotos de infância, mas ao termos acesso aos registros do evento percebemos a vibração de processos educacionais naquele movimento. As alterações eram feitas pelo borramento da imagem no azulejo, mas também por um borramento da memória, uma remodelagem do passado com alterações fabuladas atinentes as suas singularidades.

No livro, “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...” (LUDERMIR, 2016), Ludermir; também trouxe a possibilidade de reconstruir-se, redesignar-se e corrigir-se.

A costura proposta pelo livro traz o passado recontado, relido e alterado conforme a percepção das mulheres sobre cada uma de suas próprias histórias. O escritor vira diretor e caneta do retrato de escrito das vivências a ele confiadas.

A Cartografia dos Descostumes parte da obra/arte de Francisco Ludermir e se traveste para a nossa pesquisa pelas mãos desse pesquisador como sendo um elemento no qual rastreamos o que não foi inserido de forma proposital, pretendido pelo autor: uma educação incidental. Assim, outras vivências são consideradas em espacialidades sobrepostas nas heterotopias de desvios dos *corpus-trans*, os quais mobilizam as potências que compõem as fendas da cidade. Compreende-se por heterotopia de desvio o entroncamento de um espaço real com um espaço irreal que tem como ponto de convergência o comportamento social, no caso, a heterotopia de desvio refere-se às pessoas que são enclausuradas de alguma forma nas fendas sociais por transgredirem a norma social e se recusarem a sustentar a normatividade subsidiada pelo *status quo*.

Tais corpos desviantes continuam residindo na mesma sociedade que os enclausuram, mas ao mesmo tempo resistem, interferem e produzem saberes como disposto em Ditos e Escritos III: “É importante para ela [sociedade] que seus inimigos sejam dominados, que não se multipliquem. Portanto, é importante apoderar-se deles, impedi-los de prejudicar” (FOUCAULT, 2015, p. 32).

Propusemo-nos, assim, a esmiuçar a realidade para olhá-la de forma sensível e perceber questões educacionais no inusitado do cotidiano dessas mulheres marginalizadas. Tal cotidiano inclui os afazeres domésticos, o trabalho fora de casa, os deslocamentos no transporte público, o cantar nas noites gays de Recife, mas também, em alguns casos, a prostituição. Questiona-se a partir de tal proposição se: Há uma possibilidade de se rever a estrutura metodológica de forma eficaz, partindo das vivências para só então identificar o que se considera objetivos e problemas na educação científica?

Para tanto, fez-se essencial ter como ferramentas metacartográficas para este capítulo a observância das possibilidades das vivências enquanto movimentos dos desejos... dos descostumes... a pista para esta revisão teórica da cartografia enquanto metodologia reversa passa a ser: Pensar uma cartografia das vidas transexuais de mulheres da Região Metropolitana

do Recife em processos educacionais incidentais. Os movimentos dessa pista se deram da seguinte forma:

1. Analisar as possibilidades de ferramentas de pesquisa que permitam pensar diversamente em educação;
2. Indicar os caminhos do cartografar quanto ao material empírico;
3. Desenhar as percepções do pesquisador quanto à produção artística de Chico Ludermir e às vivências narrativizadas das mulheres.

Para que possamos analisar o que surgiu da pista e dos movimentos, como nos dispomos, surge a própria Cartografia dos Descostumes que desdobramos no transcorrer deste trabalho, mas que antecipamo-nos tratar-se do choque do que é comum e rotineiro para umas pessoas e monstruoso ou chocante para outras. Destarte, a Cartografia dos Descostumes a ser apresentada em detalhes a seguir deixa claro os fluxos e linhas de sentidos de forma vibrátil que surgiram do método de registro de vivências pelo autor Chico Ludermir, mas também encontradas nas vivências propriamente ditas dos *corpus-trans*.

1.1 Uma reversão metodológica: as pistas e ferramentas cartográficas

Propõe-se, então, provocar problematizações quanto às metodologias de pesquisa e apresentar uma cartografia como alternativa no campo educativo. Para isso, partiu como opção por não seguir as convenções e os decalques de caminhos “cientificamente” já traçados por algumas pessoas. No entanto, não se pretende que a cartografia aqui posta sirva de mapa para alcançar-se os protocolos de reprodução da ciência. Dito de outro modo, apontamos outros fazeres da pesquisa para além das verificações, dos levantamentos e da busca por resultados que são comuns nas pesquisas em Educação e propomo-nos a pensar formas diferentes de aproximação com a temática.

A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isto, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou (CORAZZA, 2002, p. 124).

Seguindo a discussão, cabe introduzir o conceito de *hodus-meta*, oportunamente, uma vez que resta-nos questionar se é possível um sistema acêntrico conceber uma direção metodológica. Assim, a metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas como sendo o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*, tão comum nos manuais, e a pesquisa sendo definidas como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Em contrafluxo, a cartografia propõe uma reversão metodológica, ou seja, se propõe à ruptura, na verdade, com a metodologia que reproduz, que verifica e, assim, transforma o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste em apostar na experimentação do pensamento, que é um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e vivido como atitude (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 9). Isso implica em construir uma outra perspectiva que vise, antes de tudo, acompanhar processos, intervir na realidade e dissolver o ponto de vista do pesquisador-cartógrafo incapaz de habitar e se “sujar” nos processos que tangenciam os movimentos e as intensidades da pesquisa. Assim, interessa-nos as questões:

Pode uma pesquisa em educação transbordar? Crescer e inundar a vida de sentidos outros? Fazer com que as coisas percam sua fisionomia e adquiram a consistência de uma vida ou de uma obra? Ou, mesmo, de quem simplesmente solta os pés da terra e dança? (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169).

O material empírico possui azo na arte de Francisco Ludermir, considerado por nós nesta pesquisa como educacional, embora não seja o alvo óbvio do autor. Conforme salientamos anteriormente, compõe-se de ensaios fotográficos, curtas-metragens, projeções cinematográficas e intervenções artísticas, bem como foram citadas e pesquisadas em registros de mesas-redondas, entrevistas com o autor, artigos jornalísticos sobre este e sobre a produção artística, compondo assim um conjunto de dados empíricos oriundos das biografias de 11 mulheres, corpus-trans, e os devires de cada uma delas: Anne, Brenda, Maria Clara, Mariana, Luciana, Luana, Wanessa, Deusa, Francine, Chris e Rayanne.

Observou-se que os devires compõem em nossos corpos algo de inusitado a partir do encontro com o outro, não sendo mais uma relação na qual é possível ocorrerem eventuais conversas ou mesmo olhares a partir de referências e modelos identificados e pré-determinados socialmente. Deixa-se de estabelecer encontros, tendo como princípio opiniões e ideias supostamente fixas e inabaláveis, pois o devir envolve linhas de fuga desterritorializantes compostas por afetos e pela mistura de corpos entre indivíduos supostamente identificáveis e fechados em si mesmos (DOREA, 2002).

Dessa forma, a Cartografia dos Descostumes se forja através de *afectos e perceptos*, fricções entre corpos estabelecidos cis-hetero-normativos vindos das fendas da cidade: os *corpus-trans*. A ideia consiste em problematizar a potência dos *corpus-trans* e suas contribuições na emergência de novos movimentos educacionais com base na vida, pois;

Estar vivo é estar inserido numa cadeia de eventos, é ser arremessado de encontro a forças externas; que mais seria viver senão um ato? Viver de modo legítimo é difícil, adquirir presença, estar no acontecimento, ter plena capacidade de experienciá-lo, não o perder, é resultado de uma potência que se expressa em nós. E tudo o que é potente quer seu crescimento, é uma junção de forças, é um agenciamento que encontra meios, que se potencializa inventando novas interações com o mundo. Aquele ou aquela que é potente, pensa em si, mas afetando seu arredor de maneira positiva (TRINDADE, 2019).

1.2 O que pode uma Cartografia dos Descostumes?

A Cartografia dos Descostumes, aqui proposta, emerge de uma analítica da educação pensada enquanto *ethos* filosófico que incorpora para seu campo de tematizações as vidas constantemente apagadas, interditadas, invisibilizadas ou silenciadas, a fim de perceber o exercício de práticas de liberdade envolvendo tais corpos abjetificados pelo poder constituído. Em outras palavras, a Cartografia dos Descostumes propõe, ao campo educativo, seja ele formal, informal, não formal ou incidental, modos de pesquisa que se interessam pelos cotidianos de enfrentamento à lógica arborescente²⁶ do cis-tema.

Em tal lógica se percebe a multimodalidade da forma de limitação da existência experienciada por Anne. Ela nos transporta para a sua infância que re(x)ste apesar dos gritos, da proibição do brincar (com bonecas) e no apontar para a genitália masculina, como se o gênero de Anne estivesse ali.

Na casa de praia de um casal de amigos, Somália e Adalberto viram duas crianças se estapeando por uma Barbie. Se entreolharam compartilhando o desespero de ver o filho deles ganhar à força a posse do brinquedo mais desejado.

- Não! Esse não é seu brinquedo, disse o pai devolvendo a boneca à Camilinha.
- Barbie é de menina
- Mas eu sou menina, painho, retrucou, ainda lutando para ter a boneca de volta.

²⁶ A lógica arborescente está calcada em formar “órgãos”, em “fixar um ponto”, em estabelecer uma “ordem”.

- Não. Você é menino. Menino! E a figura do pai parecia se agigantar. Os braços cresciam, enquanto o dedo em riste apontava a genitália de Anne.
 - Não! Sou menina.
 - Cala a boca, menino!
 (LUDERMIR, 2016, p.32).

Por óbvio, parte-se de algum lugar. Leva-se na bagagem as relações de poder que se mostram na academia, nas escolas, nos espaços não escolares, nos guetos e que constroem linhas de força que incidem sobre os “marginais” e “rejeitados”. No entanto, buscamos, de forma contrária, que tais existências sejam rizomas, sejam revolucionárias e combativas. Já perdemos muitas pessoas para sermos neutros ou condescendentes...

As relações familiares cartografadas, a partir dos descostumes que a diferença causa, emergiram também na relação de pai e filha de Deusa, outra voz que compõe esta pesquisa. Deusa apresentou-se como a mulher que era para seu pai, na época em que a “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...” foi elaborada. Hoje, movidos por outros interesses e necessidades, Deusa afirma que seu pai a aceita, mas à época praticamente rompeu relação com ele que passou a resumir sua paternidade ao pagamento de sessenta reais que pagava a título de pensão, “obrigado por lei, uma vez por semana” (LUDERMIR, 2016, p. 65).

Quando o pai soube que ela se desviou? Foi lá no Salgado. Ela estava indo lá na barraca comprar um cigarro. O pai dela estava bêbado, chato. Aí veio lá falar um bocado de coisas. Ela só queria se sair, ir embora pra casa. Mas ele bêbado, só queria segurá-la, queria rasgar a roupa dela e dar nela. Essa História louca... “Antes era, super, o único filho dele homem, ele adorava, era pra todo canto, aquelas coisas todas. Aí quando eu decidi se rebelar, se revelar, aí ele veio com as linhas heavy dele, ainda virou crente pra completar, aí foi uma cachorrada só” (DEUSA, 2015).

As sequelas e a bagagem destes “marginais” e “rejeitados” não são consoladas ainda que se rompam em rizomas revolucionários ou combativos, pois sacrifícios, marcas, dores, ausências surgiram nesta cartografia dos descostumes. Assim, ainda quanto a relação de afeto entre Deusa e seu pai, de quando ela ainda era chamada por seu nome masculino de batismo, decorre uma ausência:

Sente falta de um carinho antigo. De quando iam juntos a lanchonetes e a bares, brincavam no Galo da Madrugada. Tudo mudou desde que ele virou crente. E ela virou Deusa. O rompimento aconteceu no meio da rua quando o pai bateu na filha recém-nascida. Cada arranhão, Deusa devolve ao mundo.

Cada tapa, puxão de cabelo que levou, ela engole, digere e cospe. É aprendido antigo, sobrevivência (LUDERMIR, 2016, p. 65).

Deusa relata em vídeo que “agora ele já aceita de boa, tá tudo bem, que ele [pai] vai ter que engolir. Ele não me dá mais nada há um bom tempo já. E pronto! Ele que me pede dinheiro agora, eu dou: toma, quando eu vou lá. Como o mundo dá voltas” (DEUSA, 2015). Os *perceptos e afectos* já evocados aqui nesta tese nos permitiram traçar os elementos de uma cartografia que se permitiu e se alimentou de uma arte-geradora e educativa que, de forma vibrátil, teve olhos e sentidos para captar as violências físicas e simbólicas no processo de assujeitamento dos corpus-trans, mas também do estremeamento do território. Assim, teremos em Rolnik e Guattari (2017, p. 323) que as formas de subjetivação fechadas, mapeadas em nossa tese percorrem espaços e aspectos como:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Dentre tantos momentos, sentimentos e vivências foi da leitura desta passagem da vida de Brenda que se instaurou e libertou-se esta cartografia-tese. Trata-se de um momento posterior a um flagra de seu pai ao vê-la em um açude com um rapaz em “situação suspeita”, onde seu pai decide “corrigir” os rumos dela para evitar um possível desvio de sua sexualidade, embora nem imaginasse à época que Juninho não seria um homossexual, mas na verdade se tornaria Brenda Bazante:

- Ei, menino, vai jantar que hoje a gente vai sair de noite.
 - Já vou.
 - Depois tome banho e fiquei cheiroso para as meninas.
 A barriga do menino esfriou. Desesperado pela resposta que vinha, perguntou:
 - A gente vai pra onde?
 - Vamos numa festa de mulheres bonitas e fofas, menino, respondeu o pai.
 - Cabaré, Juninho, cabaré, completou o tio com uma risada alta.
 (LUDERMIR, 2016, p. 149)

A Cartografia dos descostumes, conforme a situação acima narrada, trabalha a ideia do território enquanto espaço dividido entre indivíduos dentro da lógica arborescente e indivíduos desviantes impelidos para as fendas sociais da cidade, como as que levaram Brenda a “aprender a ser homem” em um cabaré do interior de Pernambuco:

Ao subir as escadas do Madame Lola, viu que era ainda pior do que na caricatura. O ambiente fedía a mofo e sexo. Era sujo, escuro e barulhento. Sentaram os três numa mesa de plástico amarela da Skol e os mais velhos pediram uma cerveja. Juninho recusou o copo, e a recusa foi recebida como ofensa pelo pai. (...) O menor observou petrificado uma dezena de mulheres desfilando só de calcinha fio-dental. Seu pai tocava nas garotas e incentivava que o pequeno fizesse o mesmo. Mandava que as meninas fossem para cima de Juninho. Viu no palco o show de uma mulher morena e de curvas grandes que, nua, abria as pernas e se tocava. Dois homens subiram no palco e um deles chegou a colocar o rosto entre as pernas da stripper. Nem fingir Juninho conseguia. Cruzava os braços, fechava os olhos. Fazia a cara correspondente ao nojo que sentia daquilo tudo (LUDERMIR, 2016, p. 149).

- Olha, Valdo, teu filho não gosta, não, comentou a prostituta.
Juninho teve vontade de gritar, mas prendeu tudo dentro da garganta. Mas não dava para segurar.
- Papai, eu quero ir embora
- Você não tá gostando não, filho? Parece que não quer ser macho?
- Não, não estou gostando. E conteve-se e para não continuar com "também não quero ser macho".
- Mas e essas mulheres tão bonitas. Escolha a que você quer.
- Eu quero ir embora.
Entrou no caminhão e voltou para casa do tio. E nunca mais fez nenhuma viagem com o pai.
Juninho amanheceu no dia seguinte com dor de garganta. As amídalas inflamadas denunciavam tudo aquilo que queria gritar e não podia.
Obviamente, ninguém fez essa reflexão.
(LUDERMIR, 2016, p. 150)

Observa-se ainda que a Cartografia dos Descostumes se inspira em outras cartografias como a dos desejos e a do desassossego (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012; ROLNIK, 2014; GUATTARI, ROLNIK, 2017) que parte de experimentações consideradas aqui como processos educacionais incidentais e dos quais emergem os espaços de re(x)istência²⁷ que vão traçando, desenhando, topografando as linhas de intensidade que se encontram e movem-se escondendo, confundindo, gerando atalhos, territórios, borramentos e linhas de fuga. Na visão de Deleuze, o território é pensado como uma construção provisória e dinâmica. “Não há território sem um

²⁷ A palavra re(x)istência tem em sua construção um deslocamento marcado por processos triplos de resistência, existência e sobrevivência por linhas, fluxos e nomadismos em enfrentamento aos processos arbóreos de subjetivação baseados em perspectivas identitárias, essencializadas, universais e unitárias.

vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1988, p. 4).

Na esteira destas considerações, destacamos que o descostume ocorre no choque do que é comum e rotineiro para uns e, ao mesmo tempo, monstruoso ou chocante para outros. Estranha-se ainda algumas vivências mesmo que as espacialidades sejam fronteiriças e mostrem-se como heterotopias. Exige-se assim um cuidado redobrado no cultivo de “artes da atentividade” para perceber o que, dessas vivências, se entrecruzam com as diversas possibilidades de se fazer pesquisa educacional.

Assim, surge uma analítica que mobiliza a “potência da cartografia” enquanto modo de seguir o movimento das linhas e dos traços, como uma capaz de *transformar* a “estética do movimento da vida em educação em pura intensidade” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169). Nessa perspectiva, a cartografia é um veículo de pesquisa excêntrico e pauta-se na arte de construir um mapa que ao mesmo tempo é sempre inacabado e aberto, conectável, desmontável, reversível (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Como sabemos, a cartografia emerge do trabalho com as linhas. Em nossa pesquisa, elegemos as “linhas de fuga”, ou seja, aquelas linhas que fazem “fugir todo um sistema como se arrebenta tubos. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 47). Como consequência dessa escolha, articulou-se a necessidade de uma “atenção nômade” que visasse desativar e inibir a “atenção seletiva” predominante no modelo cognitivo dominante.

É nômade por sua potência de criação coletiva e proposição de possibilidades de singularização. É um reterritorializar a partir das desterritorializações do qual roubamos de Deleuze a questão nômade e a atribuímos à arte da atentividade usada nesta cartografia.

E nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 53)

Como já dito, a Cartografia dos Descostumes assumiu outras fontes, dança com outras cartografias já instituídas, como a coreografia do desassossego que foi criada por Thiago Ranniery Moreira de Oliveira e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 169), em que não cabem etapas ou procedimentos estanques, mas tão somente “movimentos como passos e ritmos de uma dança que vêm se somar e se multiplicar, se dizer e desdizer, se fazer e se cozer, coexistir a partir de diversas estratégias”.

Essa coreografia de danças entre os descostumes é pensante-investigativa e segue de perto as pistas que cria, tanto quanto seus movimentos de sentir, viver e investigar. Por um lado, respondendo a academia e suas normas, mas, por outro lado, não abrindo mão da liberdade imanente a esta forma de conceber a invenção e a multiplicação dos saberes. Assim, seguindo em nossa proposta de reversão metodológica, Suely Rolnik (2014) dispõe que o princípio do cartógrafo é extramoral, pois seu parâmetro básico e exclusivo é a expansão da vida e seus canais de efetuação. Nunca é, somente, uma cartografia tomada como mapa. Assim, pode-se dizer que seu princípio é

Um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar sempre mudando de princípios. É que tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não morais. E sua regra? Ele só tem uma: é uma espécie de “regra de ouro”. Ela dá elasticidade a seu critério e a seu princípio: o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias (ROLNIK, 2014, p. 03).

Nossa Cartografia levou-nos para o campo indelimitado da vida, referido pelo princípio extramoral de Rolnik (2014). Apostamos, assim como a autora, na necessidade de constituirmos o que ela denominou de “corpo vibrátil”²⁸, que se deve sentir, apalpar, saborear... O roteiro de preocupações que invadiram nossas investigações para, assim, adentrarmos ao universo do problema que se construiu e/ou desestabilizou. Para tanto, fez-se essencial o acesso a autores pós-estruturalistas e da Filosofia da Diferença para aumentar e abrir alternativas de re(x)istência e criação.

Em específico, a presente proposta de uma Cartografia dos Descostumes buscou suas referências em outras cartografias, como a de Virginia Kastrup (2015) sobre as Pistas do

²⁸ “Uma espécie de feeling que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação” (ROLNIK, 2014, p. 4).

Método Cartográfico²⁹. Nessa obra, nos detivemos em observar os contornos e silhuetas dos territórios a partir das margens as quais nos propusemos analisar na tese: mulheres, *corpustrans*. Outra Cartografia com a qual flertamos é a dos Desejos, de Rolnik e Guattari (2017), na qual se permitem novos desenhos e configurações da vida. A Coreografia do Desassossego, baseada também nos textos de Oliveira e Paraíso (2012), pautou-se em movimentos e passos que funcionaram como um modo de enfrentar as forças, através de um ajuste contínuo entre os mundos fabulados e a multiplicidade do mundo da educação identificados nas linhas territorializantes do pensamento e as linhas intensivas da criação e desmontagem das imagens dogmáticas.

Percebe-se claramente no material empírico que Anne e sua mãe Somália, ao colecionarem bonecas, trabalham um imaginário pautado em uma sororidade que se passa em lugar comum às duas (LUDERMIR, 2016). É uma reconstrução de um entre-lugares fictícios de uma menina em um universo paralelo (e secreto) onde o machismo, a misoginia e a transfobia não as alcançavam de forma explícita, a não ser pelo segredo e a própria necessidade de fabular. A Somália Celestino é professora e traz para a construção ética-estética-política destas discussões um tom que reacende o transbordar queer para a temática, pois os tentáculos do sistema ferem os inseridos na sigla LGTQIA+, mas também, de outra forma, atingem diversas subjetividades que são afetadas pela condição transgênera, pois às vezes a transexualidade chora e sangra também nos corações que as acolhem.

Os traços marcados pela história de Anne e sua mãe, que se culpabilizou por não saber lidar com sua transexualidade, têm origem no fato de estarmos permeados e acuados pelo sistema e que, por isso, vetores de força reativa camuflaram o quanto puderam a condição de sua filha. Resta claro que a mãe aceitava e tinha certeza da condição e do devir que se apresentava, só lhe faltava condições de arcar com as rupturas e emergências. Logo, não podendo enfrentar a reatividade que lhe era imposta, curvara-se aos medos e, dessa forma, contribuiu para os somatórios de forças que abjetificaram o corpo-trans de Anne.

<p>Quem já viu menina de dezessete anos brincando de boneca? Quem já viu? Mas mulher perto dos cinquenta, podia? Será que ela mesma poderia brincar sozinha? ‘Eu vou comprar umas bonecas e quem vai brincar escondida sou eu’, decidi” “Estou completamente perdida. Meu filho tem diversas atitudes</p>

²⁹ A ideia posta neste trabalho é de fazer uma colagem de conceitos, embora mostrem-se predominantes as linhas de discussão trazidas nas cartografias propostas nos trabalhos de Suely Rolnik

femininas e eu não sei lidar com isso. Muito menos o pai (LUDERMIR, 2016, p. 30).

Assim, reitera-se que os movimentos cartográficos mobilizados em nossa pesquisa não são métodos de análise, mas uma abertura sensível e existencial que possibilita ao pesquisador-cartógrafo afetar e ser afetado no território da pesquisa (KASTRUP, 2015). Por isso, mais do que objetivos pré-estabelecidos ou hipóteses, trabalha-se com possibilidades de pistas que servirão de condutores aos problemas que emergem ao longo de todo percurso investigativo. Por esse motivo, o processo cartográfico dos descostumes compreende tantos devires quantos são possíveis as experimentações da vida, pois não se enquadram, não se representam, apenas indicam linhas que vão para além do reconhecimento de direitos, pois “o devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 43).

Logo, clamou trabalhar o descostume como forma de cartografar vidas consideradas abjetas em processos educacionais incidentais. Necessário afirmar que, em nossa proposta, articulam-se a linguagem e o pensamento enquanto elementos de pressuposições recíprocas em textos que se entrelaçam e cruzam a construção conceitual sem passar por movimentos confundidos com metáforas ou representações.

Propõe-se aos cartógrafos que enveredem pelo descolamento dos sentidos no desenho de seus mapas: não se propõe objetos, objetivos e sujeitos na forma convencionalmente imposta, mas pistas, movimentos e devires. Nesta pesquisa, os movimentos de desterritorialização estão nos rizomas identificados em uma intervenção artística, por um itinerário político de re(x)istência que se propõe como um mapa aberto.

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim (DELEUZE; GUATTARI, 2012 p. 31).

O processo de desterritorialização e reterritorialização nas discussões que envolvem gênero permite rupturas no cis-tema, através dos fluxos criados pelas linhas de fuga,

construindo um novo território por novas conexões e arranjos heterogêneos em constante ramificação, conectados uns com os outros, passando de um território para outro, num movimento feito em devir (GUATARRI; ROLNIK, 2017, p. 388).

Partindo de Deleuze e Guattari (2012, p. 5), pode-se perceber que tais agenciamentos³⁰, observados neste elemento rizomático, expandem-se através do crescimento de suas dimensões “numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”.

1.3 Conexões e intensidades antropofágicas na história incompleta de Brenda e outras leituras de vidas abjetificadas

Na singularidade de nossa investigação e na Cartografia dos Descostumes que nos propusemos realizar, tomamos por pista linhas de fuga em outra obra. Trata-se da obra de um autor/artista que, por sua vez, cartografou processos de subjetivação que caminharam, por estratégia conduzida por ele, ainda que de forma não proposital, a um processo inconclusivo. Para Nikolas Rose (2001, p. 34), a análise sobre os processos de subjetivação preocupa-se “com as práticas dentro das quais as pessoas são entendidas e nas quais se age sobre elas – em relação a sua criminalidade, sua saúde e doença, suas relações familiares, sua produtividade, seus papéis militares, e assim sucessivamente”. Nesse aspecto, Chico Ludermir, em sua arte-geradora, descreve Deusa da seguinte forma:

Tem quase dezessete anos e reclama das espinhas que se espalham pelo rosto e do tamanho do corpo, que sente desproporcional. A menina acabou de dar o "esticão" e tem aquele andar um pouco curvado, próprio de quem cresceu rápido demais. A magreza, por outro lado, lhe deu um ar de modelo, do qual tira proveito ao desfilar pela rua. É negra. Pobre. Moradora de favela. Somando essas características ao desejo imperativo de transitar entre gêneros, reúne quase tudo o que é desprezado pela sociedade. Devolve, com reação bifurcada, num misto de agressividade e imensidão de tristeza (LUDERMIR, 2016, p. 56).

³⁰ Nikolas Rose (2001, p. 51) apresenta como sendo agenciamentos “a localização e o estabelecimento de conexões entre rotinas, hábitos e técnicas no interior de domínios específicos de ação e valor: bibliotecas e escritórios domésticos, quartos de dormir e casas de banho, tribunais e salas de aula, consultórios e galerias de museu, mercados e lojas de departamento.

A análise do coletivo cartografado na obra é simbiótica e rizomaticamente albergada pelo estrato social de *corpus-trans*, através do reconhecimento de suas singularidades³¹ e das experiências comuns de transformação do corpo, da exclusão social, do medo, da discriminação, do preconceito e da violência atrelados aos dispositivos de abjeção que associam as vidas dessas mulheres à promiscuidade, à prostituição e à criminalidade.

Apresenta-se a incompletude que atravessa as desterritorializações de gênero dessas mulheres, *corpus-trans*, no contexto sociopolítico do Nordeste do Brasil, como nas quadrilhas juninas, cujas experiências de vida parecem evidenciar processos (*trans*)formativos que apontam dinâmicas de ruptura com o processo de adestramento imposto aos seus corpos em vozes expressas em um conjunto de relatos gravados e transcritos, bem como em elementos ficcionais. Como afirmam Telles e Loguercio (2018, p. 307), existe a possibilidade de “a partir das Artes mobilizar um outro entendimento das científicidades, um novo olhar, mais amplo, que possibilite percepções outras para o educador/intelectual específico no momento de disputar saberes, espaços e construções educacionais não-ordinárias”.

Maria Clara de Sena³², por exemplo, “brincava de ser mulher em quadrilhas e no teatro, mas cansou de brincar e foi para João Pessoa, longe de tudo - do que era e não queria ser. Aos vinte e cinco anos, implodiu. Maria Clara escolheu seu próprio nome. Talvez pelo hábito, um paradoxo com a cor da pele” (LUDERMIR, 2016, p. 110). Brenda, por sua vez, ainda quando era chamada de Juninho, ao ter uma das poucas oportunidades de socializar, também quis participar da quadrilha da escola (LUDERMIR, 2016, p. 136-137), e:

Quando chegou a vez de escolherem o casal de ciganos, Juninho levantou a mão. Não conhecia bem os personagens da quadrilha, mas sempre lhe fascinara a malemolência cigana. Como não haviam combinado nada, Manu foi pega de surpresa, mas seguiu a dupla e levantou também a mão, foi retribuída com um olhar de gratidão. Juninho queria mesmo era ser a cigana. Usar aquela saia vermelha cheia de moedas douradas. Mas se contentou de bom grado em ser o cavalheiro de lenço cabeça desde que pudesse dançar com extravagância. Saiu do primeiro ensaio empolgadíssimo. Com a blusa preta ensopada debaixo do braço. Nem ligou quando os meninos riram dele. Se

31 “A produção de singularidade é um processo dinâmico que possibilita movimentos para a construção de territórios existenciais, expandindo a perspectiva de vida para além das determinações da subjetividade homogeneizante, de ordem capitalística” (ARGILES, 2017, p. 63).

32 A travesti Maria Clara de Sena é responsável pelo prefácio do livro “a história incompleta de Brenda e Outras mulheres”, é pesquisadora de questões de gênero e sexualidade na educação e “é a 1ª transexual do mundo a atuar no combate à tortura em prisões, integrando o Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura em Pernambuco, Bolsonaro (PSL). Em 2018, precisou se refugiar no Canadá por ter sido vítima de transfobia e racismo enquanto trabalhava no órgão” (SIMONE FREIRE, 2019).

fosse se importar com todos os deboches, ficaria para sempre trancado no quarto e na biblioteca

Olhar para as histórias narradas, para as linhas de força que as fazem emergir, tornam o material empírico cartografado robusto, tenso e apaixonante. Reserva-se a possibilidade de desenhar a vida e suas linhas de intensidade a partir das margens. Reforça-se aqui também que não se propõe o resgate interrogativo das vidas retratadas, nem conceber possibilidades de análise das obras ou do autor em si, uma vez que:

O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal. Mas o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo se converte em tempo humano ao organizar-se narrativamente. O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história. Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é tempo narrado. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo (LARROSA, 1994, p. 69).

Todos esses elementos, sujeitos e objetos são importantes, mas nossa investigação fez opções ao esforçar-se na percepção de linhas de intensidade no *trâns(ito)* dos devires em romper os jogos essencialistas e avançar nas forças de afirmação dos processos de re(x)istência e nas formas de subjetivação a partir do próprio olhar dos sujeitos envolvidos. Tentamos fazer, a lá Foucault, uma espécie de “alto-falante”, caixas de ressonância, das vozes silenciadas (FOUCAULT, 2016).

Apostamos que os processos de escuta sensível de mulheres, corpus-trans, na construção de suas narrativas traduzem-se em atividades formativas/educativas que denunciam a violência, a marginalização e o extermínio de outras formas de ser e estar no mundo. As relações de poder que se instauram em assujeitamentos e dominações fizeram com que Brenda, ainda quando era chamada de Juninho, vivesse incompleta, pois “morria de vontade de pular elástico e jogar almofadinha, mas suas tias solteiras, Valdete e Neta, vez ou outra davam uma volta pela rua e se encontrassem o sobrinho no grupo feminino lhe obrigariam a voltar para casa imediatamente (LUDERMIR, 2016, p. 128). Maria Clara de Sena também reconstruiu seu universo de violência em todas as ordens e tentativas de suprimir sua forma de ser e performar no mundo:

Suas primeiras lembranças estavam povoadas de não: não podia brincar com as meninas, não podia usar o banheiro feminino e nem as cores rosa e roxo. Seu Rubem e Dona Maria Francisca, ao perceberem que o nome masculino que haviam escolhido não encaixava na filha, resistiram. Reprimiam-na de um lado, repuxavam-na pro outro; batiam na tentativa de "consertar", mas a filha não queria "conserto". Quando os irmãos iam para um lado e as irmãs para o outro, ela sentia que seu lado era nenhum (LUDERMIR, 2016, p. 110).

A partir desses relatos, a possibilidade de pensarmos o trabalho artístico desenvolvido por Francisco Ludermir, em suas interfaces com processos educativos, foi provocado por Suely Rolnik em seu trabalho intitulado “florações da realidade” (2006). Esse nos despertou a possibilidades trans-dialogar³³ com o rizoma-arte, pois, a autora, ao analisar a obra da artista visual Anna Maria Maiolino, com aportes advindos da Filosofia da Diferença, possibilita uma releitura subjetiva da realidade:

As coisas se desvelam em sua condição de elementos de uma entre as infinitas fornadas de um mundo em processo. Também nós somos levados a sair da anestesia que nos separa dos meios em que vivemos, convocados a desertar nossa petrificada individualidade, sair da inércia e participar ativamente da criação do mundo, através de uma inserção viva nos diferentes meios em que nos encontramos imersos. É precisamente nossa subjetividade geológica que é chamada a sair do esquecimento pela contundência da ação artística de Maiolino. Não seria isso o que define a experiência estética no sentido pleno? (ROLNIK, 2006, p.7)

Trata-se então, por intermédio de uma Cartografia, de propor uma análise da força dos textos, dos vídeos, das fotos, da estratégia de composição do elemento de intervenção artística multimodal, mais do que a vida do autor ou das vidas narradas na obra.

1.4 Movimentos da Cartografia dos Descostumes

O olhar e o corpo vibráteis se acenderam como formas problematizadoras de perceber a realidade, indicando devires indóceis, ou seja, que não se limitam a formas postas e ordens impostas pelos modelos prontos de educação que enviesam o olhar. Buscou-se as experimentações artísticas, literárias, audiovisuais e a própria rua como outras possibilidades educacionais. São novas linhas de aprendizado, pois “o atravessamento oblíquo do olhar cigano

³³ O trans-dialogar é um conceito cunhado enquanto possibilidade disruptiva de enfrentamento às configurações do cis-tema a partir de desterritorializações de gênero e sexualidade através da articulação do discurso com o que não é permitido que seja discurso (mas que é discurso mesmo assim).

traz à tona que coreografia, passos e bailarinos não são dados de antemão, não estão na escola ou em qualquer outro lugar pedagógico, emergem do problema criado” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169).

Os movimentos da Cartografia dos Descostumes suscitaram uma problematização da educação, das suas estratégias, quando essas se desviam das funções sociais de normalização e mostram-se subversivas. Uma arte de forjar heterotopias a partir de diferentes mídias (imagens, textos e falas) mobilizadas na lapidação das biografias filmografadas e impressas das vidas de *corpus-trans*. A ficcionalização das narrativas de si como um processo formativo, convidando a um mergulho nas vivências que envolveram a produção, a edição e o desenvolvimento da arte trazem outros universos a serem cartografados em ligação direta com a liberdade de criar sentidos para as mutações da sensibilidade.

Nesse movimento cartográfico houve uma varredura do campo, buscando um alvo móvel em variação contínua, uma vez que adentra ao território sem conhecer o alvo a ser perseguido, imprevisível, tendo apenas a localização de pistas e/ou signos de processualidade (KASTRUP, 2015). Trata-se de uma configuração Antropofágica³⁴ em torno da expressão artística dessas “mutações e de sua reverberação nas subjetividades que respiram o mesmo ar do tempo que tais produções e vão abrindo possibilidades na existência individual e coletiva” (ROLNIK, 2006, p. 3), pois o cartógrafo absorve materiais sem preconceitos de frequência, linguagem ou estilo, desde que deu voz e visibilidade para os movimentos do desejo, matérias de expressão e criação de sentidos (ROLNIK, 2014).

Nesse movimento houve um flerte poliamoroso entre o cartógrafo, a pesquisa em educação e os devires. A paquera dos mundos fabulados com a realidade na qual ocorrem as problematizações e a visualização do funcionamento social. Os devires sentidos não surgiram de fenômenos de imitação e nem de assimilação, tão pouco do causalismo e das representações, “mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

34 Para o que aqui nos interessa, pode-se dizer que a antropofagia consiste numa forma de produção de subjetividade e cultura, em tudo distante da lógica identitária. Ela se caracteriza pela inexistência de uma identificação absoluta e estável com qualquer repertório ou de obediência cega às regras estabelecidas, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar territórios e suas respectivas cartografias – e tudo isso levado com um jeito lúdico e descontraído (ROLNIK, 2000, p. 451-452).

A partir **desse** universo, a análise das ações artísticas que registraram biografias de corpus-trans da Região Metropolitana do Recife fez com que em nossa cartografia-tese surgisse linhas como a de Anne, que da porta de seu quarto para o resto do mundo era tida como menino, mas performava em segredo o seu eu-feminino da porta de seu quarto para dentro

(...) o personagem menino rude, fechado, dava lugar a uma garota famosa. Colocava seu short, estilo de corrida, que era o mais curto que tinha, e prendia a camisa masculina transformando-a em top. Ouvindo os DVDS de Rebelde, Anne virava Anahí e, às vezes, desenhava uma estrela na testa no transe da incorporação. (LUDERMIR, 2016, p. 34).

Para ler e sentir uma situação como esta, fez-se necessário buscar inspiração no que Deleuze e Parnet (1998) apontam como sendo o toque do cartógrafo que seleciona os elementos sobre os quais se deve “prestar atenção”. Dessa forma, utilizando-se de uma “atenção nômade”, sem foco, acolhendo o inesperado do material desconexo e fragmentário que foram observadas as potências dos corpos e dos afetos registrados.

Não se trata exatamente de ver “dados” em um território de pesquisa, mas, antes, desenhá-los, pintá-los, pôr para dançar a partir de um elemento qualquer que nos soe com certa extravagância. Uma cartografia encontra-se com um território, “entra em núpcias”. É exatamente um encontro entre dois amantes que marca toda a possibilidade de uma erótica desejosa de criação de mundos em uma pesquisa cartográfica. É por encontros que o corpo da cartografia se define. “Encontrar é achar, é capturar, é roubar [...]. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. Sim, em uma pesquisa em educação, nós podemos encontrar pessoas, documentos, instituições, planos, “mas também [encontramos] movimentos, ideias, acontecimentos, entidades” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Em sequência, inspirou-nos com seu corpo e olhar vibrátil Suely Rolnik (2006) que nos apresentou, como pista, a necessidade de observar a expressão artística e sua reverberação nas subjetividades, devendo o cartógrafo perceber o roteiro do invisível para deslocá-lo, desprendê-lo das formas vigentes de representação e da obediência cega às regras estabelecidas que se tencionam no mapa no qual também pulsam as ondas de presença viva do outro.

Tomou-se assim o momento de seleção pelo tema, entrando em contato com elementos que possuíam força de afetação e que fizeram parte do desenhar do cartógrafo, mas que também serviram de fontes múltiplas, entradas diversas, caminhos outros para histórias de vida

apresentadas em vídeo, textos ou áudios, ou de todos em concerto, pois o cartógrafo é um verdadeiro *antropófago* que

vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado*. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias”. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender (ROLNIK, 2014, p. 3).

Assim, penetramos sem pudor a intimidade de outras/diversas vivências, tanto na atenção ao processo educacional de construção da experimentação como nas biografias propriamente ditas dos corpus-trans trazidas pela arte-geradora por Chico Ludermir. É nesse movimento que a pesquisa copulou com o material empírico e nele as vivências surgiram que foram captadas. O pesquisador-cartógrafo seduziu-se pelo que encontrou em seu campo de visão, em todas as formas e possibilidades que lhes puderam ser manifestadas, tracejando assim diagramas que expressavam o território, a desterritorialização e, por sorte, algumas reterritorializações.

Nesse sentido, reforça-se a importância da escuta sensível, do olhar e do corpo vibráteis imanentes às desterritorializações de gênero no itinerário político das vidas cartografadas e o enfrentamento de forças através de um ajuste contínuo entre o fabulado e o real na educação. Assim, a cartografia fez da pesquisa uma experimentação de todas as espécies de fugas que escapam e as forças que elas tentam captar (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012). São estratégias essenciais, pois, muitas vezes, a confusão da transição, trans-mutação e nascimento vieram junto a processos de prostituição que constituem mulheridades como a de Luana:

A apresentação feminina durava o tempo da noite. Adorava ser desejada como mulher. Quando amanhecia, voltava rapaz, e já não sabia quando se referir a si no feminino ou no masculino. Se a linguagem é a nossa maior forma de externalização, para Luana ela representava todas as dúvidas e angústias internas de um novo signo por nascer. "é preciso ter muito preparo emocional para ser o que se é", repetia, angustiada (LUDERMIR, 2016, p. 75).

Nosso material empírico nos trouxe interseccionalidades e o cotidiano das lutas de *corpus-trans* femininos para garantir suas/outras dizibilidades analisadas sob a ótica da educação, mas a partir das margens e não mais do reforço da máquina social, escolar ou outra qualquer.

A partir da Cartografia deu azo e cores aos processos de educação incidental feitos a partir dos descostumes e permeados por cruzamentos, traços, linhas, setas, devires, personagens, movimentos, corpos em mobilidade e fluxos constantes. Nesse sentido, pudemos olhar de forma vibrátil para as descobertas dos matizes do próprio corpo de Luana que, ao biografar-se em um momento de fruição e fluidez de sua existência, de sua mulheridade, narrou seu sentimento:

Quatro meses antes, Luana estava em Santa Cruz do Capibaribe, no interior de Pernambuco, e saiu com uns amigos. Pegou um vestido emprestado, se maquiou como quem se fantasia e sentiu uma sensação maravilhosa de liberdade, que só havia experimentado no carnaval. Não arrumou nenhum namorado, mas arrumou três programas para fazer numa só noite. Do primeiro, escutou: "Você parece com uma ex-namorada minha"; do segundo, ouviu que tinha levado um fora de uma paquera, do terceiro que era virgem. Foi com os três (LUDERMIR, 2016, p 79-80).

Assim, propôs-se uma nova caixa de ferramentas “pedagógicas” a partir das pistas que surgiram das histórias de vida de 11 mulheres em seus *corpus-trans* percebidas e sentidas através da arte-geradora, as quais permitiram que a educação, as histórias de vidas, os processos cartográficos do autor e o olhar do pesquisador-cartógrafo pudessem operar. Para efeitos desta tese, tomamos como interseccionalidade o que Silvia Aguião (2020, p. 92) dispõe:

Ferramentas conceituais e metodológicas que auxiliam na apreensão dos mecanismos através dos quais certas marcas sociais são reconhecidas como tendo mais relevância em detrimento de outras, na compreensão de como certos eixos de classificação, sempre contingentes, contextuais e relacionais, são produzidos, objetivados e cristalizados na produção cotidiana de identidades, subjetividades e agenciamentos. Ou, dizendo de outro modo, o arsenal teórico-político mobilizado e mobilizador da ideia de interseccionalidade oferece um conjunto de ferramentas reflexivas úteis para a compreensão de complexidades sociais que conformam dinâmicas de privilégio e desigualdade social.

Assim, as análises das atividades artísticas de Chico Ludermir, as perspectivas que os *corpus-trans* têm de si mesmos nas suas narrativas de si e a forma como foi captada pelo autor apontado (Ludermir) no material artístico vão sendo percebidas e deslocadas no computo desta pesquisa em educação.

1.5 O cartógrafo e o devir-criança: experimentações nas pesquisas em educação

Registre-se que resta aparente um devir-criança, um interesse devorador pela temática delineada aqui e que nos retiraram do eixo confortável que organizava nossa própria atividade como pesquisador-cartógrafo em educação. Borra-se o padrão molar baseado em pilares de uma episteme cis/embranquecida, urbana, ocidental e heteronormativa arraigada nos agenciamentos de nossas subjetivações. Nesse romper, floresceram elementos, corpos e olhares vibráteis que não mais se encaixavam, que não se estruturavam em bases comumente conhecidas.

Nesse processo de florescimento, percebe-se um devir-criança. Importa explicar que esse devir não implica em regressão ou em permanecer em estado infantil ante os argumentos e situações, mas trata-se de perceber, nas limitações e nas possibilidades da escrita e da linguagem, que o pesquisador-cartógrafo não vem pronto, não se construiu assim desde outras vidas, muito pelo contrário, aventura-se neófito nesta pesquisa, pois o devir-criança é uma potência que faz caminhos, percorre trilhas, explora.

Tudo para a criança é novo, tudo é como se fosse pela primeira vez. Ela acorda todo o dia e se espanta: como o mundo funciona? O que isso faz? Como já dissemos, os devires são involuções criadoras, é a aliança que acontece quando se entra em zonas de vizinhança e encontra potências escondidas. Não queremos imitar a criança, mas estar na mesma zona, habitar este espaço de potência criativa. Esta potência do devir-criança está em criar cenários, espaços, singularidades, momentos. A criança é uma mestra das novidades, das histórias, ela tira da cartola tudo que não víamos há um segundo atrás (TRINDADE, 2018).

Logo o devir-criança do pesquisador-cartógrafo está no processo de desenvolvimento do olhar e do corpo vibráteis que passa não só pela forma de rever o mundo, de reconhecer os acontecimentos e diferenciações, de sentir as brechas e pontes nos dispositivos, mas também pela forma de falar, escrever, traduzir/*transpor* em palavras. Trata-se da tentativa de anular ou reverter os cerceamentos de movimento ou universalidades, pois a potência de um devir é que, muitas vezes, ainda ignora as regras, normas e limites. Busca-se, assim, o reconhecimento atento, o gesto ou variedade atencional que visa acompanhar um processo e não representar um objeto, ou seja, reconduzir aos contornos singulares (KASTRUP, 2015).

Trata-se de uma heterocromia³⁵ vibrátil. Um olho está nas estruturas que conduzem as forças que constituem as pessoas e seus desejos, suas normas e seus modelos que se permeiam e impregnam-se por linhas de força estabelecidas das reproduções, imitações, analogias e estruturas que configuram ou desconfiguram os sujeitos. O outro olho, colorido, propõe-se a escapar, passar, buscar fendas e criar rupturas por entre os modelos postos/impostos abrindo espaço para uma “diferença não constrangida” que permite a verdadeira revolução baseada na erupção de desejos restringidos (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

De forma geral, inferimos que a definição do cartógrafo envolve seu *modus operandi* de como é feita a avaliação sensível da condição humana desejante e de seus medos. Invoca-se nesta oportunidade a certeza de que o cartógrafo, conforme dispôs Suely Rolnik (2006) ao falar da arte de Anna Maria Maiolino, possui o desafio de buscar sentido entre um mundo já incorporado, indizível e invisível da vivência e um mundo larvar que surge desta mistura de inexorável disparidade de “configurações estáveis e germinações desestabilizadoras”.

Trata-se do exercício árduo de evitar as hierarquizações, no afã de controle, métrica e regras (inclusive da ABNT), as quais podem ser fatais, pois secam “a nascente das formas de realidade, aquelas camadas de diferentes tempos e densidades que vão se sobrepondo infinitamente” (ROLNIK, 2006, p. 4-5). É da tensão entre esses dois pontos que surge a energia vital de invenção.

Considerações emergentes quanto aos Deslocamentos da experiência-movimento

Desde então, temos nos defrontado com as brechas agonísticas que foram surgindo do contato com autores como Deleuze, Foucault, Rolnik, Parnet e Guattari, com os *corpus-trans* femininos que nos enredam em uma batalha sem fim. Hoje, as melhores armas estão em refúgios das leituras que modificaram o modo de ver os chamados fundamentos da educação e suas interações com as construções do Ensino e das ciências desveladas em seu caráter difuso e profundo, posto que enraizado nas diversas subjetividades presentes nos processos educacionais.

35 Anomalia genética na qual o indivíduo, humano ou animal, possui um olho de cada cor, ou um mesmo olho com duas cores distintas. Neste trabalho, preferimos e somos os anormais, anômalos e monstros.

Nessa direção, o presente conteúdo articula a experiência do pensamento em trabalho de ação e reflexão cartográficas enquanto potências de criação em interação com as paisagens cuja formação se acompanha (ROLNIK, 2014). No conjunto, esse “eixo” descentrado contribui para se pensar os dilemas contemporâneos das comunidades periféricas e grupos marginalizados, sendo os mapas de linhas de intensidade e o fluxo dos devires ferramentas de desarrumar pensamentos e conceitos, viver.

Encerramos, enfatizando a relevância da discussão da cartografia, especialmente a dos descostumes, como modo de se fazer pesquisa em educação com base nos afetos e nos corpos a fim de romper a invisibilidade e o silenciamento das memórias e das formas de vida subalternizadas e tornadas abjetas. A temática importa tanto para a aquisição e desenvolvimento de saberes vinculados às teorias da educação e do ensino, como para a abertura de pontes transdisciplinares com diferentes áreas de conhecimento e saberes.

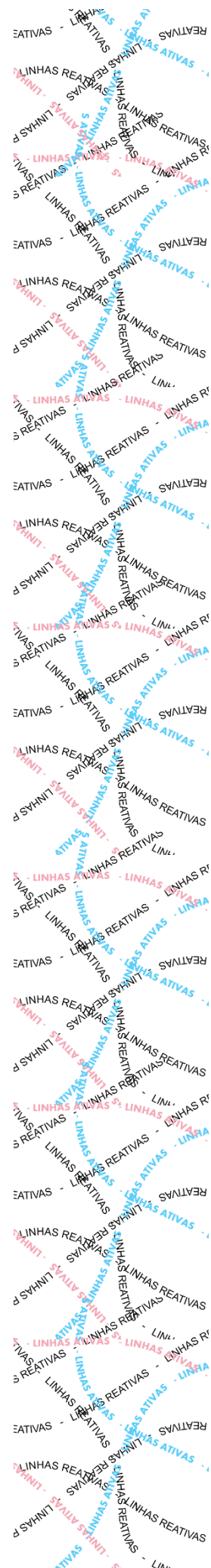
No próximo capítulo apresento uma cartografia viva e prática de molecularidades ativas educacionais a partir de linhas de fugas artísticas encontradas na obra de Ludermir. Nessa perspectiva, emergem, a partir do protagonismo trans-feminino presente nas narrativas rizomáticas, elementos educacionais deslocados do lugar comum do espaço escolar e do currículo disciplinar.

II - *UMA* CARTOGRAFIA DE MOLECULARIDADES ATIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DE LINHAS DE FUGAS ARTÍSTICAS

A obra de Ludermir, em seus diferentes formatos, nos apontaram linhas de fuga que promoveram destruições de estruturas e representações, tanto artísticas quanto educacionais. Especificamente, o trabalho de Ludermir foi protagonizado por 11 mulheres recifenses, corpus-trans, de diferentes perfis. No entanto, apesar das singularidades, traços em comum emergiram. Fruto das marcas e cicatrizes presentes em seus corpos. Cada marca é resultante de vivências atravessadas pelo preconceito, violência, exclusão social e pela experiência de transformação do próprio do corpo.

Apostamos que, lá onde o cis-tema bloqueia os fluxos dos devires-transsexuais, a educação incidental trans-dialógica arromba e se mostra em potência. Assim, a molecularidade da obra de Ludermir apresenta as potências dos corpus-trans de Brenda, Maria Clara, Mariana, Luciana, Luana, Wanessa, Deusa, Francine, Chris e Rayanne. Suas histórias de vida são reorganizadas em temáticas cartografadas em micropolíticas ativas e reativas. A cartografia dos descostumes nesta pesquisa propôs uma varredura com olhar vibrátil às discussões educacionais em elementos artísticos de inúmeros prismas, como as formas de retroalimentação das vidas e de potências através de imagens, objetos deslocados e linguagens não usuais.

Comprendemos que há possibilidades educacionais que se desenquadraram do espaço-escola e que, ao mesmo tempo em que se travestem de arte, dão voz e visibilidade as pessoas-trans. Nessa perspectiva, a obra de Chico Ludermir traduz uma função-artística de vanguarda que permite fluxos contínuos de criatividade e que não percorre o autor como único ente produtor da arte, mas articula-se a elementos educacionais, ao mesmo tempo em que se manifesta como movimento político.



Os aportes que nos serviram de bússola, especificamente neste capítulo, foram as discussões sobre as diversas formas de arte observadas em Giles Deleuze (1990; 2010); Eugênia Correia Krutzen (2011) e Ilza Matias de Sousa (2011). Na seara da educação e diferença, acessamos Alexandre Filordi de Carvalho (2016); Nilson Fernandes Dinis (2005); Guacira Lopes Louro (2007); e René Schérer (2005). Ainda dentro do aparato teórico, nos aproximamos das discussões de que envolvem micropolíticas e subjetividades em Foucault (2001) e Suely Rolnik (1997; 1999; 2002; 2006; 2014; 2016).

Aparamentados teoricamente, a pergunta que foi suscitada para este aspecto específico foi: Há possibilidade de elementos artísticos constituírem estratégias de re(x)istência à educação abjetificadora? O que gerou, como pista, a necessidade de: mapear os fluxos contínuos na arte de Chico Ludermir em sinergia com a educação. Os movimentos que derivaram dessa pista foram:

- 1 Mapear as linhas de fugas que surgem do olhar vibrátil do artista (Chico Ludermir) como movimentos educacionais;
- 2 Desenhar a molecularidade ativa das mulheres-trans percebidas no seu posar, relatar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se.

Ao mapearmos esses movimentos, encontramos educações que trans-itam, sobretudo no ato de aprender entendido como um pensamento complexo que concerne às condições de possibilidade do próprio pensamento e que “vai além do saber, esposando a vida toda, inteira, em seu curso apaixonado e imprevisível” (SCHÉRER, 2005, p. 1183).

2.1 Linhas de fuga da arte para pensarmos a Educação

Percorrer os caminhos que chegaram a este trabalho e a necessidade de costurar um mapa dos fluxos contínuos na arte de Chico Ludermir nos permitiram construir um olhar que acreditamos ser relevante para a pesquisa educacional. Dito de outro modo, a possibilidade de trilhar com/sobre/sob o “material empírico”, ou vital, deste trabalho nos fez percorrer por lugares onde educações transitam. Essas estavam nas vozes, nas linguagens do corpo, nos métodos utilizados por Ludermir, nas linhas, textos, vídeos e intervenções artísticas. Mas, sobretudo, nas leituras que fizemos do trabalho desenvolvido pelo autor, bem como das vivências de *corpus-trans* femininos que nos foram apresentadas.

Este capítulo apresenta o elemento gênese do material empírico discutido em várias frentes que envolvem educações, principalmente as incidentais, cerne desta tese. Traz em seu bojo, fluxos criativos e compartilhamentos de estratégias que soam como movimentos de re(x)istência e fricção. É a partir da obra de Chico Ludermir (2016), da sua forma, de seus métodos e de suas consequências, que os horizontes cartográficos desta pesquisa educacional começaram a perceber várias frentes.

Cabe-nos apresentar os corpus-trans em movimento ao raiarem rizomaticamente seus devires-transsexuais na obra de Chico Ludermir: Brenda Bazante, que possui destaque no livro que leva seu nome, sofre abusos, violências verbais, agressões físicas, desilusões amorosas de quase morte em meio a rompimentos institucionais, drogas e prostituição.

Mariana Silva, moradora da favela do Pilar, bloqueada em sua potência de mulher desde a infância, acaba envolvida em um mundo tenebroso: prostituta, alvejada por balas, presa e usuária de drogas; Luciana Veronese relata a figura do Estado, algoz de sua condição, enquanto corpus-trans na ditadura militar e na atualidade com registro da violência policial em tons de vermelho sangue; Deusa Romero, adolescente em experiências familiares que envolvem drogas, mortes, prostituição, crimes e sobrevivência.

Luana Rodrigues em seu caminho para transição ao corpus-trans (tanto física quanto social)... separa-se de seu companheiro, Altair, ao se encontrar mulher e na heterossexualidade; Wanessa Sampaio, que percorre um grande caminho de abandono familiar até se encontrar na travestinidade/transsexualidade e mudar seu mundo a partir de si própria; Maria Clara de Sena, que resiste a um nome masculino atribuído em virtude de sua genitália, mas que subverte e encontra-se a partir da singularidade da resistência que exerce em casa, nas ruas, no trabalho formal e na prostituição;

Anne Celestino, adolescente que sofre violências simbólicas em casa, mas também agressões de diversas ordens no espaço escolar; Francine Correia, que sofre inúmeras violências familiares ainda na infância e adolescência, em virtude de condição feminina, retorna à família para cuidar de seu pai-algoz com problemas de saúde; Chris Falcão, cantora das noites queer recifenses, que em sua travestinidade descobre-se grávida de seu primeiro grande amor; e Rayanne Romanenelly, que em sua vivência encontra-se como professora da educação básica e membro ativa de uma congregação protestante voltada para comunidade queer.

Os movimentos a serem elencados confrontam o cis-tema, tentáculo do inconsciente colonial capitalístico (ROLNIK, 2016), que atuam no assujeitamento de vivências queer e produzem mazelas sociais que podem ser vistas em existências imersas em preconceito, exclusão social, violência e morte. Podemos citar Francine, que alternava o trabalho de empregada doméstica com o de garota de programa, tendo por ponto de prostituição a Casa da Cultura, cartão postal recifense nos costumes e fenda social da cidade nos descostumes que abrigam as vidas tidas como abjetas à noite. Lá ela fez seu primeiro programa “foi quando descobriu que precisaria se adequar aos desejos do cliente.

Neste dia, Francine voltou para casa sem dinheiro. Foi roubada logo na estreia. Ainda não sabia que tudo que ganhasse precisava ser guardado sem demoras no fundo falso da roupa íntima (LUDERMIR, 2016, p. 103). Anne, por outro lado, em seus conflitos que implicaram em seu nascer mulher, pôde retratar o assujeitamento acima narrado, comum a tantos corpus abjetos, nas tentativas de seu pai impedir através da opressão da mãe de Anne, o que não tem conserto e nem nunca terá: "Você não deveria trocar de roupa na frente do seu filho". "Não passe mais batom na frente dele, para não estimular". "É a falta de uma figura masculina dentro de casa" (LUDERMIR, 2016).

O encanto pela obra se mostrou na forma de narrativizar o processo de rompimento e eclosão de subjetividades em movimentos de afrontamento direto aos processos de assujeitamento familiar e escolar e, em efeito, da construção de suas mulheridades. Assim, mostra-se essencial, conforme preceitua Junior e Pocahy (2017, p. 616),

Pensar a partir das insurgências epistemológicas queer, articulando-as e recriando-as à luz do contexto sociocultural brasileiro, é um caminho para potencializar a produção de uma crítica voltada aos processos discursivos que conferem aos corpos, gêneros e sexualidades o selo de uma normalidade que é social e culturalmente construída.

Todos os recortes biográficos partem de contações de si mesmas que se alicerçam na desconstrução e reconstrução das memórias e trazem a possibilidade de transformação através do processo de posar, relatar, performar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se. Na sociedade em que vivemos, de forma global, há números crescentes de corpus-trans, mulheres e adolescentes, assassinados; outras, enquanto crianças, sofrem torturas físicas e psicológicas, alvejadas diuturnamente para se “enquadrarem” ao cis-tema heteronormativo.

Ludermir (2016, p. 80) trouxe com sensibilidade as dores e a inadequação, a sensação de falta de lugar no mundo, a culpa e a solidão de alguns corpus-trans, como o de Luana Rodrigues que não se “enquadra” nem aos espaços de prostituição que imputam aos corpus-trans:

Nem foi pelo perigo que Luana perdeu o gosto pela prostituição. Percebeu que não estava preparada para isso. Não, pelo menos, sem um ônus psicológico alto demais. Sentia como se estivesse no lugar errado. Fazer sexo sem tesão machucava. Até sangrava. Dava nojo e vontade de tomar banho e tirar aquele cheiro de homens desconhecidos. Pior era encontrar aqueles que lhe desejavam de noite, mas que nem lhe cumprimentavam de dia. “Parece que estou pagando por tudo que eu falava. Sonhava em ganhar muito dinheiro, ir para Europa, mas virei travesti de casinha. Quero somente ter um lugar para poder criar todos os gatos e cachorros de rua que encontrar”.

Estes corpus-trans transitam nas fendas da cidade, lugares marginais, periferias, ruas escuras do centro comercial da Região Metropolitana do Recife, vivendo, muitas vezes, da prostituição de seus corpos. Luciana Veronese (2016) afirma seus traumas em seu vídeo autobiográfico, um dos poucos corpus-trans que fugiu a transnecropolítica, inclusive por viver a travestindade durante a ditadura militar, ao andar pelo centro da cidade de Recife pelos lugares onde outrora se prostituía:

Hoje em dia eu até dou graças a Deus que o ônibus, quando vai pelo centro do Recife Antigo, não passa mais ali pelo Primeiro Distrito, foi fechada aquela... Sempre tenho trauma da delegacia, daquele trecho entre a Rua do Riachuelo e a Princesa Isabel. E tenho trauma de passar pela Rua da União, entre a rua da Princesa Isabel e a Rua do Riachuelo. Tenho trauma também ainda daquela Faculdade de Direito do Recife que ali não tinha cerca, não tinha nada. O (Parque) 13 de Maio não tinha cerca, era todo aberto dali daquele lugar. Eu tenho Trauma ali da Dantas Barreto, do Edifício Tiradentes. Eu tenho trauma ali daquela antiga rua, onde se funcionava a antiga Detenção. A Casa de Detenção do Recife era murada, essas coisas todas. Passo porque tenho que passar, mas quando lembro não são lembranças agradáveis.

No entanto, muitas estão ali enfrentando o cis-tema para trazer à tona suas mulheridades e viver com coerência sua existência, apesar de conflitos, inseguranças e adestramentos que impuseram uma autodisciplina, um condicionamento às performatividades dos corpos, mas que não é absoluto. Há rotas de escape, linhas de fuga e rizomas que eclodem como no caso de Brenda, ainda chamada por Rivaldo Junior à época, ao desabafar que

Naquele corpo, ela não se achava atraente. Não sentia que fosse possível ser desejada por ninguém enquanto menino. Era magro até ser desengonçado. Desengonçado pelo desencontro entre corpo e desejo. Era virgem. Temia e

desejava o sexo. Mas não podia fazê-lo fora de si” (LUDERMIR, 2016, p. 126).

Assim, as experiências de transformação dos próprios corpus-trans, muitas vezes, feitas de forma clandestina e marginal, rompem um estado de coisas que sustentam os parâmetros de normalidade e normatividade. Rayanne também apresenta seus medos em sua expressão na arte-geradora de Ludermir ao falar de sua sexualidade e de sua passabilidade, bem como dos exercícios das forças de heteronormatividade que se exercem sobre todos os corpos. Registrou-se assim que:

No entanto, passou a cultivar um medo de começar a vida sexual. Amedrontava-lhe saber que, para muitos homens, sexo com mulheres trans era somente sexo- tirar a roupa, penetrar, gozar. Queria uma experiência de carinho e afeto. Achava que tinha o direito. Esperou. Rafael não foi o primeiro. Com dois namoros anteriores, Rayanne realizou por algum tempo seus desejos integralmente. Morou junto, fez sexo com amor, dividiu tarefas domésticas e planos de longo prazo (LUDERMIR, 2016, p. 88).

Nessa perspectiva, a problemática surge da possibilidade de que elementos artísticos constituam estratégias de re(x)istência pela educação. Essa premissa gerou, como pista inicial, a necessidade de costurar um mapa dos fluxos contínuos na arte de Chico Ludermir. Surgiram movimentos que nos permitiram investigar a pista proposta e desenvolver nossa cartografia viva, com ênfase nas linhas de fugas educacionais a partir das subjetividades do autor, da obra e das personagens por ele descritas.

A atuação cerceadora do cis-tema, enquanto tentáculo do inconsciente colonial capitalístico, identificado por Rolnik (2016), “represa os fluxos de criatividade nas mais diferentes esferas de nossa vida, tornando-a um elemento fixo mediante elementos comuns de uma identidade globalizada (cosmopolita), ao mesmo tempo em que está vinculada aos ritmos frenéticos ditados pelo mercado” (ROLNIK, 1997, p.01). Nessa lógica, o cis-tema cria territórios, estrutura-se e age tendo como referência o masculino, o branco e heterossexual.

Maria Clara Araújo dos Passos³⁶, uma das mulheres que compõem o trabalho cartografado, ressalta que

O medo dessa estrutura regente e dominante, de nós bagunçarmos com o que alguns chamam de ‘*status quo*’, faz com que eles tentem cobrir nossa existência, apagar nossas memórias, não permitir que possamos nos representar. Afinal, quem foi eleito como ‘normativo’, acaba detendo o poder de escolher como o ‘Outro’ será representado (PASSOS, 2016, p. 12).

Bagunçar a lógica antropo-falo-ego-logo-cêntrica, que determina uma genitália cis-heteronormativa, torna inteligíveis vetores vinculados ao pensamento e ao desejo que não se reconhecem nessa lógica. Trata-se da captura de vidas cuja diferença, afastados os estereótipos moralmente construídos, não deve ser ou não merece ser retratada. Chico Ludermir (2017) afirma que

Não é por acaso que pessoas trans estão ausentes da maioria dos produtos de arte. Nada mais coerente com uma sociedade transfóbica do que o veto das representações e memórias das pessoas trans em livros, filmes e novelas. Pior: em alguns espaços, a representação da transexualidade vem carregada de estereótipos que reforçam estigmas.

Na contramão dessa lógica, o processo artístico que permeia a obra de Ludermir caracteriza-se pelo afrontamento a um cis-tema de arte que atua com base na inércia instaurada por um elitismo mundano de redução guiado pela lógica mercantilista, formalista e anestesiadora que gera espectadores-passivos e confina a uma arte cis-têmica em esferas de especialização. A arte hegemônica e de altivez monolítica perde espaço em confronto com outras formas de arte, artes educadoras, artes geradoras, que confrontam o *status quo* através da partilha do sensível, promovendo ondas de força em contra-fluxo. Essas forças trazem

36 Formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e cursando a Especialización y Curso Internacional en Estudios Afrolatinoamericanos y Caribeños pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) e pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO Brasil). Possui o Certificado en Estudios Afrolatinoamericanos do Instituto de Investigaciones Afrolatinoamericanas de la Universidad de Harvard. Tem abordado temáticas como movimentos sociais latino-americanos, currículo e decolonialidade. Integrante do NIP: Núcleo Inanna de Pesquisa e Investigação de Teorias de Gênero, Sexualidades e Diferenças, coordenado pela Prof^a Dra. Carla Cristina Garcia (PUC-SP). Foi estagiária da Representação Regional Nordeste do Ministério da Cultura (2017) e hoje é assessora parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo. Faz parte da Mandata Quilombo da Deputada Erica Malunguinho, em articulação com os movimentos de mulheres e LGBTQIA+. Desde 2019, tem coordenado a Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ da Assembleia Legislativa de São Paulo, um espaço político-pedagógico que tem entre seus objetivos o fomento de políticas públicas para a população LGBTQIA+ paulista nas áreas da Saúde, Educação, Trabalho, Moradia, Arte e Cultura.

potências e devires aos movimentos artísticos, culturais e educacionais, pois tratam-se de contra-fluxos, de re(x)istências.

O cis-tema, em conformidade com as relações de poder estabelecidas, engendra seus tentáculos tanto no campo das artes quanto da educação e encontra respaldo na ação antropofalo-ego-logo-cêntrica componente da cultura de forma reativa que, apesar de albergar diferentes singularidades, nega as vivências subjetivas e as construções cooperativas e diversas (ROLNIK, 2016). Em entrevista dada a Breno Pessoa (2016), Chico Ludermir, ciente das relações de poder que atravessam todos os âmbitos da vida, afirma:

Acho que a neutralidade é imobilizadora. De fato, tudo que a gente faz está engajado com o que acreditamos. Não dá para se despir disso. Acho que, na literatura e nas artes, a neutralidade vira o que é normativo. Sou contrário e descrente dessa neutralidade. Não corroboro, acho que a gente tem que acabar com isso e assumir nosso lugar político no mundo. Todos os produtos têm um papel político.

O autor, utilizando-se de uma caixa de ferramentas que atua junto a potências disruptivas vinculadas à re(x)istência, visibiliza as vidas patrulhadas, enquadradas e capturadas (DI LAURETIS, 1994; LOURO, 2007). As capturas tentam cercear as linhas de fuga sob o verniz de neutralidade impossível. Em suas “notas do autor”, Chico afirma que:

“A História Incompleta...” têm vocação para resistência. Ou pelo menos parte deste princípio ético, assumidamente engajado. Não compactuo com o mito de uma literatura neutra. Não da forma como ela nos é enfiada goela abaixo. O sensível, em sua essência, de fato pode não ter cor, classe, gênero ou orientação sexual, mas essa literatura dita neutra escolhe muito bem seus temas e a quem deseja servir (LUDERMIR, 2016, p. 17).

Mapear os descostumes, gerados pelos percursos insólitos que compõem a obra “que tem vocação para resistência,” nos remete também à análise das intervenções de artistas como as de Lygia Clark, na voz de Rolnik (1999; 2002), de Caio Fernando Abreu (1990) e Fernando Pessoa (1992), ou a liberdade de corpos queer em fotógrafos internacionalmente conhecidos como Nan Goldin (YAHN, 2017), Bettina Rheims (PACCE, 2016) e Wolfgang Tillmans (MACLENNAN, 2017). As expressões artísticas, assim como a obra de Ludermir, se manifestam como potências que compõem os corpos quando entram em contato com o mundo (ROLNIK, 2006).

Com nossa cartografia dos descostumes, queremos encontrar Chico Ludermir em seu processo, buscar pistas do “meio caminho”, da beira da estrada. Logo, acreditamos traçar uma

metacartografia, cartografia da cartografia, visto que, por mais que Ludermir não tenha adjetivado seu processo dessa forma, inferimos que ele o fez, pois visibilizou linhas de intensidade, fabulou possibilidades de vivência, incitou *corpus-trans* a transitarem, criou e desmanchou mundos (ROLNIK, 2014).

2.2. Eu vim de infinitos caminhos e os meus sonhos choveram lúcido pranto pelo chão³⁷

Buscar o meio do caminho, analisar o processo criativo, sem ter condições mínimas de crítico literário, visto não termos formação para este tipo de análise, distanciou-se dos propósitos que elencamos. Girávamos em torno do processo de buscar pistas, aprender, recortar e encontrar os caminhos e linhas propostos pelo autor para, como educadores que somos, buscarmos pensar os processos educativos ali contidos.

Chico Ludermir havia publicado no caderno de Suplemento da Companhia Editora de Pernambuco³⁸ uma espécie de relatório detalhado intitulado “Encontros que tornam bela a incompletude”. Nesse relatório, encontramos ressonâncias do corpo vibrátil anunciado por Rolnik (1999, p. 32), um corpo constituído de uma consistência subjetiva feita de composição sensível, que se cria e recria impulsionado pelos pedaços de mundo que o afetam: “aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora: o dentro nada mais sendo do que uma filtragem seletiva do fora operada pelo desejo, produzindo uma composição fugaz”.

Tal corpo, ao ressoar, estendia-se e atingia-nos em cheio. Podíamos sentir tal linha de intensidade na fala de Rayanne Romanelli (RAYANNE, 2016), no curta metragem de sua biografia (homonimamente intitulado “Rayanne - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres”), que expõe sua condição ao relatar:

Eu acho que a princípio, no início deste trabalho, uma coisa que era meio tabu para mim era citar o meu nome... o meu nome de batismo, de registro, mas hoje eu vejo que é importante. É importante que essa parte seja tão frisada quanto as outras. Porque isso mostra que eu sou tão forte quanto as pessoas imaginam. Que eu posso deixar claro ali o meu nome de batismo quando hoje eu sou Rayanne Romanelli.

37 MEIRELES, Cecília. Viagem. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

38 Responsável pelas publicações oficiais do Diário Oficial do estado entre outros elementos e publicações culturais.

Ludermir havia criado ainda uma espécie de diário pessoal de sua criação com registros que se assemelham a cartas enviadas para si mesmo. O dia 18 de março de 2013 marca o início dos escritos nos quais é possível identificar o quanto o caminhar do artista foi se fazendo no próprio andar, permitindo, dessa forma, um afetar-se pelas linhas que se instituía a cada momento.

Entre pesquisa, entrevistas, fotos, edição e diagramação, estimava terminar em três meses e meio. Rio internamente diante da impermanência e subestimação do trabalho: nem 10, mas, sim, 11; nem reportagens, mas, sim, contos de não ficção. Ao invés dos três meses e meio, mais de três anos até a publicação, no Rio de Janeiro, em novembro de 2016. Anne me fez aumentar o número de histórias em um, porque desistiu de desistir. Somente quando o original estava em minhas mãos, recebi o seu aceite [...]. Volto aqui ao meu “e-mail-diário” em 1º de agosto de 2013: “As histórias que eu escutei até agora são fascinantes” (LUDERMIR, 2017).

Além dos movimentos, alterações de rotas, Chico relata que a mudança do formato de reportagens para o de contos aconteceu naturalmente, à medida em que passou a desacreditar na noção de verdade (LUDERMIR, 2017). Talvez estivesse presente a ideia de que “a verdade é aquilo que dizemos ser verdadeiro – que equivale a dizer que as verdades não são descobertas pela razão, mas sim inventadas por ela” (VEIGA-NETO, 2003, p.108–109). Dessa premissa, emerge o abandono da crença em uma linguagem que seria capaz de representar o mundo “tal qual ele é”, ou seja, a linguagem como uma tradução literal e isomórfica do mundo.

Chico afirma que “o próprio ato de lembrar é uma experiência narrativa de criação. Recontar e encadear ideias muitas vezes se torna tão mais real quanto mais é inventado” (LUDERMIR, 2017). Narrativizar, em toda sua obra, parece ser um deslocamento linguístico fundamental por tornar verbo a ideia de se recontar através de processos educacionais incidentais.

Assim, as mulheres biografadas acessam o processo de subjetivação e de construção das mulheridades através da desconstrução e reconstrução das memórias e trazem os devires-transsexuais através do posar, relatar, performar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se. Em entrevista dada a Breno Pessoa (2016), Chico Ludermir retoma a temática:

Acho que o processo de relatar sua própria história e a construção da memória traz uma certa ficcionalização. Quando você vai relembando algo e encadear fatos, há um ato criativo, criador, também quando se escuta e/ou se propõe a recontar uma história. Alguns elementos são impossíveis de serem relatados com precisão e elas também estão, de alguma maneira, recriando.

Construí o texto a partir de uma sensação e do desejo de representação possível (PESSOA, 2016).

Assim, houve construções, desconstruções, encontros e desencontros incorporados na obra de Ludermir que se instituíram a partir dos “contos de não ficção” (LUDERMIR, 2017), cuja presença do autor não tinha possibilidade de eliminação

Não estou dizendo com isso que abandonei o compromisso com o vivido por elas, **mas que assumi a tarefa de criar em conjunto**. Com isso, preciso dizer que todos os contos foram lidos por elas em primeira mão e que tudo que me foi pedido para ser alterado ou omitido foi acatado” (LUDERMIR, 2017) (grifos nossos).

Assim, no trabalho de Chico Ludermir, há discursos dentro de discursos, palavras que são escolhidas e que são os elementos do presente delineamento da cartografia por ele realizada. Essa, situa-se no campo de suas desterritorializações cujas projeções afetivas atravessam o sistema, rompendo o que é tido como comum e normal.

Outrossim, o autor, o cartógrafo, os leitores do livro e até as próprias mulheres expostas em sua nudez de alma nos movimentos da obra possuem, cada qual, interpretações de si e dos outros que fogem a uma ética retida no “bem” e a uma estética limitada ao “belo”. Podemos identificar na atividade artística de Ludermir em três movimentos (o coletivo, o individual e o universal, conforme discorreremos a seguir) tidos por nós nesta pesquisa educacional como uma cartografia de desejos das mulheres, embora, como dito anteriormente, em nenhum momento esteja explícita a condição de cartógrafo de Chico.

Percebemos que todos os elementos de análise se traduzem em vida, desde o estilo cartográfico de Chico Ludermir, permeado por heterocronias e heterotopias, até o nosso *corpus-trans* vibrátil que, mesmo resignado às exigências do jargão acadêmico, se entrega à subjetividades que oxigena o trabalho do artista a partir de imaginários. Seguindo nesse pensamento, Patrick Charaudeau (2005, p. 205) aponta que alguns imaginários

circulam nas sociedades de maneira não consciente, sendo encontrados nos julgamentos implícitos veiculados pelos enunciados, pelas maneiras de falar, pelos rituais sociolinguageiros, pelos julgamentos de ordem ética, estética etc., que estão de tal modo assimilados pelos membros do grupo social que funcionam de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos.

Chico Ludermir também foge do lugar comum de alguns imaginários que se destinam a estes corpos: a prostituição, a criminalidade e ISTs – Infecções sexualmente transmissíveis (em especial o HIV), pois nega-se a retratá-las a partir do “lugar que lhes parece reservado ou determinado” (LUDERMIR, 2016, p. 18). A criminalização e a prostituição estão no texto, mas não como se essas circunstâncias fossem uma condição determinante para os corpus-trans.

A cronologia criativa de Chico Ludermir é marcada por um processo de gestação afetada por uma “virada sutil na produção” (LUDERMIR, 2016, p. 18). A primeira fase identificada de produção da obra de Chico Ludermir durou dois anos e exigiu do fotógrafo-jornalista-escritor uma imersão profunda no campo de estudo que orbitou as vivências de mulheres. Esse movimento fez-se necessário para a ficcionalização das histórias capturadas através de entrevistas gravadas, transcritas e de ensaios fotográficos em preto e branco realizados entre os anos de 2013 e 2015 (LUDERMIR, 2016, p.17; G1, 2015; BRASILEIRO, 2015).

Em um dos trechos do livro (LUDERMIR, 2016) encontramos parte da biografia de Mariana, um dos corpus-trans em re(x)stência nas fendas da Cidade, que envolve acusações de crime, prisão, drogas e prostituição. Assim, ao procurar Mariana para ouvi-la, Chico descreve a experiência vivida com ela na Favela do Pilar (bairro do Recife Antigo): “Já era fim de tarde e o chão de terra ficava ainda mais alaranjado no Pilar. Na sombra de uma casa quase em ruínas, uma moça chupa uma manga com um dedo entortado por golpes de capacete. Ao lado outros caroços, já sem polpa” (LUDERMIR, 2016, p. 96).

Posteriormente, verifica-se a presença do autor, não só como aquele que descreve a cena vivida com Mariana, mas que se mistura a ela: “Desviamos de algumas poças de lama juntos. Comemos mais uma manga e seguimos com uma trouxa de roupa que ela pegou para lavar. Assim consegue o dinheiro para o hoje. No amanhã, só pensará quando acordar. Vai vivendo um dia por vez” (LUDERMIR, 2016, p. 98).

2.3 Imagem-cristal: curtas-metragens e ensaios fotográficos de vivências trans

Após essa imersão inicial, a costura do trabalho fotográfico, videografado e da escrita do que inicialmente havia sido projetado para serem reportagens, se encaminhou para confecção

de um livro, coletando os dados trazidos nas falas e fotos das mulheres, em tom biográfico. Assim, os ensaios fotográficos vieram em conjunto com o processo criativo do livro e compõe sua estrutura. Esses ensaios vieram da ideia original do projeto do Núcleo Integral de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco - NISC, mas foram tomando outras formas, outros desenhos, a partir dos encontros realizados, razão pela qual inferimos existir uma cartografia impulsionada pelos desejos e encontrada na forma de confeccionar a obra.

Em entrevista dada a jornalista Isabelle Barros (2015), Ludermir fala de suas transformações, de um binômio subversivo da ideia de ensino/aprendizagem resultado de sua estreita proximidade com as singularidades selvagens das mulheres pesquisadas: “Antes desse trabalho, eu também partilhava, de certa forma, de uma visão marcada pelos preconceitos da sociedade com relação às mulheres trans. Os ensaios partiram muito da história de vida delas e foram pautados a partir do que fui descobrindo” (BARROS, 2015).

Ilza Matias de Sousa (2011, p. 166), ao discutir algumas literaturas menores de singularidades selvagens como as de João Gilberto Noll, de René Magritte, de Lewis Carroll e de Clarice Lispector, afirma que essas afetam “a relação sujeito e objeto do conhecimento racional, a abordagem das singularidades selvagens exige tocar a exceção, deixar-se extravaganciar, haver-se com o estranho, dar-se à dissipação. A exceção é da ordem da exclusão – exclusão da regra, norma geral”.

A obra de Ludermir, também quanto aos ensaios fotográficos, pode ser adjetivada aqui como menor, periférica, marginal, com uma exterioridade selvagem, que não se deixa capturar ou integrar, é singular e carrega a propriedade de dissipar-nos. O próprio autor aponta nos traços de seu texto “formatos intencionalmente híbridos (o hibridismo se dá como continuidade das reflexões sobre certos limites da realidade e da construção. A vida é a arte e a própria memória é construída em ato e performance do cotidiano)” (LUDERMIR, 2016, p. 17).

As narrativas que se apresentam em imagens, nas fotos ensaísticas, instigam-nos a perceber que existe um entremeio situado entre objetos e sujeitos e ao mesmo tempo para além deles, contudo não se está nem em um lugar e nem em outro, mas em algo inominável que se subtrai ao controle e nos leva a olhar para os abismos (SOUSA, 2011). Acompanhando Deleuze (2010, p.35), diríamos que “é no meio do turbilhão que há o devir, o movimento, a velocidade,

o turbilhão. O meio não é uma média, e sim, ao contrário, um excesso. É pelo meio que as coisas crescem”.

A forma de estruturação dos curtas-metragens³⁹, da construção do livro, dos ensaios fotográficos e da intervenção artística envolvem um passado narrado, muitas vezes, na terceira pessoa do singular, indicava que aquela mulher que, para algumas, já foi tratada como se fossem um menino ou aquele amor que fazia uma autodestruição, retratava outra pessoa. No trecho do livro (LUDERMIR, 2016, p. 134) onde Brenda se declara apaixonada por seu amigo, além da dor da rejeição, ainda consta seu nome masculino para que reste claro que ela ainda figurava como Juninho à época, mostrando o estilo narrativo do autor:

-Eu queria dizer que eu gosto de você.
 -Claro, somos amigos. Eu também gosto de você.
 -Não. Amigas são Manuela, Cíntia. Eu gosto de você como namorado. Eu queria te dar um beijo.
 Na hora em que disse, foi se aproximando do garoto. Não havia ninguém por perto, mas mesmo que tivesse, já estava cego pelo nervosismo. Num segundo, estava com os braços nos ombros do colega. No outro, a mão do colega estava em seu rosto. E depois, o pé no seu rosto, o pé na sua barriga. No segundo seguinte, Juninho estava no chão. Nunca mais se falaram.

Ludermir afirma que a criação dos vídeos ocorreu da seguinte forma: “em um dos momentos, elas entram em contato pela primeira vez com os textos que fiz. É como um exercício em que elas recontam suas histórias, comentam o que querem mudar, por exemplo. É como se elas estivessem colocando em xeque a representação que é feita delas e meu papel como autor” (BEZERRA, 2015).

Foucault utiliza a experiência do espelho para que se compreenda melhor a ideia da Heterotopia. Aqui, os vídeos biográficos feitos por Ludermir em mais de um momento, as lidas, relidas, revisões, atualizações de situações havidas depois de o livro estar quase pronto compreendem uma experiência semelhante a do espelho. Essa inferência se dá, pois se trata de uma experiência mista, conjugando o lugar sem lugar de um vídeo lançado na internet (espaço virtualizado), que reflete a elas mesmas com a existência da vida real. Compreende-se, dessa forma, em um mesmo lugar e tempo, a realidade e a fabulação refletidas (CASTRO, 2015).

³⁹ Os curtas-metragens em vídeo foram disponibilizados na web pelo autor e foram realizados em parceria com a FUNDAJ com apoio do Laboratório de Imagem e Som do departamento de Comunicação da UFPE. A Linha documental usada por Ludermir inspirou-se no filme Jogo de Cena (2007), de Eduardo Coutinho (BEZERRA, 2015).

Os vídeos mostram várias realidades, intervalos de tempos com várias situações ligadas a mesma pessoa. Há ocasiões em que a edição do curta-metragem divide a tela entre dois momentos de vida diferentes que refletem a mesma mulher. Exemplo disso é Rayanne, uma mulher abandonada por seu companheiro pela vergonha desta ser um corpus-trans, mas que, posteriormente, reata seu namoro após seu companheiro ter resistido aos tentáculos da cis-heteronormatividade. Assim, o intervalo temporal proposto pelos curtas-metragens consiste:

[...] entre a percepção e a ação pode ser apreciado como momento da indeterminação. É nele que hesitamos, escolhemos, gestamos nossas escolhas com a totalidade de nosso passado. Nele também assistimos à gestação de um novo desejo, como também à emergência das nossas livres decisões. Nele, enfim, intuímos a atividade da criação quando, na pausa indispensável que exige o pensar, vemos emergir, com ritmo próprio, uma ideia nova, uma ideia tempo que será desenvolvida em uma atividade criativa (MACIEL, 2007, p. 57).

Maria Clara de Sena (2016), em seu depoimento no curta-metragem “Maria Clara: A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...”, comenta que esses entre-lugares que habitam simultaneamente o passado e o presente geram incômodos. Exemplo disso reside no fato da imagem-tempo necessitar o nome de batismo. No entanto, fica evidenciado, no material analisado, tratar-se de uma dor necessária, como a dor de um parto. Dores do parto que fazem parte da condição de corpus-trans:

Você também toca no meu nome Roberval que hoje ninguém me conhece por este nome. Não me faz mal, como eu disse... eu estou... eu passei por uma fase da vida que coisas do meu passado não me incomodam. Eu sei que este Roberval como as torturas psicológicas e físicas que eu sofri me fez ser essa pessoa que eu sou hoje. Também sei o “ele” aí porque ele (o autor) colocou. Você não está jogando palavras ao vento.

Destacam-se, assim, vários elementos de violência e de silenciamento da voz e do grito das mulheres que, em tela, se acoplam em agenciamentos produzidos pelo inconsciente colonial capitalístico de abjetificação dos corpus-trans, como o de Brenda que, em sua formação militar, após o ensino médio, também teve que desistir dos estudos porque seu corpo não cabia na instituição. Era destrutada e advertida de que não deveria estar ali. Ainda assim, seu corpo era desejado, perseguido após as aulas, tendo sido estuprada dentro da instituição militar. Como se não bastasse, seu estupro foi sua primeira relação sexual:

Brenda guardou da sua primeira relação sexual alguns arranhões na pele e uma dor castigante na região anal. Foram apenas cinco minutos escorada em cima da privada que lhe tatuaram a sexualidade daí por diante. Saiu quarenta minutos depois do estuprador. Ficou trancada soluçando baixo até que decidiu. Tomou outro banho se esfregando com bastante força e gargarejando água para tirar qualquer resquício daquele cheiro e gosto. Vestiu-se, pegou sua arma e partiu em direção à guarita. Da meia noite às quatro da manhã, se manteve de pé na porta da marinha impedindo que qualquer coisa de ruim acontecesse à sua instituição e aos seus companheiros (LUDERMIR, 2016, p. 166).

Encontram-se nos vídeos imagens que, vistas de forma isolada, apenas mostram mulheres esperando, pensando, mas acrescido ao som, ouve-se as vozes delas se narrando, seja em leituras de trechos de suas próprias biografias, seja na complementação de detalhes que não couberam no texto ou que surgiram posteriormente a sua edição.

Em outros vídeos, como o de Luana, que apesar de performar mulher, diz que sabe que jamais o será. No vídeo, ela aparece reflexiva e se não houvesse som algum, a imagem mostraria que Luana estava sem nada a dizer, apenas aguardando para ser descrita. Mas a voz da narradora de sua história é dela própria, até em silêncio.

Nesta análise, faz-se importante aproximarmos a ideia dos curtas-metragens à imagem proposta por Deleuze (1990 *apud* DINIS, 2005, p. 73) ao falar sobre o cinema: “trata-se da emergência de situações ópticas e sonoras substituindo situações sensório-motoras enfraquecidas. São produzidas situações de visibilidade e audição que não derivam de ações, nem necessariamente se prolongam em ações”. Os curtas-metragens trazidos neste trabalho falam individualmente de cada mulher enquanto unidade de vida através da produção de suas imagens-cristal.

O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: uma vez que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que diferem um do outro em natureza, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança para o futuro e a outra cai no passado. É preciso que o tempo se cinda em dois jatos dessimétricos, um dos quais faz passar todo o presente, e outro conserva todo o passado. O tempo consiste nessa cisão, é ela, é ele que se vê no cristal (DELEUZE, 1990, p. 108-109).

Em várias passagens dos curtas e na integralidade do curta sobre a biografia de Luana Rodrigues, as leituras do expectador ocorrem sem palavras, só pelos movimentos e linhas encontrados nas imagens do vídeo. Apesar das mulheres biografadas não se encontrarem entre

si diretamente nos curtas, esses encontros acontecem em virtude de cada narrativa estar marcada por desejos, desconstruções e por um nascer mulher que parece pertencer a um corpo ainda por vir. Assim,

[...] é a partir da escuta do corpo vibrátil e suas mutações, que o artista, desassossegado pelo conflito entre a nova realidade sensível e as referências antigas de que dispõe para orientar-se na existência, sente-se compelido a criar uma cartografia para o mundo que se anuncia, a qual ganha corpo em sua obra e se autonomiza de sua pessoa. Através da prática artística, atividade de semiotização da experiência humana em seus devires, a vida afirma-se em seu erotismo criador, gerando novas paisagens existenciais (ROLNIK, 1999, p. 3).

Encontramos tanto no curta-biográfico de Maria Clara de Sena como na paisagem desenhada no livro produzido por Ludermir o encontro de realidades. Na “História Incompleta...”, o autor também acompanha Maria Clara no seu dia a dia, seus hábitos, costumes... e a violência diária que sofre. Chico Ludermir (2016, p. 109) traduz o que viu na situação da seguinte forma:

Na Rua da Imperatriz, Maria Clara ouviu a primeira gracinha da noite. Veio de um menino de uns quinze anos, que andava em grupo com outros três. "Queres essa morena pra tu?", perguntou ao colega em tom de deboche. Na ponte velha, um senhor barrigudo não precisou dizer. Apenas olhou com um desprezo firme Clara se aproximar, cruzar e passar. Já entrando na estação Central do Recife de metrô, ela ouviu mais uma, desta vez de um vendedor ambulante. "Essa daí vem com um brinde", gritou para quem quisesse ouvir. "O brinde é a sua mãe", respondeu, sem olhar para trás, misturando-se à confusão do centro. Uma multidão se empurrava disputando espaço em um dos vagões rumo a Camaragibe. Mesmo assim, ela não passava despercebida. 1,90, negra, cabelos cheios, óculos de armação grossa, Clara prendia olhares, despertava desejo, desdém, comentários. Tinha sido assim por todos os lugares que passava desde o mais longe que podia resgatar na memória.

Por outro lado, o que sentem as mulheres retratadas nesta obra nem sempre está à mostra. Maria Clara de Sena (MARIA CLARA, 2016) desabafa para a câmera, no curta-metragem que protagoniza, que a experiência da obra de Chico Ludermir trouxe percepções e sentimentos que a inquietaram. Ela reconhece sua rotina na situação dos apedrejamentos sociais de todo dia. Assim, o que para o mundo é um descostume, para ela são enfrentamentos diários. As fendas da cidade perpassam aquela mulher ou são ela própria:

Pois é, essa parte mostra para você os desafios que todo dia a gente passa... de graça, de olhares... eu fico até feliz que neste dia que você estava comigo não ter tido momento de agressão física. Porque já tive que partir para briga por defesa. E nesse momento eu estava meio que frustrada de estar com você

porque para mim é normal. Era o trivial: feijão, arroz e charque. Daí eu estar com você... eu estava meio que te protegendo para que você não visse aquilo tudo. Você é uma pessoa que tem o seu mundo e estava no meu mundo. Eu pensei: isso ele não pode ver. Isso ele não pode sofrer... foi assim.

A compreensão das imagens-cristal nas biografias videografadas exigiu de nós uma escuta que só o corpo vibrátil e suas mutações permitem: as educações incidentais vieram da criação de uma cartografia entre a nova realidade sensível e as referências antigas. Nesta tese, as educações incidentais exportaram, tornaram exógenas e trans-emergiram a experiência humana em seus devires por meio da semiotização, mas poderiam vir por tantos outros lugares quanto há singularidades e trocas nas estratégias e possibilidades de ensino/aprendizagem.

Compreendo que os entre-lugares descritos como heterotopias nos ensinam que as imagens-cristal atrelam passado e presente e os intervalos entre eles abrem-se às várias realidades e fabulações. Estes geram incômodos e afrontam o inconsciente colonial capitalístico, que abjetifica o corpo-trans, enquanto unidade de vida. Tal afrontamento não consegue conter os desejos e deslocamentos do ser/tornar-se/nascer mulher.

Seguindo na ideia do “nascimento-mulher”, surgiu para Anne a notícia de que teria uma irmã do novo casamento de seu pai. Tal fato permitiu que ela pudesse fabular-se e projetar-se, como se também fosse ela que estivesse sendo gestacionada, desta vez, biologicamente feminina. Sem pudores ou limites (LUDERMIR, 2016, p. 40):

Enquanto silenciava, Anne se sentiu dentro de uma barriga. A voz do seu pai parecia atravessando o líquido amniótico e as palavras pareciam ser ouvidas por alguém que está dentro de uma piscina de água morna. Tocou-se reconhecendo a formação embrionária de seu próprio corpo. Tomava conhecimento dos seus braços, mãos e dedos ainda em formação; das suas pernas e de sua cabeça em proporção enorme em relação ao resto do corpo. A genitália que se formava entre as pernas, não lhe dizia nada. O amor de dentro para dentro, sim, dizia. Era uma menina. A irmã era menina. Antes de nascer já era aceita. Chutou.

A leitura e o estilo de Chico Ludermir (2016, p. 127) também traduzem em nudez sensível a “gestação” de Brenda, da qual o nascer foi cumprido e diferente, assim, como as demais singularidades dos corpus-trans que apresentamos nesta tese:

Os nove meses da gestação de Brenda foram quatro – o tempo que precisou, ao contrário das gravidezes, longe do ventre familiar. No Rio de Janeiro e na marinha buscava a possibilidade de se sustentar sem a interferência repressora, em especial das tias e da avó paterna. Adorava a presença feminina e a casa de Vovó Nininha, onde ajudava a fazer bolo e arrumar a casa. Mas o preço da retaliação pela tentativa de copiá-las tinha trazido tensões desastrosas. Ou os nove meses da gestação de Brenda foram os vinte e um anos que havia vivido até então. Cada vez mais, as contrações lhe doíam.

2.4 Intervenções artísticas: performances no/do passado

A intervenção artística “Mulheres: Nascer é Comprido” contou com articulação de novas parcerias: a Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ - e a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – que permitiu um novo “pensar”, a partir de variações no corpo vibrátil do autor. Realinou-se o eixo da discussão para uma análise cartográfica dos desejos em educações incidentais no momento em que cada uma faz os seus processos de floração de realidade enquanto mulher.

Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos *possíveis* que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem – nada a ver com a demanda narcísica de alinhar-se à “tendência” do momento para ganhar reconhecimento institucional e/ou prestígio midiático. A especificidade da arte enquanto modo de produção de pensamento é que na ação artística, as transformações de textura sensível encarnam-se, apresentando-se ao vivo. Daí o poder de contágio e de transformação de que é potencialmente portadora tal ação: é o mundo o que ela põe em obra, reconfigurando sua paisagem (ROLNIK, 2006, p. 104).

Contextualizando a concepção da intervenção, registra-se que surgiu um convite vindo dos pesquisadores, Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos Junior⁴⁰ e da Coordenadora de Artes Visuais Bruna de Sousa Pedrosa Paes, funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, para

⁴⁰ Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos Junior possui graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1984), mestrado em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e doutorado em Economia - University College London (1994). É Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco desde 1990 e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará desde 2013. Foi Diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães entre 2001 e 2006 e Pesquisador Visitante no grupo de pesquisa TrAIN - Transnational Art, Identity and Nation, na University of the Arts, em Londres, entre 2008 e 2009. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Teoria da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte brasileira, arte e política, cultura contemporânea e globalização. Foi curador da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

adaptação das fotos e dos textos de Chico Ludermir para desenvolver uma intervenção artística, que ficou em cartaz de 23 de julho à 24 de agosto de 2015 (PESSOA, 2016).

A articulação da resistência em espaços estatais como universidades, fundações públicas e equipamentos culturais estatais pode ser vista como elemento de discursos ativos que se contrapõem a uma micropolítica reativa⁴¹, dispondo de possibilidades para outras estratégias. Telles e Loguercio (2018, p. 302) discorrem no sentido de que:

Mobilizar e facilitar um entendimento mais amplo do que é a ciência e de onde se localiza o campo de estudo daquilo que se diz científico e, ainda, por que o dizem científico; evidenciar, através das lentes das Artes Híbridas e da potência, e da mobilização do conhecimento nos períodos de grandes disputas e combates, os engendramentos construídos do saber e provocar no futuro pesquisador em ciência (seja na educação, seja no laboratório) a possibilidade de tradução do mundo de uma perspectiva para além da crítica, por assim dizer.

Ao seguirmos as investigações sobre a produção artística de Chico Ludermir, chegamos ao projeto Arte, Reforma e Revolução (FUNDAJ, 2015) que tinha como proposta de desconstrução manter o prédio da Fundação Joaquim Nabuco "vivo" durante a reforma física do edifício Ulysses Pernambucano, construído, na década de 1950, no bairro do Derby, em Recife-PE. A estratégia cultural propunha debates ligados à resistência, como "Cidade e Resistência", "Arte e Resistência" e "Política e Resistência", bem como albergava exposições, projeções nas ruínas da obra, visitas guiadas pela reforma e intervenções artísticas dentro da própria obra. Na esteira desses debates e exposições, emerge a intervenção artística de Chico Ludermir que foi nominada: "Mulheres: o nascer é comprido".

Nesse mote, articular a reforma do prédio aos ensaios fotográficos, ao livro e aos vídeos trouxe à baila a relação entre o corpo e o espaço, constituindo-se em uma performance educacional no ato. Assim, uma das iniciativas foi permitir que os curtas-metragens fossem projetados nas paredes em reforma (BEZERRA, 2015). Ademais, vinte fotografias tornaram-se imagens-revolução, sendo dez delas dos arquivos pessoais das mulheres que compõem a obra em momentos nas quais ainda eram identificadas como do gênero masculino; e o restante, também publicadas no livro, oriundas dos ensaios fotográficos que posteriormente compuseram o livro.

41 A micropolítica reativa do inconsciente colonial-capitalístico comanda o sujeito moderno por mecanismos de resistência egoístas e centrados na luta pela sobrevivência (ROLNIK, 2016).

Pistas de uma educação incidental se deram na base das imagens em preto e branco que foram inicialmente impressas em azulejo e que, posteriormente, sofreram intervenções (tanto as do acervo pessoal quanto as dos ensaios do autor) pelas próprias mulheres travestis e transexuais. Tais processos educacionais giravam em torno das noções de exploração e de transformação corporal vividas por transexuais.

O fato de terem sido impressas em azulejos permitia que elas pudessem “alterar”, “mexer” em seus passados, de forma gráfica, corrobora para uma educação de si, de um conhecer-se. Nesse ínterim, a imagem deixava de ser estática para permitir uma alteração dinâmica do passado-presente, situando-se no meio, no entre-lugares (BRASILEIRO, 2015; G1, 2015; BARROS, 2015).

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com o “novo”, como ato insurgente, e não parte do *continuum* do passado e do presente. Gera uma produção artística que não apenas **retoma o passado – causa social ou precedente estético –**, **mas o renova, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que, além de inovar, interrompe a atuação do presente.** O “passado-presente” torna-se parte da necessidade (e não da nostalgia) de viver (BHABHA, 2003, p.27, grifos nossos).

A impressão das fotos em azulejo facilitou o processo de alteração das imagens, uma vez que permitiu à algumas mulheres desenharem sobre seus corpos e escreverem sobre suas experiências. Além disso, foram acrescentados textos do autor às imagens, mostrando a intrínseca relação do autor com as mulheres. Depois, os azulejos com as inserções foram fixados com cimento nas paredes que estavam em processo de restauro (BEZERRA, 2015). Dentre os textos acrescentados temos:

Nascer mulher, afinal, para muitos não é fato imediato, mas processo cumprido o bastante para durar uma vida inteira. E que, mesmo assim demorado, é para muitas incontornável”. “Que o amor oriundo do nascimento, quando o sexo biológico é revelado, permaneça em nossos pais após revelarmos nossa identidade de gênero. Afinal, sendo meninas ou meninos continuamos sendo filhos ou filhas”. “Não se nasce mulher, nos tornamos! O amor de minha mãe foi essencial para minha realização. Nasci num corpo que não me pertencia, modifiquei e me realizei (grifo nosso).

Alexandre Filordi de Carvalho (2016) afirma a importância de discorrermos sobre novas formas de experiências, que realcem subjetividades ativas que libertem concepções e condutas

oriundas de uma individualidade imposta. Nesse sentido, Maria Clara de Sena, em entrevista sobre a intervenção artística, afirma que:

No primeiro momento foi tranquilo. Quando ele falou sobre a ideia de mostrar as fotos do passado, eu até pensei um: 'Eita...'. Mas sabia da importância de colocar na exposição porque é a minha história. Depois fui ficando mais à vontade, quando gravamos o vídeo também, começou a fluir a conversa da nossa vivência.

Robustecendo essa ideia, registramos que a estreia da intervenção artística foi marcada pela composição de uma mesa redonda com o curador Moacir dos Anjos e a professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE, Cristina Teixeira Vieira de Melo, além do próprio Chico Ludermir (BRASILEIRO, 2015). O lançamento do livro só ocorreu no ano de 2016, dia 12 de novembro, na Festa Literária das Periferias (FLUPP), na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e no Recife, no dia 1º de dezembro (PESSOA, 2016). Importante registrar que a distribuição de exemplares e a entrada no evento era gratuito para mulheres trans e travestis.

As educações incidentais rompem estruturas (im)postas a partir das bordas e margens do cis-tema educacional por micropolíticas ativas e, essa condição tem propiciado (ROLNIK, 2016, p. 8-9) que:

um novo tipo de ativismo que vem se propagando mundo afora e que na sociedade brasileira tem acontecido principalmente nas periferias – em especial entre jovens, negros, LGBT e dentre eles, ainda mais especialmente as meninas. Com uma lucidez e uma inteligência extraordinárias, inventam-se múltiplas formas de ação micropolítica em seu sentido ativo. Estas talvez não caibam no imaginário das esquerdas – sobretudo em sua versão partidária e sindical – e menos ainda no binômio esquerda versus direita, no qual tal imaginário se situa e ganha seu sentido

O cis-tema tenta espalhar-se, envenenar e bloquear através de estratégias que tentam interditar os corpos e os fluxos de desejo. Contudo, as potências, o desejo, as micropolíticas ativas das educações incidentais estabelecem-se de forma complexa e múltipla como raízes que emergem produzindo conexões e em direções imprevisíveis ou ainda não existentes nos espaços que interagem com as vidas, seja na escola ou fora dela.

2.5 A poesia política dos corpus-trans em movimentos éticos, estéticos e políticos

A obra de Chico Ludermir em si apenas tangencia o autor, sobrelevam-se as potências dos corpos nela contida de imediato. Foucault (2001, p. 72), em *Ditos e Escritos IV*, indica que “o que é preciso fazer é prestar a atenção no espaço esvaziado pelo desaparecimento do autor; seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas, e espreitar os lugares, funções livres que esse desaparecimento faz aparecer”.

Nesse sentido, os *corpus-trans* são articulados em conceitos ante as imagens dos ensaios fotográficos, da poesia política do texto e das fotos do livro, da imagem-cristal vivenciada nos curtas-metragens e da intervenção artística que reuniu quase todo material de pesquisa produzido pelo autor. Estes permitiram que se lessem hiatos que esvaziavam o tempo para construção desta pesquisa em educação.

A composição das narrativas ocorre de costuras de diversos materiais e mídias que podem ser verificados, por exemplo, na fala videografada da biografia de Brenda Bazante (2016), mulher que compõe o título da obra, e que desenha o estilo de Ludermir (2016) no livro:

[...] você também **associou essa situação em particular a um outro período criando dentro da biografia em si uma nova situação, juntando nomes a tempos diferentes**. Tratando em particular de uma situação que foi muito delicada. Eu me emocionei muito porque realmente parece que eu fiz uma viagem para aquele momento (grifo nosso).

Ao analisar o material empírico, podemos nos socorrer à Eugênia Correia Krutzen (2011) que discorre que para um trabalho literário tornar-se relevante o autor deve “se arvorar ao perder essa autonomia do dizer, para em seguida recuperar na forma de cintilações”. Assim, importa-nos o que Bruna Benevides (2016) torna translúcido em sua opinião sobre a obra:

Em muitos momentos fiquei feliz, triste, excitada e algumas vezes senti a dor de cada uma, especialmente por ser uma mulher trans – com identidade travesti, que a cada linha, página e capítulo se enxergava ali. Nua, exposta na minha mais interna singularidade. Tendo meu corpo e minha vida escancarados diante do alcance que os textos poderiam causar. Diante de toda mudança e ressignificação, desconstrução e construção que ele poderia promover. Cada pessoa ali era um pouco de mim e eu um pouco de cada uma delas. (...) tudo isso e muito mais é dito de uma forma muito peculiar. Sublime. Intensa e honesta.

Especificamente, analisamos neste item três movimentos de estilo provocados pelo autor que trouxemos para a articulação do conceito de educações incidentais: movimento-ético, movimento-estético e movimento coletivo-político.

2.5.1. Educações incidentais em movimentos-éticos

O primeiro movimento identifica, em seus processos, a construção de uma liberdade ética que incita o “outro” para uma condição de aproximação e retração da segregação, mesmo que isso ainda ocorra de uma maneira ainda utópica. Frente a esses movimentos, que perpassam a ficcionalização das narrativas, inferimos a necessidade de uma cartografia como a dos descostumes que se move, que se faz ora densa, ora rarefeita, pois trata-se de linhas de força que dobram e se desdobram sobre o sujeito e, em efeito, criam “encontros que tornam bela a incompletude” (LUDERMIR, 2017).

Contextualizamos tal movimento trazendo para a discussão nosso material empírico. Logo, ao perceber as manifestações, rupturas e emergências que o eu-menina de Anne provocava, a mãe de Anne, Somália, é acolhida afetivamente pela sensibilidade gerada por seu companheiro norte-americano (Peter). Esse passou a comprar as bonecas que Somália não ousava adquirir em virtude da rigidez do pai de Anne. Mesmo após deixar o Brasil, ao findar o doutorado, enviava-lhe bonecas de todo o mundo. Peter dizia para Somália: “Deixa, Sol. Não tem isso de brinquedo de menina ou de menino. Só existe brinquedo e ponto” (LUDERMIR, 2016, p. 32).

Há uma ética na simples fala que rompe o binarismo moralista tão apregoado pelo sistema. É um itinerário ético do corpo que conforme preceitua, experimenta e avalia sendo ao mesmo tempo um aprendizado contínuo, livre das amarras simbólico-políticas dos discursos e dos currículos formais do conhecimento. Assim, a protagonista da obra aprende, ensina, transita por espaços, estórias, fábulas, lembranças e sentimentos até achar um nome próprio para o que vibrava seu corpo.

Recorda que em certa situação de tristeza e melancolia “lembrou-se de um livro do seu autor favorito, Rubem Alves: Ostra feliz não faz pérola. E imediatamente emendou com uma das frases que mais gostava do escritor: “No lugar que os nomes nascem eles brilham com clareza espantosa” (LUDERMIR, 2016, p. 126). Escolheu a princípio o nome Lilith e se

remeteu novamente ao espaço escolar, embora seu batismo posterior por Bruna Benevides a tenha feito Brenda.

Queria incorporar essa deusa dos céus da mitologia suméria. Na verdade, lhe interessava mais a representação hebraica de Lilith. Primeira mulher de Adão, abandonada por ter se recusado a deitar-se embaixo dele no ato sexual. "Por que ser dominada por ti se eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual?", perguntava. A insubordinação rendeu a Lilith a expulsão do paraíso e ainda mais: a responsabilidade pela encarnação de todos os pecados do mundo. A deusa também representa a serpente que levou Eva a comer o fruto proibido. Tinha escutado essa história na época de colégio, contada por Zaira, a bibliotecária, e nunca mais esqueceu.

Assim, a educação incidental mostra sua faceta ética ao romper com os modos de sujeição impostos por pautar-se em um domínio de si. Trata-se de um itinerário ético que perpassa a estética da existência e que subverte a lógica do cis-tema e seus processos de individuação estabelecidos na moral dos comportamentos estruturados juridicamente e que rendem aos seres humanos as regras que determinam como devem se comportar, quais os códigos que os regem e a possibilidade ou não de sua existência (FOUCAULT, 2001).

2.5.2 Educações incidentais em movimento-estético

O segundo movimento, que é estético, trata de uma pragmática da sismesmidade por articular a educação incidental aos devires minoritários em experimentações desviantes e desterritorializantes. Cada mulher narrada apresenta sua dinâmica de constituição, o fato de estabelecer-se mulher para si e para a sociedade. Apesar de esse ser um movimento comum a todas, existe:

A singularidade de cada vida. Por mais que exista, sim, um tanto de padrão, há um outro tanto muito maior de nuances que permitem aprofundar em cada uma delas sem repetições. Cada personagem deste projeto colabora com sua história, com sua imagem, com sua voz (LUDERMIR, 2016, p. 18).

A disposição fórica das educações incidentais nesta tese, que se potencializa pela arte-geradora, é estética em sua essência, mas também há estética nas vivências e nos corpos abjetificados e dissidentes que a compõe. Deivid Nascimento de Carvalho (2020, p. 127), enquanto corpus-trans, aponta que:

A tecnologia “reconfigura” o corpo, possibilita a reinserção do indivíduo na sociedade, emoldura novas práticas de comunicação deste corpo com o

mundo, na projeção de visibilidade sob suas identidades, na abertura de diálogos em plataformas multimídias, no debate sobre suas existências através das mídias sociais. A tecnologia adentra o corpo, transformando-o na subversão do sistema sexo/gênero, nas possibilidades de ser e existir, na diversidade identitária e na indefinição da identidade. O orgulho de entender-se trans e assumir bandeiras de visibilidade são, por sua vez, trajetórias de encontros consigo, na autoaceitação de marcas que o corpo carrega como fruto resiliente, na luta do eu contra si mesmo e na constante guerra contra o preconceito e violência que acomete estas identidades.

Os atritos dos corpos-trans nos contextos familiares trazem novos arranjos e a discussão estética do corpo feminino gera efeitos demolidores e subversivos, mas também implosões do eu ao invés de reterritorializações e das pragmáticas de simesmidade. Para Luana, a transformação do corpo trouxe consequências que ela não previra e que deixou sequelas:

Na foto não transparece, mas os mundos internos estavam bem confusos naquela virada de ano. Não foi fácil para Altair amar Luana em corpo feminino. Nem poderia ser para Luana amar Altair. Sentiam como se formassem um novo casal. E eram. Não mais dois homens, nem mais dois gays. Agora um homem e uma mulher, por mais que até hoje Luana sinta que o termo não corresponda à realidade. "Nem sei se quero ser mulher Quero ser aceita por mim mesma. Altair nunca havia se relacionado com nenhuma mulher. E Luana agora se interessava por homens heterossexuais. O pequeno peito que começara a crescer dava-lhe intenso prazer, mas Altair não tinha tesão por eles, nem desejava tocá-los. Deixaram de gozar juntos porque ela passou a demorar demais. O centro do sexo não era mais o pênis dela, que até tinha mudado de forma e tamanho. Ao ser penetrada, sentia orgasmos mesmo sem ejaculação. "Ele dizia que me amava, mas me amava enquanto menino. Quando fazia sexo comigo, parecia que sentia nojo" (LUDERMIR, 2016, p. 78-79).

No vídeo biográfico de Luana Rodrigues postado no *youtube*, permanece um comentário de seu ex-companheiro, Altair Pontual:

Nossa! realmente vivemos 14 anos, momentos mágicos, mas a natureza das coisas nos levou a rumos diferentes, porém com o mesmo amor, só que o mais puro amor fraterno! Esse termo nojo, não é no pior sentido da palavra, muitos gays dizem que não ficariam com mulher, se forem perguntado, dizem: ai que nojo, algumas travestis a mesma coisa, mas não, não é no pior sentido pejorativo da palavra! não interpretem mau, te amo para sempre Luana Rodrigues. Obrigado por me citar tão forte e importante em sua vida! você também na minha (LUANA, 2015).

As educações incidentais resgatam movimentos de memória e imaginário ao mesmo tempo que emergem enquanto Ciência Menor, Educação Menor, em uma realidade às vezes brutal, dando forma, desenhando por fluxos afetivos que se manifestam não só nas alterações

do corpo, mas também da mente. É nesse contexto que Chris Falcão relata sua história: “a barriga, no entanto, cresceu. Os peitos incharam-se de leite. Chris estava grávida. E ficou plena por se sentir mulher fértil. Para ter certeza, investigou, viu que não era verme, vírus ou bactéria. Era, sim, gravidez. Psicológica. O parto não teve dor física, só emocional” (LUDERMIR, 2016, p. 55).

A narrativa de Chris Falcão transcrita na obra de Chico Ludermir traz elementos ficcionais que não podem ser capturados pela Ciência Maior apenas pela arte e pela construção de saberes outros. Isso se dá porque ocorrem “linhas de fuga que impedem a sua total captura pelas ciências maiores”. (DUARTE; TASCETTO (2013, p. 112-113).

A gravidez psicológica de Chris vinha do desejo de paternidade de Mailson, seu companheiro à época. Sobre esse período, Chris relata, em seu vídeo biográfico, sobre a estética inusitada feminina que experienciou: “começou a inchar, começou a tomar formas. Meu peito começou a sair leite, ficar duro. Aí bate aquela sensação... existia alguma coisa errada, a ciência estava errada, eu tenho órgão genital masculino, mas eu devo ter óvulos e ovários. Eu sou uma mulher completa (CHRISTIANE, 2016).

2.5.3 Educações incidentais em movimentos coletivos-políticos

O terceiro e último movimento é o coletivo-político, que atua no alinhavar de uma “colcha de retalhos”, considerada por ele como elemento de “um mesmo estrato social: mulheres trans e travestis” (LUDERMIR, 2016, p. 18) consideradas em relação a experiências comuns de discriminação, preconceito, violência e marginalização revertidos em processos políticos de enfrentamento coletivo com ações concretas de alteridade e sororidade que vão compor os alicerces trans-dialógicos das educações incidentais.

Nesse contexto, podemos citar a vida de Wanessa que após um dia de trabalho e a reconquista de poder frequentar as salas de aula à noite, voltava pela orla da cidade de Olinda, onde conhece a travesti Benúbia: “até então, tinha pavor de virar travesti e ficava em pânico ao entrar em contato com sua identidade feminina já muito intensa. Primeiro aprendeu com Bê [Benúbia] o linguajar que se usa na rua: "ocó", "amapô", "uó", "papapum", "edi". Depois frequentou a pista só para observar, perguntar e tirar todas as dúvidas de como ir para a “batalha” (LUDERMIR, 2016, p. 118).

De forma contrária ao que o cis-tema impõe, Chico Ludermir propõe em sua escrita poética, um anti-destino ao que lhes torna estigmatizadas. Logo, tomando por exemplo Brenda, uma das mulheres biografadas, esta introduz em sua narrativa uma de suas amigas travestis, Bruna Benevides⁴² (2016), e é justamente para Bruna (militante LGTQI+), por coincidência, que a Revista Continente solicita uma crítica sobre o livro “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...”. Bruna Benevides é convidada pela revista para que figure como uma travesti analisando o trabalho de um homem cis sobre corpus-trans. Benevides afirmou que “as mulheres foram retratadas enquanto seres humanos de fato, tão diferente de textos outrora escritos sobre nossas vidas. Entrelaçadas, como uma colcha de retalhos que, em muitos momentos, se confrontam exatamente com as mesmas violências, perspectivas, necessidades e possibilidades”.

Outro aspecto do movimento coletivo-político das educações incidentais está em uma rede espontânea de vidas que propositalmente se acolhem. Assim foi com Luciana Veronese, uma das mulheres que compõem nosso material empírico, que relata uma situação ocorrida na época da ditadura militar no Recife e que articulou, como exemplo pedagógico das educações incidentais, movimentos de re(x)istência, mas também de sororidade e alteridade com uma colega de prostituição.

À época, havia um elemento de sororidade onde elas avisam umas às outras: “Naqueles tempos da ditadura, a união era imprescindível. O alerta vinha ao primeiro sinal de polícia nas imediações. Assovio, grito, palma, valia tudo avisar às outras que a repressão se aproximava” (LUDERMIR, 2016, p. 23). Na fala de Luciana, em seu vídeo biográfico, registra o momento de uma batida policial: “Cercou. Quem pôde correr, correu. Eu corri. Tinha uma amiga que morava comigo na Brasilit. Corri. Ela ficou... a mais mole ficou. Quando vim ver, a pobrezinha estava lá levando cacete. Eu fiquei com pena. A gente veio juntas e vai voltar juntas para casa” (LUCIANA, 2015).

42 Bruna Benevides faz parte de nosso escopo teórico e é travesti, militar, primeira mulher transexual a receber o Prêmio Mulher Cidadã da ALERJ. Militante LGBT e Ativista Transfeminista. Coordenadora do Prepara Nem-Niterói. Presidenta do Conselho Municipal LGBT de Niterói, Secretária de Articulação Política da ANTRA e Coordenadora GTN.

Assim, um movimento coletivo e político das educações incidentais produz percepções sobre as subjetividades a partir de narrativas que se estabelecem em redes de suporte recíproco para a resistência revolucionária ao cis-tema, mas também de se retroalimentar, seja na macropolítica ou na micropolítica, sem pagamentos, sem interdições, sem silenciamentos e sem invisibilizações das singularidades dos corpos dissidentes.

Para concluir, a cartografia aqui proposta trouxe a possibilidade de gerarmos um mapa que tracejou os fluxos contínuos contidos na Cartografia de Chico Ludermir. Observamos que, apesar do inconsciente colonial capitalístico, insurgem linhas de fuga e novos espaços de resistência e invenção na educação. O primeiro movimento, que buscamos desenvolver para alcançarmos a resposta à pista proposta, mapeou a molecularidade observada nas linhas de fugas a partir das subjetividades do autor e de seu olhar vibrátil. Percebemos os processos educacionais incidentais acionados em sua estilística política, estética e ética da existência.

Observou-se uma forma de educação paralela e rizomática, que fugia a estrutura totalizante e universalizante de uma pedagogia maior, uma vez que o autor se transforma na obra ao mesmo passo em que aprende. A partir desse movimento de consciência de um aprendizado recíproco, surge o segundo movimento que mapeou a molecularidade observada nas linhas relacionadas as personagens e da relação delas consigo próprias. Percebemos que a desconstrução e a reconstrução de suas memórias permitiram que elas operassem sobre os assujeitamentos vivenciados como formas incidentais de aprender/ensinar/ensinar-se.

Ao final desse capítulo, reforça-se a ideia de que não há fim nos caminhos traçados nessa cartografia, mas a pista inicial nos trouxe, através dos movimentos descritos à composição do mapa dos fluxos contínuos percebidos no autor, personagens e obra na arte de Chico Ludermir. É nessa composição que a educação incidental surge, especialmente no agenciamento composto pelos contra-fluxos, re(x)istências e potências disruptivas encontradas que promoveram a eclosão de rizomas.

Percebe-se que a educação também surge por caminhos incidentais, porque a ciência pensa a educação como conceito e se concentra em processos empíricos enquanto possibilidades já constituídas. Acrescentam-se então produções artísticas que resplandecem nas imagens-cristal de vivências trans que entrelaçam em simbiose entre a filosofia e as artes como formas de pensamento. Por tanto, pudemos propor processos educacionais a partir dos

descostumes das fendas da cidade e, a partir de rizomas artísticos, deslocar proposições pedagógicas para um arejamento de possibilidades de se discutir o pensamento e o trânsito de corpos atemporais e sem lugar específico ou ordenável.

Para isso, problematizaremos, no próximo capítulo, as garras do cis-tema que se impõe aos corpus-trans. Estas tentam deformá-los através de uma micropolítica reativa do inconsciente colonial capitalístico sobre o maquinário escolar, que, tanto literalmente quanto simbolicamente, esquartejam e matam. Contudo, traremos também possibilidades educacionais que se vinculam a um trans-dialogismo e suas linhas de micropolítica ativa percebidas no cotidiano da periferia social.

III - *A* MICROFÍSICA REATIVA PROCRUSTIANA, CORPOS TRANSEXUAIS E O TRANS-DIALOGISMO EDUCACIONAL

Possuía, em sua casa, uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes para se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, os que tinham baixa estatura, eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Ninguém sobrevivia, pois nunca uma vítima se ajustava exatamente ao tamanho da cama (SERRATO, 2010, p.145).

As vivências que serão expostas aqui problematizam a microfísica reativa na sociedade e, conseqüentemente, na educação. Teremos como pista cartografar o cis-tema a partir das potências de corpus-trans. É essencial que reconheçamos que nosso pensar sobre o encontro dos corpos *trans* com a educação moveu-se a partir do acesso ao material empírico do artista/jornalista pernambucano Chico Ludermir. No entanto, “o indivíduo não nos é dado”, como adverte, e por nós são recebidas as palavras de Alípio de Sousa Filho (2013). Sendo assim, deslocamos os registros das vivências de mulheres reais para substanciar de forma prática os descostumes que criam vistos e sentidos em uma obra de arte, a despeito das forças políticas que também atuam no espaço educacional.

A pista que cartografa o cis-tema a partir das potências de corpus-trans gera dois movimentos que se mostram essenciais: 1) mapear as críticas à dissociação e ao controle dos corpos vistos em linhas moleculares e molares⁴³ das construções discursivas e normativas. 2) posteriormente, desedificar os discursos educacionais que transitam no universo da representação na qual se baseia atualmente a pedagogia. Nessa direção, o dispositivo teórico-prático (cartografia dos descostumes), descrito anteriormente, articula múltiplos pensamentos dentro da linha de novas subjetividades e da filosofia da diferença na educação. Tais pensamentos, em consonância às provocações de autores como

43 Segundo Deleuze e Guattari (2012), molecular seria uma segmentaridade flexível, refere-se aos devires, aos fluxos e as intensidades. De forma contrária, molar refere-se a uma segmentaridade dura, às estratificações, as representações.



Foucault (1996; 2001; 2004; 2012); Deleuze (1988; 2000; 2001; 2010; 2012); Mbembe (2018); Preciado (2014); Zourabichvili (2004); Hilário (2016); Marinho (2014); Rolnik (1997; 2006; 2016); Souza Filho (2013); e Veiga-Neto (2013), reforçam o sintagma foucaultiano de pensar outramente.

Veremos mais adiante neste capítulo que a cama procrustiana aqui indicada no prólogo não será a escola; procrusto não é a educação; e as vítimas deste titã, consideradas mais teratológicas e mitológicas do que o próprio personagem monstruoso, não são a individualidade de cada mulher aqui cartografada... A partir dessas negações, traz-se como possibilidades de encontro os processos de articulação teórica e prática que também não invocam diretamente discussões pedagógicas ou didáticas, mas que tratam da possibilidade de ruptura de alguns signos educacionais em suas verdades e que contribuem para observarmos os eventos delimitantes da sociedade disciplinar e de controle.

3.1 Cartografias dos descostumes: o mapeamento de uma micropolítica ativa no cotidiano da periferia social

Aos desavisados que por ventura seguiram adiante após a epígrafe deste capítulo, cabe-nos advertir que este capítulo, cartográfico, rizomático, faz parte de um complexo de vivências que se comunicam e trans-dialogam e que se apresentam potentes e reais. Trata-se de uma cartografia dos descostumes, do que não é cotidiano, do que é marginal, uma potência de discussão que se vincula ao devir-mulher... e que comunga com a crítica de Preciado (2014) à homossexualidade molecular denunciada quanto a Deleuze, pois é pautada na contrassexualidade percebida em corpos abjetificados, de pessoas desterritorializantes e processos de educação incidental.

Ademais, ocupamos uma gama de conceitos e noções que atrelamos a esta cartografia dos descostumes, uma vez que permitiu a compreensão das práticas discursivas: deslocamentos, posições, campos, lugares, territórios, domínios, solos, horizontes, paisagens, configurações, regiões, solos e geopolíticas (ALBUQUERQUE JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA FILHO, 2013). Tais conceitos postos são recorrentes e permitem repensar as próprias histórias de vida (sejam trans ou não) pelo estranhamento do cotidiano, uma vez que o dia a dia de *corpus-trans* não é comum para além de quem o vive em suas relações, tensões, conflitos e

que levam a constituição e ao desmonte de dadas configurações ou desenhos espaciais. Chico Ludermir retrata esses elementos na vida de Deusa:

Saiu do curso profissionalizante no começo da noite; comprou um litro de vinho Carreteiro; bebeu todo para se preparar; e encontrou-se com um cliente na Praça do Diário. Fez sexo em um motel, comeu, cochilou, acordou. Fez sexo outra vez. Recebeu cinquenta reais; pegou um táxi de volta pra casa. Comprou outro litro de vinho, dessa vez para se limpar. E esperou a hora da entrevista. Converso com uma garota exausta. E o cansaço do corpo me revela o exaurir que vai além do físico. Mas Deusa usa a embriaguez para se esquivar dos mergulhos que tocam o assoalho de suas dores, a maior delas, a perda precoce da mãe (LUDERMIR, 2016, p. 64).

A Cartografia dos Descostumes aqui proposta, pretensiosamente, veio no afã de que seu mapear também empreendesse deslocamentos de pensamentos que fizessem com que os leitores participantes desta jornada percam os costumes e se desabituem, pois, tais descostumes trazem à baila novos/outros devires e forças... potências, uma vez que estamos atravessados por processos, movimentos e forças que, muitas vezes, não percebemos. Dito de outro modo, o tecer deste capítulo se aproxima da potência dos corpos de trans-resistência como lugar de violência e de controle, mas que, mesmo às vezes mudo, calado, insiste em “atrapalhar” e embaralhar os códigos.

Na vida de mulheres, corpus-trans ou não, a violência se mostra autorizada e legitimada na dominação. Anne, que não se adequava ao formato-homem que lhe era imposto por seu pai, presencia sua mãe, Somália, sendo agredida como se dela fosse a culpa da existência da adolescente de 17 anos não se adequar aos projetos cisheteronormativos de Adalberto, seu pai:

As mãos de Adalberto agarraram Somália pelos ombros e, chacoalhando-a com violência, vociferou: "Eu não vou deixar meu filho virar fresco feito teu irmão" (...) “- Eu esperava mais de você... meu único filho homem. Não conte comigo pra nada, seu merda. Nem dinheiro, nem viagem. Enquanto não virar macho não dou a mais do que tá na lei, nada. Disse, se encaminhando para a porta. Fechou-a com força” (LUDERMIR, 2016, p. 45-46).

Assim, foram cartografados incidentes que caracterizam as linhas de intensidade sentidas e que trans-bordam a partir das marginalidades criadas pelos processos de limitação impostos por nossa civilização, mas que não conseguem ser represados nem pela inteligibilidade estatal e nem pela macropolítica reativa.

Nesse sentido, a cartografia dos descostumes buscou encontrar micropolíticas ativas empreendidas a partir de vivências cotidianas e narrativas de *corpus-trans* que promoveram, em

algumas situações, dissoluções ao poder macropolítico cisheteronormativo e de sua micropolítica reativa que captura de forma procrustiana todas as esferas da vida humana.

Um olhar micropolítico para detectar o intolerável e buscar formas de combatê-lo. O que orienta este olhar é uma bússola ética, cuja agulha aponta para tudo aquilo que impede a afirmação da vida, sua preservação e sua expansão. Essa mesma bússola é a que orienta tal comunidade flutuante em seus modos de agir. Estes consistem em atos de criação que vão redesenhando os contornos do presente, de maneira a dissolver os pontos em que a vida se encontra asfixiada (ROLNIK, 2016, p. 02).

Os movimentos de dismantelamentos atravessam e adquirem visibilidade em toda a obra de Chico Ludermir, pois este é “atravessado por eixos, limiares, latitudes, longitudes e geodésicas, atravessado por gradientes que marcam as transformações, as passagens, e os destinos que nele se desenvolve”. (DELEUZE, 2001, p. 24). De forma específica, a experiência, proposta pelo artista, aqui analisada a partir de uma perspectiva educacional, buscou visibilizar o passado e o presente dos *corpus-trans* através de fotos trazidas por elas próprias, revisitadas em passados de aparência masculina ou andrógena, mas ainda não de mulher. Suas contações de si partem deste comparativo sem tempo-espaco-lugar exatos, mas reais.

Esse processo de reencontro consigo e feito pelas intervenções delas próprias em suas fotos impressas em azulejos por Chico Ludermir, que se corrigiram em suas próprias fabulações do que poderia ter sido seu passado, cuja chance de retorno não mais existe. Assim, acrescentando elementos, cabelos compridos e adereços ou retirando e apagando o que para elas eram desnecessidades ou imposições sociais, envolvem-se em um processo educativo que busca devolver ao tempo o feminino que, na época, não lhes fora permitido. Readmitem em si mesmas as mulheres que ali sempre insistiram em estar, ou como dizem, a mulher presente no fundo de suas almas.

A partir dos seus relatos espontâneos, feitos como composição da arte-geradora de Chico Ludermir, se desdobraram e foram narradas em suas autobiografias, o difícil parto por elas enfrentado, em que “o nascer mulher é cumprido”. As narrativas que se desenrolam se dão a partir dos processos de violência e marginalização vivenciados por estas mulheres que foram postas em lugares minoritários, desviantes, ameaçadores e “invisíveis” da necrópole situada nas fendas da região Metropolitana de Recife-PE, como os descostumes que são a vida de Mariana:

Mariana também não sabe – mas saberá – que o encontro com ela foi a reafirmação da vida. Porque além de não ter celular ou rede social, traz em si o cheiro forte da violência cotidiana - da infância, da juventude, da maturidade - e da exclusão. Mora em um barraco de madeira sem banheiro. Tem uma sala sem teto e um quarto que de tão quente só é usado quando o sol se põe. Tem uma televisão quebrada em cima de um fogão sem gás. Perguntei por onde tinha andado e o que tinha feito. Mariana desconversou, talvez evitando falar do crack, a principal causa de sua magreza. Não insisto e aceito o desinteresse e o baixo salário como motivos para ter desaparecido do trabalho (LUDERMIR, 2016, p. 97).

Nessa tensão, encontra-se a possibilidade de uma Cartografia dos Descostumes baseada no que Rolnik (2016), em seu manifesto intitulado “A hora da Micropolítica”, considera como uma fricção das duas principais experiências que vivemos no mundo e que gera uma desestabilização da subjetividade: 1) uma envolve a percepção do mundo associada por nossas subjetividades⁴⁴ (a partir do que convencionamos chamar de sujeito) ante ao repertório de representações de que dispomos e que dão sentidos aos elementos; 2) a outra envolve o que a subjetividade faz de seu entorno “é a experiência das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (*perceptos e afectos*)⁴⁵. Trata-se de um saber-do-corpo⁴⁶, uma outra maneira de deslocar o pensamento sem se limitar a experiência exclusiva de um único indivíduo e que dilata tempo e espaço, sem distinção entre sujeito e objeto, descontextualizando e traduzindo-se em outras formas de ver e sentir (ROLNIK, 2016).

Os descostumes germinam a partir do desejo que atua na desestabilização da subjetividade e gera o florescer. O cis-tema, por sua vez, encontra-se na tríade significado, significante e significação ao mesmo tempo em que há uma tentativa acirrada de interromper para que não haja pensamentos outros. Assim, o desejo faz o inconsciente colonial-capitalístico produzir uma “anestesia da potência” na qual o saber-do-corpo torna-se inacessível.

Por estar bloqueada a experiência da subjetividade fora-do-sujeito, a subjetividade passa a existir e a se orientar somente a partir de sua experiência como sujeito. Nestas condições, a subjetividade vive a fricção do paradoxo

44 Em nossa tradição ocidental, confunde-se “subjetividade” com “sujeito”, porque nesta política de subjetivação, é apenas esta capacidade a que tende a estar ativada. No entanto, a experiência que a subjetividade faz do mundo é potencialmente muito mais ampla, múltipla e complexa (ROLNIK, 2016).

45 O *percepto* é um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente e o *afecto* é uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança. “Os *afectos* são devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles” (DELEUZE, 1988).

46 Em nosso processo de constituição enquanto seres humanos, “somos tomados por este estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo” (ROLNIK, 2016, p. 03).

existente entre estas duas experiências como uma ameaça de auto-desagregação, o que lhe causa medo (ROLNIK, 2016, p. 03).

A educação incidental aparece sempre que se percebe a fricção de experiências, a divergência entre corpos e a desestabilização da subjetividade pelo viés de uma educação para a diferença e para a vida vivida, uma vez que traz em seu cartografar percepções do mundo, as diferentes subjetividades, seus efeitos e o deslocamento do pensamento para formas não homogeneizantes.

3.2. Uma micropolítica reativa do inconsciente colonial capitalístico sobre e entre os corpus-trans

O cis-tema é um dos tentáculos estratégicos do poder exercido através da força do desejo, de uma micropolítica que, como disse Suelly Rolnik (2016), passa a ser mais sutil e invisível do que a tradicional estratégia macropolítica. No caso de Brenda, “durante a infância fora criada ouvindo histórias estereotipadas de gays para lhe amedrontar, a partir dos dez, começou a vivê-las. Não o mundo promíscuo e doentio descrito pela família, mas o da violência e o da agressão” (LUDERMIR, 2016, p. 128). Atua aqui um jogo micropolítico que criptografa seus processos e a complexidade das forças em jogo e torna difícil enfrentar o regime normativo da cultura moderna ocidental como na metáfora mitológica grega de Procrusto.

Assim o poder deve ser compreendido e analisado em movimento. Deve ser analisado nos movimentos que acontecem ao longo das malhas da rede social, em cujos nós se situam os indivíduos que, ao mesmo tempo em que se submetem ao poder, são capazes de exercê-lo. E se os indivíduos são capazes exercer o poder é porque o poder os atravessa. Isso significa que, numa dada situação, as relações de poder sejam simétricas, isso é, de mesma “intensidade” entre aqueles que mais exercem o poder e aqueles que mais se submetem a ele a cada momento (VEIGA-NETO, 2013, p. 24).

Rolnik (2016) nos traz ainda a ideia de “inconsciente colonial-capitalístico” que produz um regime de subjetivação *antropo-falo-ego-logo-cêntrico* no qual o poder do inconsciente colonial capitalístico abarca as subjetividades diversas e até antagônicas, pois todas nascem no interior da mesma cultura e, por isso, funcionam dentro de uma micropolítica reativa e desconectada da experiência que envolve os “*afectos*” e “*perceptos*” dos quais compomos nossos corpos em contato com o mundo.

O inconsciente colonial capitalístico incide ferozmente. Percebe-se isso claramente quando Francine, após uma experiência de quase morte, convalescendo em um hospital em

São Paulo, longe de sua família há uma década, decide voltar para casa. Ludermir (2016, p. 106), em sua arte-geradora, conta o retorno dela à família.

De volta à casa da mãe, lembrou de quando teve a própria casa. Ganhou um terreno da patroa e, durante uma semana, sem descanso, buscava barro na mata. Construiu como deu, de taipa, sem energia elétrica ou saneamento. Um dia voltou para casa depois do trabalho e encontrou o sofá e o colchão picados à faca. O medo e a dor lhe motivaram a mudar de cidade. Acha que pode ter sido o próprio pai, infeliz, por ver seu nome em corpo de mulher.

Sofrimento e dor também compõe a história de Francine que teve como nome ao nascimento Francisco Filho. O ato de nomear, classificar incidem nas relações permeadas pelo inconsciente colonial capitalístico e as forças reativas nem sempre engendram controle ou domínio em certos afetos, pois há coisas que a eles escapam: “os anos todos em São Paulo, a descoberta da doença e a quase morte nutriram em Francine uma possibilidade enorme de perdoar. A despeito de tudo, quis reencontrar o pai, ainda mais quando soube que ele estava deprimido e dependendo da ajuda e cuidado dos outros” (LUDERMIR, 2016, p. 106).

Tredestinam-se os itinerários reativos através de linhas de fuga, pois para Francine “só existia o presente. Limpava a casa de Francisco, lavava as roupas sujas de dejetos. Vestia-lhe, dava banho... Só não lhe dava comida na boca, porque o pai não aceitava ser alimentado por aquela a quem rejeitara toda a vida” (LUDERMIR, 2016, p. 106). Em seu vídeo biográfico, confirma que não devolveu ao mundo o que recebeu na vida: “isso é impossível, o passado é impossível porque ele não volta mais atrás. Eu já tinha carregado a mágoa, tinha feito isso e não me fazia bem. Então eu disse: - Para quê carregar isso por tanto tempo?! Eu vou é deixar isso pra lá que é melhor”.

O Cis-tema deixa marcas, o inconsciente colonial capitalístico aponta para as monstruosidades e alerta para o “perigo iminente” de uma “desagregação familiar e moral” heteronormativa fabulada pelo sujeito, tanto pelo viés da macropolítica reacionária, como da micropolítica reativa e conservadora, que promovem a reacomodação do mapa vigente pautado na desigualdade econômica e social. Esbarra-se sempre no moralismo e na hipocrisia de uma sociedade que usa dos corpus-trans sem piedade, como Luana que se resigna em sua condição:

Teve a sorte de sempre encontrar clientes gentis. Achava que era recompensa por ter começado a vida sexual de uma forma tão traumática: estava com os amigos, todos por volta dos quinze anos, andando de bicicleta. Cruzou com

um homem montado num cavalo que lhe convidou para se afastar junto com ele. Sem nenhum carinho, o ato não durou mais do que cinco minutos. Se sentiu usada e agredida. Hoje, esse homem é um pastor da igreja evangélica. "Deus me livre", lembra.
(LUDERMIR, 2016, p. 75).

Ademais, o cis-tema implica, também, em uma experiência subjetiva vivida e entendida como sendo do âmbito do indivíduo (interesses individualistas) e que interrompe os fluxos de criatividade do corpo sensível, impedindo movimentos de vida coletiva e compreensão de outras florações trans-dialogantes, pois trata-se de:

kits de perfis-padrão [...] para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (ROLNIK, 1997, p.01).

Resistir a este “kit” implica aceitar a provocação de Rolnik (2016, p. 22) à criação de uma releitura ao termo “resistência”, para que esse recupere seu valor, complexidade, amplie-se, ative seu sentido micropolítico e discuta que:

Abandonar este modo de subjetivação passa por um “devir revolucionário”, como dizia Deleuze. Tal devir é impulsionado pelas irrupções de afetos que nos chegam pelo saber-do-corpo e que nos forçam a reinventar a realidade (...) são práticas que incidem na dimensão micropolítica da existência coletiva e que não param de proliferar. Elas nos oferecem condições favoráveis para problematizar e ressignificar a palavra “resistência”, que ainda pode nos servir para qualificar a força das ações de desmontagem do intolerável, já que por ora não dispomos de uma palavra que tenha mais sintonia com o tipo de ativismo que vem sendo praticado.

Desses elementos surgiram, na leitura e oitiva das vivências propostas por Ludermir, a compreensão de espaços éticos e políticos pautados em experimentações estéticas-artísticas em ligação recíproca com o pensamento visível em novas/outras linguagens educacionais. Surge um devir revolucionário pautado no saber-do-corpo e que promovem tal reinvenção da realidade, ressignificando efetivamente a palavra “resistência” para um ativismo de re(x)istência (FOUCAULT, 2004).

Re(x)istência refere-se à vivências que estremecem territórios. Antes de serem sobreviventes, pois ainda o são, alguns corpus-trans são linhas de fuga em si. Mariana, por exemplo, rompe em rizomas e enfrentamentos. Já apareceu em programas de televisão locais e

até em jornal impresso, não como atriz ou garota propaganda, e fala disso em seu vídeo autobiográfico: “estava falando sobre uma Mariana assaltante, mas não é como agora: é diferente. Agora está se passando a boa mocinha. E o passado eu tenho que tentar cada vez mais esquecer” (MARIANA, 2015):

Mariana, eu sabia, já havia sido presa um par de vezes. Não deixava barato, nem tirava por menos. Quando se envolvia em brigas, entrava com os dois pés. Uma das vezes fez um programa junto com uma amiga e o cliente não quis pagar o combinado. Deram-lhe uma gravata, e retiraram o acertado da carteira. O rapaz foi atrás delas com a polícia e Mariana ficou presa três meses como assaltante (LUDERMIR, 2016, p. 96).

O coletivo feminino-trans aqui trazido pelas narrativas do material empírico desta pesquisa em educação não reprime os impulsos, ele se refere à uma conexão de desejos, a uma junção de fluxos que acontece por intensidades que estão associadas à vitalidade e à existência enquanto criação contínua (RESENDE, 2008). Nesse ínterim, Wanessa registrou em seu relato biográfico que “descobriu que nem todo homem batia em viado, como ouvia na família. Ao contrário, percebeu que tem muitos que amam - inclusive os que se dizem hétero, como os guardas do quartel vizinho à praia (LUDERMIR, 2016, p. 118).

Corpo desamarrado, sem grilhões, alheio a padrões impostos socialmente e, por isso, fragilizado pelo cis-tema, submetido a negação de afetos, a condicionamentos, a perseguições, a apagamentos, a silenciamentos e a extermínios. Nesse sentido, Brenda narrou sua volta às aulas no colégio Clotilde de Oliveira após umas férias nas quais haviam espalhado um boato mentiroso de que ela havia feito sexo com um dos meninos da rua, Cláudio, o que havia tornado seus dias no espaço escolar especialmente difíceis ao final do ano letivo anterior:

Depois do episódio na brincadeira de esconde-esconde, Cláudio espalhou para toda a rua que tinha comido Juninho. Talvez pelo fato de ter sido rejeitado, o menino escolheu revelar detalhes de uma suposta transa para todos numa rodinha do jogo de verdade ou consequência. O mais velho se manteve o herói da turma, já Juninho não conseguia mais sair de casa sem uma chacota. O assunto chegou aos ouvidos dos adultos e, mais especificamente das adultas e solteiras Valdete e Neta, que chamaram Juninho para mais uma conversa em que pintavam a homossexualidade de doença terrível e curável. “Achamos melhor você passar um tempo na casa dos seus pais, Juninho”, foi a última frase de Neta. Segurou o choro. Não podia deixar transparecer nenhuma emoção que pudesse ser interpretada como feminina. Mas a verdade é que teve uma vontade de chorar tão grande que sentiu as lágrimas escorrendo na parte interna do rosto. Chorando pelo avesso (LUDERMIR, 2016, p. 130).

Cartografa-se assim educações incidentais de não enquadramento e marginalização das “monstruosidades” e que, em uma análise rizomática e filosófica, problematiza o encimentamento lapidar ou engessamento imobilizante que dificulta processos e prelúdios de se vislumbrar possibilidades de linhas de fuga, pois tais dificuldades, embora ineficazes à vista da permanência, enfretamento e re(x)ixtência, mostram-se mortais em muitos sentidos.

3.3 Sentenças procrustianas no sistema necropolítico: um cis-tema esquadrejador e transgenerocida

Embora não seja um ensaio, pois trata-se de uma pesquisa, mostra-se inevitável aproximar-se desse gênero linguístico para um flerte com as verdades de uma época. Para isso, retiramos de Hardt e Negri (2003, p. 351) discussões que se configuram no conceito de Império, decorrente da complexidade do biopoder⁴⁷ atrelada às relações sociais e às configurações econômicas, culturais, geográficas e políticas.

Nesse conceito (império), demonstra-se que há “uma crescente imaterialidade do trabalho, num pós-fordismo impensado por Marx, conduzindo ao enfraquecimento – mas não ao desaparecimento – da soberania do Estado-nação, uma invenção típica da Modernidade. Nessa perspectiva, os autores discutem um desmantelar da sociedade de controle que perde a capacidade de mediar os interesses do capital e do Estado e o desarticular da sociedade civil, com efeitos diretos em instituições sociais como a escola e a família por operarem contínua e intimamente na produção de subjetividades (HARDT; NEGRI, 2003, p. 351).

A importância da discussão dessas alterações na ordem do biopoder mostra que a micropolítica reativa que atua sobre a cultura torna seus espaços e práticas como também sendo pedagógicos. Essas atuam na potência dos desejos, apresentando deslocamentos e movimentos para fora dos espaços estritamente institucionalizados. No entanto, neles se ensina, aprende e naturaliza determinadas verdades, visões de mundo e práticas sociais (HARDT; NEGRI, 2003,

47 Práticas voltadas à gestão e regulação dos processos vitais humanos, levando em conta sua realidade biológica fundamental, pautadas nos conhecimentos, leis e medidas políticas, visando a forma de administrar populações, aglomeração urbana, epidemias, transformação dos espaços, organização liberal da economia (FURTADO; DE OLIVEIRA CAMILO, 2016, p. 35). Ademais, “O biopoder assume duas formas: consiste, por um lado, em uma anátomo-política do corpo e, por outro, em uma biopolítica da população. A anátomo-política refere-se aos dispositivos disciplinares encarregados do extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço, no interior de instituições, como a escola, o hospital, a fábrica e a prisão. Por sua vez, a biopolítica da população volta-se à regulação das massas, utilizando-se de saberes e práticas que permitam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, epidemias, aumento da longevidade” (FURTADO; DE OLIVEIRA CAMILO, 2017, p. 34)

p. 351). “Na medida em que os espaços são cada vez mais estriados, menos lisos, e as novas linhas de força que o atravessam são cada vez mais móveis e instáveis, não faz muito sentido pensarmos num centro irradiador de soberania, ou seja, das decisões e da dominação mundial” (VEIGA-NETO, 2013, p. 18).

Assim, pulveriza-se e descentra-se o poder, uma vez que ele não se traduzirá como uma “coisa” que emane de um centro, que se possua, que se transfira e que “tenha uma natureza ou substância própria, unitária e localizável. O poder não é uma entidade externa de que se possa lançar mão numa relação social, seja essa uma relação de produção, de família, de sexualidade etc.; não vindo de fora, o poder está sempre intrincado em qualquer relação” (VEIGA-NETO, 2013, p. 24).

No entanto, apesar da inexistência de um “centro irradiador de soberania”, como diz Veiga-Neto, o biopoder pode ser visto por sua capacidade de produzir subjetividades em conformidade com as determinações normativas e normalizantes derivadas do capitalismo. O poder, então, se atualiza e se legitima a partir das lógicas de domínio sobre os corpos individuais em suas práticas cotidianas cujo objetivo é gerar o sujeito da produção e a produção do sujeito concomitantemente (HILÁRIO, 2016).

Contudo, para além do alcance do expressamente disposto na obra de Foucault, restou-nos dar um passo na direção de outras discussões das linhas de intensidade e captura do corpo. Para tanto, precisamos apontar que entre os séculos XVI e XX o capitalismo buscou ‘assimilar’ grandes massas humanas para as linhas de produção, contudo, tendo em vista as transformações técnicas no modo de produção capitalista, o sistema passa a precisar cada vez menos de força de trabalho (HILÁRIO, 2016).

Ao chegarmos à segunda metade do século XX, o sistema capitalista, de posse dos meios de produção e da tecnologia que auferem um maior lucro com menos mão de obra, passou a fase do ‘expulsar’, ou seja, demissões e desemprego estrutural, bem como a destinação espacial das massas às periferias da cidade, prisões ou aniquilamento por meio de forças policiais, oficiais ou não (milícias) (HILÁRIO, 2016).

Atualmente, seguimos para a fase na qual as grandes massas humanas passam a ser supérfluas, dispensáveis, sobrantes ao seu modo de reprodução e produção de riqueza. A

biopolítica passa a não dar conta do acontecimento por significar ainda a produção de vidas: sadias, dóceis politicamente e úteis produtivamente para garantir riquezas às nações. As instituições disciplinares – como as escolas – estão definindo na atualidade, razão pela qual se pode afirmar que as formas de sociabilidade próprias do capitalismo entraram em estágio de decomposição (HILÁRIO, 2016).

Mbembe (2018, p. 146) assinala que “a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, contudo, faz-se necessário destrincharmos a ideia de necropolítica. O termo ‘necropolítica’⁴⁸, apesar de se referir a uma epistemologia negra em África, assume-se na existência de linhas duras, estratificações e territorializações que impelem pessoas à periferia do capitalismo (espacial e política). Maria Clara de Sena, corpus-trans com as interseccionalidades de mulher periférica e negra, relata seu cotidiano: “caminha com calma pela rua onde morou desde que nasceu, onde o pai foi assassinado, onde se recusou a jogar bola e a namorar meninas (LUDERMIR, 2016, p. 13).

Isso ocorre quando percebemos que os tais supérfluos, dispensáveis, e sobrantes, estão inseridos em um jogo de morte que investe em sua impotência, um despotencializar, impedindo as subjetividades de realizar, de fazer o que se pode, de se afirmar. É assim a rotina de Mariana também:

Mariana é abordada na rua por um rapaz e entra no carro dele. Se recusa a fazer o programa quando aparecem outros três. Pede para voltar e o motorista com agressividade a expulsa. Saca uma arma, xinga e atira. Mariana se mantém correndo até perder as forças. A bala atingiu o fígado e o pulmão e deixou uma marca da virilha até o peito (LUDERMIR, 2016, p. 96).

De forma específica, Achille Mbembe (2018, p. 135) define a necropolítica como “destruição material dos corpos e populações humanas julgadas como descartáveis e supérfluas”. Assim, os processos e as forças micropolíticas que atuam no desejo de forma reativa coagem e desviam a potência de sua própria plenitude, uma vez que pretendem dominar a vida do outro. É minada a potência do corpo de traduzir a realidade a partir de sua condição

48 O termo ‘necropolítica’ foi cunhado por Achille Mbembe e surgiu na tentativa de produzir um saber e uma epistemologia da África respaldada pelos seus próprios intelectuais, e não unicamente sobre a África, tendo como característica principal apresentar novas formas de dominação e submissão no continente africano pós-colonial. Mbembe utilizou a noção necropolítica em apenas um de seus textos, depois disso, segundo suas próprias palavras, a expressão “seguiu adiante”, isto é, sem fazer referências ou aprofundamentos posteriores (HILÁRIO, 2016).

de vivente, bloqueando a experiência da subjetividade fora-do-sujeito (*afectos e perceptos*), a partir da redução das vidas pela agudização da exclusão, barbárie e autoritarismo. Nesse sentido, o Dossiê Antra do ano pandêmico do corona-vírus de 2020 (ANTRA, 2020), ao tratar dos dados dos assassinatos de corpus-trans, choca-nos com o que se segue:

- 175 assassinatos de pessoas trans, sendo todas mulheres.
- Não foram encontradas informações de assassinatos de homens trans ou pessoas transmasculinas em nossas pesquisas esse ano. Reafirma-se a perspectiva de gênero como um fator determinante para essas mortes.
- A média dos anos entre 2008 e 2020 é de 122,5 assassinatos/ano. No ano de 2020, ouve um aumento de 43,5% acima da média de assassinatos em números absolutos.
- Aumento de 201% em relação a 2008, o ano que apresentou o número mais baixo de casos relatados, saindo de 58 assassinatos (2008) para 175 (2020).
- O Brasil segue na liderança do ranking mundial de assassinatos de pessoas trans no mundo desde 2008 (dados internacionais da ONG Transgender Europe).

A figura do sujeito supérfluo, com uma vida destituída de direitos, sem valor e indigna de ser vivida, pode ser compreendida pelo fato desse já não ser mais necessário ao modo de reprodução do capital em crise estrutural atual. Logo, converte-se em portador de uma vida matável, ou seja, uma ação política de morte assinala o ponto em que a biopolítica converte-se necessariamente em tanatopolítica (AGAMBEN, 2010 *apud* HILÁRIO, 2016, p. 205).

Encontramos ainda no texto de Achille Mbembe (2018, p. 146) sua argumentação de que “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” e que, no que tange às topografias de repressão e crueldade, “as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem”.

Assim, avançaremos para uma discussão sobre o necropoder que traz uma forma de dominação às singularidades dos corpus-trans que se lastreia na complexidade das relações sociais hodiernas e seus desdobramentos. Desse modo, traz-se para essa discussão o conceito de transnecropolítica que se associa, rouba e desloca de Mbembe (2018) as discussões que envolvem um grande prisma de destruição e morte aos corpus-trans, pois

Seja pelas ações do governo ou ausência delas, essa política afeta diretamente pessoas empobrecidas, negras, idosos, PCD, mulheres, pessoas vivendo com HIV, LGBTI+, indígenas e outros povos tradicionais, pessoas que não têm sua humanidade reconhecida, cujas existências sejam vistas como indesejáveis,

não devendo ter acesso a cuidados ou a direitos. Muitas não são vistas como gente, e as travestis profissionais do sexo, em sua maioria negras e semianalfabetas que desempenham sua função na rua, enfrentam diversos estigmas no país que mais assassina pessoas trans do mundo (BENEVIDES, 2020).

Assim, o cis-tema imputa aos corpus-trans a obrigatoriedade de alinhamento de identidade de gênero com o sexo atribuído no nascimento. Dessa forma, muitas vezes, a cisnormatividade⁴⁹ acaba permitindo que a violência a afeminados e a transexuais possa partir, inclusive, de homossexuais cisgêneros. O alinhamento do gênero biológico à performance social de gênero e à heteronormatividade gera o indivíduo considerado padrão pelas forças reativas aqui expostas. A transnecropolítica pode ser traduzida na fala da travesti Bruna Benevides (2020) de que:

A precarização de determinada parcela da população faz parte de um plano global genocida para exterminar vidas que enfrentam processos históricos de vulnerabilização, a fim de cumprir o plano de defesa da propriedade privada de uma casta superior pautada na branquitude empresarial, que se diz cristã e é neoliberal, e de garantir a manutenção dos privilégios egoístas de uma elite racista e conservadora, cis-hétero-centrada.

Na transnecropolítica, os corpus-trans passam a ser amordaçados e empobrecidos pelo cis-tema para que o sofrimento devore o sujeito. Na esteira dessa lógica, observamos os modos de subjetivação que fizeram com que se determinassem para si mesmos as regras de conduta e as transformações visadas para alcançar as subjetividades na qual se retratam. Desse modo, desafiam as determinações e os modelos pré-determinados e trazem-nos formas de re(x)istência, singularização e afirmação da alteridade/sororidade que podem ser capturadas positivamente como movimentos de educação.

Tais dados confirmam ao estado generocidada da transnecropolítica brasileira quanto à precariedade e à marginalidade em relação ao sistema econômico e social. Hilário (2016) acredita, assim como nós, que a necropolítica:

49 Discutir o reforço do sistema a cisnormatividade gera uma dupla penetração social: 1) dentre os sujeitos há os indetectáveis ou, como dizem os corpus-trans, os “passáveis” (passabilidade), ou seja, aqueles que apesar de seu gênero de nascimento, aparentam indubitavelmente a performance do gênero-trans (“do outro lado”) dentro do binarismo feminino/masculino; 2) Se aos homossexuais cabe a alcunha de desviantes, aos homossexuais afeminados e aos transexuais cabe uma ainda maior abjetificação dos corpos inclusive dentro do sistema LGBTQI+.

possibilita uma análise crítica dos fenômenos de violência próprios da periferia do capitalismo, onde o desfazimento de um débil Estado de Bem-Estar Social se realiza por meio da barbárie numa dinâmica em que a era de crescimento de direitos individuais e políticos é substituída pela fase de declínio e retirada desses mesmos direitos.

Oxigenar “os pontos em que a vida se encontra asfixiada” manifesta-se no processo desencadeado por Ludermir com os corpus-trans analisados. São histórias de vidas transnecropolitizadas em biografias autocentradas de um coletivo de mulheres cartografado a partir da arte-geradora. Vidas à revelia da racionalidade lógica e rizomática, por suas linhas de fuga, nas quais, contraditoriamente se reconhecem em singularidades e experiências comuns de transformação do corpo, de exclusão social, de discriminação e de violência/morte.

Nesse conjunto da transnecropolítica surge Brenda Bazante (2016), ao discorrer sobre sua tentativa de suicídio após todos os “nãos” que o mundo lhe deu. Em seu vídeo autobiográfico, sob um misto de forças reativas de morte e microfísicas ativas de vida, ela afirma:

Quem já tentou se suicidar sabe que é um momento muito difícil onde você acha que não há mais saída, que a saída é aquela. Mas, o mais interessante de tudo é quando você não consegue. Porque eu posso falar com propriedade porque eu não consegui. E parece que a vida ela vem de uma forma tão melhor, sabe?! Ou ao mesmo tempo você até pode se questionar: Porra! Nem me matar eu consigo, vamos dizer assim (BRENDA, 2016).

Ao considerar os fluxos de desejo e enfrentamentos da coragem da verdade enquanto elementos de articulação fluída, teremos no rizoma verificado em Anne que ações possíveis nem sempre rompem diretamente ou eclodem em hecatombe. Os rizomas podem ser vistos na fuga, no se esconder ou no sabotar. Anne, adolescente em relação de desvantagem com seu pai, re(x)iste e lava a testa com a água da privada: “Esfregou querendo machucar-se por repetidas vezes até deixar-se vermelha. Mostraria no corpo como tinha sido ferida” (LUDERMIR, 2016, p. 42). Nas palavras de Rolnik (1997, p. 02),

Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. [...] o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos.

A necropolítica (MBEMBE, 2018) trata da letalidade violenta operada, autorizada e legitimada por agentes do Estado aos corpos abjetos que escapam as normalizações e normatizações homogeneizantes por forças externas e por internalizações do autocontrole, tornando-se potencialmente matáveis por diferentes formas de ação.

Diante da descrição da necropolítica, que se articula ao inconsciente capitalístico-colonial, o termo *cis*-tema segue no processo de desterritorialização da linguagem ao enfatizar filologicamente que o termo *cis* significa "do mesmo lado" em antônimo político do *trans*, pois esse seria o contrário ou o incompatível com o normativamente e normalidade estabelecidos.

As mulheres que se narraram através de estratégias de simesmidade coordenadas na arte-educação de Chico Ludermir, das quais partiram nossa cartografia, trazem em seus corpos, não diretamente em próteses, hormônios e procedimentos estéticos, mas em cicatrizes e mutilações, o peso da passabilidade, o peso de tentar/lutar para parecer uma mulher biologicamente constituída desde o nascimento.

3.4 O maquinário escolar e as linhas molares da cisnormatividade

No “modelo” educacional vigente, o descostume, a inquietude e o sofrimento que decorrem do amuralhar das subjetividades (nos melhores casos) partem da lógica procrustiana de cortar, esticar e adequar os processos de subjetivação através de uma episteme *cis*/embranquecida, urbana, ocidental e heteronormativa que, por fim, acabam necropolitizando as vidas. Nesse sentido, temos nos dados do Dossiê da Antra de 2020 (2021, p. 9) que:

94,8% da população *trans* afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido à sua identidade de gênero. Quando perguntadas sobre suas principais necessidades, o direito ao emprego e renda aparece com 87,3%, seguido de acesso à saúde (em termos gerais e, também, em questões específicas de transição), educação, segurança e moradia. Além disso, 58,6% declarou pertencer ao grupo de risco para a COVID-19.

A educação é lida a partir de inúmeras pesquisas e teorias *cis*/hetero/embranquecidas/magras, pautadas em identidades, padrões e emolduradas no rol histórico em sucessivas transformações de práticas. As discussões aqui trazidas propõem um deslocamento de pensamento que traz à baila uma ética/estética das formas de subjetivação que

o poder-saber exerce, pois funciona no universo da representação (significado, significante e a significação) que é “a tropa de elite da pedagogia” (MARINHO, 2014, p. 23).

Nesse sentido, a crítica social estruturalista no pensamento educacional brasileiro, a partir de 1970, propõe um pensamento educacional crítico, macropolítico, que se distancia da ideia proposta por Rolnik (2016) de que devemos nos ater à micropolítica. Cristiane Marinho (2014) é contundente ao compreender que as discussões da micropolítica são de tamanha importância, reforçando que através dela é possível identificar que o pensamento marxista-dialético e metafísico encontra traços de “truculências e prepotências que hipostasiaram a realidade em conceitos abstratos, principalmente no que diz respeito à imposição da cultura europeia ao resto do mundo civilizado como tendo caráter de universalidade” (MARINHO, 2014, p.12).

A metáfora Procrustiana pode ser compreendida também nos signos educacionais em suas verdades e eventos delimitantes oriundos de disciplina e de controle aqui denominada de maquinaria educacional. Essa maquinaria produz o não-eu, o não espaço, o não-lugar através de um universo natureza/cultura que vislumbra o ser assíduo, o ser aseado, a repetição de conceitos e a pouca (ou nenhuma) criação, a preservação do bom senso e do senso comum nos enunciados de educação aos quais convergem as máquinas para o engessamento de seus movimentos (RHODEN; BERTOTTO, 2010).

Não existiu qualquer pretensão neste trabalho de se colocar como antagonista as existências e possibilidades dos corpus-cis, brancos, magros e elitistas, mas de problematizá-los através do olhar vibrátil a partir dos atritos que os corpus-trans geram neste espaço, no Brasil de 2021, que parece transitar para um aspecto cada vez mais conservador, moralista, reacionário, religioso e pautado na necropolítica denunciada por Achille Mbembe (2018). Cristiane Marinho, ao tratar da filosofia da Educação que partiu inicialmente das obras de Foucault, dispõe que:

O fundamento do ser foi negado em sua estrutura estável, foi declarada a morte metafísica e foram postas em xeque as conquistas políticas, econômicas e filosóficas da modernidade. Assim, se para as vertentes filosóficas educacionais, inspiradas no pensamento pós-moderno, o saber, a razão, e o conhecimento não são mais sinônimos de liberdade como fora na modernidade, pois agora significam poder, então a educação não pode ser somente transmissão de saber, aperfeiçoamento da razão e produção de conhecimento. Agora é exigido dela um pensamento criativo e contestador e

uma prática libertadora dos desejos e afetos em relação aos poderes estabelecidos (MARINHO, 2014, p. 21).

A cartografia dos descostumes aqui proposta partiu de melasmas da pedagogização e da territorialização do cis-tema, havidos no tronco e na copa, para só então buscar os rizomas e suas linhas de fuga que permitem o desencaixotar de possibilidades e o bagunçar dos pensamentos, das formas e dos métodos de olhar e sentir a educação em crise e de considerar a diversidade das subjetividades. Nessa perspectiva, Rayanne exemplifica um caso em que se vincula o passado das personas aqui apresentadas, o presente de suas autonarrativas e seu reinventar ao ser descrita por Ludermir (2016, p. 88) da seguinte forma: “dentro de um universo de rótulos, Rayanne não quer nenhum. Se espreme no espaço que resta para ser transexual sem trocar voz, chamar barba de "chuchu" ou mulher de "mona" e se orgulha de nunca ter feito programa. "Jamais daria o luxo a um homem de fazer o que quisesse comigo".

Logo, a pedagogia, a escola, os currículos e os sujeitos educacionais podem se abrir, há uma potência de afetos, a um permanente processo de reinvenção de si e do mundo, movimentando as linhas que compõem, decompõem e recompõem os territórios da educação (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012). No entanto, a adolescência de Anne é marcada por conflitos e estratégias rizomáticas de sobrevivência emocional. Sofria na escola, sofria em casa. Chegava do espaço escolar e trancava-se em seu universo fabulado, iniciando seu segredo a partir de seu quarto... Esse tornava-se uma heterotopia. O esforço para performar o masculino, embora de forma frustrante, tinha termo no universo de seu quarto onde a personagem masculina rude, fechada dava lugar a uma garota famosa.

A educação parece-nos tão regular, no sentido de continuidade, mas ao mesmo tempo, mostra-se como novidade por parte das práticas transformadoras como as propostas por Ludermir. Assim, é que vislumbramos o que nomeamos de educação incidental por entendermos que se traduz como uma ruptura, uma descontinuidade de regularidades ao acaso de suas transformações, a materialidade de suas condições de existência e relação de forças.

Foucault (1996) vislumbrava os acontecimentos, que ousamos nesta pesquisa a estender às educações incidentais, como mutações de uma episteme a outra, que estabelece uma nova ordem do saber, do qual só é possível seguir os signos e os efeitos em lugar das condições gramaticais ou das condições de significação, pois leva em consideração as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado (CASTRO, 2016, p. 25).

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. (DELEUZE, 2000, p. 177-178)

Assim, as educações incidentais propostas seguem a linha da compreensão deleuziana de Zourabichvili (2004), gerando um antes-depois não cronológico unido em uma síntese disjuntiva entre duas interpretações da relação entre linguagem e mundo, estando, portanto, dos dois lados ao mesmo tempo. Em suma, as educações incidentais são inseparavelmente o sentido das frases e o devir do mundo; é o que, do mundo, deixa se envolver na linguagem e permite que essa funcione.

Adentramos, sem incorrer no antagonismo comum aos sistemas binários de identificação, ao protagonismo das linhas molares e moleculares do processo educacional de formação do desejo pelo viés das vivências que contracenam entre si expondo seus modos de vida, diversidades e singularidades, todas no plural, além das interseccionalidades que permitem as *Florações da Realidade*⁵⁰, com tantas nuances quanto sejam possíveis ou perceptíveis (ROLNIK, 2006).

Diríamos, então, tratar-se de uma experiência calcada em discursos que levam a educações incidentais. As expressões, para fugir de qualquer disparidade, precisam encontrar o ‘anti-discurso’, pois Foucault (2012, p. 47) afirma que “o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata”, esse “discurso” constrói e (re)produz o conhecimento e, a partir dele, considerará o que é passível ou não de ser falado/vivido, marginalizando outras formas de agir, pensar e sentir.

Na maioria das vezes, quer passar despercebida. Quando não consegue, recebe os olhares zoológicos, os risos e os deboches. Sente-se vigiada, mas

⁵⁰ “Reparar em tudo pela primeira vez, não apocalipticamente, como revelações do Mistério, mas diretamente como *florações da Realidade*” (PESSOA, 1992, p. 93).

permanece muda. Onde mora, todo mundo quer saber como vive, com quem dorme, como leva a vida. A discricção de Francine é ainda mais perturbadora. Não incomodar também incomoda quando se é transexual (LUDERMIR, 2016, p. 106).

Trata-se de um trans-diálogo⁵¹ que ultrapassa os domínios e configurações do sistema e se propôs a articular uma nova geopolítica de gênero e sexualidade, sem identidades e padrões. No entanto, o trans-dialógico reclama para si uma potência que fricciona o repertório de representações de verdades impostas e as experiências sensíveis que produzem efeitos em nosso corpo e que, logo, produz uma travessia que liga o que é discurso com o que não pode ser discurso (mas que, de forma paradoxal, é discurso também). Tal movimento se faz necessário, pois, como afirma Foucault (2001), nosso papel é diagnosticar as forças que atuam nas representações, nas formas de ser e estar no mundo, ou seja, a própria realidade. Assim, esta investigação correu por territórios que não se reduziram aos limites tracejados pelo dispositivo escolar (CARVALHO; GALLO, 2017), mas foram às fendas abertas nos meandros da cidade buscar e desarticular a grade de inteligibilidade que se pauta no masculino e no heterossexual.

51 Esta expressão pode ser percebida por desavisados como um surto semântico esquizofrênico, um furto violento da análise do discurso em suas inúmeras vertentes ou um neologismo oportunista transfílico. No caso, todas estariam certas. A palavra “diálogo” importa na união do prefixo grego “dia” que significa “através”, num sentido de ponte, travessia. O sufixo grego “logos” é etimologicamente significado como palavra ou relação, embora sua decorrência latina para *ratio*, efetuou-se com o significado de razão. Comumente se acredita, no senso comum, que “diálogo” implique numa ação com prefixo “di”, referente a duas partes de discursos que exigem dois sujeitos ou mais, mas; sua compreensão pode ser melhor observada no estruturalismo linguístico de Bakhtin como uma unidade da interação social, na qual há concordância e discordância, onde discursos se encontram.

IV - *A*NTIFLUXOS PARA UMA CIÊNCIA DA VIDA QUE NÃO CALE CORPUS-TRANS

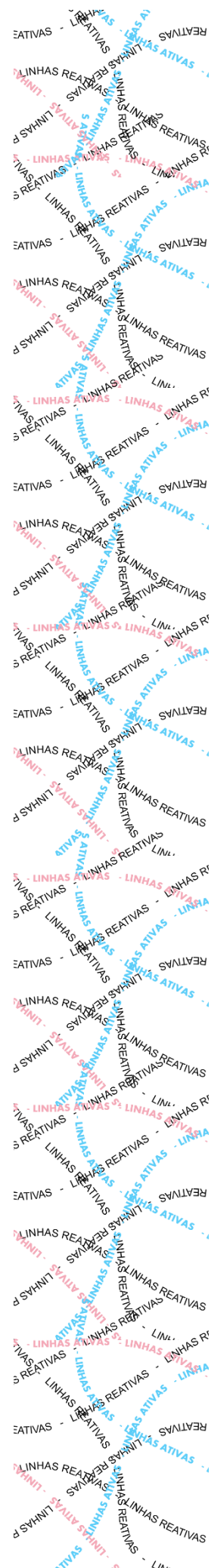
Este capítulo traz em seu cerne as esferas de insurreição propostas por Rolnik (2019) que propõem resistências e rompimentos no espaço-tempo-vida a partir dos bloqueios, travas, emudecimentos, desbotamentos e anulações impostas aos corpus-trans. Inicia-se a construção empírica desta tese a partir do confronto com o real encontrado em falas, expressões, fabulações e leituras depreendidas de obras artísticas do autor pernambucano Chico Ludermir.

Assim, nossa pesquisa traz à tona pesquisadoras em Sara York Gonçalves, Megg Rayara Oliveira, Bruna Benevides, Luma Nogueira de Andrade, Viviane Vergueiro, Jaqueline Gomes de Jesus, Letícia Lanz e Letícia Caroline Pereira do Nascimento. O que se propõe é o próprio exercício de escuta da “voz” travesti apontado por Sara Wagner York Gonçalves, Megg Rayara Oliveira e Bruna Benevides (2020, p. 3) quanto à

escutas atentas e outrora feitas por outros vieses que construiriam um arquivo ou banco de memórias para desenho de uma epistemologia e, neste caso, uma trans-epistemologia. A consequência lógica apresentada é que, se existem dispositivos para a não escuta destas histórias, assim estamos diante de um trans-epistemicídio.

Essas pesquisadoras que discutem e problematizam corpos, educação, arte e travestindade apontam para o fato de que existem noções difusas de vitimismo, coitadismo e denunciamento que desconhecem a vivência travesti e transsexual em sua radicalidade, tais noções geram processos de violência e vulnerabilização que são experienciados de forma apavorante por corpus-trans dos quais só conhecemos os dados gerais como mortes e torturas. No entanto, há uma dimensão de dor muito maior vinculada à estrutura sistêmica de exclusão e exotificação dos corpus-trans constantemente lembrados de que não deveriam existir.

Destarte, tonalizamos e colorimos com traços e passos da educação nossa cartografia para encontrar possibilidades de se discutir políticas ativas de redimensionamento do espaço-escola, a partir da negativa dos fluxos de devires de



corpus-trans. Essa discussão se estabelece a partir das concepções de Deleuze, Foucault e Achille Mbembe sobre às relações de poder, discursos, fluxos de intensidades, molaridades, molecularidades e necropolíticas, bem como das desterritorializações e reterritorializações de Paul B. Preciado e Judith Butler.

Dessa forma, questiona-se: O que pode um corpus-trans frente às interdições, aos silenciamentos e apagamentos do discurso científico e educacional à sua vida? Para isso, surgiu-nos como pista a proposta de: desenhar as sobreposições dos silenciamentos, dos apagamentos e das interdições dos *corpus-trans* nos discursos científico-educacionais no espaço escolar. A partir desse ponto investigativo, três movimentos se fizeram necessários nesta cartografia: 1) Setorizar as invisibilizações aos corpus-trans na família que impedem que se apresente a mulheridade ao/no cis-tema escolar; 2) Discriminar o silenciamento dos corpus-trans na vida escolar; 3) Pontuar as interdições dos corpus-trans no discurso científico, curricular e no espaço escolar; e 4) Grifar os apagamentos dos corpus-trans no espaço-escola.

Reforcemos que se trata de uma cartografia dos descostumes que desdobra possibilidades de espaços heterotópicos furtarem possibilidades triviais nas vidas do inconsciente colonial capitalístico, ao mesmo tempo que são ocupadas pelas vivências tidas como abjetas na sociedade. Destaca-se a episteme moderna que outorga enunciações à ciência, ao mesmo tempo que dela as retira ao invalidar seus discursos pelos caminhos do negacionismo, criacionismo, terraplanismos e solecismos sociais das micropolíticas reativas nocivas e eivadas das relações de poder no sentido deleuzeano.

A Cartografia narrativiza as descobertas encontradas pelo pesquisador, tendo os *afectos* e *perceptos* como astrolábio da sua navegação. Opta-se por uma cartografia que desbrava ao mesmo tempo que vai sentindo as vivências que nos atravessaram, contribuindo para o exercício do pensar, resistir e romper, pois essa cartografia é um ato político de enfrentamento contínuo registrado por pistas e movimentos de pesquisa de uma inversão metodológica que se desdobrou a medida que a vivacidade nos foi mostrada no material empírico-artístico.

Adjetivar nossa cartografia como sendo dos descostumes remeteu-nos a necessidade de transnudar os sujeitos habituais das pesquisas com perfis investigativos convencionais e discutir histórias de vidas, convergências, rupturas e angulações dos dispositivos e agenciamentos

encontrados quando nos deparamos com relatos biográficos de corpus-trans duplamente capturadas nas obras artísticas de Chico Ludermir, conforme desdobrados.

Analisamos o material empírico não-didático/ não-educacional com o olhar e corpo vibrátil da educação, pois ela ali foi encontrada pelo cartógrafo que se insere neste texto. Os discursos e as relações de poder, dispostos de forma linear e contingenciada, foram subvertidos na presente escrita. Tal subversão se deu para que pudéssemos expressar o que se sentiu e o que se aprisionou nos agenciamentos maquínicos atrelados às verdades objetivas, sujeitos do conhecimento, espaços e formas de emissão de verdade que capturaram a vida e que tentam isolar potências, ou gerar impotências, através da reprodução e transmissão de ordens movimentos. Esses nos afligem por se repetirem no espaço-escola.

Mostrou-se desafiador produzir uma crítica à Ciência Maior ou Ciência Régia, uma vez que essa se estabelece ante a perspectivas objetivistas e racionalistas que delimitam subjetividades a partir de um currículo escolar ligado ao método e a comprovação de hipóteses que são incorporados em suas disciplinas, o que finda por reduzir o aprender/ensinar a aspectos homogeneizadores e controladores de formação de sujeitos, muitas vezes ainda em função do mercado. Nesse aspecto, os corpus-trans passam a não atender aos critérios biopolíticos que vão desde a conjectura biológica do corpo feminino ou masculino transsexual à aspectos sociais de sua existência vista como abjeta.

4.1. Influxos dos discursos científicos interditantes aos corpus-trans

Parece lugar comum, nos discursos acadêmicos, discutir como alguns grupos sociais são cerceados nas suas mobilidades entre linhas e fluxos. Compreender os processos de vida que são bloqueados, restringidos e emudecidos torna-se um elemento de discussão da educação por encontrar seus “algozes” nas verdades de uma época, na qual os discursos científicos, provenientes da Ciência Maior, e seus desdobramentos sociais e educacionais propriamente ditos corroboram ou são restringidos.

A discussão dialética fluida entre a diferença e a padronização ou entre a singularidade e individualidade remete-nos a uma constante de forças humanas que se rege à *revelia da racionalidade* lógica, uma vez que se legitimam os saberes válidos à vida pelo viés do

cientificismo. A importância de se estudar o discurso está no que asseverou Foucault (2008, p. 8):

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Nesse mesmo mundo, talvez por uma percepção caótica proporcionada pelo império de homens, conflituam os discursos científicos aos discursos negacionistas e criacionistas dos tradicionalistas, moralistas e reacionários. Ambos os discursos (ciência e anticiência) dominam o cis-tema que surge do inconsciente colonial capitalístico que se arvora por ordens reativas de sentidos morais e conservadores nas quais figuram.

Ambas as racionalidades (científica e/ou moral) não são postas de forma dicotômica ou diametralmente opostas, mas articulam-se por vetores de força que geram invisibilizações, silenciamentos, apagamentos e interdições aos corpos. O inconsciente colonial capitalístico se estabelece por ambas as frentes apresentadas, mas com um saldo maior de violência e morte aos corpus-trans.

Contudo, as forças também geram resistências e re(x)istências e formam-se rizomas, linhas de fugas, singularidades e experiências desterritorializantes. No caso desta pesquisa, tais vetores geraram reações que se trans-portam dos guetos e fendas da cidade para o cotidiano de quem os considera abjetos. Judith Butler afirma que os processos de estigmatização sofridos pelos corpus-trans “são decorrentes do rompimento com os modelos previamente dados pela normatização da sexualidade, ficando com isso marcados negativamente e desprovidos de direitos a ter direitos, sendo, por isso, denominados de corpos abjetos” (BUTLER, 2003, p. 191).

O que afiro das falas obtidas de nosso material empírico oriundo da arte-educação/arte-geradora de Chico Ludermir são contramãos nas linhas reativas, gritos dos bueiros sociais, manifestações d em suas potências, mas que geraram atrito com os corpos normalizados e normatizados.

Viviane Vergueiro (2015, p. 48), pesquisadora trans, aponta a cisgeneridade e a cisnormatividade como projetos limitadores e desumanizadores de um amplo espectro de corpos não normativos produzidos a partir dos discursos médicos articulados ao biopoder, no sentido de que o discurso da ciência sexual está, indissociavelmente, ligado à noção de uma “verdade” que se organiza a partir das estratégias de biopoder. Vergueiro ainda aponta a necessidade de uma pauta transfeminista sobre a produção de inteligibilidade sobre corpos e gêneros inconformes que possuem uma fundação importante para desconstruir ideias deterministas e binárias sobre gêneros.

A ciência maior, dentro de seu histórico de verdades, molda e aprisiona as subjetividades, restringindo as possibilidades de espaços plurais, divergentes e, conseqüentemente, da diversidade em virtude do “saber da representação” que se lastreia na identidade, na semelhança e na objetividade, mas também na homogeneização e no pensamento estéril e imóvel que estabelece normas, condutas, hábitos e formas de viver, ver e sentir.

o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. (FOUCAULT, 2016, p. 131-132).

Segue, como exemplo, o fato de que os trejeitos femininos já percebidos na infância de Francine remetem a biologização e a patologização de sua transgeneralidade e da sua mulheridade por seus familiares. Mostra-se misógeno e afeminofóbico justificar a performatividade feminina de uma criança pelo fato dela ter, aos 40 dias de nascida, tomado “muita anestesia” numa cirurgia de hérnia e fimose (LUDERMIR, 2016).

Nesse sentido, Maria do Remédios de Brito (2015) nos lembra que Nietzsche já reclamava de um sistema de julgamento que teceria uma imagem cruel da sintomatologia dos afetos que espelharia as relações finitas do corpo e das forças que o afetam, tratando os como um cansaço cultural e moral do pensamento moderno e das palavras de ordem que constitui as

subjetividades que, sem forças, não conseguem afirmar a si mesmos e negam a diferença. Encontramos também em Foucault (2000, p. 25) que:

O corpo está diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica: é numa boa proporção como força de produção, que o corpo é investido por relações de poder e de dominação.

Os movimentos e as linhas de fuga que estressam os tecidos da “naturalidade”, percebidas pela reatividade do padrão, são justamente as forças em antifluxo oriundas de corpos, das existências, das vidas pulsantes, dos desejos e dos olhares vibráteis que possibilitaram aos corpus-trans o mover-se, o atravessar (e atravessar-se) e o fissurar ainda que com impedimentos.

Assim, ao analisarmos os trancamentos dos fluxos que indicavam o gênero de Anne, umas-das mulheres pesquisadas, percebemos que os assujeitamentos incorriam desde a idade mais tenra e com violência. Somália, mãe de Anne, descreve tal impacto da seguinte forma:

Recentemente fomos a uma loja de brinquedos para escolhermos seu presente de aniversário de cinco anos e ele fugiu da seção dos carros direto para a de bonecas. Quando Adalberto viu, puxou o menino pelo braço. Gritou na frente de todo mundo dizendo que boneca é coisa de menina. Ele voltou chorando o caminho inteiro (LUDERMIR, 2016, p. 32).

Seguindo nessa linha, podemos nos projetar conceitualmente para compreender o discurso da ciência maior como cruzado pelas linhas do sistema de julgamento onde as ordens e verdades de um inconsciente colonial capitalístico arvoram-se por estratégias e mecanismos moralistas para imposição do poder. Nesse diapasão, essa ciência se estabelece como espaço onde as vicissitudes do conhecimento produzem corpos úteis e domesticados, ao mesmo tempo que os corpos dissidentes que, meramente por existirem como são ou por reagirem em processos de re(x)sistência, são negados quanto a sua continuidade no sistema.

Tudo o que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar, deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes. Há sempre um arranjo que tenta prever tudo o que possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo. Há uma tentativa de eliminar aquilo que eu chamo de processos de

singularização. Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação. Não somente os professores, mas também os meios de comunicação de massa (os jornalistas, em particular), são muito dotados para esse tipo de prática (ROLNIK; GUATARRI, 2017, p.52).

Nesse sentido, a vivência de Anne, mais uma vez, traz os processos de assujeitamento no que se refere a forma de educá-la para ser um “homem” por seu pai: “Não! Não vai deixar o cabelo crescer. Somália, leva esse menino no cabeleireiro.”. “Que história é essa de fazer balé, pelo amor de deus? Nem conte comigo para pagar isso. Não. Não vou levar filho meu pra balé nenhum. Não tem conversa” (LUDERMIR, 2016, p. 40).

Assim, se estabelece um maquinário que é atravessado por linhas de poder instrumentalizadoras do cis-tema enquanto construção capitalista e neoliberal, tendo por consistência venéfica a cisgeneralidade e a heteronormatividade. Tomaremos nesta tese o discurso da ciência maior como possibilidade entre as bases, mas que não é a única via para se alcançar resultados, tanto que a própria construção deste material se pauta em uma metodologia reversa (cartografia dos descostumes) que nega a validação do discurso exclusivamente pelo método.

No entanto, outros/novos caminhos passam a ser possibilidades de se compreender cores, movimentos, vibrações e diferenças táteis no tecido social e são esses os principais elementos que se tornaram “matéria-prima” deste aventurar-se aqui iniciado. Assim, mostra-se nesta tese que há uma outra educação, uma na qual a arte-educação/arte-geradora e as intervenções dela decorrentes compõem-se em novos espaços de se ver o mundo e entendê-lo.

Reitera-se que já identificamos que existem vivências que escapam os padrões, os métodos e causa estranhamento, para alguns, dentro dos próprios grupos sociais e guetos por tratarem-se de outras formas, diversas, de se viver suas singularidades. A fuga às concepções binárias convencionais de mulher/homem, ativo/passivo, e até dos elementos que constituem o ser mulher e que perpassam pelas modificações do corpo e redesignação do sexo, deparam-se com outros arranjos dentro da diversidade de possibilidades. Sara Wagner York Gonçalves, Megg Rayara Oliveira e Bruna Benevides (2020, p. 7) afirmam que:

O reforço ao enquadramento binário de forma compulsória tem trazido corpos transgenerificados (aqueles tornados gendrados e escapadores da

forma) para instâncias binárias de reforço ao binário. Travestilizar as formas é prática de luta e desajuste desta forma. Seria o queer travesti? Nós arriscaríamos dizer que sim, pois o corpo travesti (físico, moral ou social) sempre aceitou implantes de (des)adequação, e de desadequação.

A fala de Wanessa, que compõem nosso material empírico, ao falar do fato de ser mulher e de uma imputada disforia quanto a sua genitália, mostra que o ser mulher ultrapassa o convencional e o discurso limitante da ciência maior, ao projetar que:

Eu não! Eu adoro! responde ela referindo-se ao seu órgão sexual e à possibilidade de se sujeitar a uma cirurgia de redesignação e, obviamente, gargalha. Ela nasceu designada homem, se reconheceu na identidade feminina e hoje se sente plena com seu corpo do jeito que está, assim como sente prazer penetrando um homem – "Por que não?". Mas namorar, namorar mesmo, só com hétero. "Gosto de homem que gosta de mulher (LUDERMIR, 2016, p. 119).

No vídeo no qual ela avalia sua biografia e expressa-se quanto a permanência do texto acima descrito, acrescenta, de sua própria voz e potência (WANESSA, 2016)⁵² que:

Tem uma coisa que eu quero mudar também, o negócio do okanen, que a mona gosta de usar... o ocane [Chico não entende] o pênis... que você relatou que eu gosto de usar. É u-ó. Isso aí tem que ser making-off... isso é segredo. [E no vídeo pode deixar?] Acho que não vai ter ninguém lá da rua mesmo, pode deixar no vídeo, só tire do livro, se não espanta os machos, né?!.

Os discursos que surgem da Ciência Maior, da escola e dos processos disciplinares e de controle se articulam entre si. Brenda, umas das pesquisadas, nega a escola, nega disciplina curricular, nega a existência que lhe impõem. Em um recurso estilístico de Chico Ludermir (2016, p. 151), ao reproduzir a forma como Brenda se expressa em confusão, sem pausas, sem paz, nos permite compreender as agruras de um espaço que não lhe quer e nem lhe cabe.

Pai, mãe: eu não quero mais ir pra essa escola eu quero dançar quadrilha eu sou magricelo eu não quero passar meus recreios na biblioteca não tenho amigos não gosto da aula de educação física não gosto de jogar futebol não gosto da farda não gosto de calça comprida os meninos me xingam eu sou feio eu não gosto da professora de história eu estou com saudade das minhas tias eu odeio Cláudio queria nascer de outro jeito a casa é barulhenta eu gosto de pular elástico os meninos me empurram estou com fome quero o livro novo do Rubem Alves estou nervoso queria ser um bebe não gosto do meu nome nem de quem sou. (LUDERMIR, 2016, p. 151)

⁵² Embora tenha manifestado a vontade de retirar o texto, o mesmo foi mantido na íntegra, assim como a fala registrada em vídeo foi publicada no canal de Chico Ludermir no *youtube*.

Nessa narrativa de Brenda, ao mudar de escola, passou a ver como sendo sua única possibilidade de se reapresentar, re(x)istir e de escolher o que levaria e contaria do passado em sua nova vida estudantil distante do colégio no qual havia apanhado do seu primeiro amor, apedrejada por seus colegas de escola e escondida no espaço escolar dentro da biblioteca: “Se manteve como menino estudioso, aplicado e de notas boas, mas, ao mesmo tempo, deixou de ser o escanteado e diferente” (LUDERMIR, 2016, p. 151).

Apesar da crítica ao espaço-escolar, foi na Escola, no ensino médio, no CEFET⁵³, que o fato de ser feminina enquanto ainda usava o nome de batismo masculino lhe trouxe menos problemas do que no Colégio anterior. Trouxe amigos de sala que “também tinham uma androginia com a qual lidavam com tranquilidade. E por serem mais velhos, já estavam bem mais resolvidos com a sexualidade” (LUDERMIR, 2016, p.152).

Percebe-se que o maquinário escolar e a biopolítica não acolhem e nem permitem os processos de simesmidade e de integração social. A ciência Maior discorrida até aqui escanteia as existências de pessoas transexuais e interdita o acesso às suas verdades. Recorre-nos a pergunta: como resistir, enfrentar e suplantar estruturas impostas se as armas usadas não nos são conhecidas?

Vale destacar que o conhecimento nomeado universal é aqui compreendido como resultado das escolhas de um grupo, do mesmo modo que o conhecimento nomeado particular também é conhecimento de um grupo. O conhecimento universal é produzido em meio a relações de poder-saber. Logo, ele não tem nada de geral, não abrange todas as coisas, não atende a todas as culturas, não possui um caráter geral, absoluto e neutro. Ele nada mais é que o resultado de escolhas e exercícios de poder, assim como qualquer outro conhecimento. Os conhecimentos chamados universais são, portanto, também particulares, e só são considerados universais porque em meio a relações de poder conseguiram se impor como universais. Consideramos que esses conhecimentos demandam modos de vida e posições de sujeitos muito específicas que precisam ser generalizadas para garantir a pretensa universalidade dos valores, modos de vida e das posições de sujeito divulgados nos próprios conhecimentos (RIBEIRO; PARAÍSO, 2015, p. 788).

Mais uma vez, retomamos ao discurso de poder que emana da microfísica reativa permeada pelo inconsciente colonial capitalístico e que produziu efeitos sobre os corpus-trans aqui trazidos neste trabalho e que foram discutidos e analisados a partir de quatro perspectivas

53 Transformado em IFPE pelo governo federal.

que se desdobram nas relações familiares, escolares e nos discursos científicos, inclusive os da educação.

4.2. O mapa dos setores da tentativa de invisibilização de corpus-trans

Invisibilizar é não querer ver, é fingir que não existe, é tirar da vista a existência e seus vestígios, razão pela qual apresenta-se o que os efeitos dos discursos invisibilizantes infligem aos corpus-trans, mas também aos afetos de outras subjetividades que às circundam.

Assim, procedemos à primeira das perspectivas como sendo a invisibilização das subjetividades, também uma forma de suplantar a potência e os devires adjetivados pela travestindade, transexualidade e transgeneralidade que legitima hormônios, procedimentos invasivos e o peso na moralidade relativa a não-passabilidade que repercute no seu deslocamento entre espaços e tempos sociais entre a família, a escola e a sociedade em geral.

Como exemplo, podemos mostrar a relação de uma mãe e uma filha que precisam esconder suas bonecas da violência discriminatória do pai, mas que delas traçam-se também linhas de fuga. Em retorno a sua cruel realidade, a condição transgênera de Anne só existia na clandestinidade, razão pela qual surgia um verdadeiro pânico sempre que seu pai vinha visitá-la, pois a exigência de que ela se comportasse como menino, masculino, rapaz nunca cessava.

As chegadas de seu pai podem ser melhor compreendidas em frases lembradas por ela e Somália como: “parecia que tinha soado o alarme de incêndio”; [...] “Se Adalberto visse aquelas bonecas todas em cima das estantes, da cama, do birô, dentro do guarda-roupa, ninguém sabe o que ele faria”; (...) “Mas se teu pai vier, ela tem que ir para o saco. Tu sabes como é teu pai”; (...) e “Vamos! Me ajuda a colocar as bonecas no saco. Rápido, senão ele vai descobrir” (LUDERMIR, 2016, p. 37-38). Contudo, vale dispor do que se observa no trabalho de Ribeiro e Paraíso (2015, p. 803) de que “é importante registrar que as relações de subjetivação são cambiantes, que as posições de sujeito disponibilizadas podem não ser assumidas, que os saberes e poderes resistem à conformação”.

Apesar de não haver um enfrentamento direto da mãe de Anne e dela própria, as bonecas de Anne reforçavam um comportamento sororidoso entre elas, uma cumplicidade que reforçava

os laços e rompia as condições de legitimidade da existência cis-hetero-normativa imposta à adolescente.

A operação esconde-bonecas envolvia uma logística complexa e muitos cúmplices. Adalberto tinha a chave da casa, ele podia chegar a qualquer hora. O livre acesso era uma forma que Somália tinha escolhido para facilitar o convívio entre pai e filha depois da separação. Fazia tempo que isso não era cômodo nem pra mãe nem para a Anne, mas Somália era ruim de dar limites a todos que lhe cercavam (LUDERMIR, 2016, p. 36).

O segredo exigia um acordo de que, caso o pai de Anne chegasse, as bonecas seriam guardadas em um saco dentro do guarda-roupa ou embaixo da cama, mas Anne sempre questionava o porquê das bonecas terem que ser escondidas: “Por que esconder, mainha? Por quê?” E a pergunta com uma inocência revolucionária fazia eco nos pensamentos de Somália (LUDERMIR, 2016, p. 38). Pochay (2018, p.13-14) anuncia que:

Vem desses desafios a urgência de pensar o que estamos fazendo de nós mesmXs, como movimento de fazer fugir e escapar, como dissidência e como uma sorte de des(a)fiamento político-científico-epistemológico engendrado na pluralidade cultural e nas tramas das infinitas e complexas redes de desigualdade que nos interpelam nos cotidianos de nossas vidas²².

O pensamento arbóreo do pai de Anne visava impedir qualquer saída ou fluxo de desejo. Buscava restringir a potência e eliminar o Devir Transexual que se apontava. O assujeitamento pelo pai gera a coragem da verdade de Anne e coloca seu rizoma de desejo na expectativa da coerência entre o pensamento, a coragem e a ação. Assim, Adalberto, ao ver a estrela na testa desenhada por Anne, que performava a artista Anahí, da série infanto-juvenil Rebelde (RDB), na invisibilidade de seu quarto questionava-a em um tom de “indignação extrema” sobre o motivo daquela marca no rosto dela (LUDERMIR, 2016, p. 41).

- É. Eu assisto o show de Rebelde no computador e imito igualzinho, respondeu Anne já sabendo da iminência de mais um enfrentamento. Não sabia bem o que, aos olhos do pai, estava errado na sua conduta, mas sabia que era grave. (...) É que a cantora tem essa estrela na testa. Anahí, sou fã dela.
- Era só o que faltava! Vai lavar essa testa!, bravejou. Só me volte aqui com essa testa limpa. E fique feliz de eu não mandar você lavar a boca com sabão, também, moleque.

Outras mulheres que constroem a pesquisa. Chris Falcão, aos 17 anos, já trabalhava em boate gay de Recife e, garantindo sua passabilidade, afirma que que “havia deixado há pouco, quase que por milagre, de ser chamada de menino, os santos eram os hormônios, que tomava em superdosagem”, (LUDERMIR, 2016, p. 55) mas a passabilidade também não seria uma

forma de invisibilização? A travestinidade e a transexualidade passam a ser elementos de negação. Ser mulher passa a significar não parecer ser travesti.

A agressão a crianças transexuais passa por vários tons de violência, das mais brandas às mais severas, como no caso de Francine, que vai desde a expulsão de casa, até seu respectivo abandono afetivo e financeiro. Francine passa a não existir. Segue para São Paulo e lá permanece por 10 anos. A violência se manifesta em processo educativo não-formal da educação familiar doméstica que corresponde às reproduções que são impostas a corpos desviantes também na escola.

Seu Francisco, pai de Francinne, deixou claro que: “Não quero viado em casa!”, “filho viado, eu não crio!”. “Não adiantaram os apelos da mãe. A partir desse dia, aos treze anos, filho deixou de ser. Para visitar a família, só na ausência paterna. Nem na mesma calçada andaram os Franciscos durante quase vinte anos” (LUDERMIR, 2016, p. 103). Francine só carregou o nome de seu pai até os 18 anos de idade, “a partir daí ‘Francisco’ só nos documentos e assinaturas e, mesmo assim, contra sua vontade”.

Relevante torna-se a reflexão da professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2020, p. 11), ao falar da solidão de seu corpus-trans e das relações de afetividade e de ruptura que envolve a família, quanto instituição disciplinar:

Somos socializados de modo a acreditar que construir a família é o único modo de garantir qualquer cuidado na velhice, e embora cada vez percebamos que a sociedade nutre também preconceito etário. Esse modelo de família nuclear, pensada pela cis/hetero/branco/magro/normatividade não atende a modos ampliados de afetividades humanas, as diversas configurações solidárias que podemos estabelecer. Nisto, concordo com a travesti comunista brasileira Amanda Palha (2019), de que a estratégia política feminista revolucionária requer a destruição da família. Romper com a ideia de família é fazer emergir outras formas de afeto e solidariedade entre nós, práticas de cuidado que ultrapassem laços pensados a partir de funções reprodutivas, sob a égide da cisheterossexualidade compulsória e com a captura de nosso desejo numa ótica branco/magro/normativa.

A invisibilização vai impedir que outra configuração que não seja a heteronormativa e cisgênera se estabeleça, pois, seus tentáculos multifacetados convergem forças que limitam a capacidade da subjetividade ou de uma micropolítica ativa e revolucionária, mantendo e

reproduzindo modelos de constituição pré-estabelecidos, reprimindo e recalçando potências e estimulando a ilusão identitária.

A maquinaria escolar também produz processos de invisibilização da transexualidade através de mecanismos, tanto na sala de aula como nos demais espaços de interação que compõem o espaço escola. Dessa forma, acreditamos ser necessário, primeiramente, mapear a necropolítica que retira possibilidades de educação formal de algumas pessoas. Essa mostra que a invisibilização nem sempre é possível, pois há rizomas, fissuras e rupturas em vetores contrários as forças que os impelem e que impossibilitam que os corpus-trans se ocultem ou restem despercebidos. Anne, por exemplo, tentava afirmar sua subjetividade desde a primeira idade e tais conflitos tentavam empurrar essa subjetividade, sua existência-mulher, para as fendas e brechas reservadas aos corpos dissidentes no cis-tema, ou seja, sufocariam sua condição feminina sob um manto de passabilidade heterossexual.

Contudo, apesar de tentarem condicioná-la a brinquedos impostos como sendo “masculinos”, restava claro que o que era supostamente inadequado, na verdade, era o perfil cisnormativo que lhe apresentavam como sendo único, mas ainda assim ela sempre se afirmou aos gritos como menina: “EU SOU MENINA; AQUI DENTRO EU SOU MENINA; EU SOU MENINA; AQUI DENTRO EU SOU MENINA” (LUDERMIR, 2016, p. 33).

4.3. Marcas do silenciamento dos corpus-trans na vida escolar

A segunda perspectiva busca discriminar, identificar, marcar na cartografia dos descostumes o silenciamento imposto aos corpus-trans na educação. Para tanto, vale trazer à ideia de silenciamento e os discursos produzidos pela Ciência Maior e conduzidos ao espaço escolar, seja em reflexo às verdades de época seja embasando estas como no caso da patologização da transexualidade que acabam por silenciar outras possibilidades discursivas. Nesse sentido, Luma Andrade (2015, p. 134) afirma que:

A simbologia da peste, como podemos perceber, não se refere à doença (apenas); a peste é um signo para representar o que a sociedade convencionada chamar de patologia, uma patologia social dos comportamentos, uma incongruência com relação aos valores e aos costumes oficiais. Essa metáfora pode ser usada, inclusive, para entender como as travestis e os homossexuais são tratados na escola; a lógica é a mesma, a divisão entre normal e anormal, a classificação e a delimitação territorial e existencial, que ficam sempre no

campo do negativo, a tentativa de curar, a busca por uma origem, as explicações religiosas e científicas, que se baseiam nas igrejas fundamentalistas e na ciência dos séculos XIX e XX.

Para efeitos desta discussão acadêmica, ambos refletem aspectos do processo de dominação que, no caso dos corpus-trans, impele vidas à marginalidade e até à morte como veremos no fechamento do quadrângulo proposto.

O silenciamento impede que o que já existe ecloda e force as subjetividades a se adequarem ao Cis-tema estabelecido. É ostensivo, ativo, propositivo sobre os corpos e seus fluxos, tirando desses não só a voz, a política, mas qualquer ruído ou movimento que vá de encontro as estruturas e forças. Não se confere certeza ao processo de silenciamento de que a dominação logre esse efeito imediato de silêncio, mas suas estratégias comissivas têm gerado um rastro de destruição e processos intensos de negação da existência.

Nesse mesmo sentido, Maria Clara Araújo dos Passos, no prefácio do livro “A história Incompleta de Breda e outras Mulheres” analisado nesta pesquisa, fala das violências sofridas e dos silenciamentos vividos que tentou enfrentar recorrendo aos poderes internos instituídos no espaço escolar que traduzem também essa política de negações de fluxo e de vida aos corpus-trans:

Quando me assumi, eu tinha um medo bem particular: ser silenciada. Ou melhor, não ter quem me ouvisse. Provavelmente, um medo oriundo das vezes que vivenciei violências na escola e, tanto a professora quanto a diretoria, não me davam ouvidos. Afinal, a narrativa era que "eu procurava aquilo (LUDERMIR, 2016, p. 11).

Silenciar pode, pragmaticamente, importar em torturas, violências simbólicas, expulsões e morte por ser uma das manifestações do mecanismo disciplinar e de controle em relações de poder que podem desembocar tanto na ordem da resistência e voz ou no assujeitamento. Mariana, uma das vozes e almas vistas em nosso material empírico, também sofre com a tentativa de calar o seu feminino. Ela queria ser esposa e mãe aos seis anos, já cuidava de seus irmãos, mas as investidas do cis-tema, de seu pai, foram de silenciá-la, torturá-la:

Já era fim de tarde e um menino brincava de pai e mãe com um colega de bairro. Mais uma vez, assumia a figura materna. Na fantasia, cuidava de suas

irmãs como uma mãe e beijava o coleguinha como marido. Já que no Alto da Brasileira, onde morava, nada se escondia, antes mesmo de anoitecer, seu Edson estava sabendo que o filho "tava brincando de viado". No telefone sem fio da comunidade, o menino também já sabia o que lhe esperava. Fugiu e passou um tempo vendo acenderem as luzes da sua casa, morrendo de medo. Quando chegou, seu pai lhe aguardava com um cipó arrancado do pé de araçá. Sem dizer nada além de xingamentos, tirou a roupa da criança e bateu até deixá-la em brasa. Em seguida o levou para bacia de água com sal e empurrou-a dentro, molhando todo o corpo com ajuda de um caneco. Os gritos e soluços foram ouvidos em todo o bairro. O menino tinha seis anos. Ainda não sabia que seria Mariana (LUDERMIR, 2016, p. 97).

Mas a violência social tem pauta e pauta-se em processos históricos de construção de uma violência epistêmica, apontada por Foucault (2001), na qual o discurso da ciência gera indivíduos subalternos sem possibilidade de fala pela legitimidade do mecanismo-ciência. Os saberes que vinculamos às educações incidentais possuem status de menores, rejeitados, marginais e apresentam-se enquanto inversões estratégicas de luta efetiva através da arte-educação/arte-geradora que trouxe visibilidade e voz aos corpus-trans de forma revolucionária. Dito de outro modo, a educação incidental é da ordem das ciências menores, é nômade, por não galgar um estado unívoco ou permanente de verdade, conforme também se verifica na proposta desta tese. Trata-se de linhas de fugas aos processos teóricos de organização, classificação, procedimentalização, definição, controle e homogeneização pelo conhecimento sistematizado e regras acadêmicas.

Nesse ínterim, percebe-se os efeitos dos discursos sobre Anne nos momentos em que o brincar de boneca, o “brincar de ser menina”, passaram a ser dissimulados por ela em linhas de fuga que rizomaticamente permitiram, apesar do assujeitamento e violência, que ela se tornasse uma mulher adulta:

Mainha, me empresta o batom para eu pintar a boca das minhas filhas. Elas são meninas, né? Não tem problema elas pintarem a boca. Eu vou brincar com elas de circo. Eu vou ser o palhaço. Palhaço também pode pintar a boca, né? Não tem problema palhaço usar batom. Com a maquiagem velha da mãe, contornava a boca por fora. Mas quando se trancava dentro no quarto, desrespeitava os limites dos lábios. Invadia a boca com o vermelho e aí a brincadeira ficava mais gostosa. (LUDERMIR, 2016, p. 38)

O silenciamento aqui utilizado não enseja necessariamente um deslocamento de sentido, mas vincula-se a todo processo de adestramento e controle dos corpos que promove a restrição da voz política dos corpus-trans, empobrecendo-os e ocupando-se para que o sofrimento

devore-o e o emudeça, despontencializando-o. Segundo Letícia Lanz (2016, p. 206), os corpus-trans, “mesmo tendo existência material, não constitui[em] uma identidade socialmente reconhecida e legitimada, isto é, devidamente inserida na matriz cultural de inteligibilidade”.

Para Brenda, tais situações faziam com que se silenciasse em seu espaço escolar, pois, além do momento específico e obrigatório da sala de aula, passava seu tempo isolada exclusivamente na biblioteca. Sua biografia traz o fato dela ter mudado, em virtude de tais violências, no mínimo três vezes de escola.

Da janela da biblioteca olhava os colegas todos conversando. Comendo juntos nas mesas da cantina e jogando futebol na quadra coberta. Sentia vergonha de ser tão desenturmado. Tentava esconder de Zaíra que estava ali na biblioteca por falta de opção. Zaíra, beirando os cinquenta, já tinha convivido com aquela situação diversas vezes. O ciclo de alunos excluídos era contínuo. E muitos deles já haviam se refugiado na biblioteca e ouvido aquela conversa morna da bibliotecária. (LUDERMIR, 2016, p. 135)

Quanto ao silenciamento dos corpus-trans, este incapacita a construção das singularidades e diversidades por dedicarem-se a acomodações, emolduramentos e constituições de subjetividades que partem de determinações normativas e normalizantes do poder que penetram os corpos através da lógica cis-hetero organizadora.

É um sentimento de culpa e vergonha que atravessa a micropolítica reativa e que pode ser visto na forma de seu assujeitamento, na forma como se vê e se percebe um corpo-trans. No diálogo que segue, o sentimento é minimizado, pois a hipótese de que Ane esteja simplesmente passando por uma fase tenderia a suavizar as preocupações da mãe. Assim, após a disputa de Anne com a filha da amiga por uma boneca (LUDERMIR, 2016, p. 33), emerge o seguinte diálogo:

Célia: - Não se preocupa não, amiga. Teu menino é muito novo. Ninguém sabe o que quer nessa idade.
Somália: - O que me dói é vê-lo sofrendo tanto. Todo dia tem uma situação como essa. Se não é a boneca, são meus sapatos, roupas, minha maquiagem. E se a gente não faz o que ele quer, é capaz de passar o resto do dia calado. Às vezes fica muito agressivo
Célia: - Eu também me preocuparia, não estou querendo diminuir o teu sentimento, mas é que isso é só uma fase. Você vai ver. Ele vai crescer e é bem capaz de se **envergonhar** quando a gente tocar nesse assunto (grifo nosso).

O poder busca o silenciamento que adéqua e o amordaçamento que garante o máximo resultado na equação sujeito da produção e produção do sujeito sob o argumento da construção de vidas dóceis e úteis maquiada com cores democráticas e biosanitárias que impossibilitam as singularidades de corpos dissidentes. Isso às vezes ocorre em posturas de violência e agressividade normalizadas e processadas pela episteme, como percebemos na fala de Maria Clara de Sena (MARIA CLARA, 2016) quando diz que “a identidade de gênero foi meus pais que perceberam, então eles entendiam que isso era um problema por minha identidade não ser compatível nem a dos meus irmãos e nem das minhas irmãs. Um peixe fora do aquário”.

A questão desenrola-se em um afanar de outras possibilidades teóricas que compreendem a função-aluno, a função-diretor, a função docente, mas também a especificidade de condições desviantes de pessoas com corpos considerados abjetos. Existem, além da educação formal, educações incidentais, não formais e informais dentro do espaço escola.

A discussão desloca-se de argumentos mais visitados de currículo disciplinar, ensino/aprendizagem ou gestão escolar para adentrar a outros aspectos também invisibilizados e silenciados dentro dos estudos sobre os espaços escolares, mas que estão para além da educação formalmente posta. Conforme dispõe Luma Andrade (2015, p. 190):

O silêncio e a ausência de orientações específicas se apresentam como estratégias para professores(as) e gestores(as) agirem conforme suas convicções na tentativa de preservar a hegemonia da heterossexualidade e o binarismo entre os sexos. Neste contexto, se as travestis optarem por ter acesso e permanência na escola, serão submetidas à descaracterização para entrar no jogo da - inteligibilidade do gênero corporalmente e na forma como é nomeada.

A territorialização do cis-tema não diz respeito apenas aos colegas de sala. Exemplificamos seus tentáculos também nos rizomas e linhas de fuga que permitem o enfrentamento, afrontamento e a re(x)istência que desencaixotam, bagunçam e borram. Ao voltarmos a obra de Chico Ludermitz (entre 2015 e 2016), vislumbramos a arte-educação/arte-geradora, ciência menor, como possibilidade de romper o silenciamento, por permitir as desinibições e as limitações que uma pesquisa com entrevistas e questionários poderiam causar.

As ciências menores são marginais em relação às ciências maiores, contudo, isso não significa que sobrevivam das suas sobras. Ficam à margem porque não têm nenhuma pretensão de obter o mesmo estatuto conferido a esta ciência, sobretudo porque se trata de uma “ciência” que diverge

profundamente da lógica de organização e funcionamento das ciências maiores. Assim, as ciências menores não têm qualquer pretensão de totalidade, de vida eterna, convivendo pacificamente com a contradição (DUARTE; TASCETTO, 2013, p. 113).

Acresce-se a isso que a escolha desta pesquisa também segue o mesmo ritmo e inspiração de se tredestinar a arte para um estudo educacional, um estudo sobre educações incidentais como veremos em detalhes ao final deste capítulo. Os dados do material empírico que apresentamos nesta pesquisa se estrutura em possibilidades que não foram destinadas à ciência da educação em si, mas que aqui, por um olhar vibrátil perpassado pelos *afectos e perceptos*, possibilitou que houvesse voz e vez às vidas de mulheres que foram silenciadas em seus processos de construção da subjetividade.

A interdição, diferente do silenciamento em espécie, bloqueia o trânsito de certas subjetividades de se afirmar ao mesmo tempo que as mantêm nas fendas da cidade (espaciais e políticas) adjetivadas pelas desigualdades econômica e social atinentes ao capitalismo. Atrela-se a essa mesma interdição os processos de subjetivação dentro de uma micropolítica reativa voltada para interesses individualistas, mas pautados em uma homogeneização mediante um padrão a ser consumido pelas subjetividades/identidades globalizadas, flexíveis e à mercê dos interesses econômicos: “corpo soberano branco, heterossexual, saudável e seminal” (PRECIADO, 2014). No caso dos corpus-trans, se autoriza a mobilidade de corpos que se articulem à inteligibilidade estatal contingenciada no binarismo, no masculino, no cisgênero e no heterossexual que, apesar de seguir as regras da economia de mercado, atua sobre a cultura e a potência dos desejos.

A interdição pode ser resumida em um simplório aspecto: impedir que a pessoa seja o que quer ser ou se torne o que não deve ser. Foi assim que Maria Clara de Sena, outras das mulheres pesquisadas, relata sua condição de assujeitamento e de interdição de fluxo de afetividades:

Na rua onde morava, o único grupo de gays que conhecia não podia sequer passar. O próprio pai era quem proibia, o que despertava ainda mais sua curiosidade. Dançava no quarto como as balizas das bandas marciais, escondido. Fazia sexo com o cunhado, escondido. Sonhava escondido (LUDERMIR, 2016, p. 110).

Exemplifica-se que as violências do pai de Anne avançaram até ele tentar interditar seu fluxo de vida, enquanto corpus-trans, tirando-lhe qualquer elemento de um universo tido por

ele como feminino. Como se a mulher que se constituía fosse decorrência de peças de roupa ou de qualquer objeto inanimado que tivessem o condão de fabricar a mulheridade em alguém.

Registrou-se que Somália, mãe de Anne, ao procurar seus pertences, depara-se também com uma violência contra si, além de diretamente contra sua filha: “Saias, vestidos, calças. Buscou em cada canto. Calcinhas, meias, sutiãs e nada. Brincos, colares, pulseiras e nada. Batons, sombras, bases e nada. Com as mãos no rosto, cobriu os olhos. Não havia boneca alguma. Adalberto tinha jogado todas fora. Todas. Todas. Todas” (LUDERMIR, 2016, p. 31).

Esse processo também foi a assunção da condição de Anne que, após o ato de Adalberto de eliminar os objetos que pretensamente a teriam feito mulher, reflete sobre a possibilidade de reconstruir aquele universo de bonecas e roupas junto com sua mãe. Contudo, Anne não poderia mais voltar a se esconder nas fendas e nem poderia voltar no tempo para ser criança, ser menina... poderia apenas ser ... o que já existia e que havia rompido, trans-bordado, ou seja, ser ela mesma, ser mulher, seguir sem as interdições impostas: “Será, mainha? E se a gente fizer isso, o tempo volta? Eu volto, mainha, no tempo? (...) Não, mainha. Quero não. Já não estou mais na idade de brincar de boneca (...) Mainha, o tempo passou e, nem que tu queira, ele volta. Tem jeito não, mainha. Tem jeito não” (LUDERMIR, 2016, p. 30).

Preciado, em entrevista ao site *françes Liberation*, fala sobre a cristalização da identidade, onde assevera que “embora não exista a identidade ‘mulher’, ser mulher pode custar a vida em Tijuana. Embora não exista a identidade ‘trans’, ser trans pode custar a vida também em Paris”. De mesmo modo a [...] “raça também não existe, mas a identidade racial pode te impedir de atravessar uma fronteira” (GONÇALVES, 2020).

Nas potências dos corpus-trans, alguns rizomas reforçam o verbo esperar e apresenta o que pode um corpo frente às interdições impostas às suas vidas. Assim, apresentamos Rayanne Romanelly, transexual que compõe as narrativas deste nosso material empírico, professora que trabalha na Escola Ana Cecília e cuida de crianças de três a onze anos que a tratam como Tia Ray (LUDERMIR, 2016, p. 89) da qual se percebe que as florações da realidade são possíveis. Em seu depoimento em vídeo gravado relata, ao falar sobre sua biografia, que a parte que mais lhe tocou foi:

A que fala da minha profissão atual, porque quando eu falo sobre ela, as pessoas ainda têm alguns tabus entendeu. É meio que inaceitável uma travesti, transexual, dentro de uma escola infantil particular. Então... sempre que se fala nesse assunto eu fico muito emotiva, porque, isso para mim é a maior realização de toda minha vida. Nada que eu venha a fazer daqui para frente vai ser tão importante quanto essa conquista que eu tive nessa minha profissão (RAYANNE, 2016).

Jaqueline Gomes de Jesus⁵⁴ (2019), ao falar de visibilidade trans e política, constrói possibilidades dos direitos e da cidadania das pessoas travestis e transexuais sobre:

A emergência de temas como a autonomia do movimento trans frente a outros movimentos sociais, a luta internacional pela despatologização, a diversidade sexual e de gênero das identidades trans, os privilégios da cisgeneridade, o reconhecimento da infância, adolescência e terceira idade trans, a reparação dos déficits educacionais, a inserção no mercado de trabalho formal e a representatividade nas artes e na política partidária, são questões que vão formatando pautas políticas amplas, e incitando a maior participação política de pessoas trans, para além dos espaços restritos que lhes são tradicionalmente atribuídos.

A estratégia usada para interditar a existência dos corpus-trans em discussão perpassa personalidade, sanidade e dignidade, agindo o quanto antes para manter-se no controle através da interdição de linhas de fuga, do engessamento de estratégias e do bloqueio dos rizomas para que não implodam ou rompam os alinhamentos do gênero ao sexo atribuído no nascimento, mas o cis-tema nem sempre logra seu êxito como no caso de Rayanne.

4.4. Lacunas dos apagamentos dos corpus-trans no espaço-escola

A quarta perspectiva aqui trazida é o que se traduz com gravidade mais imediata e posta-se em um processo que envolve o jogo de morte e violência pelo qual os corpos dissidentes passam. O apagamento tomará, nesta pesquisa, o vínculo que se estabelece em cores, números e efeitos entre a experiência da subjetividade dos corpus-trans (*affectos e perceptos*) e os eventos de morte e destruição dessas vidas.

54 Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB), com pós-doutorado pela Escola Superior de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Pesquisadora-Líder do ODARA - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (CNPq). Agraciada com a Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por indicação da Vereadora Marielle Franco.

Os registros de mortes de mulheres transexuais em progressivo aumento impeliram-nos a uma urgente análise que, por um olhar vibrátil, cartografou os desdobramentos da abjetificação de corpos pelas instituições de ensino, assim como pela sociedade de uma forma geral. Verificou nas falas a existência de corpos-cis retóricos, passáveis e normativos que desejam sexualmente corpus-trans, embora contraditoriamente não aceitem essa condição.

O discurso cisheteronormativo tem sua nocividade posta de forma clara ao influenciar e articular-se ao conjunto de coisas que implicam em histórias de discriminação, violência e exclusão, muitas vezes seguidas de morte.

são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2003, p. 38).

O processo de estigmatização que promove os movimentos de apagamento dos corpus-trans se desenvolvem como ondas, propagando-se da família para a comunidade, da comunidade para a escola, para os serviços de saúde e os demais espaços de contextos de relações com que essas pessoas venham a interagir, não necessariamente nesta ordem.

Anne, uma das mulheres que compõem nosso material empírico narra um episódio vivenciado dentro do espaço escolar. Ela já havia sofrido inúmeras agressões e retaliações, inclusive institucionais. Violências aniquilantes não só do corpo físico, caso lograssem êxito, mas que maculam as subjetivações. Nessa lógica, Anne relata que houve uma eleição para representante de classe e o aluno eleito promoveu uma consulta a seus eleitores, na aula da professora de História, sobre possíveis melhorias para a sala de aula e para o colégio. Tais sugestões poderiam ser feitas sem a necessidade de identificação do proponente. Uma das “sugestões”, sem assinatura, dizia:

Quero que ***** seja expulso da sala. Se possível do colégio. Não queremos viado no nosso convívio”. Todos da sala se viraram para Anne, mas nessa hora ela já não estava mais lá. Percebia que os lábios de Tatiana se mexiam, mas não conseguia ouvir o que ela dizia. Via os rostos e as expressões dos colegas

se deformando em câmera lenta. A vista da menina escureceu. E ela mergulhou na escuridão (LUDERMIR, 2016, p.43).

Já Francinne, uma das vivências-trans captadas nesta tese, se refere ao espaço familiar visto que constantemente era lembrada por seu pai de sua condição, uma vez que ele atrelava à sua performatividade de gênero a um discurso de ódio, que se manifestava de diversas formas: “você não vai ser coisa boa”; "Esse menino fala fino e anda se requebrando". Como ela própria diz:

Meu jeito de fazer incomodava ele. Não era coisa para agredir. Era uma coisa espontânea. Às vezes a criança não sabe que tá agredindo os pais. Aí a forma dele se defender daquela agressão era me agredindo com palavras e eu não poder falar nada. O menino fala fino, o menino anda se remexendo, o menino ri muito, porque eu ria muito. O menino ri muito (FRANNCINE, 2015).

Acrescenta-se ainda a biografia construída por Ludermir sobre Deusa, outras das 11 mulheres que compõem esta pesquisa, de que: “no ciclo dolorido de apanhar e devolver, Deusa sai à noite com uma faca dentro da bolsa. Já machucou alguns, mas jura que nunca matou. Quando vaga, sem destino, sente medo de reencontrar algum cliente que ela algum dia já roubou. Mas o medo não lhe paralisa. Acredita na morte como sendo só mais uma experiência de transformação (LUDERMIR, 2016, p. 66).

Conforme dito anteriormente, consideramos que a ação política de morte migra do conceito foucaultiano de biopolítica para o de necropolítica (MBEMBE, 2018) que abarca negros, pobres e refugiados, mas ousamos em apontar para um realocamento do termo, um acréscimo necessário de discutirmos uma trans-necropolítica como desdobramento permitido pela linguagem para falar dos *corpus-trans* e de suas mortes e vulnerabilizações, uma vez que esses corpos são também negros, pobres e não têm lugar na sociedade exposta.

A lógica da transnecropolítica age de fora - nas humilhações, espancamentos, assassinatos, mas age, também, na ordem interna, ao se considerar a condição do corpo-trans como abjeto e, dessa incursão, se sucede a morte da alma e/ou o suicídio em si. Outra situação que compõe o enredo empírico das narrativas de *corpus-trans* é a de Brenda também no ambiente escolar. Essa protagonista era vetada nos trabalhos em grupo e, muitas vezes, se quer era cumprimentada. Foi espancada dentro da escola por seu primeiro amor. Na quadrilha da escola, quando ainda era chamada pelo nome de Juninho, foi onde libertou sua potência de

mulher, sua vontade de ser e existir, e por isso foi espancada, escorraçada, perseguida e apedrejada da escola até chegar em sua casa.

Juninho pensava no que fazer no desfile quando levou um empurrão do menino que viria depois dele. Já entrou na pista desajeitado pela agressão, mas continuou pulando e rodando enquanto passava pelas meninas, a maioria delas achando graça no jeito feminino do colega. Do lado dos meninos começou-se a ouvir um coro que foi ficando mais alto e quase ensurdecador aos ouvidos de Juninho. - BICHA, BICHA, BICHA, BICHA! Ficou mais triste do que com raiva, mas, se fosse só um gritando, talvez tivesse partido pra briga. Eram uns trinta, eram todos. O ensaio acabou meio atrapalhado porque o puxador teve que encerrar antes do horário para evitar mais violência dentro da escola. Juninho só queria ir pra casa e esquecer que tinha pensado em participar da quadrilha. Esquecer que tinha pensado em fazer alguma coisa que não ficar trancado em casa. Esquecer que tinha pensado em fazer alguma coisa alegre. Mas os meninos não deixaram ele esquecer. Saindo da escola, Juninho levou a primeira pedrada e escutou uma risada que reconheceu como sendo a de João Pedro. Mas havia outros dez junto com ele. Todos com pedras na mão gritavam “frango”, “viado”, “vai embora, bicha” “Não volta mais, baitola”. Começou a correr em meio a uma chuva de pedras que lhe acertou cabeça, pernas, braços. Toda a região das costas. Algumas maiores lhe deixaram galos, outras, marcas vermelhas. Desesperado, tremendo, quase não conseguiu abrir a porta de casa. E enquanto não abria, não cessavam as pedradas (LUDERMIR, 2016, p. 138-139).

Discutir o “sujeito descartável e supérfluo” visto em Mbembe (2018; 2014) como sendo aquele considerado como portador de uma vida sem valor, indigna de ser vivida e desnecessária ao modo de reprodução do capital em sua crise estrutural atual implica, também, em uma vida matável. Chris, outra das mulheres com sua história de vida trazida pela arte nesta pesquisa, desabafa em seu aniversário de apenas 41 anos: "mais um ano... quase meio século. Quem diria?", pensou em silêncio, enquanto mantinha firme o sorriso ao som da homenagem. Nunca imaginara que viveria tanto. Pelo contrário, sempre achou que morreria antes dos vinte e cinco, como é comum nas trajetórias curtas tanto das estrelas quanto das mulheres trans” (LUDERMIR, 2016, p. 54).

Dentre as vivências apontadas, a de Anne traz uma forma de leitura da condição de classe que ainda assim restringe a flexibilidade de suas experimentações, fluxos de criação e de desterritorialização em virtude dos atritos que seu corpo-trans cria ante ao inconsciente colonial-capitalístico dentro do espaço escolar com apenas 16 anos.

Saiu apressada para pegar o assento da frente da condução escolar e assim evitar sentar ao lado dos colegas com os quais não queria contato. Encontrou

aquele bolo de alunos se aglomerando para descerem as escadas e tentou passar desviando de cada um. Uma mão agarrou a alça de sua bolsa e lhe empurrou com força. "Boiolas vão atrás". Esborrachou-se no chão, batendo cotovelos e joelhos nos degraus e, com esforço, conseguiu não despencar escada abaixo. Enquanto esforçava-se para ficar de pé, ouviu as risadas de outros dois meninos da sua turma que corroboravam com a ideia de que seu lugar era inferior (LUDERMIR, 2016, p. 42-43).

Anne, apesar de estudar em um dos colégios mais caros da Grande Recife, foi empurrada escada abaixo por ser diferente dos colegas, fato que nos gera o incomodo, se considerarmos uma escola tida na sociedade como *sui generis*, como uma escola cis-gênero, na qual os perfis e as performances consideradas como descostumes devem ser aniquiladas.

O colégio constava no rol dos melhores da cidade. Estava no topo da pirâmide tanto dos resultados no Enem e vestibular quanto no preço. Ser um dos mais caros da cidade interferia de forma diretamente proporcional na sensação de direito do cliente por parte das famílias. Estavam pagando por um serviço. A coordenadora ouviu a reclamação contada em notas de choro (LUDERMIR, 2016, p. 43).

Em conversa entre os pais de Anne sobre a violência escolar sofrida por ela. Sua mãe comenta com o pai Adalberto “na escola, ele foi empurrado da escada; disseram que não querem ele lá. Ninguém quer ele, Adalberto. Você não o quer. Mas eu quero. Eu quero muito. Mais do que tudo. Mais do que minha vida”. Mas, eis que surge, por parte do próprio pai de Anne, a conivência com o crime e a cumplicidade com a dominação cis-heteronormativa: “Ele só foi agredido porque não se comporta como homem”.

Das re(x)istências possíveis e das potências apresentadas, a ação ativa sororidosa de reconhecimento da condição-mulher de Anne por sua mãe, manifestou-se em eclosão a partir do enfrentamento das instituições na figura de Lícia, diretora da escola, para que a vida rizomática do corpo-trans de sua filha rompesse as estruturas do formato-cis-escolar (LUDERMIR, 2016, p.43). A vida tentou desbotar as cores do retrato de Anne, mas a vida de Anne borra e tinge a monocromia que lhe tenta ser imposta nas vidas que a rodeiam:

Lícia, eu quero encontrar com esse menino, Rogério. Eu exijo. Ninguém vai empurrar **minha filha** da escada, não. Não vou deixar por isso, mesmo! Esse menino não é melhor do que a gente em nada. Os pais dele não são melhores do que eu em nada. Eu quero falar com os pais dele. Eu quero processá-los. Eles têm que pagar pela violência que o filho deles cometeu. Eles não sabem a dor atroz que é ver uma filha desrespeitada (grifo nosso).

Assim, reforça-se que o apagamento foge às lógicas de controle da racionalidade punitiva ordenável, organizada, calculada e econômica e declara-se como elemento de violências e, dentre elas, também a morte. Assim, ao invés do controle e da disciplina comuns a racionalidade do poder que negocia, justifica e se legitima nisso, o apagamento ocorre no limite da racionalidade e da dominação que usam, às vezes de violência, e escapam pela irracionalidade de uma violência de morte e aniquilamento de *corpus-trans*.

Em suma, enquanto o poder dobra- porque se autojustifica e negocia e, com isso, se autolegitima-, a violência quebra-porque se impõe por si mesma. Enquanto aquele se dá agonisticamente, essa se dá antagonicamente. Um se dá com algum consentimento e até mesmo com sentimento das partes envolvidas; outra se dá sem consentimento e contra o sentimento da parte que a sofre (VEIGA-NETO, 2013, p. 29).

A transnecropolítica retira o valor do indivíduo produtor, colocando-o na condição abjeta. Dados apontam que a condição da prostituição acaba sendo o elemento laboral de sobrevivência para esses corpos, mas também acaba sendo mais um lugar de depósito dos corpos rejeitados como se falássemos de um campo de concentração nas esquinas e guetos *queer* do mundo.

As linhas que surgiram e que se antecederam ao nosso cartografar estiveram em dados, números e documentos que expõem a morte de mulheres transexuais (desde adolescentes) e que nos impeliu a compreender onde as vidas e a educação se tangenciam. Nessas linhas de intensidade cruzadas, emergiu a obra de Chico Ludermir que trazia, em seu bojo, artes plásticas, intervenções, palestras, documentários biográficos, entrevistas e livro. Permite-se que a percepção da educação ultrapasse e rompa os limites institucionalizadores através de traçados cartográficos do que, para muitos, ainda é um descostume, no caso a transgeneralidade.

4.5. Educações incidentais: onde não houver *afectos*, força-se brechas de sobrevivência

As educações incidentais não estão nos mecanismos escolares, nos assujeitamentos familiares e nas heteronormatividades inaladas na sociedade, mas ao mesmo tempo e contraditoriamente também estão lá. Tais educações incidentais rompem com estruturas a partir delas, por dentro, corroendo, como um parasita ou um monstro que se alimenta em luta por sobrevivência no amago do hospedeiro. A educação incidental e seu plural se habilitam em

sinas, vidas e histórias apresentadas onde há uma didática, uma pedagogia e um currículo pulsante e negado no espaço escolar e nas ciências que circundam a educação.

A educação incidental disputa espaços, eclode das fendas da cidade e confere as mulheres transexuais um itinerário ético-estético-político de tomar posse de suas próprias vidas e desenvolver outras alternativas ao que lhes é imposto. A arte-geradora aqui trazida é uma possibilidade de se apresentar formas de educações incidentais e as mulheres que nela são contadas, trazidas e sentidas amostram-se em suas lutas e belezas contabilizadas em anti-fluxos ao que foi socialmente designado.

A crise da educação está, em vários aspectos, complexos da dogmática escolar e da representação cis-social que traduz aspectos conservadores, neoliberais e religiosos. Tal condição nos remete a pensar no policiamento das subjetividades desviantes. Assim, buscar os retratos e os relatos de mulheres transexuais vivenciados no espaço escolar permitiu que possamos discutir ferramentais de enfrentamento as forças reativas e condicionantes do sistema articuladas a uma Ciência Maior e a uma Educação maior.

A discussão aqui desenvolvida poderá ser considerada como um aspecto hiperbólico por tratar-se da transgeneralidade, mas são mecanismos de eliminação, diminuição e emudecimento que também são vivenciados em outras subjetividades dissidentes, como negros, mulheres, deficientes, homossexuais, dentre outras, uma vez que as lutas contra o poder se conectam.

Os trabalhos de escrita criante da vida vivida de mulheres trans... seus desdobramentos em intervenções artísticas, fotos, vídeos biográficos trazem elementos de aprendizado e ensino que descurricularizam disciplinas, desviam os trânsitos determinados nos agenciamentos maquínicos da escola e avançam gerando atritos, permanecendo ante agruras da própria existência.

A arte-geradora permitiu que as educações incidentais ocupassem e criassem espaços (territorializem, desterritorializem e reterritorializem), deslocando sentidos e significados através de histórias que narram invisibilidades, silenciamentos, interdições e apagamentos aos corpus-trans que não estão nas Ciências Maiores do currículo da sala de aula, estão na sala de aula, nas descurricularizações dos saberes e ciências menores das tecnologias do corpo e gênero vistos em outros saberes.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. A unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p. 24).

Nossa cartografia partiu do que foi dito enquanto existência diversa e, por isso, abjeta. Fugimos dos questionários estruturados e vimos, vivemos e percebemos os *afectos* que se mobilizam após um processo artístico de um autor/intelectual/militante/artista que também teve seus processos de produção publicados, de onde surgiu esta pesquisa educacional.

Seguindo nesse sentido, cabe fazermos um adendo para olhar por translação os elementos trazidos aqui como quem captura imagens e constitui o que se chama de “fotografia”, enquanto gênero, que quando retrata uma pessoa ou muitas passa a ser designado como retrato. Nosso retrato aqui apresentado passa a ter esse componente de captura do humano ao fotografar a “ciência” em um determinado tempo e espaço.

Em uma época, na qual não havia essa tecnologia de imagem, os retratos eram pintados à mão e é essa a ideia do que foi retratado nos entre-lugares comuns a muitos corpus-trans. O registro das singulares e, ao mesmo tempo, do “nascer mulher” ocorre em tempos e momentos diferentes para si, para seu microssistema parental e social e para o mundo como incidentes educacionais.

O eclodir em desejos e matizes não se restringe a uma das possibilidades de manifestação de um corpo ou suas interseccionalidades, como no caso de corpus-trans. Nessa tese se observa as luzes, as cores e as vozes, mas também se viu dores, ainda que com ranhuras, fissuras e atritos entre os corpos que podem dizer e os que não podem existir.

São leituras de retratos prontos que fogem a Ciência Maior como forma e estrutura e lançam-se à retratar quadros (coloridos) “a mão” a partir das sugestões e diretrizes que se descortinaram nesta pesquisa. Tais desenhos tratam das formas ativas e reativas de articulação de corpus-trans de jovens, adolescentes e crianças em espaços de socialização como o espaço

escolar e os mecanismos de educação que promovem o assujeitamento através da redução destes ao formato masculino.

Analisar a vida, as dores e as singularidades como possibilidade educacionais que fogem ao enclausuramento estruturante da pedagogização, não só garante uma lógica do viver/aprender/ensinar compartilhado por todos do universo educacional (família, igreja, escola...) como proporcionaria um realinhamento que impediria a marginalização, o assujeitamento e a abjetificação dos corpos e mentes.

Corpos como o de Wanessa, filha mais velha de mãe solteira, que foi sendo criada por vizinhos, parentes, patrões “morou em tantas casas que nem sabe precisar - umas dez, talvez quinze. Num mês estava com a tia; no outro, dormia quartas na casa da madrinha; no seguinte, morava com a vizinha” (LUDERMIR, 2016, p. 117).

Nada de carinho nem de escola. Ela mesma quem encadeia os dois substantivos como suas carências essenciais da infância. Desde pequena era "garoto de mandado". Nem educação, nem afeto. Apenas ordem. Desde que ganhou seus primeiros salários (11 anos), começou a frequentar a escola (LUDERMIR, 2016, p. 118).

As subjetividades rompedoras e assujeitadas (às vezes numa mesma condição de existência) se entrecruzam com a educação em seus espaços clássicos através dos processos de educação incidental, o que comprova que esta não se atém às vivências para além do espaço escolar, mas ocorrem insidiosamente em assujeitamentos e confrontos.

A Cartografia aqui vem como forma de narrativizar as descobertas do pesquisador frente a estrutura escolar, familiar e social, enlaçando todo o cis-tema com suas linhas de intensidade e de fuga que envolvem a educação e que possuem os *afectos* e *perceptos* como astrolábio de navegação. Optar por uma cartografia que foi desbravando ao mesmo tempo em que foi sentindo as vivências contribuiu para o exercício do nosso pensar. As vozes pintam nosso Quadro, Sarah Wagner York (GONÇALVES, 2018, p.42) afirma que:

Afinal, xs subalternxs podem e devem falar por si mesmxs. Eu, enquanto mulher travesti, não permito que meu discurso seja invalidado ou menor. Sou uma pesquisadora do asfalto, da luta de viver a cada dia com a possibilidade estatística de uma morte eminente muito maior que qualquer sujeito da população cisgênera

A vivências não passam ilesas ao inconsciente colonial capitalístico sem antes perceber que há uma tentativa de invisibilizar que fazem-nos compreender fissuras e atritos. O estudo que alcança a educação incidental possui verbos de pesquisa que não são objetivos, mas encabeçam pistas e movimentos que se desdobram na medida em que a vivacidade das linhas de intensidade nos é mostrada e nos permite identificar.

Adjetivar a cartografia agenciada como sendo dos descostumes remete-nos a necessidade de transnudar o que é habitualmente, posto nas pesquisas com metodologias convencionais, e discutir histórias de vida, convergências, rupturas e espacialidades. São dispositivos e agenciamentos encontrados que nos permitem desenhar momentos nos quais esses corpus-trans deixam de ser contabilizados no estado de coisas sociais.

Cabe ainda destacar a narrativa de Anne ao recorrer, por várias vezes, a Diretora do Colégio onde estudava para denunciar agressões de diversas ordens. No entanto, Anne percebia que a mesma mantinha sempre uma postura ambígua:

Escutava as queixas e tomava atitudes que até então não tinham surtido efeito em diminuir a perseguição que Anne sofria. Se sensibilizava com as narrativas da aluna, mas no fundo, sabia que mudar aquele pensamento dos outros em relação a Anne demandaria um trabalho que envolveria não só os alunos, mas também, e talvez, principalmente, os pais. Um risco que não estava verdadeiramente disposta a correr (LUDERMIR, 2016, p.43).

As ações-cirandeiras⁵⁵ ou os efeitos pedagogizados de uma pseudo-punição se manifestavam na forma de “aulas sobre homofobia durante as classes de Sociologia”. Anne afrontava o cis-tema que a empurrava para as fendas sociais: “Mas não pode ser só na minha. Vai ficar parecendo que é especial para mim. Vai ser pior. E eu não sou a única pessoa aqui que sofre bullying não, viu? é um ótimo colégio, desde que você seja do jeito que todo mundo espera” (LUDERMIR, 2016, p.43).

55 Esse termo, cunhado nesta tese, é pejorativo e remete as brincadeiras de ciranda, uma vez que traduz uma crítica a atividades que soam como “lúdicas” (palestras, dinâmicas, notas de repúdio) se comparadas as necessidades de posturas mais fortes para o enfrentamentos político da transfobia (ou outras fobias) dentro do espaço escolar, principalmente os que ceifam vidas. São paliativos para processos que urgem um cuidado de afronta às instituições educacionais e ao cis-tema como um todo.

Assim, o que move esta tese é a inviabilização das diferenças e possibilidades de outramentos dentro dos espaços escolares (micropolíticas de gestão, docência e discência), ao mesmo tempo em que a educação incidental também se manifesta no ambiente escolar ainda que sem as formalidades depositadas neste “sacro” lugar. Buscamos as linhas que repelem, capturam e rompem as possibilidades de inclusão/exclusão escolar a partir do que não é formalmente educação. Nesse sentido, Ribeiro e Paraíso (2015, p. 789) dispõem que

O argumento aqui desenvolvido é o de que apesar de as relações de poder-saber forjadas no currículo das escolas investigadas serem marcadas pela presença predominante dos conhecimentos autorizados, vinculados às diferentes disciplinas curriculares, há ali um grande esforço em introduzir e ensinar outros saberes que contribuem para divulgar e produzir o sujeito. Nessa composição de saberes, conhecimentos não escolares também são modificados e ensinados nas escolas investigadas de um modo que acaba por modificar o currículo praticado, mesmo trabalhando esses saberes dentro das disciplinas curriculares. Vale ressaltar que os saberes alternativos introduzidos nos currículos investigados e analisados neste artigo estavam presentes apenas nas aulas de geografia e ciências.

O maquinário escolar é reativo e não acolhe e nem permite os processos de simesmidade e de integração social e científica de corpus-trans em seus espaços, ou seja, é possível falar de uma educação incidental dentro da escola, pois, apesar da espacialidade comportar a educação formal da Ciência Maior, há educações que não estão relacionadas especificamente ao currículo escrito ou ao binômio professor/aluno/aprender/ensinar, mas nas situações de atrito, assujeitamento e rompimento dentro da escola.

É como se o olhar se descolasse da relação professor/aluno ou das disciplinas para buscar em outros elementos a problemática ao território escolar a fim de permitir que devires transexuais emergjam a partir da fricção e borramento que esses corpus-trans exercem dentro do espaço-escola. Trata-se de uma heterotopia na sobreposição do formal e do incidental na Educação.

É como se trouxéssemos um processo educacional incidental que se desdobra num processo terapêutico e ao mesmo tempo educacional e artístico. Tal reflexão permite a descodificação das formas, desterritorialização de gênero, dessubstancialização das substâncias e trazer à tona a possibilidade da experiência do descostume com o afrouxamento do Cis-tema.

Por fim, tais escolhas identificaram no empírico e no teórico outras aberturas que permitiram um olhar outramente para as vivências apresentadas. Recontamos as histórias de vida, trouxemos para discussões acadêmicas e fizemos o fluxo e refluxo de levar a educação para a vida e a vida para educação, mesmo que tenhamos como premissa o fato de que "nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender" (DELEUZE, 2003, p. 21).

Acrescemos ainda o fato de que o inconsciente colonial capitalístico não se articula diretamente pelas violências (não que elas não estejam presentes), mas fundamentalmente expropria os corpus-trans de seus *affectos e perceptos* tidos nas potências mediante adestramento e controle.

A maquinaria escolar e a transexualidade como elementos de um estranhamento e fricção dos corpos produzem efeitos recíprocos de captura/rompimento, trazendo uma sobreposição e concomitância dos processos de educação formal e dos processos de educação incidental. A educação incidental toma ares de escola distópica pautada em potências transexuais que se entrelaçaram nas possibilidades de vida, ainda que transitando na prostituição, nos amores malditos, nas violências e situações de quase-morte. É aquela que pode produzir deslocamentos na Ciência Maior e que se coloca antes, durante e depois dessa por ser a própria vida. Em movimentos de antifluxo, traz a possibilidade de uma ciência que permeia a vida, que se deixa passar, perpassar e se emaranhar nela.

UMA CONCLUSÃO EDUCACIONAL EM ANTI-FUXO OU PISTAS PARA UMA NOVA PESQUISA INCIDENTAL

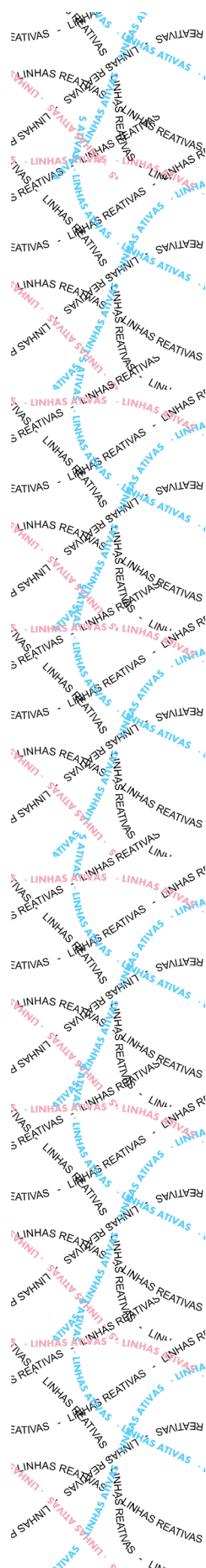
Esta tese se propôs a cartografar descostumes, a ver linhas que permitissem compreender outros modos de educação, outras possibilidades de pensar, caminhos na diferença. Chegasse ao final provisório, pois seu termo só se pode definir quando o caminho do pesquisador e seus devires findarem, pois nos propusemos a sermos afetados e sentirmos, e essa é uma deliciosa e perigosa jornada da qual não há volta.

Optar por veredas que funcionam em anti-fluxo aos modelos, técnicas e metodologias convencionais trazendo novas reflexões. A narrativa passa a ser contada, ainda que não em biografias ou outros instrumentos de registros material, mas passa a ser vivida em pragmáticas de sismesmidade que se intensificam, reconfiguram e nos reterritorializam nos espaços que existem dentro de nós, talvez ainda além.

Mas a tese, por mais que traga linhas de fuga e rizomas em seu bojo, vem dentro de estruturas, prazos e limites que nos encaminham para retomarmos em curtas linhas as pistas e movimentos dos quais nos propusemos. A cartografia dos descostumes nos levou em sua essência a ler, a sentir e a viver as educações incidentais em deslocamentos, territórios, linhas e fluxos.

A proposta de nosso primeiro capítulo era de apresentar uma cartografia nova, que buscasse em outras cartografias estratégias e ferramentas de ler e montar o mapa de vivências de corpus-trans como possibilidade educacional. Esse foi nosso ponto de partida, em território desconhecido, uma vez que não sou um corpo-trans, apenas familiarizado com as linguagens e discussões do universo queer.

O nosso primeiro movimento foi de pensar como cartografaríamos. Por quais domínios, territórios e horizontes deslizariamos? Assim, fez-se necessário tomar como primeira pista pensar uma cartografia nas vidas de corpus trans de mulheres da Região Metropolitana do Recife por perspectivas educacionais.



O movimento que surgiu inicialmente era de sabermos qual era o material empírico que tínhamos. Foi quando o livro “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...” nos encontrou e dele acessamos dados da intervenção artística “Mulheres: Nascer é Comprido”, ensaios fotográficos, vídeos que contam, recontam e releem o que foi produzido por Chico Ludermir a partir da sua escuta sensível de 11 mulheres em corpus-trans, bem como entrevistas e matérias dadas as revistas e jornais sobre a obra e as mulheres retratadas nela.

Restou-nos como segundo movimento do primeiro capítulo saber que tipo de Cartografia daria conta de tão rico material empírico e que abordava vivências consideradas abjetas e ocupantes das fendas sociais da cidade que são reservadas aos corpos dissidentes por caminhos insólitos e a desbravar. Coube a criação de uma cartografia que se pautasse em um processo de inversão metodológica e conseguisse registrar em seu mapa de subjetividades os descostumes, ou seja, as invisibilizações, silenciamentos, interdições e apagamentos que ocorrem em heterotopia entre o cotidiano cis e os descostumes dos corpus-trans que ocupam o mesmo espaço físico e tempo, porém se distanciam nas permissões de existência.

Como movimento derradeiro deste processo de conjurar a cartografia, fez-se necessário compreender as ferramentas que o pesquisador deve ter para desenvolver a pesquisa em educação a partir de vivências tão vulnerabilizadas. Nesse movimento que foi se construindo e fluindo a partir do devir-criança, que curiosamente quer descobrir o mundo e para quem tudo se faz novo. Iniciou-se tendo como ferramentas o olhar e o corpo vibrátil, perpassados pelos *afectos e perceptos* para se ler a arte, sentir as pessoas e pensar a educação.

Desde então, temos nos defrontado com as brechas agonísticas que foram surgindo do contato com autores como Deleuze, Foucault, Rolnik, Parnet e Guatarri, com os corpus-trans femininos que nos enredam em uma batalha sem fim. Hoje, as melhores armas estão em refúgios das leituras que modificaram o modo de ver os chamados fundamentos da educação e suas interações com as construções do Ensino e das ciências desveladas em seu caráter difuso e profundo, posto que enraizado nas diversas subjetividades presentes nos processos educacionais.

Nosso segundo capítulo nos conduziu a mapear os fluxos contínuos na arte de Chico Ludermir em sinergia com a educação, pois considera-se que sua obra apresenta elementos

educacionais transformadores e possibilitadores de potências e da visibilidade de devires. Essa pista nos conduziu a uma arte que traz a vivência de corpus-trans e que subverte o ensino/aprendizagem para além de localizações espaciais físicas e geográficas, tanto no processo de fazer a arte e do aprofundamento no conteúdo criado.

Nosso primeiro movimento desse segundo capítulo para fechar a montagem de nossa cartografia foi a busca pelo contexto social, político, geográfico e estrutural que permitiram que o material empírico desta tese se constituísse. Esse movimento permitiu que a cartografia desenhasse as ferramentas do autor enquanto estratégias didáticas de encontro dos corpus-trans consigo mesmos e, nessa discussão, surgir as florações da realidade, bem como destrinchar a educação vista por *afectos e perceptos* nas diversas plataformas de mídia e uso da multimodalidade em um processo metacartográfico.

O penúltimo movimento de nossa tese visou permitir a leitura da didática de cada uma das ações apresentadas de Chico Ludermir para contar e ouvir as histórias e para transformar possibilidades a partir da interação de seus processos de nascimento das mulheres em seus corpus-trans. Em essencial, verificou-se no mapa a didática de oitiva e registro das mulheres (fotográfico, em áudio e escrito); o processo delas de releitura de si; o redesenho de seus passados (nos azulejos da intervenção artística) e de chance de recontação de suas narrativas; e a vivência da obra de arte em si, como um processo inteiro e complexo.

O último movimento visou identificar educações propriamente ditas na arte geradora de Chico Ludermir e compreender as educações incidentais a partir do conteúdo criado. A cartografia dos descostumes, enquanto metacartografia, gerou um mapa tracejado, desenhado e sinalizado com territórios, linhas e fluxoscontínuos contidos na Cartografia de Chico Ludermir em sua arte geradora. Mapear os descostumes que se inspiram numa função-artística e no nascer mulher dos devires transexuais nos trouxeram a ideia de várias educações insurgentes que eclodem a partir de movimentos artísticos, culturais e acadêmicos. Observamos que, apesar do inconsciente colonial capitalístico, insurgem linhas de fuga e novos espaços de resistência e invenção na educação.

Mapeamos então a molecularidade ativa e as linhas de fugas a partir das subjetividades do autor e de seu olhar vibrátil. Percebemos os processos educacionais incidentais acionados em sua estilística política, estética e ética da existência. Observamos nas educações incidentais

formas de educação paralelas e rizomáticas, que negam a estrutura totalizante e universalizante de uma pedagogia maior, uma vez que o autor e as personagens-vida se transformam na obra ao mesmo passo em que aprendem e ensinam.

O terceiro capítulo flerta com a mitologia grega para apresentar as formas como a microfísica reativa do inconsciente colonial capitalístico impele os corpos transexuais à condição de abjetos, descartáveis e supérfluos. Nossa pista buscou traçar em nosso mapa as linhas de intensidade do cis-tema que se reproduz e representa no espaço-escolar. Tal pista encontra fortes pegadas no material empírico de ações transnecropolíticas que se arvoram dentro do ambiente escolar.

O primeiro movimento do terceiro capítulo foi o de mapear os elementos que geram a dessocialização dos corpus-trans e encontram como funcionalidade do inconsciente colonial capitalístico uma misoginia e afeminofobia que cunhamos de transnecropolítica, uma vez que o conceito de biopoder e necropolítica são abertos a atualizações pelos fluxos de intensidade do avançar no tempo nas sociedades.

O segundo movimento é demolitório, ousa-se desedificante dos conceitos e estruturas que autorizam a fruição para os corpos e epistemes cis-hetero-dominantes, mas reterritorializa os discursos educacionais e científicos da educação pautando-se nas linhas de fuga e, nelas, as educações incidentais como possibilidades de que outras educações eclodam em rizomas que também considerem as vidas dos corpus-trans.

Fez-se essencial que pensássemos na arte-geradora como elemento de molecularidade ativa para educação que sinaliza em si possibilidades, estratégias de ler o mundo e de dar voz a corpos dissidentes funcionando como linhas de fuga que trafegam pelos artistas, suas inspirações e aos que acessam este material como este pesquisador-interlocutor.

Nosso quarto capítulo nos apresentou os antifluxos ao discurso científico pautados no conhecimento e traçou estratégias para outros saberes que albergassem a vida, em especial dos corpus-trans. Buscamos, pelo entrecruzamento entre os discursos científicos e a educação, questões que impedem que esses corpos ocupem os espaços escolares.

Como pista para o destrancamento da tese, enveredamos pelo campo do discurso científico e como ele afeta a educação de corpus trans. Nossa pista nos levou a constatação de sobreposições de silenciamentos, invisibilizações, apagamentos e interdições gerados por um discurso da ciência que alia-se historicamente à negação do trânsito de certos corpos, embora se observe que tais corpos também geram fricções e atritos em reação às forças do cis-tema através de linhas de fuga e outras possibilidades identificadas como educações incidentais.

Nossos movimentos circularam em torno de setorizar, discriminar, pontuar e grifar no mapa de nossa cartografia as fendas sociais para onde tentam/conseguem empurrar os corpus-trans e que os impedem de conviver em certos espaços, com ênfase no espaço-escola.

A consciência de um aprendizado recíproco e de um aprender-se a partir de si mesmas traz as possibilidades de desconstrução e de reconstrução de suas memórias e permitiram que elas operassem sobre os assujeitamentos vivenciados como formas incidentais de aprender/ensinar/ensinar-se. O conjunto artístico identificado nos ensaios fotográficos, na poesia política, na imagem-cristal dos curtas-metragens, na intervenção artística e no livro captou os elementos que vão para além das vivências e alcançou profundidades que produziram molecularidades ativas de revolução tanto nas próprias mulheres, no autor da obra, nos possíveis expectadores e, mais uma vez, neste pesquisador que aqui se coloca.

Por tanto, pudemos propor processos educacionais a partir dos descostumes das fendas da cidade e, a partir de rizomas artísticos que deslocam proposições pedagógicas para um arejamento de possibilidades de se discutir o pensamento e o trânsito de corpos atemporais e sem lugar específico ou ordenável.

Reforçamos que as críticas à dissocialização e ao controle dos corpos perpassam os estruturalismos dos fatos e das análises superficiais de modos de vida através de exterioridades formais, mas que devem ser vislumbrados pelo plano micropolítico das forças que agitam a realidade da necrópole em relação à educação (enquanto itinerário ético), dissolvendo suas formas e contrapondo outras ao cis-tema escolar. Isso será possível através da visibilização das linhas de intensidade e tensão que se traduzem em desejos e subjetividades que não se deixam facilmente encaixotar nos discursos educacionais de representação da pedagogia.

Para nós, a obra instaura uma gama de referências práticas e teóricas que permitem uma educação que não está presa ao conhecimento útil, formal ou pré-formativo e que garante que não há fim nos caminhos traçados nesta cartografia, pois todas as pistas apresentadas e movimentos executados constituem-se em conjunto como uma nova pista inicial em um deslanchar de possibilidades outras que não couberam no tempo e formato de uma tese.

Resta-nos como pista inicial para pesquisas futuras destrinchar as potências de educação por caminhos incidentais que podem vir de produções artísticas que se resplandecem nas imagens-cristal de vivências trans e que se entrelaçem em simbiose entre a filosofia (da diferença) e as artes como formas de pensamento, mas não só, que também se pense em pesquisas educacionais que surjam de outras/novas singularidades, lugares e contextos.

Deixemos claro que a ciência Maior continuará pensando a educação como conceito e se concentrando em processos empíricos, enquanto possibilidades já constituídas, legítimas e necessárias. Contudo, seguiremos em antifluxo, sem negá-la (a ciência) como os incautos, mas a repensando a cada passo, pista e movimento.

**Os corpus-trans, NA
ARTE/EDUCAÇÃO, são vidas
vibráteis, rizomas e rompimentos
INFLUXOS
TESES
ANTIFLUXOS**

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Onde andar Dulce Veiga?** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- AGUIÃO, Silvia. Gênero, sexualidade, raça e políticas de governo. Notas sobre a perspectiva interseccional na prática de pesquisa antropológica. In: Humberto da Cunha Alves de Souza, Sergio Rogério Azevedo Junqueira. (Org.). **Caminhos da pesquisa em diversidade sexual e de gênero: olhares in(ter)disciplinares.** Curitiba: IBDSEX, 2020, v. 1, p. 91-105.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. Apresentao: Uma cartografia das margens. In. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência  ordem normativa.** Rio de Janeiro: Metania, 2015.
- ANTRA - ASSOCIAO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Boletim 5/2020 Assassinatos Contra Travestis e Transexuais Brasileiras, 2020.** Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em 08 Nov. 2020
- ANTRA - ASSOCIAO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2017.** Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em 08 Nov. 2020
- ARGILES LEAL, Carmen Terezinha; KANTORSKI, Luciane Prado; WILLRICH, Janaína Quinzen; COIMBRA; Valéria Christello. Processos de singularizao no modo psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, p. 61-77, 2017.
- BARROS, Isabelle. Mulheres trans são tema de exposio na Fundao Joaquim Nabuco: fotógrafo Chico Ludermir acompanhou dez mulheres trans durante dois anos e fez fotos, vídeo e livro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/07/mulheres-trans-sao-tema-de-exposicao-na-fundacao-joaquim-nabuco.html>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017
- BAZANTE - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (5m 34s). Publicado pelo canal **Chico Ludermir**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OAJLRFw7i-Y>
- BENEVIDES, Bruna G. Uma leitura sobre “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...”. **Revista Cardamomo**, Recife, 21 de dez. de 2016. Disponível em: <<http://www.revistacardamomo.com/uma-leitura-sobre-a-historia-de-brenda-e-outras-mulheres/>>. Acesso em: 22 de jun. de 2017.
- BENEVIDES, Bruna. **Nova epidemia, Velhas Mazelas.** Disponível em: <https://medium.com/@brunagbenevides/nova-epidemia-velhasmazelas-5a320a622a0c>. Acessado em 15 de nov. de 2020.

BEZERRA, Eugênia. Chico Ludermir expõe obras sobre mulheres transexuais na Fundaj: “Mulheres: Nascer É Comprido” é formada por fotografias e vídeos. A mostra pode ser visitada no prédio da fundação no Derby. **Jornal do Comércio**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2015/07/23/chico-ludermir-expoe-obras-sobre-mulheres-transexuais-na-fundaj-191502.php>>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BRASILEIRO, Paula. Exposição retrata transformações de transexuais: 'Mulheres: nascer é comprido', do fotógrafo Chico Ludermir, mostra a transição e o dia a dia de 10 mulheres trans do Recife. **Leia já**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www1.leiaja.com/cultura/2015/07/23/exposicao-retrata-transformacoes-de-transexuais/>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

BRITO, Maria dos Remédios de. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Alexandre Filordi de Carvalho. Função-educador e atualidade: ponderações foucaultianas para a educação. In: BRITO, Maria dos Remédios de; GALLO, Silvio (orgs.). **Filosofias da Diferença e Educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p. 243-266.

CARVALHO, Alexandre Filordi; GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. Defender a escola do dispositivo pedagógico: o lugar do *experimentum scholae* na busca de outro equipamento coletivo. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 19, n. 4, p. 622-641, 2017.

CARVALHO, Deivid Nascimento. **A Reinvenção da Identidade e Transformação da Intimidade: Travessias tecnológicas de encontros e desencontros do eu contra si mesmo na autobiografia transmasculina**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. Outros espaços e tempos, heterotopias. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS**. 1., 2015, Porto Alegre, RS. Anais [...]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf. Acesso em: dez. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html#nh14>. Acesso em: 18 jul 2019.

CHRISTIANE - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6m 24s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vz4JaJwkhk&t=17s>. Acesso em: 18 jul 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação, v. 2, p. 105-131, 2002.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet. 1988.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2**: a imagem-tempo, São Paulo, Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **A imanência, uma vida...** Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>. Acesso em: mar. 2010.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.

DEUSA - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (3m 08s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RX1kj2vAh0E&t=10s>

DI LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. **Educar em Revista**, n. 26, p. 01-13, 2005.

DOREA, Guga. Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênese e devir. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 91-106, 2002.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCETTO, Leonidas Roberto. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **ALEXANDRIA**: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 6, n. 1, p. 105-118, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos - Vol. III**: estética, literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos - Vol. IV**: estratégia poder-saber. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos - Vol. V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRANNCINE - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (3m 19s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2m-w2cLMy3E&t=128s>

FREIRE, Simone. **Travestis e mulheres trans negras que estão transformando o país, e você precisa conhecer**. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/travestis-e-mulheres-trans-negras-que-estao-transformando-o-pais-e-voce-precisa-conhecer>>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (FUNDAJ). “**Blog da Fundação**, Recife, 12 de fev. de 2015. Disponível em: <<https://www.fundaj.gov.br/index.php/inventarios-documentais-e-indices-bibliotecas/131-blog-da-fundacao/noticias/577-arte-reforma-e-revolucao-mantera-viva-a-fundaj-derby>>. Acesso em: 2 de jun. de 2017.

FURTADO, Rafael Nogueira; DE OLIVEIRA CAMILO, Juliana Aparecida. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, p. 34-44, 2017.

G1. Pesquisa de Chico Ludermir durou dois anos e está em cartaz na Fundaj. **G1**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <>. Acesso em: 24 de jun. de 2017.

GONÇALVES, Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta. **Corpos transgressores: Políticas de resistências**. Campinas-SP: Pontes, 2018.

GONÇALVES, Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. 1-12, 2020.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. São Paulo: Record, 2003.

HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere aude**, v. 7, n. 13, p. 194-210, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Dia da Visibilidade Trans: como trazer mais cidadania aos transgêneros? Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/dia-da-visibilidade-trans-como-trazer-mais-cidadania-aos-transgeneros>. Acesso em: 22 de jan.2021.

JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; POCAHY, Fernando Altair. Dissidências epistemológicas à brasileira: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em educação. *Revista Inter Ação*, v. 42, n. 3, p. 608-631, 2017.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KRUTZEN, Eugênia Correia Krutzen. Discurso e autoria: a escrita terapêutica. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio(orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LAMONICA, Dionísia A. C. Utilização de variações do ensino incidental para promover o aumento das habilidades lingüísticas de uma criança diagnosticada autista. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 127-130, ago. 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jul. 2020.

LANZ, Letícia. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. In: *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out. 2016. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LARROSA, Jorge. Os paradoxos da autoconsciência. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

TELLES, Jardel; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. (2018). Monumentos de uma intervenção híbrida. *Pesquisa e Debate em Educação*, 8(2), 292–311.

LUANA - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermit. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (2m 31s). Publicado pelo canal Chico Ludermit. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xesDqF3bD20>. Acesso em: 25 ago. 2017.

LUCIANA- A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermit. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (9min 47s). Publicado pelo canal Chico Ludermit. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1MaoVaMmTMM&t=151s>

LUDERMIR, Chico. **A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

LUDERMIR, Chico. Encontros que tornam bela a incompletude. **CEPE - Companhia Editora de Pernambuco: Suplemento Pernambuco**, Recife, 23 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/67-bastidores/1832-encontros-que-tornam-bela-a-incompletude.html>>. Acesso em: 23 de jun. de 2017.

MACIEL, Auterives. **Clínica, indeterminação e biopoder. direitos humanos? o que temos a ver com isso?** Comissão de Direitos Humanos do CRP–RJ [org.] Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia– RJ, 2007.

MACLENNAN, Gloria Crespo. Wolfgang Tillmans, a fotografia sem limites: A Tate Modern expõe a obra do fotógrafo, considerado um dos artistas mais inovadores do momento. **El País**, Madrid, 17 de fev. de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/16/cultura/1487253964_955625.html>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

MARIA CLARA - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4min 38s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pxwN_DjQTz4&t=190s

MARIANA - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2min 03s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJEwYBRgj2o&t=11s>

MARINHO, Cristiane Maria. **Filosofia da Diferença no Brasil:** da identidade à diferença. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MASCARENHAS, Lara. Ensino Incidental: aprendizado em ambiente natural. 2018. Disponível em <<http://autismobh.com/ensino-incidental-aprendizado-em-ambiente-natural-lara-mascarenhas/#:~:text=O%20formato%20de%20ensino%20aplicado,usar%20%C3%A9%20o%20Ensino%20incidental.>>. acessos em 16 jul. 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. Eu não vou morrer. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21581-c21581, 2020.

OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos:** a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 159-178, jan. 2012. ISSN 1982-6248. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

PACCE, Lilian. Bettina Rheims, feminilidade à flor da pele. **Lilian Pacce**, São Paulo, 19 de fev. de 2017. Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/bettina-rheims-feminilidade-a-flor-da-pele>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. Prefácio. In: LUDERMIR, Chico. **A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Introdução. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PESSOA, Breno. Autor pernambucano lança livro com narrativas sobre mulheres trans e travestis recifenses. Obra terá lançamento neste sábado, na Festa Literária das Periferias, na Cidade de Deus, Rio de Janeiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de nov. de 2016. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/11/escritor-e-fotografo-pernambucano-lanca-livro-com-narrativas-sobre-mul.html>>. Acesso em: 23 de jun. de 2017.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Lisboa: Ática, 1992.

POCAHY, Fernando. O clamor da diferença letal: educar em estado de exceção. **Revista Ñanduty**, v. 6, p. 9-22, 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAYANNE - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (7min 43s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FWO0sndRbqA&t=2s>. Acesso em: 25 ago. 2017.

RESENDE, C. A escrita de um corpo sem órgãos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2008.

RHODEN, E.; BERTOTTO, L. Cidade da Periferia: Linguagem, Comunicação e Pedagogia. **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul-Novo Hamburgo-RS**. Maio. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0945-1.pdf>. Acessado em: 15 out. 2017.

RIBEIRO, Vândiner; PARAÍSO, Marlucey Alves. Currículo e MST: conflitos de saberes e estratégias na produção de sujeitos. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 3, p. 785-808, 2015.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Cultura e subjetividade. **Saberes Nômades**, Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24.

ROLNIK, Suely. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno de Lygia Clark. **The Experimental Exercise of Freedom: Lygia Clark**, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel, 1999.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e antropofagia**. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, p. 451-462, 2000.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 25, 2002.

ROLNIK, Suely. Flowerings of Reality/Florações da Realidade. In: DE ZEGHER, C. (Org.). Vida Afóra /Life Line. Anna Maria Maiolino. **New York**: The Drawing Center, 2006, v. , p. 107-112.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. Goethe Institut, 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>. Acessado em: 15 out. 2016.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo** Petrópolis. Vozes, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo, Editora N-1, 2019.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, v. 26, n. 1, 2001.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, 2005.

na cama de procusto: valores e desafios na contemporaneidade. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 2, n. 1, p. 145-172, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOUSA FILHO, Alípio. Foucault: O cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In. RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

SOUSA, Ilza Matias de Sousa. Clarice Lispector, “perto do coração selvagem”: uma cartografia das singularidades selvagens à luz de Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio(orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TRINDADE, Rafael. **Devir-criança**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/03/16/devir-crianca>. Acesso em: 20 jun. 2018.

TRINDADE, Rafael. **Poder e Potência**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/08/18/poder-e-potencia/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **NISC/UPE: Núcleo Integrado de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco**. Disponível em: <http://www.upe.br/nisc.html#:~:text=O%20N%C3%BAcleo%20Integrado%20de%20Sa%C3%BAde,pesquisa%2C%20de%20extens%C3%A3o%20e%20de>. Acesso em: 25 de maio de 2018

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação em tempos de império. In. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

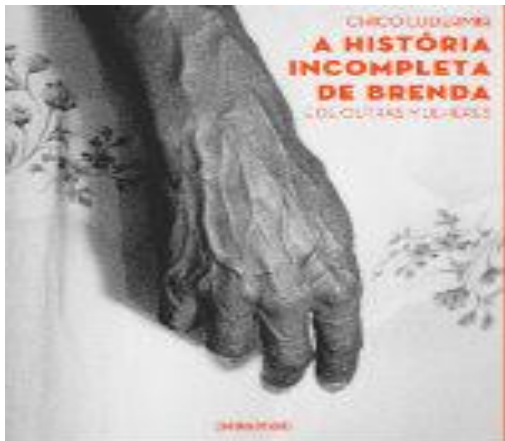
VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WANESSA - A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres - Chico Ludermir. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (2m 29s). Publicado pelo canal Chico Ludermir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r2B9wOYDvBo&t=10s>

YAHN, Camila. Nan Goldin: mergulhe no trabalho da artista que passa pelo Brasil nesta semana. **Fashion Forward UOL**, São Paulo, 30 de out. de 2017. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/fotografia/nan-goldin-mergulhe-no-trabalho-da-artista-que-passa-pelo-brasil-nesta-semana/1>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

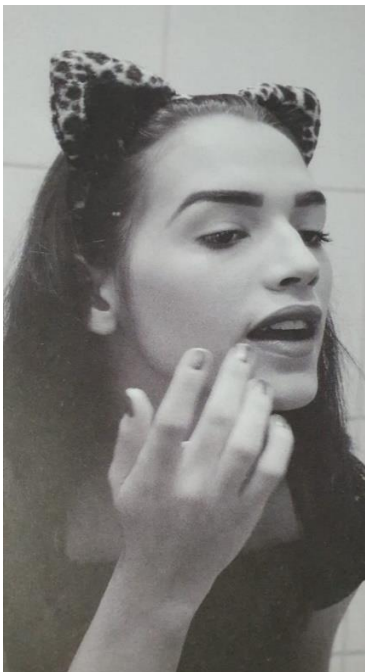
ANEXO I – FOTOS DO LIVRO- “A HISTÓRIA INCOMPLETA DE BRENDA E DE OUTRAS MULHERES...”⁵⁶



⁵⁶ As Fotos aqui expostas e toda sua força fizeram parte da Exposição “Mulheres: Nascer é Comprido” e também compõem o livro “A história incompleta de Brenda e de outras mulheres...”. Da esquerda para direita e de cima para baixo temos: a capa do livro, Mariana Silva, Rayanne Romanelly, Deusa Romero, Wanessa Sampaio, Maria Clara de Sena, Christiane Falcão; Brenda Bazante; Luciana Veronese, Luana Rodrigues, Francinne Correia e Anne Celestino.

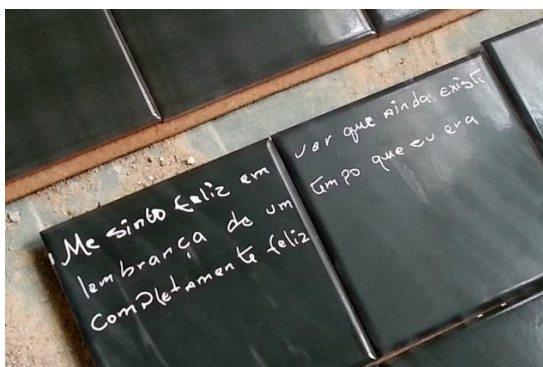


57



57 O desenho é da cartunista Laerte, mulher-trans, que também fez a orelha do livro “A história incompleta de Brenda e de outras mulheres...”

ANEXO II – FOTOS DA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA “MULHERES: NASCER É COMPRIDO” 58



58 BEZERRA, Eugênia. **Chico Ludermir expõe obras sobre mulheres transexuais na Fundaj:** “Mulheres: Nascer É Comprido” é formada por fotografias e vídeos. A mostra pode ser visitada no prédio da fundação no Derby. Jornal do Comércio, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2015/07/23/chico-ludermir-expoe-obras-sobre-mulheres-transexuais-na-fundaj-191502.php>>. Acesso em: 26 de jun. de 2017

ANEXO III – PRINTS DOS CURTAS-DOCUMENTÁRIOS⁵⁹

⁵⁹ Trata-se de prints dos vídeos das mulheres narradas nesta tese e estão disponibilizados no canal do artista Chico Ludemir:

APENDICE I

Artigo submetido à revista (aceita e já no prelo) a Revista *Conjectura: filosofia e educação* (ISSN 0103-1457) - Qualis A3 em Educação e em Filosofia.

Artigo submetido – Capítulo III

A MICROFÍSICA REATIVA PROCRUSTIANA, CORPOS TRANSEXUAIS E O TRANS-DIALOGISMO EDUCACIONAL

RESUMO

A Proposta de uma Cartografia dos Descostumes envolve o mapear de deslocamentos de pensamentos atinentes ao itinerário ético da educação em processo de violência e conflito direto com o cis-tema, uma vez que aborda as potências *queer* atravessadas por forças e devires, processos e movimentos, encontrados nas fendas da realidade. A palavra “diálogo” importa na união do prefixo grego “dia” que significa “através”, num sentido de ponte, travessia. O sufixo grego “logos” é etimologicamente significado como palavra ou relação. O transdialogismo reclama para si uma potência que fricciona o repertório de representações de verdades impostas e as experiências sensíveis que produzem efeitos em nosso corpo ultrapassando os domínios e configurações do cis-tema e propõe uma nova geopolítica de gênero e sexualidade, sem identidades e padrões. A partir de tal pista, dois movimentos se mostram essenciais: 1) mapear as dissociações e o controle dos corpos nas construções discursivas e normativas da maquinaria escolar; 2) Desedificar discursos educacionais que transitam no universo da representação (significado, significante e significação) na qual se baseia atualmente a pedagogia. Desdobra-se o acontecimento educação em processos, agenciamentos e dispositivos educacionais sem partirmos de objetivos pré-estabelecidos, mas considerando as pistas e movimentos das fendas sociais e encontrando potências em realidades e cotidianos invisibilizados, mas, ainda assim, violentados e silenciados, partindo de um desejo do pesquisador de compreender esse corpus-trans através de um olhar diverso, diferente, que redimensione o habitual. Por fim, o artigo cartográfico produziu um mapa cortado por linhas de intensidades que partiram do conceito de biopoder em direção ao de necropolítica como condicionantes da maquinaria escolar em seu entrelace junto ao cis-tema Capitalístico, mas que é afrontada pelo inabitual e pelo estranho que delinea as potências queer.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Transexualidade; Microfísica; Biopoder; Necropolítica; Cisnormatividade

PROCRUSTIAN REACTIVE MICROPHYSICS, TRANSEXUAL BODIES AND EDUCATIONAL TRANS-DIALOGISM

ABSTRACT

The Proposal for a Cartography of the Unaccustomed involves the mapping of displacements of thought related to the ethical itinerary of education in the process of violence and direct conflict with the *cistem*, since it addresses the queer powers of transsexual women crossed by forces and becoming, processes and movements, found in the cracks of reality. The word “dialogue” means the union of the Greek prefix “dia” which means “through”, in the sense of a bridge, crossing. The Greek suffix “logos” is etymologically meant as a word or a relation. Transdialogism claims for itself a power that touches upon the repertoire of representations of imposed truths and the sensitive experiences that produce effects on our bodies, going beyond the domains and configurations of the *cistem* and proposes new geopolitics of gender and sexuality, without identities and patterns. From this clue, two movements are essential: 1) mapping the dissocializations and the control of bodies in the discursive and normative constructions of the school

machinery 2) unedifying educational discourses that transit through the universe of representation (meaning, signifier and signification) in which pedagogy is currently based. The education event unfolds in processes, agencies and educational devices without starting from pre-established objectives, but considering the clues and movements of social gaps and finding potentialities in invisible realities and daily lives, but, nevertheless, violated and silenced, starting from a researcher's desire to understand this *corpus-trans* through a diverse, different look that resizes the usual. Finally, the cartographic article produced a map cut by lines of intensity that started from the concept of biopower towards that of necropolitics as conditions of a school machinery intertwined with the Capitalistic *cístem*, although it is faced by the unusual and the strangeness which delineates queer powers.

KEYWORDS: Education; Transsexuality; Microphysics; Biopower; Necropolitics; Cisnormativity

Introdução

Possuía, em sua casa, uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes para se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, os que tinham baixa estatura, eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Ninguém sobrevivia, pois nunca uma vítima se ajustava exatamente ao tamanho da cama (SERRATO, 2010, p.145).

As vivências que serão expostas aqui, oriundas de uma tese de doutorado em andamento⁶⁰, problematizam a microfísica reativa na sociedade e, conseqüentemente, no acontecimento educação. Teremos como pista cartografar o cis-tema a partir das potências de corpos que perceberemos como transexuais e que apontam para o agonismo do constructo deste prólogo. Assim, a Cartografia dos Descostumes⁶¹ aqui proposta, pretensiosamente, vem no afã de que seu mapear também empreenda deslocamentos de pensamentos que façam com que os leitores participantes desta jornada percam os costumes e se desabituem, pois, tais descostumes podem trazer à baila novos/outros devires e forças... potências, uma vez que estamos atravessados por processos, movimentos e forças que, muitas vezes, não percebemos. Dito de outro modo, o tecer deste artigo se aproxima da potência dos corpos de trans-resistência como lugar de violência e de controle, mas que, mesmo mudo, calado, insiste em “atrapalhar” e embaralhar os códigos.

A partir de tal pista, dois movimentos se mostram essenciais: primeiro mapear as críticas à dissociação e ao controle dos corpos vistos em linhas moleculares e

⁶⁰ Tese que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Química da vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

⁶¹ As cartografias, de forma geral, propõem uma reversão metodológica que transforma a metodologia (*metá-hódos*) em uma *hódos-metá*, ou seja, não para ser aplicada previamente, mas para ser experimentada e vivida como atitude a *pari passu* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

molares⁶² das construções discursivas e normativas, do qual o aparato escolar corrobora. Tal movimento se faz necessário, pois, como afirma Foucault (2001), nosso papel é diagnosticar as forças que atuam nas representações, nas formas de ser e estar no mundo, ou seja, a própria realidade. Posteriormente, exposta nossa necrópole, urge desedificar os discursos educacionais que transitam no universo da representação (significado, significante e significação) na qual se baseia atualmente a pedagogia.

Embora neste trabalho não nos proponhamos a adentrar em detalhes de “dados coletados”, é essencial que reconheçamos que nosso pensar sobre o encontro dos corpos *trans* com a educação moveu-se a partir do acesso a entrevistas, ensaios fotográficos, intervenções artísticas, textos e documentários do artista/jornalista pernambucano Chico Ludermir⁶³. Tais materiais são oriundos de um projeto de pesquisa/extensão, por ele desenvolvido, com onze mulheres trans e travestis da cidade de Recife. O movimento realizado por Ludermir resultou, dentre outros materiais, no livro: *A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres* (LUDERMIR, 2016). A publicação traz à tona subjetividades narradas pelas mulheres participantes do Projeto⁶⁴.

No entanto, “o indivíduo não nos é dado”, como adverte, e por nós são recebidas as palavras de Alípio de Sousa Filho (2013). Sendo assim, deslocamos os registros das vivências de mulheres reais para substanciar de forma prática os descostumes que criam a nós mesmos como uma obra de arte, a despeito das forças políticas que também atuam no espaço educacional. Nesta direção, o dispositivo teórico-prático (cartografia dos descostumes) articula múltiplos pensamentos dentro da linha de novas subjetividades e da filosofia da diferença na educação. Tais pensamentos, em consonância às provocações

⁶² Segundo Deleuze e Guattari (2012), molecular seria uma segmentaridade flexível, refere-se aos devires, aos fluxos e as intensidades. De forma contrária, molar refere-se a uma segmentaridade dura, às estratificações, as representações.

⁶³ Francisco Ludermir Ferreira (Chico Ludermir) é mestre em sociologia (PPGS-UFPE) desde 2018 e graduado em Comunicação Social Jornalismo/UFPE em 2011. Fez parte do projeto de extensão *Coque vive* de 2007 a 2012 e hoje integra a rede *Coque (R)existe*. É autor dos livros "*A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres*" (Editora Confraria do Vento), "*Dos alagados à especulação imobiliária*" (Editora Universitária), "*Senhoras do Coque*" (Editora Coque Vive) e editor de duas edições do *Caderno de Narrativas da Cultura Pernambucana (Secult-PE)* e do *Guia Comum do Centro do Recife (Funcultura)*. É artista das exposições "*Entre*" (SPA das Artes) e "*Mulheres: o nascer é comprido*" (Fundaj) e curador das exposições "*Design e Resistência*" (Fundaj) e "*Ivo Amaral e o nascimento do FIG*" (Sesc). Produziu o longa-metragem *Coque: memórias da Terra (Funcultura)*, e realizou em coletivo os curtas da série *Despejo (Coque Vive)* e da animação *.ZIP (Coque Vive e OiKabum)*. É colaborador da *Revista Continente* desde 2010, tendo artigos e fotografias publicados (plataforma Lattes/CNPQ).

⁶⁴ O livro é fruto de uma pesquisa, iniciada em 2013, realizada a convite do Núcleo de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco e financiada pelo Ministério da Cultura, que também resultou em uma exposição na Fundação Joaquim Nabuco, com curadoria de Moacir dos Anjos e uma série de vídeos, um deles premiado com a menção honrosa no Recifest (Festival de Cinema da Diversidade) em 2015.

de autores como Foucault (1996; 2001; 2004; 2012); Deleuze (1988; 2000; 2001; 2010; 2012); Mbembe (2018); Preciado (2014); Zourabichvili (2004); Hilário (2016); Marinho (2014); Rolnik (1997; 2006; 2016); Souza Filho (2013); e Veiga-Neto (2013), reforçam o sintagma foucaultiano de pensar outramente.

No “modelo” educacional vigente, o descostume, a inquietude e o sofrimento que decorrem do amuralhar das subjetividades (nos melhores casos) partem da lógica procrustiana de cortar, esticar e adequar processos de subjetivação por meio de agenciamentos constituídos por uma episteme cis/embranquecida, urbana, ocidental e heteronormativa que, por fim, acabam necropolitizando as vidas. Estas passam a ser amordaçadas e empobrecidas pelo cis-tema para que o sofrimento devore o sujeito. Na esteira desta lógica, observamos os modos de subjetivação que esses sujeitos encontram para determinar para si mesmos as regras de conduta e as transformações visadas para alcançarem as subjetividades na qual se retratam. Esses desafiam os modos de existência (pré)escritos e trazem-nos formas de re(x)istência, singularização e afirmação da alteridade/sororidade que podem ser capturadas positivamente como movimentos de educação.

A cama procrustiana aqui indicada no prólogo não será a escola; procrusto não é a educação; e as vítimas deste titã, consideradas mais teratológicas e mitológicas do que o próprio personagem monstruoso, não são a individualidade de cada mulher aqui cartografada... A partir dessas negações, traz-se como possibilidades de encontro os processos de articulação teórica e prática que também não invocam diretamente discussões pedagógicas ou didáticas, mas que tratam da possibilidade de ruptura de alguns signos educacionais em suas verdades e que contribuem para observarmos os eventos delimitantes da sociedade disciplinar e de controle.

1 Cartografias dos descostumes: o mapeamento de uma micropolítica ativa no cotidiano da periferia social

Aos desavisados que por ventura seguiram adiante após a introdução, cabe-nos advertir que este artigo, cartográfico, rizomático, faz parte de um Corpo sem Órgãos, de um complexo de vivências que se comunicam e trans-dialogam, e que, por ser sem órgãos, logo sem pênis, apresenta-se emasculado, potente e real. Trata-se de uma cartografia dos descostumes, do que não é cotidiano, do que é marginal, uma potência de discussão que se vincula ao devir-mulher... e que parte, parcialmente, da crítica de Preciado (2014) à homossexualidade molecular narrada por Deleuze, pois é pautada na contrassexualidade

percebida em corpos abjetificados, de pessoas desterritorializantes e processos trans-educacionais que mais adiante aprofundaremos.

Ademais, resgatamos uma gama de conceitos e noções foucaultianos apropriados por Albuquerque Júnior, Veiga-Neto e Souza Filho (2013, p. 10) que atrelamos a uma cartografia dos desacostumes, uma vez que esta permite a compreensão espacial das relações de poder e das práticas discursivas e não discursivas: deslocamentos, posições, campos, lugares, territórios, domínios, solos, horizontes, paisagens, configurações, regiões, solos, geopolíticas. Os conceitos postos são recorrentes e permitem repensar as próprias histórias de vida (sejam trans ou não) pelo estranhamento do cotidiano, uma vez que o dia a dia de mulheres transgêneras não é comum, para além dos próprios sujeitos que o vivem em suas relações, tensões, conflitos e que levam a constituição e ao desmonte de dadas configurações ou desenhos espaciais.

Os movimentos de dismantelamentos adquirem visibilidade na intervenção artística proposta por Ludermir, chamada “Mulheres: o nascer é comprido” e os curtas-metragens homônimos ao livro supracitado. O material empírico faz parte de um complexo, de um Corpo sem Órgão, “atravessado por eixos, limiares, latitudes, longitudes e geodésicas, atravessado por gradientes que marcam as transformações, as passagens, e os destinos que nele se desenvolve.” (DELEUZE, 2001, p. 24). De forma específica, a experiência, proposta pelo artista, aqui analisada a partir de uma perspectiva educacional, buscou visibilizar o passado e o presente das mulheres trans através de fotos trazidas por elas próprias, revisitadas em passados de aparência masculina ou andrógena, mas ainda não de mulher. Suas contações de si partem deste comparativo sem tempo-espaco-lugar exatos, mas reais.

A partir desse processo de reencontro consigo e das suas *catarses* em intervenções delas próprias em suas fotos impressas em azulejos por Chico Ludemir, corrigiram-se em suas próprias fabulações do que poderia ter sido seu passado, cuja chance de retorno não mais existe. Assim, acrescentando elementos, cabelos compridos e adereços ou retirando e apagando o que para elas eram desnecessidades ou imposições sociais envolvem-se em um processo educativo que busca devolver ao tempo o feminino que, na época, não lhes fora permitido. Readmitem em si mesmas as mulheres que ali sempre insistiram em estar, ou como dizem, a mulher presente no fundo de suas almas.

A partir dos seus relatos espontâneos se desdobram e são narradas suas autobiografias deste difícil parto em que “o nascer mulher é cumprido”⁶⁵. As narrativas que se desenrolam se dão a partir dos processos de violência e marginalização vivenciados por estas mulheres que foram postas em lugares minoritários, desviantes, ameaçadores e “invisíveis” da necrópole situada nas fendas da região Metropolitana de Recife-PE. Diríamos, então, tratar-se de uma experiência calcada em um trans-dialogismo, trans-diálogo ou trans-dialógico⁶⁶. As expressões, para fugir de qualquer disparidade, precisam encontrar o ‘anti-discurso’, pois Foucault (2012, p. 47) afirma que “o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata”, esse “discurso” constrói e (re)produz o conhecimento e, a partir dele, considerará o que é passível ou não de ser falado/vivido marginalizando outras formas de agir, pensar e sentir.

Poderíamos tratar aqui também de um trans-discurso, que ultrapassasse os domínios e configurações do cis-tema e propusesse uma nova geopolítica de gênero e sexualidade, sem identidades e padrões. No entanto, o trans-dialógico reclama para si uma potência que fricciona o repertório de representações de verdades impostas e as experiências sensíveis que produzem efeitos em nosso corpo e que, logo, produz uma travessia que ligue o que é discurso com o que não pode ser discurso (mas que, de forma paradoxal, é discurso também).

Nesta tensão encontra-se a possibilidade de uma Cartografia dos Descostumes baseada no que Rolnik (2016), em seu manifesto intitulado “A hora da Micropolítica”, considera como uma fricção das duas principais experiências que vivemos no mundo e que gera uma desestabilização da subjetividade: 1) uma envolve a percepção do mundo associada por nossas subjetividades⁶⁷ (a partir do que convenciamos chamar de sujeito) ante ao repertório de representações de que dispomos e que dão sentidos aos elementos; 2) a outra envolve o que a subjetividade faz de seu entorno “é a experiência das forças

⁶⁵ Pontua-se que tais biografias foram relidas, corrigidas por elas, e fabuladas pela vida, vidas.

⁶⁶ Estas expressões podem ser percebidas por desavisados como um surto semântico esquizofrênico, um furto violento da análise do discurso em suas inúmeras vertentes ou um neologismo oportunista transfílico. No caso, todas estariam certas. A palavra “diálogo” importa na união do prefixo grego “dia” que significa “através”, num sentido de ponte, travessia. O sufixo grego “logos” é etimologicamente significado como palavra ou relação, embora sua decorrência latina para “ratio”, efetuou-se com o significado de razão. Comumente se acredita, no senso comum, que “diálogo” implique numa ação com prefixo “di”, referente a duas partes de discursos que exigem dois sujeitos ou mais, mas, sua compreensão pode ser melhor observada no estruturalismo linguístico de Bakhtin como uma unidade da interação social, na qual há concordância e discordância, onde discursos se encontram.

⁶⁷ Em nossa tradição ocidental, confunde-se “subjetividade” com “sujeito”, porque nesta política de subjetivação, é apenas esta capacidade a que tende a estar ativada. No entanto, a experiência que a subjetividade faz do mundo é potencialmente muito mais ampla, múltipla e complexa (ROLNIK, 2016).

que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (“*perceptos*” e “*afectos*”)⁶⁸. Trata-se de um saber-do-corpo⁶⁹, uma outra maneira de deslocar o pensamento sem se limitar a experiência exclusiva de um único indivíduo e que dilata tempo e espaço, sem distinção entre sujeito e objeto, descontextualizando e traduzindo-se em outras formas de ver e sentir (ROLNIK, 2016).

Os descostumes germinam a partir do desejo que atua na desestabilização da subjetividade e gera o florescer. O cis-tema, por sua vez, encontra-se na tríade significado, significante e significação ao mesmo tempo em que impede que haja pensamentos outros. Assim, o desejo faz o inconsciente colonial-capitalístico produzir uma “anestesia da potência” na qual o saber-do-corpo torna-se inacessível.

Por estar bloqueada a experiência da subjetividade fora-do-sujeito, a subjetividade passa a existir e a se orientar somente a partir de sua experiência como sujeito. Nestas condições, a subjetividade vive a fricção do paradoxo existente entre estas duas experiências como uma ameaça de auto-desagregação, o que lhe causa medo (ROLNIK, 2016, p. 03).

O cis-tema é um dos tentáculos estratégicos do poder exercido através da força do desejo, de uma micropolítica que, como disse Suelly Rolnik (2016), passa a ser mais sutil e invisível do que a tradicional estratégia macropolítica. É a micropolítica que criptografa seus processos e a complexidade das forças em jogo e torna difícil enfrentar o regime normativo da cultura moderna ocidental como na metáfora mitológica grega de Procrusto.

Assim o poder deve ser compreendido e analisado em movimento. Deve ser analisado nos movimentos que acontecem ao longo das malhas da rede social, em cujos nós se situam os indivíduos que, ao mesmo tempo em que se submetem ao poder, são capazes de exercê-lo. E se os indivíduos são capazes exercer o poder é porque o poder os atravessa. Isso significa que, numa dada situação, as relações de poder sejam simétricas, isso é, de mesma “intensidade” entre aqueles que mais exercem o poder e aqueles que mais se submetem a ele a cada momento (VEIGA-NETO, 2013, p. 24).

Rolnik (2016) nos traz ainda a ideia de “*inconsciente colonial-capitalístico*” que produz um regime de subjetivação *antropo-falo-ego-logo-cêntrico* no qual o poder do inconsciente colonial-capitalístico abarca as subjetividades diversas e até antagônicas, pois todas nascem no interior da mesma cultura e, por isso, funcionam dentro de uma micropolítica reativa e desconectada da experiência que envolve os “*afectos*” e “*perceptos*” dos quais compomos nossos corpos em contato com o mundo.

⁶⁸ O *percepto* é um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente e o *afecto* é uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança. “Os *afectos* são devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles.” (DELEUZE, 1988).

⁶⁹ Em nosso processo de constituição enquanto seres humanos, “somos tomados por este estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo” (ROLNIK, 2016, p. 03).

Diríamos então que o Cis-tema atua especificamente através do “inconsciente colonial-capitalístico” indicando monstruosidades e alertando para o “perigo iminente” de uma “desagregação familiar e moral” heteronormativa fabulada pelo sujeito tanto pelo viés da macropolítica reacionária, como da micropolítica reativa e conservadora que promovem a reacomodação do mapa vigente pautado na desigualdade econômica e social.

Ademais, o Cis-tema implica, também, em uma experiência subjetiva vivida e entendida como sendo do âmbito do indivíduo (interesses individualistas) e que interrompe os fluxos de criatividade do corpo sensível impedindo movimentos de vida coletiva e compreensão de outras florações trans-dialogantes, pois, trata-se de:

kits de perfis-padrão [...] para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (ROLNIK, 1997, p.01).

Resistir a este “kit” implica aceitar a provocação de Rolnik (2016) à criação de uma releitura ao termo “resistência” para que este recupere seu valor, complexidade, amplie-se e ative seu sentido micropolítico e discute que:

Abandonar este modo de subjetivação passa por um “devir revolucionário”, como dizia Deleuze. Tal devir é impulsionado pelas irrupções de afetos que nos chegam pelo saber-do-corpo e que nos forçam a reinventar a realidade (...) são práticas que incidem na dimensão micropolítica da existência coletiva e que não param de proliferar. Elas nos oferecem condições favoráveis para problematizar e ressignificar a palavra “resistência”, que ainda pode nos servir para qualificar a força das ações de desmontagem do intolerável, já que por ora não dispomos de uma palavra que tenha mais sintonia com o tipo de ativismo que vem sendo praticado. REF?

Destes elementos surgiram, na leitura e oitiva das vivências propostas por Ludermir, a compreensão de espaços éticos e políticos pautados em experimentações estéticas-artísticas em ligação recíproca com o pensamento visível em novas/outras linguagens educacionais. Surge um devir revolucionário pautado no saber-do-corpo e que promovem tal reinvenção da realidade, ressignificando efetivamente a palavra “resistência” para um ativismo de re(x)istência e, quiçá, uma educação pautada pelo cuidado de si (FOUCAULT, 2004).

Assim, foram cartografados incidentes que caracterizam as linhas de intensidade sentidas e que trans-bordam a partir das marginalidades criadas pelos processos de limitação impostos por nossa civilização, mas que não conseguem ser represados nem pela inteligibilidade estatal e nem pela macropolítica do consumo. Neste sentido, a cartografia dos descostumes busca a possibilidade de uma micropolítica ativa,

empreendida a partir vivências cotidianas e narrativas de mulheres transgêneras, que promova a dissolução do poder da macropolítica cis/hetero normativa e de sua micropolítica reativa que captura de forma procrustiana todas as esferas da vida humana.

Um olhar micropolítico para detectar o intolerável e buscar formas de combatê-lo. O que orienta este olhar é uma bússula ética, cuja agulha aponta para tudo aquilo que impede a afirmação da vida, sua preservação e sua expansão. Essa mesma bússola é a que orienta tal comunidade flutuante em seus modos de agir. Estes consistem em atos de criação que vão redesenhando os contornos do presente, de maneira a dissolver os pontos em que a vida se encontra asfíxiada (ROLNIK, 2016, p. 02).

Oxigenar “os pontos em que a vida se encontra asfíxiada” manifesta-se no processo desencadeado por Ludemir com as transexuais e travestis analisado. São histórias de vidas trans-necropolitizadas que instrumentalizam um corpo orgânico pautado nas biografias autocentradas de um coletivo de mulheres que, cartografado, mostrou-se como um Corpo sem Órgãos (DELEUZE, 2010⁷⁰).

Vidas à revelia da racionalidade lógica e rizomática, por suas linhas de fuga, no qual, contraditoriamente se reconhecem singularidades e experiências comuns de transformação do corpo, de exclusão social, de discriminação e de violência. O CsO que parte deste coletivo feminino-trans não é um não-corpo que reprime os impulsos, ele se refere à uma conexão de desejos, a uma conjunção de fluxos que acontece por intensidades que estão associadas à vitalidade e à existência enquanto criação contínua (RESENDE, 2008). Corpo desamarrado, sem grilhões, alheio a padrões impostos socialmente e, por isso, fragilizado pelo cis-tema, submetido a negação de afetos, a condicionamentos, a perseguições, a apagamentos, a silenciamentos e a extermínios.

Cartografa-se, a partir deste CsO, fenômenos educacionais de não enquadramento e de marginalização das “monstruosidades e que, em uma análise rizomática e filosófica (da diferença), problematiza o encimentamento lapidar ou engessamento imobilizante que dificultam processos e prelúdios de se vislumbrar possibilidades de linhas de fuga, pois, tais dificuldades, embora ineficazes à vista da permanência, enfretamento e re(x)istência, mostram-se mortais em muitos sentidos.

⁷⁰ Catarina Resende (2008), em seu artigo denominado “a escrita do corpo sem órgão”, o apresenta a partir da “Crítica da Clínica” de Deleuze e do “Mil Platôs” de Deleuze e Guattari que afirmam não ser o CsO uma noção ou um conceito, mas um conjunto de práticas, uma vez que ele traduz o corpo da experiência. Trata-se de um corpo livre da interpretação e do juízo que nos impedem de novos modos de vida e organizam os corpos pelo qual pode se abrir ao fluxo, ao devir, à intensidade, à experimentação de nós mesmos atravessados por uma poderosa vitalidade não-orgânica.

2 Sentenças procrustianas no sistema necropolítico: um cis-tema esartejador e transgenerocida

Embora não seja um ensaio, pois trata-se de uma pesquisa, mostra-se inevitável aproximar-se desse gênero linguístico para um flerte com as verdades de uma época. Para isso, retiramos de Hardt e Negri (2003, p. 351 apud VEIGA-NETO, 2013, p. 19) discussões que se configuram no conceito de Império, decorrente da complexidade do biopoder atrelada às novas relações sociais e às novas configurações econômicas, culturais, geográficas e políticas.

Nesse conceito (império), demonstra-se que há “uma crescente imaterialidade do trabalho, num pós-fordismo impensado por Marx, conduzindo ao enfraquecimento – mas não ao desaparecimento – da soberania do Estado-nação, uma invenção típica da Modernidade”REF. Nesta perspectiva, os autores discutem um desmantelar da sociedade de controle que perde a capacidade de mediar os interesses do capital e do Estado e o desarticular da sociedade civil, com efeitos diretos em instituições sociais como a escola e a família por operarem contínua e intimamente na produção de subjetividades.

A importância da discussão dessas alterações na ordem do biopoder⁷¹ mostra que a micropolítica reativa que atua sobre a cultura torna seus espaços e práticas como também sendo pedagógicos. Essas atuam na potência dos desejos apresentando deslocamentos e movimentos para fora dos espaços estritamente institucionalizados. No entanto, neles se ensina, aprende e naturaliza determinadas verdades, visões de mundo e práticas sociais (HARDT; NEGRI, 2003, p. 351 apud VEIGA-NETO, 2013, p. 19).

Na medida em que os espaços são cada vez mais estriados, menos lisos, e as novas linhas de força que o atravessam são cada vez mais móveis e instáveis, não faz muito sentido pensarmos num centro irradiador de soberania, ou seja, das decisões e da dominação mundial (VEIGA-NETO, 2013, p. 18).

Assim, pulveriza-se e descentra-se o poder, uma vez que ele não se traduzirá como uma “coisa” que emane de um centro, que se possua, que se transfira e que “tenha uma natureza ou substância própria, unitária e localizável. O poder não é uma entidade externa de que se possa lançar mão numa relação social, seja essa uma relação de produção, de

⁷¹ “O biopoder assume duas formas: consiste, por um lado, em uma anátomo-política do corpo e, por outro, em uma biopolítica da população. A anátomo-política refere-se aos dispositivos disciplinares encarregados do extrair do corpo humano sua força produtiva, mediante o controle do tempo e do espaço, no interior de instituições, como a escola, o hospital, a fábrica e a prisão. Por sua vez, a biopolítica da população volta-se à regulação das massas, utilizando-se de saberes e práticas que permitam gerir taxas de natalidade, fluxos de migração, epidemias, aumento da longevidade” (FURTADO; DE OLIVEIRA CAMILO, 2017, p. 34)

família, de sexualidade etc.; não vindo de fora, o poder está sempre intrincado em qualquer relação” (VEIGA-NETO, 2013, p. 24). No entanto, apesar da inexistência de um “centro irradiador de soberania”, como diz Veiga-Neto, o biopoder pode ser visto por sua capacidade de produzir subjetividades em conformidade com as determinações normativas e normalizantes derivadas do capitalismo. O poder, então, se atualiza e se legitima a partir das lógicas de domínio sobre os corpos individuais em suas práticas cotidianas cujo objetivo é gerar o sujeito da produção e a produção do sujeito concomitantemente (HILÁRIO, 2016).

Contudo, para além do alcance do expressamente disposto na obra de Foucault, restou-nos dar um passo na direção de outras discussões das linhas de intensidade e captura do corpo. Para tanto, precisamos apontar que entre os séculos XVI e XX o capitalismo buscou ‘assimilar’ grandes massas humanas para as linhas de produção, contudo, tendo em vista as transformações técnicas no modo de produção capitalista, o sistema passa a precisar cada vez menos de força de trabalho (HILÁRIO, 2016). Ao chegarmos à segunda metade do século XX, o sistema capitalista, de posse dos meios de produção e da tecnologia que auferem um maior lucro com menos mão de obra, passou a fase do ‘expulsar’, ou seja, demissões e desemprego estrutural, bem como a destinação espacial das massas às periferias da cidade, prisões ou aniquilamento por meio de forças policiais, oficiais ou não (milícias) (HILÁRIO, 2016).

Atualmente, seguimos para a fase na qual as grandes massas humanas passam a ser supérfluas, dispensáveis, sobrantes ao seu modo de reprodução e produção de riqueza. A biopolítica passa a não dar conta do acontecimento por significar ainda a produção de vidas: sadias, dóceis politicamente e úteis produtivamente para garantir riquezas às nações. As instituições disciplinares – como as escolas – estão definindo na atualidade, razão pela qual se pode afirmar que as formas de sociabilidade próprias do capitalismo entraram em estágio de decomposição (HILÁRIO, 2016).

Mbembe (2018, p. 146) assinala que “a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, contudo, faz-se necessário destrincharmos a ideia de necropolítica. O termo ‘necropolítica’⁷²,

⁷² O termo ‘necropolítica’ foi cunhado por Achille Mbembe e surgiu na tentativa de produzir um saber e uma epistemologia *da* África respaldada pelos seus próprios intelectuais, e não unicamente *sobre* a África, tendo como característica principal apresentar novas formas de dominação e submissão no continente africano pós-colonial. Mbembe utilizou a noção necropolítica em apenas um de seus textos, depois disso, segundo suas próprias palavras, a expressão “seguiu adiante”, isto é, sem fazer referências ou aprofundamentos posteriores (HILÁRIO, 2016).

apesar de se referir a uma epistemologia negra em África, assume-se na existência de linhas duras, estratificações e territorializações que impelem os sujeitos à periferia do capitalismo (espacial e política). Isso ocorre quando percebemos que os tais supérfluos, dispensáveis, e sobrantes, estão inseridos em um jogo de morte que investe em sua impotência, um despotencializar, impedindo as subjetividades de realizar, de fazer o que se pode, de se afirmar. De forma específica, Achille Mbembe (2012, p. 135 apud HILÁRIO, 2016, p. 205) define sua necropolítica como “destruição material dos corpos e populações humanas julgadas como descartáveis e supérfluas” (MBEMBE, 2018, p. 135).

Assim, os processos e as forças micropolíticas que atuam no desejo de forma reativa coagem e desviam a potência de sua própria plenitude, uma vez que pretendem dominar a vida do outro. É minada a potência do corpo de traduzir a realidade a partir de sua condição de vivente, bloqueando a experiência da subjetividade fora-do-sujeito (*afectos e perceptos*), a partir da redução das vidas pela agudização da exclusão, barbárie e autoritarismo. Tal condição leva-os à precariedade e à marginalidade em relação ao sistema econômico e social. Hilário (2016) acredita, assim como nós, que a necropolítica:

possibilita uma análise crítica dos fenômenos de violência próprios da periferia do capitalismo, onde o desfazimento de um débil Estado de Bem-Estar Social se realiza por meio da barbárie numa dinâmica em que a era de crescimento de direitos individuais e políticos é substituída pela fase de declínio e retirada desses mesmos direitos.

A figura do sujeito supérfluo, com uma vida destituída de direitos, sem valor e indigna de ser vivida, pode ser compreendida pelo fato deste já não ser mais necessário ao modo de reprodução do capital em crise estrutural atual. Logo, converte-se em portador de uma vida matável, ou seja, uma ação política de morte assinala o ponto em que a biopolítica converte-se necessariamente em tanatopolítica (AGAMBEN, 2010, apud HILÁRIO, 2016, p. 205).

Encontramos ainda no texto de Achille Mbembe (2016, p. 146) sua argumentação de que “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” e que, no que tange às topografias de repressão e crueldade, “as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem”. Nas palavras de Rolnik (1997)

Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. [...] o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das

forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos. (Ibidem, 1997, p.02)

Diante da descrição dos fenômenos necropolíticos que se articulam ao inconsciente capitalístico-colonial, o termo cis-tema segue no processo de desterritorialização da linguagem ao enfatizar filologicamente que o termo *cis* significa "do mesmo lado" em antônimo político do *trans*, pois esse seria o contrário ou o incompatível com o normativamente e normalidade estabelecidos. Assim, o cis-tema imputa às/aos transgêneros a obrigatoriedade de alinhamento de identidade de gênero com o sexo atribuído no nascimento. Dessa forma, muitas vezes, a cisnormatividade⁷³ acaba permitindo que a violência a afeminados e a transexuais possa partir, inclusive de homossexuais cisgêneros. O alinhamento do gênero biológico à performance social de gênero e à heteronormatividade gera o indivíduo padrão para as discussões aqui propostas.

As mulheres que se narraram, das quais partiram nossa cartografia, trazem em seus corpos, não diretamente em próteses, hormônios e procedimentos estéticos, mas em cicatrizes e mutilações, o peso da passabilidade, o peso de tentar/lutar para parecer uma mulher biologicamente constituída desde o nascimento.

3 O maquinário escolar e as linhas molares da cisnormatividade.

A educação é lida a partir de inúmeras pesquisas e teorias cis/hetero/embranquecidas/magras, pautadas em identidades, padrões e emolduradas no rol histórico em sucessivas transformações de práticas. As discussões aqui trazidas propõem um deslocamento de pensamento que traz à baila uma ética/estética das formas de subjetivação que o poder-saber exerce, pois funciona no universo da representação (significado, significante e a significação) que é "a tropa de elite da pedagogia" (MARINHO, 2014, p. 23).

Neste sentido, a crítica social estruturalista no pensamento educacional brasileiro, a partir de 1970, propõe um pensamento educacional crítico, macropolítico, que se

⁷³ Discutir o reforço do sistema a cisnormatividade gera uma dupla penetração social: 1) dentre os sujeitos há os indetectáveis ou, como dizem as travestis/transexuais, os "passáveis" (passabilidade), ou seja, aqueles que apesar de seu gênero de nascimento, aparentam indubitavelmente a performance do gênero-trans ("do outro lado") dentro do binarismo feminino/masculino; 2) Se aos homossexuais cabe a alcunha de desviantes, aos homossexuais afeminados e aos transexuais cabe uma ainda maior abjetificação dos corpos inclusive dentro do sistema LGBTQI+.

distancia da ideia proposta por Rolnik (2016) de que devemos nos ater à micropolítica. Cristiane Marinho (2014) é contundente ao compreender que as discussões da micropolítica são de tamanha importância, reforçando que através dela é possível identificar que o pensamento marxista-dialético e metafísico encontra traços de “truculências e prepotências que hipostasiaram a realidade em conceitos abstratos, principalmente no que diz respeito à imposição da cultura europeia ao resto do mundo civilizado como tendo caráter de universalidade” (MARINHO, 2014, p.12).

O acontecimento Educação parece-nos tão regular, no sentido de continuidade, mas ao mesmo tempo, mostra-se como novidade por parte das práticas transformadoras como as propostas por Ludermir. Nomeamos de acontecimento Educação por entendermos que esse traduz-se como uma ruptura, uma descontinuidade de regularidades ao acaso de suas transformações, a materialidade de suas condições de existência e relação de forças. Foucault (1996) o vislumbrava como a mutação de uma episteme a outra, que estabelece uma nova ordem do saber, do qual só é possível seguir os signos e os efeitos em lugar das condições gramaticais ou das condições de significação, pois leva em consideração as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado (CASTRO, 2016, p. 25).

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. (DELEUZE, 2000, p. 177-178)

Assim, o acontecimento educação proposto segue a linha da compreensão deleuziana de Zourabichvili (2004), gerando um antes-depois não cronológico unido em uma síntese disjuntiva entre duas interpretações da relação entre linguagem e mundo, estando, portanto, dos dois lados ao mesmo tempo. Em suma, o acontecimento é inseparavelmente o sentido das frases e o devir do mundo; é o que, do mundo, deixa se envolver na linguagem e permite que essa funcione. Conceituado de Acontecimento e remetido a este ao *loco* educacional quanto ao prisma da transgeneralidade, coube-nos desdobrarmos as discussões para compreender a realidades educacionais que seguem

fortemente conceitos foucaultianos, deleuzeanos, buttlerianos e Preciadianos, Derridarianos, Barthesianos, Lyotrahrdianos dentre outros grandes problematizadores da Diferença.

Adentramos, sem incorrer no antagonismo comum aos sistemas binários de identificação, ao protagonismo das linhas molares e moleculares do processo educacional de formação do desejo pelo viés das vivências de sujeitos que contracenam entre si expondo seus modos de vida, diversidades e singularidades, todas no plural, além das interseccionalidades que permitem as Florações da Realidade⁷⁴, com tantas nuances quanto sejam possíveis ou perceptíveis (ROLNIK, 2006).

A cartografia dos descostumes aqui proposta partiu de melasmas da pedagogização e da territorialização do cis-tema, havidos no tronco e na copa, para só então buscar os rizomas e suas linhas de fuga que permitem o desencaixotar de possibilidades e o bagunçar dos pensamentos, das formas e dos métodos de olhar e sentir a educação em crise e de considerar a diversidade das subjetividades. Vincula o passado das personas aqui apresentadas, o presente de suas autonarrativas e seu reinventar enquanto CsO.

A metáfora Procrustiana pode ser compreendida também nos signos educacionais em suas verdades e eventos delimitantes oriundos de uma sociedade disciplinar e de controle aqui denominada de maquinaria educacional. Esta maquinaria produz o não-eu, o não espaço, o não-lugar através de um universo natureza/cultura que vislumbra o ser assíduo, o ser aseado, a repetição de conceitos e a pouca (ou nenhuma) criação, a preservação do bom senso e do senso comum nos enunciados de educação aos quais convergem as máquinas para o engessamento de seus movimentos (RHODEN; BERTOTTO, 2010).

Não existiu qualquer pretensão neste trabalho de se colocar como antagonista as existências e possibilidades de um CsO composto por elementos cis/embranquecido, magros e elitistas, mas de problematizar através do olhar vibrátil a dogmática escolar atualmente (im)posta, no Brasil de 2020, que parecem transitar para um aspecto conservador, religioso e pautado na necropolítica⁷⁵ denunciada por Achille Mbembe

⁷⁴ “Reparar em tudo pela primeira vez, não apocalipticamente, como revelações do Mistério, mas diretamente como florações da Realidade” (PESSOA, 1992, p. 93).

⁷⁵ O termo aqui colocado tem uma relação fortíssima com as relações étnico-raciais e a xenofobia e parte da obra homônima de Achille Mbembe e foi deslocado de suas discussões intelectuais habituais para incluir existência transgêneras, uma vez que envolve em outra ordem de signos o biopoder, apontando esta necropolítica como elemento que controla a vida das pessoas mediante violência política, a qual permite o

(2018). Cristiane Marinho, ao tratar da filosofia da Educação que partiu inicialmente das obras de Foucault, dispõe que:

O fundamento do ser foi negado em sua estrutura estável, foi declarada a morte metafísica e foram postas em xeque as conquistas políticas, econômicas e filosóficas da modernidade. Assim, se para as vertentes filosóficas educacionais, inspiradas no pensamento pós-moderno, o saber, a razão, e o conhecimento não são mais sinônimos de liberdade como fora na modernidade, pois agora significam poder, então a educação não pode ser somente transmissão de saber, aperfeiçoamento da razão e produção de conhecimento. Agora é exigido dela um pensamento criativo e contestador e uma prática libertadora dos desejos e afetos em relação aos poderes estabelecidos (MARINHO, 2014, p. 21).

Logo, a pedagogia, a escola, os currículos e os sujeitos educacionais podem se abrir, há uma potência de afetos, a um permanente processo de reinvenção de si e do mundo, movimentando as linhas que compõem, decompõem e recompõem os territórios da educação (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012). Nesta investigação corre-se por territórios que não se reduzem aos limites tracejados pelo dispositivo escolar (CARVALHO; GALLO, 2017), mas nas fendas abertas nos meandros da cidade que buscam desarticular uma grade de inteligibilidade estatal que se pauta no masculino e no heterossexual.

À guisa de conclusão: desiderato cartográfico do desassossego

Proposta a Cartografia dos Descostumes, mapeamos os deslocamentos de pensamentos que se insurgiram do/contra o cis-tema. O inabitual e estranho passa a se delinear em potências queer de mulheres transexuais atravessadas forças e devires, processos e movimentos encontrados nas fendas da realidade.

Encontramos em Rolnik (1997; 2006; 2016) que as críticas à dissociação e ao controle dos corpos perpassam os estruturalismos dos fatos e das análises superficiais de modos de vida através de exterioridades formais, mas que devem ser vislumbrados pelo plano micropolítico das forças que agitam a realidade da necrópole em relação à educação (enquanto itinerário ético), dissolvendo suas formas e contrapondo outras ao cis-tema escolar. Isso será possível através da visibilização das linhas de intensidade e tensão que

direito de escravizar matar ou de expor à morte (morte social ou civil), razão pela qual é considerada uma teoria dos mortos-vivos que trata de formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte.

se traduzem em desejos e subjetividades que não se deixam facilmente encaixotar nos discursos educacionais de representação da pedagogia.

Por fim, o presente texto culmina com a maquinaria escolar como sendo uma das estratégias do cis-tema. Um dos tentáculos do Sistema Capitalístico e de suas forças necropolitizantes. Para tanto, fez-se importante um curto caminhar que nos levasse da discussão do biopoder à de necropoder para compreendermos as ordens dos discursos de verdade escolares.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. Apresentação: Uma cartografia das margens. In. RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet. 1988.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- DELEUZE, G. **A imanência, uma vida...** Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>. Acesso em: mar. 2010.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol V. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FOUCAULT, M. **Ordem do discurso**. Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**. Vol. III: estética, literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Pulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FURTADO, R. N.; DE OLIVEIRA CAMILO, J. A. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, p. 34-44, 2017.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (FUNDAJ). “. Blog da Fundação, Recife, 12 de fev. de 2015. Disponível em: <<https://www.fundaj.gov.br/index.php/inventarios-documentais-e-indices-bibliotecas/131-blog-da-fundacao/noticias/577-arte-reforma-e-revolucao-mantera-viva-a-fundaj-derby>>. Acesso em: 2 de jun. de 2017.
- HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere aude**, v. 7, n. 13, p. 194-210, 2016.
- LUDERMIR, C. **A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016
- MARINHO, C. M. **Filosofia da Diferença no Brasil**: da identidade à diferença. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Introdução. In: PASSOS, E.; KASTRUP, Virgínia; E. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Lisboa: Ática, 1992.
- PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual: políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- RESENDE, C. A escrita de um corpo sem órgãos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2008.
- RHODEN, E.; BERTOTTO, L. Cidade da Periferia: Linguagem, Comunicação e Pedagogia. **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul-Novo Hamburgo-RS**. Maio. 2010. Disponível em: . Acessado em: 15 out. 2017.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. *Cultura e subjetividade*. **Saberes Nômades**, Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24.
- ROLNIK, S. Flowerings of Reality/Florações da Realidade. In: DE ZEGHER, C. (Org.). *Vida Afora /Life Line*. Anna Maria Maiolino. **New York: The Drawing Center**, 2006, v. , p. 107-112.
- ROLNIK, S. **A hora da micropolítica**. Goethe Institut, 2016. Disponível em: . Acessado em: 15 out. 2017.
- SERRATO, A. C. O corpo e a sexualidade na cama de procusto: valores e desafios na contemporaneidade. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 2, n. 1, p. 145-172, 2010.
- SOUSA FILHO, A. Foucault: O cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In. RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação em tempos de império. In. RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

APENDICE II

Artigo submetido à revista (ainda em análise) Revista Cadernos de Pesquisa em Educação (ISSN 1519-4507) - Qualis **B2** na área da Educação e **B1** em Ensino.

UMA PROPOSTA DE CARTOGRAFIA DO DESCOSTUMES: PESQUISA EDUCACIONAL EM DESTERRITORIALIZAÇÃO DE GÊNERO

Resumo

Este artigo é uma possibilidade de rearticulação do *loco* estoico ou habitual das pesquisas em educação através do deslocamento de modos de se fazer pesquisa. Destacamos a cartografia dos descostumes como um modo que possibilita um pensar liberto e sensível aos processos de captura e encontro das subjetivações dentro e fora das instituições escolares, em fractais educacionais espalhados pelo espectro singular da vivência de mulheres transexuais e/ou travestis nas fendas da cidade do Recife. As discussões aqui trazidas, inspiradas na filosofia francesa de Foucault à Guatarri e Deleuze, apresentam uma potência de pesquisa que parte de rizomas e que traz os elementos de *afectos* e *perceptos* como fissurantes, sentidos de forma vibrátil nas experimentações institucionais.

Palavras-chave: Cartografia dos Descostumes; Filosofia da Diferença; Desterritorialização de Gênero; Processos Educacionais

A PROPOSED CARTOGRAPH OF DISCOMMODATION: EDUCATIONAL RESEARCH ON GENDER DETERRITORIALIZING

Abstract

This article brings about the possibility of rearticulating the stoic or habitual locus of research in education through a shift on the ways of doing research. We highlight the cartography of discommodation as a way that allows for a free and sensitive thinking about the processes of capture and encounter of subjectivities inside and outside school institutions, in educational fractals spread over the singular spectrum of transsexual and / or transvestite women's experiences within the cracks of the city in Recife. The discussion presented here, inspired by French philosophy, from Foucault to Guatarri and Deleuze, presents a research power that derives from rhizomes and brings the elements of *afectos* and *perceptos* as fissures, felt in a vibrating way within institutional experiments.

Keywords: Disacommodating Cartography; Philosophy of Difference; Gender Deterritorialization; Educational Processes

Introito para uma reversão metodológica: as pistas e ferramentas do método cartográfico

Este artigo é oriundo de parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem por objetivo problematizar a cartografia como um modo de fazer pesquisas no campo educativo. Para isso, parte de uma opção por não seguir as convenções e os decalques de caminhos “cientificamente” já traçados. No entanto, tão pouco se pretende que a cartografia aqui posta sirva de mapa para alcançar-se os protocolos de reprodução da ciência. Dito de outro modo, nossa intenção é apontar outros fazeres “metodológicos” para além das verificações, dos levantamentos e da busca por resultados comuns nas pesquisas em Educação. Abrimos mão da “soberania” do método científico a fim de pensar formas de aproximação ao fenômeno delimitado.

A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isto, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos (as)sujeitou (CORAZZA, 2002, p. 124).

Cabe-nos introduzir o conceito de *hodus-meta*, oportunamente, uma vez que resta-nos questionar se é possível um sistema acêntrico conceber uma direção metodológica. Assim, a metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. O sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos* comum nos manuais. A pesquisa sendo definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

Em contra-fluxo, a cartografia propõe uma reversão metodológica: *transformar o metá-hódos em hódos-metá*. Essa reversão consiste em apostar na experimentação do pensamento, que é um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e vivido como atitude (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 9). Isso implica em construir uma outra perspectiva que vise, antes de tudo, acompanhar processos, intervir na realidade e dissolver o ponto de vista do pesquisador-cartógrafo incapaz de habitar e se “sujar” com os territórios existenciais que tangenciam os movimentos e as intensidades da pesquisa. Assim, interessa-nos as questões:

Pode uma pesquisa em educação transbordar? Crescer e inundar a vida de sentidos outros? Fazer com que as coisas percam sua fisionomia e adquiram a consistência de uma vida ou de uma obra? Ou, mesmo, de quem simplesmente solta os pés da terra e dança? (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169).

A ideia consiste em problematizar a potência dos *corpos-trans* e suas contribuições na emergência de desterritorializações através de técnicas de cuidado de si como movimentos educacionais (veículos) no que vamos denominar de currículo de gênero.

1.1. O que pode uma cartografia dos descostumes?

A cartografia dos descostumes, aqui proposta, emerge de uma analítica da educação pensada enquanto *ethos* filosófico que incorpora para seu campo de tematizações as desterritorializações e as “novas” subjetividades apagadas, invisibilizadas ou silenciadas, a fim de perceber o exercício de práticas de liberdade envolvendo os corpos abjetificados pelo poder constituído. Em outras palavras, a Cartografia dos descostumes propõe, ao campo educativo, seja ele formal, informal ou incidental, modos de pesquisa que se interessam pelas micropolíticas cotidianas de enfrentamento aos assujeitamentos vivenciados por todos aqueles considerados “fora” da norma

Cabe destacar que o cuidado de si acompanha as teorizações foucaultianas e deve ser entendido aqui como uma teoria prática da multiplicidade através de problematizações sobre os modos de vida, os modos de determinar para si mesmo as regras de conduta e as *transformações* visadas para alcançar a singularidade, ou seja, elas desafiam os modos de existência prescritos, desvelando as formas de re(x)istência através da singularização e da afirmação da alteridade (FOUCAULT, 2017).

Por óbvio, parte-se de algum lugar. Leva-se na bagagem a micropolítica que se mostra na academia, nas escolas, nos espaços não escolares, nos guetos e que constroem linhas de força que incidem sobre os “marginais” e “rejeitados”. No entanto, buscamos, de forma contrária, realçar uma micropolítica que seja revolucionária e combativa. Já perdemos muitas pessoas para sermos neutros ou condescendentes...

Observa-se ainda que a cartografia dos descostumes se inspira em outras cartografias como a dos desejos e a do desassossego (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012; ROLNIK, 2014; ROLNIK; GUATTARI, 2017) e que parte de experimentações consideradas aqui como processos educacionais incidentais e dos quais emergem os espaços de re(x)istência ético-estético-político que vão traçando, desenhando, topografando as linhas de intensidade que se encontram e movem-se escondendo, confundindo, gerando atalhos, territórios, borramentos e linhas de fuga.

Na esteira destas considerações, destacamos que o descostume ocorre no choque do que é comum e rotineiro para uns e, ao mesmo tempo, monstruoso ou chocante para outros. São dois lados de uma mesma moeda. Estranha-se ainda algumas vivências mesmo que as espacialidades sejam fronteiriças ou mostrem-se como uma heterotopia. No caso específico da tese em construção, a cartografia dos descostumes desenha o dia a dia de mulheres transexuais e travestis expurgadas dos espaços ordinários e empurradas para as fendas da cidade, o que exige um cuidado redobrado no cultivo de “artes da atentividade” para perceber o que, destas vivências, se entrecruzam com os espaços educacionais.

Assim, surge uma analítica que mobiliza a “potência da cartografia” enquanto modo de seguir o movimento das linhas e dos traços, como uma “pesquisa-bailarina” capaz de *transformar* a “estética do movimento da vida em educação em pura intensidade” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169). Nessa perspectiva, a cartografia é um veículo de pesquisa excêntrico e pauta-se na arte de construir um mapa que ao mesmo tempo é sempre inacabado e aberto, mas “conectável, desmontável, reversível” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 7).

Como sabemos, a cartografia emerge do trabalho com as linhas. Em nossa pesquisa, elegemos as “linhas de fuga”, ou seja, aquelas linhas que fazem “fugir todo um sistema como se arrebenta tubos. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 47 *apud* OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 171). Como consequência dessa escolha, articula-se a necessidade de uma “atenção nômade”, e por que não dizer performática, que visa desativar e inibir a “atenção seletiva” predominante no modelo cognitivo dominante.

Como já dito, a cartografia dos descostumes assume outras fontes, dança com outras cartografias já instituídas, como a *coreografia do desassossego* que foi criada por Thiago Ranniery Moreira de Oliveira e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 169), em que não cabem etapas ou procedimentos estanques, mas tão somente “movimentos como passos e ritmos de uma dança que vêm se somar e se multiplicar, se dizer e desdizer, se fazer e se cozer, coexistir a partir de diversas estratégias”.

Essa coreografia de danças entre os descostumes é pensante-investigativa e segue de perto as pistas que cria, tanto quanto seus movimentos de sentir, viver e investigar. Por um lado, respondendo a academia e suas normas, mas, por outro lado, não abrindo mão da liberdade imanente a esta forma de conceber a invenção e a multiplicação dos conhecimentos.

Seguindo em nossa proposta de reversão metodológica, Suely Rolnik (2014) dispõe que o princípio do cartógrafo é extramoral, pois seu parâmetro básico e exclusivo é a expansão da vida e seus canais de efetuação. Nunca é, somente, uma cartografia tomada como mapa. Assim, pode-se dizer que seu princípio é

Um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar sempre mudando de princípios. É que tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não morais. E sua regra? Ele só tem uma: é uma espécie de “regra de ouro”. Ela dá elasticidade a seu critério e a seu princípio: o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias (ROLNIK, 2014, p. 03).

Nossa Cartografia leva-nos para o campo indelimitado da vida, referido pelo princípio extramoral de Rolnik (2014). Apostamos, assim como a autora, na necessidade de constituirmos o que ela denominou de “corpo vibrátil”⁷⁶, que se deve sentir, apalpar, saborear... O roteiro de preocupações que invadem nossas investigações para, assim, adentrarmos ao universo do problema que se pretende construir e/ou desestabilizar. Para tanto, faz-se essencial o acesso a autores pós-estruturalistas e da Filosofia da Diferença para aumentar e abrir alternativas de re(x)istência e criação.

⁷⁶ “uma espécie de feeling que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação” (ROLNIK, 2014, p. 4)

Em específico, a presente proposta de uma cartografia dos descostumes busca suas referências em outras cartografias como a de Virginia Kastrup (2015) sobre as Pistas do Método Cartográfico⁷⁷. Nessa obra, nos detivemos em observar os contornos e silhuetas dos territórios a partir das margens as quais nos propusemos analisar na tese: mulheres transexuais e travestis. Outra Cartografia com a qual flertamos é a dos Desejos, de Guattari e Rolnik (2017), na qual se compreendeu que é no campo de luta e da imanência das subjetividades que se tem acesso a micropolíticas que permitem novos desenhos e configurações da vida.

A Coreografia do Desassossego, baseada nos textos de Oliveira e Paraíso (2012), pauta-se em movimentos e passos que funcionam como um modo de enfrentar as forças, através de um ajuste contínuo entre os mundos fabulados e a multiplicidade do mundo da educação identificados nas seguintes experimentações: as linhas territorializantes do pensamento e as linhas intensivas da criação e desmontagem das imagens dogmáticas.

Assim, reitere-se que os movimentos cartográficos mobilizados em nossa pesquisa não são métodos de análise, mas uma abertura sensível e existencial que possibilita ao pesquisador-cartógrafo afetar e ser afetado no território da pesquisa (KASTRUP, 2015). Por isso, mais do que objetivos pré-estabelecidos ou hipóteses, trabalha-se com possibilidades de pistas que servirão de condutores aos objetivos e aos problemas que emergem ao longo de todo percurso investigativo.

O processo cartográfico dos descostumes compreende tantos devires quantos são possíveis as experimentações da vida, pois não se enquadram, não se representam, apenas indicam linhas que vão para além do reconhecimento de direitos. Logo, clama-se trabalhar o descostume como forma de cartografar vidas consideradas abjetas em processos educacionais incidentais e não formais. Assim, a cartografia faz da pesquisa uma experimentação de todas as espécies de fugas que escapam e as forças que eles tentam captar (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012). Necessário afirma que, em nossa proposta, articulam-se a linguagem e o pensamento enquanto elementos de pressuposições recíprocas

⁷⁷ A ideia posta neste trabalho é de fazer uma colagem de conceitos, embora mostrem-se predominantes a linhas de discussão trazidas na micropolítica e nas cartografias propostas nos trabalhos de Suely Rolnik

em textos que se entrelaçam e cruzam a construção conceitual sem passar por movimentos confundidos com metáforas ou representações.

Propõe-se aos cartógrafos que enveredem pelo descolamento dos sentidos no desenho de seus mapas: não se propõe objetos, objetivos e sujeitos na forma convencionalmente imposta, mas pistas, movimentos e devires. Na pesquisa que estamos desenvolvendo, os movimentos de desterritorialização estão nos rizomas identificados em uma intervenção artística, por um itinerário ético estético e político de re(x)istência que se propõe como um mapa aberto.

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções moveidças. Não tem começo nem fim (DELEUZE; GUATTARI, 2012 p. 31).

Partindo de Deleuze e Guattari (2012, p. 5) pode-se perceber que tais agenciamentos observados neste elemento rizomático expandem-se através do crescimento de suas dimensões “numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”.

1.2. Conexões e intensidades antropofágicas na história incompleta de Brenda e outras leituras de vidas abjetificadas

Na singularidade de nossa investigação ou na cartografia dos descostumes que nos propusemos realizar, tomamos por pista linhas de fuga em outra obra. Trata-se da obra de um autor/artista que, por sua vez, cartografou processos de subjetivação que caminharam, por estratégia conduzida por ele, ainda que de forma não proposital, a um processo inconclusivo de cuidado de si.

De forma específica, a obra que compõe esta cartografia envolveu ensaios fotográficos, textos e documentários do autor pernambucano Francisco Ludemir que é jornalista, artista visual e escritor. O trabalho é resultado de uma pesquisa de três anos idealizada inicialmente pelo Núcleo de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco (Nisc-UPE) e financiada pelo Ministério da Cultura.

O trabalho desenvolvido teve como um dos resultados a publicação do livro: *A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres* (LUDERMIR, 2016), editado pela Confraria do Vento. Além desta obra, destaca-se a intervenção artística chamada “Mulheres: O nascer é comprido”; bem como 10 curtas-metragens que compõem o livro homônimo. O trabalho de composição das histórias dessas vidas foi constituído a partir de uma série de encontros, em que ocorreram experiências geradoras de transformações intensas, provocadas por um processo criativo marcado pela possibilidade de mudança social, política e formativa.

Assim, as histórias de vida e o relato das *transformações* nas mulheres que participaram do projeto podem ser apresentados em três partes (todas em uníssono) que se articulam nesta pesquisa, como foi em sua confecção:

- *A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres* – narrativas acompanhadas do ensaio fotográfico de cada uma das personagens participantes do projeto, retratando, com beleza, cenas cotidianas de vidas pouco vistas. Essas histórias, como retrata o autor, são uma espécie de contos de não ficção⁷⁸. O livro tem o prefácio assinado pela travesti Maria Clara Araújo, pesquisadora sobre questões de gênero e sexualidade na educação; e um cartum inédito de Laerte Coutinho, intitulado “vocaçãõ para resistênciã” (LUDERMIR, 2016).
- *Mulheres: o nascer é comprido* – intervenção artística desenvolvida no projeto Reforma e revolução, na Fundação Joaquim Nabuco, com curadoria de Moacir dos Anjos e Bruna Pedrosa, na qual se reuniram fotos das personagens (tanto as elaboradas por Chico, como as trazidas dos acervos pessoais da época em que ainda eram tratadas como homens) impressas em azulejos e fixadas com cimento às paredes do prédio em reforma. O fato de tais fotos estarem impressas em azulejos permitia que as mulheres pudessem fazer intervenções na imagem, articulando a memória à possibilidade de se reinventar e “alterar” seu passado.
- Série de vídeos (curtas-metragens) – Os curtas foram produzidos nos processos de avaliação da proposta interventiva e nas *transformações*

⁷⁸ Na verdade, esse é o terceiro livro de Chico Ludermir, que traz na bagagem diversos trabalhos engajados e militantes (*Coque Vive/(R)existe*, Movimento Ocupe Estelita) tanto na literatura como nas artes visuais.

percebidas pelas personagens, releituras das narrativas e encenação de si mesmas como se fossem histórias alheias. Nesse momento, elas puderam propor intervenções nas histórias escritas, razão pela qual houve a menção honrosa no Festival de Cinema da Diversidade em Recife-PE (Recifest).

As pistas deixadas pelo trabalho desenvolvido por Francisco Ludemir confluem na investigação das experimentações que trazem em seu bojo as potências educativas dos corpos e dos afetos *queer* processadas em diferentes instâncias das biografias filmadas e escritas de mulheres que exprimem discursos a partir de dispositivos, agenciamentos e “verdades”. A análise do coletivo cartografado na obra é simbiótica e rizomaticamente albergada pelo estrato social de mulheres *trans* e *travestis*, através do reconhecimento de suas singularidades e das experiências comuns de *transformação* do corpo, da exclusão social, do medo, da discriminação, do preconceito e da violência atreladas aos dispositivos de abjeção que associam as vidas dessas mulheres à promiscuidade, à prostituição e à criminalidade.

Apresenta-se a incompletude que atravessa as desterritorializações de gênero dessas mulheres *trans* e/ou *travestis* no contexto sociopolítico do Nordeste do Brasil, cujas experiências de vida parecem evidenciar processos (*trans*)formativos que apontam dinâmicas de ruptura com o processo de adestramento imposto aos seus corpos em vozes expressas em um conjunto de relatos gravados e transcritos, bem como em elementos ficcionais, uma vez que:

O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcórrer temporal. Mas o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo se converte em tempo humano ao organizar-se narrativamente. O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história. Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é tempo narrado. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo (LARROSA, 1994, p. 69).

Olhar para as histórias narradas, para as linhas de força que as fazem emergir, tornam o material empírico cartografado robusto, tenso e apaixonante. Reserva-se a possibilidade de desenhar a vida e suas linhas de intensidade a partir das margens. Reforça-se aqui também que não se propõe o resgate interrogativo das vidas retratadas, nem conceber possibilidades de análise das obras ou do autor em si.

Todos esses elementos, sujeitos e objetos são importantes, mas nossa investigação fez opções ao esforçar-se na percepção de linhas molares, moleculares, no *trâns(ito)* dos devires em romper os jogos essencialistas e avançar nas forças de afirmação dos processos de re(x)istência e nas formas de subjetivação a partir do próprio olhar dos sujeitos envolvidos. Tentamos fazer, a lá Foucault, uma espécie de “alto-falante”, caixas de ressonância, das vozes silenciadas (FOUCAULT, 2016).

Apostamos que os processos de escuta sensível das mulheres-trans e travestis na construção de suas narrativas traduzem-se em atividades formativas/educativas que denunciam a violência, a marginalização e o extermínio de outras formas de ser e estar no mundo percebidos nos processos de subjetivação. A possibilidade de pensarmos o trabalho artístico desenvolvido por Francisco Ludemir em suas interfaces com processos educativos foi provocado por Suelly Rolnik em seu trabalho intitulado “florações da realidade” (2006). Esse nos despertou a possibilidades trans-dialogar com o rizoma-arte, pois, a autora, ao analisar a obra da artista visual Anna Maria Maiolino, com aportes advindos da Filosofia da Diferença, possibilita uma releitura subjetiva da realidade:

As coisas se desvelam em sua condição de elementos de uma entre as infinitas fornadas de um mundo em processo. Também nós somos levados a sair da anestesia que nos separa dos meios em que vivemos, convocados a desertar nossa petrificada individualidade, sair da inércia e participar ativamente da criação do mundo, através de uma inserção viva nos diferentes meios em que nos encontramos imersos. É precisamente nossa subjetividade geológica que é chamada a sair do esquecimento pela contundência da ação artística de Maiolino. Não seria isso o que define a experiência estética no sentido pleno? (ROLNIK, 2006, p.7)

Trata-se então, por intermédio de uma cartografia dos descostumes, de propor uma análise da força dos textos, dos vídeos, das fotos, da estratégia de

composição do elemento de intervenção artística multimodal, mais do que a vida do autor ou das vidas narradas na obra. O protagonista é o processo de formação do desejo no campo social da educação, entrecruzados por linhas molares e moleculares que se estabelecem através de técnicas de cuidado de si.

1.3. Movimentos da Cartografia dos Descostumes

Os olhares-oblíquos (o olhar e o corpo vibráteis) se acenderam como formas problematizadoras de perceber a realidade, indicando devires indóceis, ou seja, que não se limitam a formas postas e ordens impostas pelos modelos prontos de educação que enviesam o olhar.

Buscam-se as experimentações artísticas, literárias, audiovisuais e a própria rua como outras possibilidades educacionais. São novas linhas de aprendizado, pois “o atravessamento oblíquo do olhar cigano traz à tona que coreografia, passos e bailarinos não são dados de antemão, não estão na escola ou em qualquer outro lugar pedagógico, emergem do problema criado” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 169).

Esse movimento pretende suscitar uma problematização da educação, das suas estratégias, quando essas se desviam das funções sociais de normalização e mostram-se subversivas. Uma arte de forjar heterotopias a partir de diferentes tecnologias (imagens, textos e falas) mobilizadas na lapidação das biografias filmografadas e impressas das vidas de mulheres *trans* e travestis. A ficcionalização das narrativas de si como um processo formativo, convidando a um mergulho nas vivências que envolveram a produção, a edição e o desenvolvimento da arte trazem outros universos a serem cartografados em ligação direta ao fenômeno com a liberdade de criar sentidos para as mutações da sensibilidade.

Neste movimento cartográfico, tem-se o “rastreio” que se deu na varredura do campo, buscando um alvo móvel em variação contínua, uma vez que adentra ao território sem conhecer o alvo a ser perseguido, imprevisível, tendo apenas a localização de pistas e/ou signos de processualidade (KASTRUP, 2015).

Trata-se de uma configuração Antropofágica⁷⁹ em torno da expressão artística destas “mutações e de sua reverberação nas subjetividades que respiram o mesmo ar do tempo que tais produções e vão abrindo possibilidades na existência individual e coletiva” (ROLNIK, 2006, p. 3), pois o cartógrafo absorve materiais sem preconceitos de frequência, linguagem ou estilo, desde que dê voz e visibilidade para os movimentos do desejo, matérias de expressão e criação de sentidos (ROLNIK, 2014).

Neste movimento de flerte e busca, temos o rastreio e os olhares oblíquos entre o cartógrafo e a pesquisa em educação, os devires rastreados, a paquera dos mundos fabulados com a realidade na qual ocorrem as problematizações e a visualização do funcionamento social.

Os devires sentidos na pesquisa surgem não de fenômenos de imitação e nem de assimilação, tão pouco do causalismo e das representações, “mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10), ou seja, as performances e as desterritorializações de gênero abertas nas fendas das periferias da Região Metropolitana do Recife.

É justamente nesta “Noite de Núpcias”, apontada em Deleuze e Parnet (1998) que Thiago Ranniery Moreira de Oliveira e Marlucy Alves Paraíso (2012) deslocam as possibilidades em que o toque do cartógrafo seleciona os elementos sobre os quais deve “prestar atenção”. Dessa forma, utilizando-se de uma “atenção nômade”, sem foco, acolhendo o inesperado do material desconexo e fragmentário regido pelos dispositivos, agenciamentos e interseccionalidades é que são observadas as potências dos corpos e dos afetos registrados.

Não se trata exatamente de ver “dados” em um território de pesquisa, mas, antes, desenhá-los, pintá-los, pôr para dançar a partir de um elemento qualquer que nos soe com certa extravagância. Uma cartografia encontra-se com um território, “entra em núpcias”. É exatamente um encontro entre dois amantes que marca toda a possibilidade de uma erótica desejosa de criação de mundos em uma pesquisa cartográfica. É por encontros que o corpo da cartografia se define. “Encontrar é achar, é capturar, é roubar [...]. Um encontro é talvez a mesma

⁷⁹ Para o que aqui nos interessa, pode-se dizer que a antropofagia consiste numa forma de produção de subjetividade e cultura, em tudo distante da lógica identitária. Ela se caracteriza pela inexistência de uma identificação absoluta e estável com qualquer repertório ou de obediência cega às regras estabelecidas, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar territórios e suas respectivas cartografias – e tudo isso levado com um jeito lúdico e descontraído (ROLNIK, 2000, p. 451-452).

coisa que um devir ou núpcias. Sim, em uma pesquisa em educação, nós podemos encontrar pessoas, documentos, instituições, planos, “mas também [encontramos] movimentos, ideias, acontecimentos, entidades” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6 *apud* OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 171).

Rolnik (2006) apresenta como pista observar a expressão artística e sua reverberação nas subjetividades, devendo o cartógrafo perceber o roteiro do invisível para deslocá-lo, desprendê-lo das formas vigentes de representação e da obediência cega às regras estabelecidas que se tencionam no mapa no qual também pulsam as ondas de presença viva do outro. Logo, ultrapassar o limite do visível implica em “incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar territórios e suas respectivas cartografias” (ROLNIK, 2006, p. 4).

Na noite de núpcias surge o toque, a seleção pelo tema, entrando em contato com elementos que possuam força de afetação, pois o “toque pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade. Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado” (KASTRUP, 2015, p. 43). O toque na noite de núpcias faz parte do desenhar do cartógrafo que se serve de fontes múltiplas, entradas diversas, caminhos outros que podem surgir das histórias de vida apresentadas em vídeo, textos ou áudios, ou de todos em concerto, pois o cartógrafo é um verdadeiro *antropófago* que

vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado*. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias”. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender (ROLNIK, 2014, p. 3).

Assim, o toque nupcial da presente pesquisa importou em adentrar particularmente nas inúmeras possibilidades de vivência do itinerário da simesmidade, tanto na didática do processo educacional de construção da experimentação como nas biografias das mulheres *trans* e *travestis* entrevistadas. É nesse movimento que a pesquisa copula com o material e as vivências que são capturadas. O pesquisador-cartógrafo seduz-se pelo que

encontra em seu campo em todas as formas e possibilidades de sua manifestação.

Em continuidade aos movimentos vividos na pesquisa que assume a cartografia dos descostumes aqui delineada, traça-se também como movimento a “pintura de um quadro” com o traçar de diagramas que expressam o que é pensar no território desenhado pelas biografias de pessoas *transgêneras e/ou travestis*, delineando os quadros que “pulsam no coração de uma vida e não se deixam confundir com uma retrospectiva, uma pesquisa de estado da arte, uma análise socio-histórica de um campo de pesquisa” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 173).

Nesse sentido, reforça-se a importância do ato que compreende a habilidade do gesto, a escuta sensível, o olhar e o corpo vibráteis para analisar as técnicas e tecnologias de si imanescentes às desterritorializações de gênero no itinerário ético-estético-político das experimentações cartografadas. A pintura da presente cartografia mostra-se mais como um detalhamento do modo de enfrentar as forças através de um ajuste contínuo entre os mundos fabulados e a multiplicidade do mundo da educação identificada nas experimentações: as linhas territorializantes do pensamento e as linhas intensivas da criação e desmontagem das imagens dogmáticas. Assim, a cartografia faz da pesquisa uma experimentação de todas as espécies de fugas que escapam e as forças que eles tentam captar (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012).

É no esmiuçar da pintura do quadro Acontecimento Educação que surge o “gesto de pouso” no qual se indica as especificidades das interseccionalidades perceptíveis ao toque que permitem aterrissar no território da subjetividade ou fechamento de campo, por acréscimo na magnitude e na intensidade, reconfigurando o território observacional (KASTRUP, 2015). Tal pouso e pintura do mapa de densidades e intensidades havidos nas heterotopias sentidas em espaços de liberdade e no cotidiano das lutas de mulheres *transgêneras e/ou travestis* fazem-se necessários para garantir outras dizibilidades sobre a educação a partir das margens e não mais do reforço da máquina social, escolar ou não.

O último movimento remete-nos as “Linhas bailarinas”, as quais emergem através da leitura dos processos de educação incidental feita a partir dos descostumes atribuídos às mulheres-trans e travestis e permeados por

cruzamentos, traços, linhas, setas, devires, personagens, movimentos, corpos em mobilidade e fluxos constantes. Propõe-se aqui a possibilidade de uma nova caixa de ferramentas “pedagógica” a partir das pistas que surgem das histórias de vida dessas mulheres.

Nesse momento, é preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção, repetindo mais uma vez o gesto de suspensão (KASTRUP, 2015), pois, em tais linhas, bailam interseccionalidades (de classe, cor e gênero) que permitem que a educação, as histórias de vidas, os processos cartográficos do autor, o olhar do pesquisador-cartógrafo possam operar, no próprio processo de pesquisa, em uma perspectiva parresíastica (FOUCAULT, 2004), expressando a perspectiva que se tem de si mesmo, seja através das performances seja através das narrativas de si.

1.4. O cartógrafo e o devir-criança: experimentações nas pesquisas em educação

Registre-se que resta aparente um devir-criança, um interesse devorador pela temática delineada aqui e que nos retiraram do eixo confortável que organizava nossa própria atividade como pesquisador-cartógrafo em educação. Borra-se o padrão molar baseado em pilares de uma episteme cis/embranquecida, urbana, ocidental e heteronormativa arraigada nos agenciamentos de nossas subjetivações. Neste romper, floresceram elementos, corpos e olhares vibráteis que não mais se encaixavam, que não se estruturavam em bases comumente conhecidas.

Neste processo de florescimento, percebe-se um devir-criança. Importa explicar que este devir não implica em regressão ou em permanecer em estado infantil ante os argumentos e situações, mas trata-se de perceber, nas limitações e nas possibilidades da escrita e da linguagem, que o pesquisador-cartógrafo não vem pronto, não se construiu assim desde outras vidas, muito pelo contrário, aventura-se neófito nesta pesquisa, pois o devir-criança é uma potência que faz caminhos, percorre trilhas, explora.

Tudo para a criança é novo, tudo é como se fosse pela primeira vez. Ela acorda todo o dia e se espanta: como o mundo funciona? O que isso faz? Como já dissemos, os devires são

involuções criadoras, é a aliança que acontece quando se entra em zonas de vizinhança e encontram potências escondidas. Não queremos imitar a criança, mas estar na mesma zona, habitar este espaço de potência criativa. Esta potência do devir-criança está em criar cenários, espaços, singularidades, momentos. A criança é uma mestra das novidades, das histórias, ela tira da cartola tudo que não víamos há um segundo atrás (TRINDADE, 2018).

Logo o devir-criança do pesquisador-cartógrafo está no processo de desenvolvimento do olhar e do corpo vibráteis que passa não só pela forma de rever o mundo, de reconhecer os acontecimentos e diferenciações, de sentir as brechas e pontes nos dispositivos, mas também pela forma de falar, escrever, traduzir/*transpor* em palavras. Trata-se da tentativa de anular ou reverter os cerceamentos de movimento ou universalidades, pois é potência de um devir que, muitas vezes, ainda ignora as regras, normas e limites. Busca-se assim o reconhecimento atento, o gesto ou variedade atencional que visa acompanhar um processo e não representar um objeto, ou seja, reconduzir aos contornos singulares (KASTRUP, 2015).

Trata-se de uma heterocromia⁸⁰ vibrátil. Um olho está nas estruturas que conduzem as forças que constituem os homens e seus desejos, suas normas e seus modelos que se permeiam e impregnam-se por linhas de força estabelecidas das reproduções, imitações, analogias e estruturas que configuram ou desconfiguram os sujeitos. O outro olho, colorido, propõe-se a escapar, passar, buscar fendas e criar rupturas por entre os modelos postos/impostos abrindo espaço para uma “diferença não estrangida” que permite a verdadeira revolução baseada na erupção de desejos restringidos (DELEUZE; GUATARRI, 1997).

De forma geral, inferimos que a definição do cartógrafo envolve seu *modus operandi* de como é feita a avaliação sensível da condição humana desejante e de seus medos. Invoca-se nesta oportunidade a certeza de que o cartógrafo, conforme dispôs Suely Rolnik (2006) ao falar da arte de Anna Maria Maiolino, possui o desafio de buscar sentido entre um mundo já incorporado, indizível e invisível da vivência e um mundo larvar que surge desta mistura de inexorável disparidade de “configurações estáveis e germinações

⁸⁰Anomalia genética na qual o indivíduo, humano ou animal, possui um olho de cada cor, ou um mesmo olho com duas cores distintas. Neste trabalho, preferimos e somos os anormais, anômalos e monstros.

desestabilizadoras”. Trata-se do exercício árduo de evitar as hierarquizações, no afã de controle, métrica e regras (inclusive da ABNT), as quais podem ser fatais, pois secam “a nascente das formas de realidade, aquelas camadas de diferentes tempos e densidades que vão se sobrepondo infinitamente” (ROLNIK, 2006, p. 4-5). É da tensão entre esses dois pontos que surge a energia vital de invenção.

Considerações finais quanto aos Deslocamentos da experiência-movimento

Desde então, temos nos defrontado com as brechas agonísticas que foram surgindo do contato com autores como Deleuze, Foucault, Rolnik, Parnet e Guatarri, com as mulheres trans e travestis que nos enredam em uma batalha sem fim. Hoje, as melhores armas estão em refúgios das leituras que modificaram o modo de ver os chamados fundamentos da educação e suas interações com as construções do Ensino e das ciências desveladas em seu caráter difuso e profundo, posto que enraizado nas diversas subjetividades presentes nos processos educacionais.

Nessa direção, o presente conteúdo teórico-metodológico articula a experiência do pensamento em trabalho de ação e reflexão cartográficas enquanto potências de criação em interação com as paisagens cuja formação se acompanha (ROLNIK, 2014). No conjunto, esse “eixo” descentrado contribui para se pensar os dilemas contemporâneos de desterritorializações das comunidades periféricas e grupos marginalizados, sendo os mapas de linhas de intensidade e o fluxo dos devires ferramentas de desarrumar pensamentos e conceitos, viver.

Encerramos, enfatizando a relevância da discussão da cartografia, especialmente a dos descostumes, como modo de se fazer pesquisa em educação com base nos afetos e nos corpos a fim de romper a invisibilidade e o silenciamento das memórias e das formas de vida subalternizadas e tornadas abjetas. A temática importa tanto para a aquisição e desenvolvimento de saberes vinculados às teorias da educação e do ensino, como para a abertura de pontes transdisciplinares com diferentes áreas de conhecimento e saberes.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**, v. 2, p. 105-131, 2002.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet. 1988.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade - 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz T. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LUDERMIR, Chico. **A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. Pro-Posições**, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 159-178, jan. 2012. ISSN 1982-6248. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Introdução. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, Sueli; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis. Vozes, 2017.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Sueli. **Esquizoanálise e antropofagia**. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, p. 451-462, 2000.

ROLNIK, Sueli. Flowerings of Reality/Florações da Realidade. In: CATHERINE DE ZEGHER. (Org.). **Vida Afora /Life Line**. Anna Maria Maiolino. New York: The Drawing Center, 2006, v., p. 107-112.

TRINDADE, Rafael. **Devir-criança**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/03/16/devir-crianca>. Acesso em: 20 jun. 2018.

APENDICE III

Artigo submetido à revista (ainda em análise) Revista InterMeio (ISSN 1413-0963) - Qualis **B2** na área da Educação e **B2** em Ensino.

UMA CARTOGRAFIA DE MOLECULARIDADES ATIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DE LINHAS DE FUGAS ARTÍSTICAS

Resumo

A cartografia dos descostumes traz a possibilidade de gerarmos um mapa que espelha os fluxos contínuos contidos na Cartografia da obra de Chico Ludemir. Inspira-se numa função-artística e no nascer mulher dos devires transexuais que promovem a ideia de educações insurgentes a partir de agenciamentos artísticos, culturais e educacionais que comungam espaços e tempos. A problemática surge da possibilidade de que elementos artísticos em agenciamento constituam estratégias de re(x)istência no acontecimento educação, o que gerou, como pista inicial para percorrer os caminhos que chegaram a este trabalho, a necessidade de costurar um mapa dos fluxos contínuos na arte de Chico Ludemir que nos levasse ao acontecimento. Surgiram movimentos que nos permitem investigar a pista proposta e desenvolver nossa cartografia viva com ênfase na molecularidade de linhas de fugas educacionais a partir das subjetividades do autor, da obra e das personagens. Reforçamos, assim, que o acontecimento educação surge do agenciamento composto essencialmente dos contra-fluxos e fatores de re(x)istências das potências disruptivas encontradas que promoveram processos de diferenciação e transformação moleculares.

Palavras-chave: Molecularidade Ativa – Linhas de Fuga – Educação – Literatura - Arte

A CARTOGRAPHY OF ACTIVE EDUCATIONAL MOLECULARITIES FROM ARTISTIC ESCAPING LINES

Abstract

The cartography of discontinuities brings about the possibility of generating a map mirroring continuous flows contained within the Cartography of Chico Ludemir's work. It is inspired by an artistic function and by the birth and becoming of a transgender woman and which promotes the idea of insurgent educational experiences based on artistic, cultural and educational agencies with shared spaces and times. The problem arises from the possibility that artistic elements in agency may constitute strategies of resistance (existence) in the educational event, which generated, as an initial clue to follow the paths that led to this work, the need to sew a map of continuous flows within Chico Ludemir's art, up to the event itself. Movements have emerged that allowed us to investigate the proposed track and to develop a living cartography emphasising the molecularity of educational escaping lines emanating from the subjectivities of the author, the work and the characters. We thus reinforce, that, the educational event arises from the agency, essentially composed by counter-flows and factors of resistance (existence) to the disruptive powers that promoted processes of molecular differentiation and transformation.

Keywords: Active Molecularity – Escaping Lines - Education - Literature - Art

Introdução

A cartografia que propomos neste trabalho parte de linhas de fuga da arte e enveredam pelo mapear de uma das obras de autoria do jornalista/artista pernambucano Francisco Ludermir. Nossa intenção com o mapeamento surge da possibilidade de que elementos artísticos em agenciamento constituam estratégias de re(x)istência no acontecimento educação.

Usaremos o termo “obra” para referirmo-nos a uma série de materiais produzidos por Ludermir em seu encontro com mulheres trans e travestis que vivem nas fendas da cidade de Recife. Assim, o material empírico analisado envolve uma caixa de ferramentas que atua junto a potências disruptivas: ensaios fotográficos, áudios, curtas-metragens, entrevistas, artigos jornalísticos, projeções cinematográficas, movimento, intervenções artísticas (“Mulheres: Nascer é Comprido”) e o livro “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...”⁸¹. Esses elementos nos apontaram linhas de fuga que promovem destruições revolucionárias das estruturas e representações, tanto artísticas quanto educacionais. Especificamente, o trabalho de Ludermir foi protagonizado por 11 mulheres trans e travestis recifenses de diferentes perfis. No entanto, apesar das singularidades, traços em comum emergiram fruto das marcas e cicatrizes presentes em seus corpos. Cada marca é resultante de vivências atravessadas pelo preconceito, violência, exclusão social e pela experiência de transformação do próprio do corpo.

Percorrer os caminhos que chegaram a este trabalho e a necessidade de costurar um mapa dos fluxos contínuos na arte de Chico Ludermir nos permitiram construir um olhar que acreditamos ser relevante para a pesquisa educacional. Dito de outro modo, a possibilidade de trilhar com/sobre/sob o “material empírico”, ou vital, deste trabalho nos fez percorrer por lugares onde educações transitam. Essas estavam nas vozes, nas linguagens do corpo, nos métodos utilizados por Ludermir, nas linhas, textos, vídeos e intervenções artísticas. Mas, sobretudo, estava nos afectos e perceptos, nas leituras que fizemos do trabalho desenvolvido pelo autor, bem como das vivências de mulheres travestis e transexuais que nos foram apresentadas.

O encanto pela obra se mostrou na forma de narrativizar o processo de rompimento e eclosão de subjetividades transexuais em movimentos de afrontamento direto aos processos de assujeitamento familiar e escolar e, em efeito, da construção de suas mulheridades. Todos os recortes biográficos partem de contações de si mesmas que se alicerçam na desconstrução e reconstrução das memórias e trazem a possibilidade de transformação de subjetividades através do processo de posar, relatar, performar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se. Os movimentos elencados confrontam o cis-tema, tentáculo do inconsciente colonial capitalístico (ROLNIK, 2016), que atua no assujeitamento de vivências Queer e produzem mazelas sociais que podem ser vistas em existências imersas em preconceito, exclusão social, violência e morte.

⁸¹A obra é oriunda de um convite feito ao jornalista e fotógrafo Chico Ludermir, financiada pelo Ministério da Cultura (PESSOA, 2016; LUDERMIR, 2016; BEZERRA, 2015) junto ao Núcleo Integral de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco (UPE, 2018) que tinha como proposta inicial um “projeto jornalístico-literário com mulheres que foram designadas homens ao nascer. Seria um desdobramento subjetivo de uma pesquisa epidemiológica que o núcleo estava finalizando, com 11 mulheres trans e travestis de Pernambuco (LUDERMIR, 2016, p.18). No entanto, o processo criativo foi mais amplo e espontâneo do que o inicialmente proposto, pois reuniu cinema, literatura, fotografia e movimento que tinham como tema central o cotidiano de mulheres transexuais. Apesar do caráter rotineiro, há um choque se comparado a outras vivências, um descostume quanto a essas subjetividades e seus modos de viver, razão pela qual a obra carrega sensações que criam uma nova espacialidade fronteiriça nas fendas da cidade tanto quanto apresentam a possibilidade de nos deslocarmos no tempo.

São mulheres e adolescentes assassinadas; crianças que sofrem torturas físicas e psicológicas, alvejadas diuturnamente por não se “enquadrarem” ao cis-tema heteronormativo. Essas transitam nas fendas da cidade, lugares marginais, periferias, ruas escuras do centro comercial da Grande Recife, vivendo, muitas vezes, da prostituição de seus corpos. No entanto, muitas estão ali enfrentando o cis-tema para trazer à tona sua mulheridade e viver com coerência sua existência. Assim, as experiências de transformação do próprio corpo de mulheres transexuais e travestis, muitas vezes feitas de forma clandestina e marginal, rompem um estado de coisas que sustentam os parâmetros de normalidade e normatividade.

Da mesma forma ocorre com a arte hegemônica e pretensiosamente monolítica, ao se confrontar com uma expressão que partilha o sensível e promove ondas de força. Essas trazem potências e devires aos movimentos artísticos, culturais e educacionais, pois tratam-se de contra-fluxos, de re(x)istências.

Nessa perspectiva, a problemática surge da possibilidade de que elementos artísticos, em agenciamento, constituam estratégias de re(x)istência no acontecimento educação. Essa premissa gerou, como pista inicial, a necessidade de costurar um mapa dos fluxos contínuos na arte de Chico Ludemir que nos levasse ao acontecimento. Surgiram movimentos que nos permitiram investigar a pista proposta e desenvolver nossa cartografia viva, com ênfase na molecularidade de linhas de fugas educacionais a partir das subjetividades do autor, da obra e das personagens por ele descritas.

Percebemos que todos os elementos de análise se traduzem em vida, desde o estilo cartográfico de Francisco Ludemir, permeado por heterocronias e heterotopias, até o nosso trans-corpus vibrátil que, mesmo resignado às exigências do jargão acadêmico, se entrega aos afectos e perceptos de uma subjetividade que oxigena o trabalho do artista. Especificamente, analisamos três movimentos de estilo provocados pelo autor: movimento coletivo-político, movimento-estético e movimento-ético. O trans-corpus é articulado em conceitos ante as imagens dos ensaios fotográficos, a poesia política do texto e as fotos do livro, a imagem-cristal vivenciada nos curtas-metragens, e a intervenção artística que reuniu quase todo material de pesquisa produzido pelo autor.

Ao mapearmos esses movimentos, encontramos agenciamentos nos quais as educações transitam, sobretudo o ato de aprender entendido como um agenciamento complexo, que concerne às condições de possibilidade do próprio pensamento, que “vai além do saber, esposando a vida toda, inteira, em seu curso apaixonado e imprevisível (SCHÉRER, 2005, p. 1183).

Linhas de fuga da arte para pensarmos a Educação

A atuação cerceadora do cis-tema, enquanto tentáculo do inconsciente colonial capitalístico, identificado por Rolnik (2016), represa os fluxos de criatividade nas mais diferentes esferas de nossa vida tornando-a um elemento fixo mediante elementos comuns de uma identidade globalizada (cosmopolita), ao mesmo tempo em que estão vinculadas aos ritmos frenéticos ditados pelo mercado (ROLNIK, 1997, p.01). Nessa lógica, o cis-tema cria territórios onde a governamentalidade estrutura-se e age tendo como referência

o masculino branco heterossexual. Maria Clara Araújo Sena⁸², uma das mulheres que compõem o trabalho cartografado ressalta que

O medo dessa estrutura regente e dominante, de nós bagunçarmos com o que alguns chamam de ‘*status quo*’, faz com que eles tentem cobrir nossa existência, apagar nossas memórias, não permitir que possamos nos representar. Afinal, quem foi eleito como ‘normativo’, acaba detendo o poder de escolher como o ‘Outro’ será representado (SENA, 2016, p. 12).

Bagunçar a lógica antro-po-falo-ego-logo-cêntrica, sustentada por uma biopolítica da genitália cis-heteronormativa, torna ininteligível vetores vinculados ao pensamento e ao desejo que não se reconhecem nessa lógica. Trata-se da captura de vidas cuja diferença, afastados os estereótipos moralmente construídos, não deve ser ou não merece ser retratada. Chico Ludermir (2017) afirma que

Não é por acaso que pessoas trans estão ausentes da maioria dos produtos de arte. Nada mais coerente com uma sociedade transfóbica do que o veto das representações e memórias das pessoas trans em livros, filmes e novelas. Pior: em alguns espaços, a representação da transexualidade vem carregada de estereótipos que reforçam estigmas.

Na contramão desta lógica, o processo artístico que permeia a obra de Ludermir, caracteriza-se pelo afrontamento a um cis-tema de arte que atua com base na inércia instaurada por um elitismo mundano de redução, muitas vezes, à lógica mercantilista e formalista, bem como anestesidora que gera espectadores-passivos e confina a uma arte cis-têmica em esferas de especialização (ROLNIK, 2002).

O cis-tema, em conformidade com as relações de poder estabelecidas, produz as subjetivações tanto no campo das artes quanto da educação e encontra respaldo na ação antro-po-falo-ego-logo-cêntrica componente da cultura de forma reativa que, apesar de albergar diferentes singularidades, nega as vivências subjetivas e as construções cooperativas e diversas (ROLNIK, 2016). Em entrevista dada a Breno Pessoa (2016), Francisco Ludermir ciente das relações de poder que atravessam todos os âmbitos da vida afirma:

Acho que a neutralidade é imobilizadora. De fato, tudo que a gente faz está engajado com o que acreditamos. Não dá para se despir disso. Acho que, na literatura e nas artes, a neutralidade vira o que é normativo. Sou contrário e descrente dessa neutralidade. Não corroboro, acho que a gente tem que acabar com isso e assumir nosso lugar político no mundo. Todos os produtos têm um papel político.

O autor, utilizando-se de uma caixa de ferramentas que atua junto a potências disruptivas vinculadas a táticas de re(x)istência⁸³, visibiliza as vidas patrulhadas, enquadradas e capturadas pelas tecnologias de gênero (DI LAURETIS, 1994; LOURO, 2007). As capturas tentam cercear as linhas de fuga sob o verniz de neutralidade impossível. Em suas “notas do autor”, Chico afirma que:

⁸²A travesti Maria Clara Araújo Sena é responsável pelo prefácio do livro “a história incompleta de Brenda e Outras mulheres”, é pesquisadora de questões de gênero e sexualidade na educação e “é a 1ª transexual do mundo a atuar no combate à tortura em prisões, integrando o Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura em Pernambuco, órgão ligado à Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, recentemente desmantelado pelo governo de Jair Bolsonaro (PSL). Em 2018, precisou se refugiar no Canadá por ter sido vítima de transfobia e racismo enquanto trabalhava no órgão” (FREIRE, 2019).

⁸³ A palavra re(x)istência tem em sua construção o deslocamento da estrutura para marcar os processos de resistência e existência dos processos de sobrevivência de travestis e transexuais.

“A História Incompleta...” têm vocação para resistência. Ou pelo menos parte deste princípio ético, assumidamente engajado. Não compactua com o mito de uma literatura neutra. Não da forma como ela nos é enfiada goela abaixo. O sensível, em sua essência, de fato pode não ter cor, classe, gênero ou orientação sexual, mas essa literatura dita neutra escolhe muito bem seus temas e a quem deseja servir (LUDERMIR, 2016, p. 17).

Mapear os desassossegos e os descostumes gerados pelos percursos insólitos que compõem a obra “que tem vocação para resistência,” nos remete também à análise das intervenções de artistas como as de Lygia Clark, na voz de Rolnik (1999; 2002), de Caio Fernando Abreu (1990) e Fernando Pessoa (1992), ou a liberdade de corpos em fotografias como Nan Goldin (YAHN, 2017), Bettina Rheims (PACCE, 2016) e Wolfgang Tillmans (MACLENNAN, 2017). As expressões artísticas, assim como a obra de Ludermir, se manifestam como potência para identificarmos agenciamentos que envolvem os “*afectos*” e “*perceptos*” que compõem os corpos quando entram em contato com o mundo (ROLNIK, 2006).

Como nosso método é cartográfico e é da ordem dos descostumes⁸⁴, queremos encontrar Chico Ludermir em seu processo, buscar pistas do “meio caminho”, da beira da estrada⁸⁵. Logo, acreditamos traçar uma metacartografia, cartografia da cartografia, visto que, por mais que Ludermir não tenha adjetivado seu processo dessa forma, inferirmos que ele o fez, pois visibilizou linhas de intensidade, fabulou afetos incitando-os a transitarem, criou e desmanchou mundos (ROLNIK, 2014).

Eu vim de infinitos caminhos e os meus sonhos choveram lúcido pranto pelo chão⁸⁶

Buscar o meio do caminho, analisar o processo criativo, sem ter intenção e mesmo condições mínimas de críticos literários, visto não termos formação para este tipo de análises, distanciou-se dos propósitos que elencamos. Girávamos em torno do processo de buscar pistas, aprender, recortar e encontrar os caminhos e linhas propostos pelo autor para, como educadores que somos, buscarmos pensar os processos educativos ali contidos.

Francisco havia publicado no caderno de Suplemento da Companhia Editora de Pernambuco⁸⁷ uma espécie de relatório detalhado intitulado “Encontros que tornam bela a incompletude”. Neste relatório, encontramos ressonâncias do corpo vibrátil anunciado por Rolnik (1999, p. 32), um corpo constituído de uma consistência subjetiva feita de composição sensível, que se cria e recria impulsionado pelos pedaços de mundo que o afetam: “aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora: o dentro nada mais sendo do que uma filtragem seletiva do fora operada pelo desejo, produzindo uma composição fugaz”. Tal corpo, ao ressoar, estendia-se e atingia-nos em cheio.

⁸⁴A cartografia dos descostumes emerge de uma analítica da educação pensada enquanto *ethos* filosófico que incorpora para seu campo de tematizações as desterritorializações e as “novas” subjetividades, a fim de perceber o exercício de práticas de liberdade envolvendo os corpos abjetificados pelo poder constituído, através de modos de pesquisa que se interessam pelas micropolíticas cotidianas.

⁸⁵ Seu trabalho torna-se nosso ponto de partida que deverá culminar com o retrato em 3x4, a ser apresentado formalmente em uma tese que se encontra em construção.

⁸⁶MEIRELES, Cecília. Viagem. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

⁸⁷ Responsável pelas publicações oficiais do Diário Oficial do estado entre outros elementos e publicações culturais.

Corroborando com nossas intenções, Ludemir havia criado uma espécie de diário com registros que se assemelham a cartas enviadas para si mesmo. O dia 18 de março de 2013 marca o início dos escritos nos quais é possível identificar o quanto o caminhar do artista foi se fazendo no próprio andar, permitindo dessa forma, um afetar-se pelas linhas que se instituíam a cada momento.

Entre pesquisa, entrevistas, fotos, edição e diagramação, estimava terminar em três meses e meio. Rio internamente diante da impermanência e subestimação do trabalho: nem 10, mas, sim, 11; nem reportagens, mas, sim, contos de não ficção. Ao invés dos três meses e meio, mais de três anos até a publicação, no Rio de Janeiro, em novembro de 2016. Anne me fez aumentar o número de histórias em um, porque desistiu de desistir. Somente quando o original estava em minhas mãos, recebi o seu aceite [...]. Volto aqui ao meu “e-mail-diário” em 1º de agosto de 2013: “As histórias que eu escutei até agora são fascinantes” (LUDERMIR, 2017).

Além dos movimentos, alterações de rotas, Francisco relata que a mudança do formato de reportagens para o de contos aconteceu naturalmente, à medida em que passou a desacreditar na noção de verdade (LUDERMIR, 2017). Talvez, estivesse presente a ideia de que “a verdade é aquilo que dizemos ser verdadeiro – que equivale a dizer que as verdades não são descobertas pela razão, mas sim inventadas por ela”. (VEIGA-NETO, 2003, p.108–109). Dessa premissa, emerge o abandono da crença em uma linguagem que seria capaz de representar o mundo “tal qual ele é”, ou seja, a linguagem como uma tradução literal e isomórfica do mundo.

Francisco afirma que “o próprio ato de lembrar é uma experiência narrativa de criação. Recontar e encadear ideias muitas vezes se torna tão mais real quanto mais é inventado” (LUDERMIR, 2017). Narrativizar, em toda sua obra, parece ser um deslocamento linguístico fundamental por tornar verbo a ideia de se recontar através de técnicas que podem ser tidas como vinculadas ao cuidado de si, como nos ensinou Foucault (2004).

Assim, as mulheres biografadas acessam o processo de subjetivação e de construção da mulheridade através da desconstrução e reconstrução das memórias e trazem a transformação de subjetividades através do posar, relatar, performar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se. Em entrevista dada a Breno Pessoa (2016), Chico Ludermir retoma a temática:

Acho que o processo de relatar sua própria história e a construção da memória traz uma certa ficcionalização. Quando você vai lembrando algo e encadeando fatos, há um ato criativo, criador, também quando se escuta e/ou se propõe a recontar uma história. Alguns elementos são impossíveis de serem relatados com precisão e elas também estão, de alguma maneira, recriando. Construí o texto a partir de uma sensação e do desejo de representação possível (PESSOA, 2016).

Assim, houve construções, desconstruções, encontros e desencontros em um agenciamento incorporado na obra de Ludermir e que se instituiu a partir dos “contos de não ficção” (LUDERMIR, 2017), cuja presença do autor não tinha possibilidade de eliminação

Não estou dizendo com isso que abandonei o compromisso com o vivido por elas, **mas que assumi a tarefa de criar em conjunto**. Com isso, preciso dizer que todos os contos foram lidos por elas em primeira mão e que tudo que me foi pedido para ser alterado ou omitido foi acatado” (LUDERMIR, 2017, grifos nossos).

Assim, no trabalho de Chico Ludermir há discursos dentro de discursos, palavras que são escolhidas e que são os elementos do presente delineamento da cartografia por ele realizada. Essa, situa-se no campo de suas desterritorializações cujas projeções afetivas atravessam o cis-tema, rompendo o que é tido como comum e normal. Outrossim, o autor, o cartógrafo, os leitores do livro e até as próprias mulheres expostas em sua nudez de alma nos movimentos da obra possuem, cada qual, interpretações de si e dos outros que fogem a uma ética retida no “bem” e a uma estética limitada ao “belo”, pois estetizar levar-nos-ia ao ponto comum que poderia constituir uma possibilidade de libertação através da busca por um estilo em harmonia com os diversos domínios (KRUTZEN, 2011).

O processo de desenvolvimento dos trabalhos deixa claro um estilo cartográfico permeado por heterocronias e heterotopias. O próprio autor identifica três movimentos (o coletivo, o individual e o universal) em sua cartografia de desejos de mulheres trans, embora, como dito anteriormente, em nenhum momento esteja explícita sua condição de cartógrafo.

As heterotopias, neste caso, representam relações sociais e de poder espacializadas, desviantes ou não, transgressoras ou não, que questionam estruturas profundamente enraizadas. Contudo, apresentando-se como formas espaciais alternativas ou bastante específicas, nunca deixando de estar ligadas a recortes e períodos de tempo, a conjunturas históricas singulares e, logo, não deixam de ser, também, heterocronias (FOUCAULT, 1967, p. 417).

O movimento coletivo político atua no alinhavar de uma colcha de retalhos, considerada por ele como elemento de “um mesmo estrato social: mulheres trans e travestis”(LUDERMIR, 2016, p. 18) consideradas em relação a experiências comuns de discriminação, preconceito, violência e marginalização.

Francisco foge do lugar comum que se destina a estes corpos: a prostituição, a criminalidade e as doenças venéreas (em especial o HIV), pois nega-se a retratá-las a partir do “lugar que lhes parece reservado ou determinado” (LUDERMIR, 2016, p. 18), como se essas circunstâncias fossem uma condição determinante. De forma contrária, propõe em sua escrita poética, um anti-destino ao que lhes torna estigmatizadas. Nas palavras de Bruna Benevides⁸⁸ (2016) as mulheres “foram retratadas enquanto seres humanos de fato, tão diferente de textos outrora escritos sobre nossas vidas. Entrelaçadas, como uma colcha de retalhos que, em muitos momentos, se confrontam exatamente com as mesmas violências, perspectivas, necessidades e possibilidades”.

O segundo movimento, que é estético, trata de uma pragmática da sismesmidade por articular a estética da existência aos devires minoritários em experimentações desviantes e desterritorializantes. Cada mulher narrada apresenta sua dinâmica de constituição, o fato de estabelecer-se mulher para si e para a sociedade. Apesar de este ser um movimento comum a todas, existe:

A singularidade de cada vida. Por mais que exista, sim, um tanto de padrão, há um outro tanto muito maior de nuances que permitem aprofundar em cada uma delas sem repetições. Cada personagem deste projeto colabora com sua história, com sua imagem, com sua voz (LUDERMIR, 2016, p. 18).

⁸⁸ Travesti, militar, primeira mulher transexual a receber o Prêmio Mulher Cidadã da ALERJ. Militante LGBT e Ativista Transfeminista. Coordenadora do Prepara Nem Niterói. Presidenta do Conselho Municipal LGBT de Niterói, Secretária de Articulação Política da ANTRA e Coordenadora GTN.

O terceiro movimento envolve o nomeado movimento-ético. Esse teria a possibilidade de construção de uma liberdade ética que incita o “outro” para uma condição de aproximação e retração da segregação, mesmo que isso ainda ocorra de uma maneira ainda utópica. Frente a esses movimentos, que perpassam a ficcionalização das narrativas, inferimos a existência de uma cartografia que se move, que se faz ora densa, ora rarefeita. Trata-se de linhas de força, que dobram e se desdobram sobre o sujeito e em efeito, criam “Encontros que tornam bela a incompletude” (LUDEMIR, 2017).

Dos ensaios fotográficos à poesia política

A cronologia do processo criativo de Francisco Ludermir é marcada por um processo de gestação afetada por uma “virada sutil na produção” (LUDEMIR, 2016, p. 18). A primeira fase identificada de produção da obra de Chico Ludermir durou dois anos e exigiu do fotógrafo-jornalista-escritor uma imersão profunda no campo de estudo que orbitou as vivências de mulheres. Esse movimento fez-se necessário para a ficcionalização das histórias capturadas através de entrevistas gravadas, transcritas e de ensaios fotográficos em preto e branco realizados entre os anos de 2013 e 2015 (LUDEMIR, 2016, p.17; G1, 2015; BRASILEIRO, 2015).

No texto, ao procurar Mariana para ouvi-la, descreve a experiência vivida na Favela do Pilar (Recife Antigo), “Já era fim de tarde e o chão de terra ficava ainda mais alaranjado no Pilar. Na sombra de uma casa quase em ruínas, uma moça chupa uma manga com um dedo entortado por golpes de capacete. Ao lado outros caroços, já sem polpa” (LUDEMIR, 2016, p. 96). Posteriormente, verifica-se a presença do autor, não só como aquele que descreve a cena, mas que se mistura a ela: “Desviamos de algumas poças de lama juntos. Comemos mais uma manga e seguimos com uma trouxa de roupa que ela pegou para lavar. Assim consegue o dinheiro para o hoje. No amanhã, só pensará quando acordar. Vai vivendo um dia por vez” (LUDEMIR, 2016, p. 98).

Após essa imersão inicial, a costura do trabalho fotográfico e da escrita do que inicialmente havia sido projetado para serem reportagens, se encaminhou para confecção de um livro coletando os dados trazidos nas falas e fotos das mulheres, em tom biográfico. Assim, os ensaios fotográficos vieram em conjunto com o processo criativo do livro e compõe sua estrutura. Esses ensaios vieram da ideia original do projeto do Núcleo Integral de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco - NISC, mas foram tomando outras formas, outros desenhos, a partir dos encontros realizados, razão pela qual inferimos existir uma cartografia impulsionada pelos desejos e encontrada na forma de confeccionar a obra.

Em entrevista dada a jornalista Isabelle Barros (2015), Ludermir fala de suas transformações, resultado de sua estreita proximidade com as mulheres pesquisadas: “Antes desse trabalho, eu também partilhava, de certa forma, de uma visão marcada pelos preconceitos da sociedade com relação às mulheres trans. Os ensaios partiram muito da história de vida delas e foram pautados a partir do que fui descobrindo” (BARROS, 2015).

Ilza Matias de Sousa (2011, p. 166), ao discutir algumas literaturas menores de singularidades selvagens como as de João Gilberto Noll, de René Magritte, de Lewis Carroll e de Clarice Lispector, afirma que essas afetam “a relação sujeito e objeto do conhecimento racional, a abordagem das singularidades selvagens exige tocar a exceção, deixar-se extravaganciar, haver-se com o estranho, dar-se à dissipação. A exceção é da ordem da exclusão – exclusão da regra, norma geral”.

A obra de Ludermir, adjetivada aqui como menor, periférica, marginal, com uma exterioridade selvagem, que não se deixa capturar ou integrar, é singular e carrega a propriedade de dissipar-nos. O próprio autor aponta nos traços de seu texto “formatos

intencionalmente híbridos (o hibridismo se dá como continuidade das reflexões sobre certos limites da realidade e da construção. A vida é a arte e a própria memória é construída em ato e performance do cotidiano)” (LUDERMIR, 2016, p. 17).

As narrativas e os textos instigam-nos a perceber que existe um entremeio situado entre objetos e sujeitos, contudo não se está nem em um lugar e nem em outro, mas em algo inominável que se subtrai ao controle e nos leva a olhar para os abismos (SOUSA, 2011). Acompanhando Deleuze (2010, p.35), diríamos que “é no meio do turbilhão que há o devir, o movimento, a velocidade, o turbilhão. O meio não é uma média, e sim, ao contrário, um excesso. É pelo meio que as coisas crescem”.

Assim, a obra em si apenas tangencia o autor, sobrelevam-se as potências dos corpos nela contida de imediato. Foucault (2001, p. 72), em *Ditos e Escritos IV*, indica que “o que é preciso fazer é prestar a atenção no espaço esvaziado pelo desaparecimento do autor; seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas, e espreitar os lugares, funções livres que esse desaparecimento faz aparecer”.

Nesse hiato, que esvazia o tempo, faz ficção das narrativas. Em fala videografada de Brenda Bazante (2016), mulher que compõe o título da obra, no curta metragem de sua biografia, desenha o estilo de Ludermir no livro:

[...] você também **associou essa situação em particular a um outro período criando dentro da biografia em si uma nova situação, juntando nomes a tempos diferentes**. Tratando em particular de uma situação que foi muito delicada. Eu me emocionei muito porque realmente parece que eu fiz uma viagem para aquele momento (grifo nosso).

Eugênia Correia Krutzen (2011) discorre que para um trabalho literário tornar-se um acontecimento faz-se necessário o entendimento do autor como aquele que “se arvora ao perder essa autonomia do dizer, para em seguida recuperar na forma de cintilações”. Nesse sentido, Bruna Benevides (2016) torna translúcida sua opinião sobre a obra:

Em muitos momentos fiquei feliz, triste, excitada e algumas vezes senti a dor de cada uma, especialmente por ser uma mulher trans – com identidade travesti, que a cada linha, página e capítulo se enxergava ali. Nua, exposta na minha mais interna singularidade. Tendo meu corpo e minha vida escancarados diante do alcance que os textos poderiam causar. Diante de toda mudança e ressignificação, desconstrução e construção que ele poderia promover. Cada pessoa ali era um pouco de mim e eu um pouco de cada uma delas. (...) tudo isso e muito mais é dito de uma forma muito peculiar. Sublime. Intensa e honesta (BENEVIDES, 2016).

Imagem-cristal: curtas-metragens de vivências trans

A forma de estruturação dos curtas-metragens não se desvincula da estética e pragmática da simesmidade encontradas na construção do livro, dos ensaios fotográficos e da intervenção artística, que será analisada posteriormente⁸⁹. O passado narrado, muitas vezes na terceira pessoa do singular, indicava que aquela mulher ou aquele menino afeminado, aquele amor que fazia uma autodestruição, retratava outra pessoa. Assim, o

⁸⁹ Os curtas-metragens em vídeo foram disponibilizados na web pelo autor e foram realizados em parceria com a FUNDAJ com apoio do Laboratório de Imagem e Som do departamento de Comunicação da UFPE. A Linha documental usada por Ludermir inspirou-se no filme *Jogo de Cena* (2007), de Eduardo Coutinho (BEZERRA, 2015).

pronome pessoal empregado sinalizava o distanciamento desejado entre a forma desejada e a representação ali exposta.

Ludermir afirma que a criação dos vídeos ocorre da seguinte forma: “em um dos momentos, elas entram em contato pela primeira vez com os textos que fiz. É como um exercício em que elas recontam suas histórias, comentam o que querem mudar, por exemplo. É como se elas estivessem colocando em xeque a representação que é feita delas e meu papel como autor” (BEZERRA, 2015).

Foucault utiliza a experiência do espelho para que se compreenda melhor a ideia da Heterotopia. Aqui, os vídeos biográficos feitos em mais de um momento, as lidas, relidas, revisões, atualizações de situações havidas depois de o livro estar quase pronto compreendem uma experiência semelhante a do espelho. Essa inferência se dá, pois se trata de uma experiência mista, conjugando o lugar sem lugar de um vídeo lançado na internet (espaço virtualizado), que reflete a elas mesmas com a existência da vida real. Compreende-se, dessa forma, em um mesmo lugar e tempo, a realidade e a fabulação refletidas (CASTRO, 2015).

Os vídeos mostram várias realidades, intervalos de tempos com várias situações ligadas a mesma pessoa. Há ocasiões em que a edição do curta-metragem divide a tela entre dois momentos de vida diferentes que refletem a mesma mulher. Exemplo disso é Rayanne, uma mulher abandonada por ser transgênera, que, posteriormente, reata seu namoro após seu companheiro ter resistido aos tentáculos da cis-heteronormatividade. Assim, o intervalo temporal proposto pelos curtas-metragens consiste:

[...] entre a percepção e a ação pode ser apreciado como momento da indeterminação. É nele que hesitamos, escolhemos, gestamos nossas escolhas com a totalidade de nosso passado. Nele também assistimos à gestação de um novo desejo, como também à emergência das nossas livres decisões. Nele, enfim, intuimos a atividade da criação quando, na pausa indispensável que exige o pensar, vemos emergir, com ritmo próprio, uma ideia nova, uma ideia tempo que será desenvolvida em uma atividade criativa (MACIEL, 2007, p. 57).

Maria Clara (SENA, 2016) comenta que esses entre-lugares que habitam simultaneamente o passado e o presente geram incômodos. Exemplo disso reside no fato da imagem-tempo necessitar o nome de batismo. No entanto, fica evidenciado, no material analisado, tratar-se de uma dor necessária, como a dor de um parto. Dores do parto que fazem parte da pragmática da simesmidade.

Você também toca no meu nome Roberval que hoje ninguém me conhece por este nome. Não me faz mal, como eu disse... eu estou... eu passei por uma fase da vida que coisas do meu passado não me incomodam. Eu sei que este Roberval como as torturas psicológicas e físicas que eu sofri me fez ser essa pessoa que eu sou hoje. Também sei o “ele” aí porque ele (o autor) colocou. Você não está jogando palavras ao vento.

Destacam-se, assim, vários elementos de violência e de silenciamento da voz e do grito das mulheres que, em tela, se acoplam em agenciamentos produzidos pelo inconsciente colonial capitalístico de abjetificação do corpo trans. Rayanne (2016), no curta metragem de sua biografia, fala da mesma condição ao relatar que:

Eu acho que a princípio, no início deste trabalho, uma coisa que era meio tabu para mim era citar o meu nome... o meu nome de batismo, de registro, mas hoje eu vejo que é importante. É importante que essa parte seja tão frisada quanto as outras. Por que isso mostra que eu sou

tão forte quanto as pessoas imaginam. Que eu posso deixar claro ali o meu nome de batismo quando (...) hoje eu sou Rayanne Romanelli.

Encontram-se nos vídeos imagens que, vistas de forma isolada, apenas mostram mulheres esperando, pensando, mas acrescido ao som, ouve-se as vozes das mesmas se narrando, seja em leituras de trechos de suas próprias biografias, seja na complementação de detalhes que não couberam no texto ou que surgiram posteriormente a sua edição.

Em outros vídeos, como o de Luana, que apesar de performar mulher, diz que sabe que jamais o será. No vídeo, ela aparece reflexiva e se não houvesse som algum, a imagem mostraria que Luana estava sem nada a dizer, apenas aguardando para ser descrita. Mas a voz da narradora de sua história é a dela própria, corta esse momento.

Nesta análise, faz-se importante aproximarmos a ideia dos curtas-metragens à imagem proposta por Deleuze (1990 apud DINIS, 2005, p. 73) ao falar sobre o cinema: “trata-se da emergência de situações ópticas e sonoras substituindo situações sensorio-motoras enfraquecidas. São produzidas situações de visibilidade e audição que não derivam de ações, nem necessariamente se prolongam em ações”. Os curtas-metragens trazidos neste trabalho falam individualmente de cada mulher enquanto unidade de vida através da produção de suas imagens-cristal.

O que constitui a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: uma vez que o passado não se constitui depois do presente que ele foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, que diferem um do outro em natureza, ou, o que dá no mesmo, desdobre o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança para o futuro e a outra cai no passado. É preciso que o tempo se cinda em dois jatos dessimétricos, um dos quais faz passar todo o presente, e outro conserva todo o passado. O tempo consiste nessa cisão, é ela, é ele que se vê no cristal (DELEUZE, 1990, p. 108-9).

Em várias passagens dos curtas, e na integralidade do curta sobre a biografia de Luana Rodrigues, as leituras do espectador ocorrem sem palavras, só pelos movimentos e linhas encontrados nas imagens do vídeo. Apesar das mulheres biografadas não se encontrarem entre si diretamente nos curtas, estes encontros acontecem em virtude de cada narrativa estar marcada por desejos, desconstruções e por um nascer mulher que parece pertencer a um corpo ainda por vir. Assim,

[...] é a partir da escuta do corpo vibrátil e suas mutações, que o artista, desassossegado pelo conflito entre a nova realidade sensível e as referências antigas de que dispõe para orientar-se na existência, sente-se compelido a criar uma cartografia para o mundo que se anuncia, a qual ganha corpo em sua obra e se autonomiza de sua pessoa. Através da prática artística, atividade de semiotização da experiência humana em seus devires, a vida afirma-se em seu erotismo criador, gerando novas paisagens existenciais (ROLNIK, 1999, p. 3).

Encontramos tanto no curta-biográfico de Maria Clara Araújo de Sena como na paisagem desenhada no livro produzido por Ludermir o encontro de realidades. Na “História Incompleta...”, o autor também acompanha Maria Clara no seu dia a dia, seus hábitos, costumes... e a violência diária que sofre. Chico Ludermir (2016, p. 109) traduz o que viu na situação da seguinte forma:

Na Rua da Imperatriz, Maria Clara ouviu a primeira gracinha da noite. Veio de um menino de uns quinze anos, que andava em grupo com outros três. "Queres essa morena pra tu?", perguntou ao colega em tom

de deboche. Na ponte velha, um senhor barrigudo não precisou dizer. Apenas olhou com um desprezo firme Clara se aproximar, cruzar e passar. Já entrando na estação Central do Recife de metrô, ela ouviu mais uma, desta vez de um vendedor ambulante. "Essa daí vem com um brinde", gritou para quem quisesse ouvir. "O brinde é a sua mãe", respondeu, sem olhar para trás, misturando-se à confusão do centro. Uma multidão se empurrava disputando espaço em um dos vagões rumo a Camaragibe. Mesmo assim, ela não passava despercebida. 1,90, negra, cabelos cheios, óculos de armação grossa, Clara prendia olhares, despertava desejo, desdém, comentários. Tinha sido assim por todos os lugares que passava desde o mais longe que podia resgatar na memória.

Por outro lado, o que sente as mulheres retratadas nesta obra nem sempre está a mostra. Maria Clara (2016) comenta que a experiência trouxe percepções e sentimentos que a inquietaram. Ela reconhece sua rotina na situação dos apedrejamentos sociais de todo dia. Assim, o que para o mundo é um descostume, para ela são enfrentamentos diários. As fendas da cidade perpassam aquela mulher ou são ela:

Pois é, essa parte mostra para você os desafios que todo dia a gente passa... de graça, de olhares... eu fico até feliz que neste dia que você estava comigo não ter tido momento de agressão física. Porque já tive que partir para briga por defesa. E nesse momento eu estava meio que frustrada de estar com você porque para mim é normal. Era o trivial: feijão, arroz e charque. Daí eu estar com você... eu estava meio que te protegendo para que você não visse aquilo tudo. Você é uma pessoa que tem o seu mundo e estava no meu mundo. Eu pensei: isso ele não pode ver. Isso ele não pode sofrer... foi assim.

A compreensão das imagens-cristal nas biografias videografadas exigiu de nós uma escuta que só o corpo vibrátil e suas mutações permitem: a criação de uma cartografia entre a nova realidade sensível e as referências antigas. Essas exportaram, tornaram exógenas e trans-emergiram a experiência humana em seus devires por meio da semiotização.

Percebe-se que os entre-lugares descritos como heterotopias nos ensinam que as imagens-cristal atrelam passado, presente e os intervalos entre eles às várias realidades e fabulações que geram incômodos e afrontam os agenciamentos comuns ao inconsciente colonial capitalístico que abjetifica o corpo-trans, enquanto unidade de vida, mas que não consegue conter os desejos e deslocamentos do ser/tornar-se mulher. Só assim pudemos compreender o universo vivido nos curtas-metragens que promovem a estética e a pragmática da simesmidade.

Intervenções artísticas: performances no/dopassado

A intervenção artística contou com articulação de novas parcerias, a Fundação Joaquim Nabuco- FUNDAJ- e a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – que permitiu um novo “pensar”, a partir de variações no corpo vibrátil do autor. Realinou-se o eixo da discussão para uma análise cartográfica dos desejos, no momento em que cada uma faz o processo de floração de realidade enquanto mulher.

Seja qual for o meio de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossa vida cotidiana nos força a inventar novos *possíveis* que integrem ao mapa de sentido vigente, a mutação sensível que pede passagem – nada a ver com a demanda narcísica de alinhar-se à “tendência” do

momento para ganhar reconhecimento institucional e/ou prestígio midiático. A especificidade da arte enquanto modo de produção de pensamento é que na ação artística, as transformações de textura sensível encarnam-se, apresentando-se ao vivo. Daí o poder de contágio e de transformação de que é potencialmente portadora tal ação: é o mundo o que ela põe em obra, reconfigurando sua paisagem (ROLNIK, 2007, p. 104).

Nesse ínterim, surgiu um convite dos pesquisadores, Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos Junior⁹⁰ e da Coordenadora de Artes Visuais Bruna de Sousa Pedrosa Paes, ambos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, para adaptação das fotos e dos textos para desenvolver uma intervenção artística, que ficou em cartaz de 23 de julho à 24 de agosto de 2015 (PESSOA, 2016).

A articulação da resistência em espaços estatais como universidades, fundações públicas e equipamentos culturais estatais pode ser vista como elemento de discursos ativos que se contrapõem a uma micropolítica reativa, dispondo a possibilidades para outras estratégias, pois,

é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (FOUCAULT, 1988, p. 95).

O projeto Arte, Reforma e Revolução (FUNDAJ, 2015) tinha como proposta de desconstrução manter o prédio da Fundação Joaquim Nabuco "vivo" durante a reforma física do edifício Ulysses Pernambucano, construído, na década de 1950, no Derby. A estratégia cultural propunha debates ligados à resistência, como "Cidade e Resistência", "Arte e Resistência" e "Política e Resistência", bem como albergava exposições, projeções nas ruínas da obra, visitas guiadas pela reforma e intervenções artísticas dentro da própria obra. Na esteira desses debates e exposições, emerge a intervenção artística de Chico Ludermir que foi nominada: "Mulheres: o nascer é comprido".

Nesse mote, articular a reforma do prédio aos ensaios fotográficos, ao livro e aos vídeos trouxe à baila a relação entre o corpo e o espaço construído. Assim, uma das iniciativas foi permitir que os curtas-metragens fossem projetados nas paredes em reforma (BEZERRA, 2015). Ademais, vinte fotografias tornaram-se imagens-revolução, sendo dez delas dos arquivos pessoais das mulheres que compõem a obra em momentos nas quais ainda eram identificadas como do gênero masculino; e o restante, também publicadas no livro, oriundas dos ensaios fotográficos relacionados ao projeto.

As imagens em preto e branco foram inicialmente impressas em azulejo e sofreram intervenções (tanto as do acervo pessoal quanto as dos ensaios do autor) pelas próprias mulheres, uma vez que a ideia principal girava em torno das noções de exploração e de transformação corporal vividas por transexuais. O fato de terem sido

⁹⁰ Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos Junior possui graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (1984), mestrado em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e doutorado em Economia - University College London (1994). É Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco desde 1990 e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará desde 2013. Foi Diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães entre 2001 e 2006 e Pesquisador Visitante no grupo de pesquisa TrAIN - Transnational Art, Identity and Nation, na University of the Arts, em Londres, entre 2008 e 2009. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Teoria da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte brasileira, arte e política, cultura contemporânea e globalização. Foi curador da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

impressas em azulejos permitia que elas pudessem “alterar”, “mexer” em seus passados, de forma gráfica. Nesse ínterim, a imagem deixava de ser estática para permitir uma alteração dinâmica do passado-presente, situando-se no meio, no entre-lugares (BRASILEIRO, 2015; G1, 2015; BARROS, 2015).

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o “novo”, como ato insurgente, e não parte do *continuum* do passado e do presente. Gera uma produção artística que não apenas **retoma o passado – causa social ou precedente estético –, mas o renova, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que, além de inovar, interrompe a atuação do presente.** O “passado-presente” torna-se parte da necessidade (e não da nostalgia) de viver (BHABHA, 2003, p.27, grifos nossos).

A impressão das fotos em azulejo facilita o processo de alteração das imagens, uma vez que permitiu a algumas mulheres desenharem sobre seus corpos e escreverem sobre suas experiências. Além disso, foram acrescentados textos do autor às imagens, mostrando a intrínseca relação do autor com as mulheres. Depois, os azulejos com as inserções foram fixados com cimento às paredes que estavam em processo de restauro (BEZERRA, 2015). Dentre os textos acrescentados temos:

“Nascer mulher, afinal, para muitos não é fato imediato, mas processo comprido o bastante para durar uma vida inteira. E que, mesmo assim demorado, é para muitas incontornável”. “Que o amor oriundo do nascimento, quando o sexo biológico é revelado, permaneça em nossos pais após revelarmos nossa identidade de gênero. Afinal, sendo meninas ou meninos continuamos sendo filhos ou filhas”. “Não se nasce mulher, nos tornamos! O amor de minha mãe foi essencial para minha realização. Nasci num corpo que não me pertencia, modifiquei e me realizei” (grifo nosso).

As mulheres retratadas, rejeitadas por serem o que são, ditas homens ao nascer, explodem em existências e resistências. Alexandre Filordi de Carvalho (2016) afirma a importância de discorrermos sobre novas formas de experiências, que realcem subjetividades ativas que libertem concepções e conduta oriundas de uma individualidade imposta. Nesse sentido, Maria Clara de Sena, em entrevista sobre a intervenção artística, afirma que:

No primeiro momento foi tranquilo. Quando ele falou sobre a ideia de mostrar as fotos do passado, eu até pensei um: 'Eita...'. Mas sabia da importância de colocar na exposição porque é a minha história. Depois fui ficando mais à vontade, quando gravamos o vídeo também, começou a fluir a conversa da nossa vivência.

São devires que transbordam daqueles pelas quais transpassam, pois cada narrativa possui seu *conatus*. Bons e maus encontros, mas sempre corpos políticos de resistência e força. Maneiras fabuladas de encontrar o passado, refazê-lo. Histórias de ódio e violência que dão a impressão errônea de que as singularidades se aproximam das leituras cartesianas e estruturalistas de uma “identidade universal”.

Robustecendo essa idéia, registramos que a estreia da intervenção artística foi marcada pela composição de uma mesa redonda com o curador Moacir dos Anjos e a professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE, Cristina Teixeira Vieira de Melo, além do próprio Francisco Ludermir (BRASILEIRO, 2015). O lançamento do livro só ocorreu no ano de 2016, dia 12 de novembro, na Festa Literária das Periferias (FLUPP), na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e no Recife, no dia 1º de dezembro

(PESSOA, 2016). Importante registrar a distribuição de exemplares e a entrada no evento gratuita para mulheres trans e travestis.

Há uma potência cartográfica no nascer deste artigo que se inspira numa função-artística que é tão cumprida quanto o nascer mulher dos devires transexuais que vimos aqui. Nossa cartografia do descostumes visa analisar os processos educativos que estão na rotina, no dia a dia, no habitual e cotidiano de mulheres transexuais construídas sem pena, com força e violência. Não são existências que sejam aceitas, percebidas facilmente ou mesmo que se possa impor, uma vez que ainda são frontalmente abjetificadas. Ao mesmo tempo, rompem estruturas (im)postas à partir das bordas e margens do cis-tema educacional.

Esse cis-tema espalha-se, envenena toxicamente e bloqueia através de estratégias que tentam limitar os corpos e os fluxos de desejo. Contudo, as potências, o desejo, as micropolíticas ativas estabelecem-se em agenciamentos complexos e múltiplos como raízes que emergem produzindo conexões e em direções imprevisíveis ou ainda não existentes nos espaços que interagem com as vidas, seja na escola ou fora dela.

Conclusão

A cartografia aqui proposta trouxe a possibilidade de gerarmos um mapa que espelhasse os fluxos contínuos contidos na Cartografia de Chico Ludemir, ou seja, nos depararmos com uma metacartografia (cartografia da cartografia). Mapear os descostumes, agenciamentos que envolvem os “*afectos*” e “*perceptos*” que se inspiram numa função-artística e no nascer mulher dos devires transexuais, nos trouxe a ideia de várias educações insurgentes que eclodem como acontecimento a partir de agenciamentos artísticos, culturais e educacionais. A problemática surgiu da possibilidade de que elementos artísticos em agenciamento constituíssem estratégias de re(x)istência no acontecimento educação. Observamos que apesar do inconsciente colonial capitalístico, insurgem linhas de fuga e novos espaços de resistência e invenção.

O **primeiro movimento**, que buscamos desenvolver para alcançarmos a reposta à pista proposta, mapeou a molecularidade observada nas linhas de fugas a partir das subjetividades do autor e de seu olhar vibrátil. Percebemos uma tecnologia educacional acionada a partir do cuidado de si em sua estilística política, estética e ética da existência.

Observou-se uma forma de educação paralela e rizomática, que fugia a estrutura totalizante e universalizante de uma pedagogia maior, uma vez que o autor se transforma na obra ao mesmo passo em que aprende.

A partir desse movimento de consciência de um lugar de fala e de um aprendizado recíproco, surge o **segundo movimento** que mapeou a molecularidade observada nas linhas relacionadas as personagens e da relação delas consigo próprias no posar, relatar, performar, recontar, reler-se, rever-se e fabular-se. Percebemos que a desconstrução e a reconstrução de suas memórias permitiram que elas operassem sobre os assujeitamentos vivenciados, dando visibilidade aos modos de subjetivação que os sustentam. Podemos inferir novos caminhos foram abertos por corpos que assumiram a politicidade de seu ser.

O **terceiro movimento** tratou do mapeamento de parte da obra de Francisco Ludemir. Essa foi entendida como conjunto artístico identificado nos ensaios fotográficos, na poesia política, na imagem-cristal dos curtas-metragens, na intervenção artística e no livro. Nossa escrita tentou captar os elementos das situações descritas para além das vivências e avançou para aspectos da molecularidade ativa destas mulheres, do autor e de expectadores. Para nós, a obra instaura uma gama de referências práticas e teóricas que permitem uma educação que não está presa ao conhecimento útil, formal ou pré-formativo e que propõe condições de uma vida tanto individual quanto coletiva.

Ao final deste trabalho, reforça-se a ideia de que não há fim nos caminhos traçados nessa cartografia, mas a **pista inicial** nos trouxe, através dos movimentos descritos nesta conclusão, à composição do mapa dos fluxos contínuos percebidos no autor, personagens e obra na arte de Chico Ludemir. É nessa com-posição que o acontecimento educação surge, especialmente no agenciamento composto pelos contra-fluxos, re(x)istências e potências disruptivas encontradas que promoveram processos de diferenciação e transformação moleculares.

Percebe-se que o Acontecimento Educação também surge por caminhos incidentais, porque a ciência pensa a educação como conceito e se concentra em processos empíricos enquanto possibilidades já constituídas. Acrescentam-se então produções artísticas que resplandecem nas imagens-cristal dos curtas-metragens de vivências trans que entrelaçam em simbiose entre a filosofia e as artes como formas de pensamento.

Por tanto, discutir os processos educacionais incidentais a partir dos descostumes das fendas da cidade e, a partir de rizomas artísticos, deslocar proposições pedagógicas para um arejamento de possibilidades de se discutir o pensamento e o trânsito de corpos atemporais e sem lugar específico ou ordenável.

Referências

BARROS, Isabelle. Mulheres trans são tema de exposição na Fundação Joaquim Nabuco: fotógrafo Chico Ludemir acompanhou dez mulheres trans durante dois anos e fez fotos, vídeo e livro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/07/mulheres-trans-sao-tema-de-exposicao-na-fundacao-joaquim-nabuco.html>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017

BAZANTE, Brenda. Brenda: A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres. **Canal Chico Ludemir**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OAjLRFw7i-Y&t=9s>>. Acesso em: 25 de jun. de 2019.

BENEVIDES, Bruna G. Uma leitura sobre “A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres...”. **Revista Cardamomo**, Recife, 21 de dez. de 2016. Disponível em: <<http://www.revistacardamomo.com/uma-leitura-sobre-a-historia-de-brenda-e-outras-mulheres/>>. Acesso em: 22 de jun. de 2017.

BEZERRA, Eugênia. Chico Ludemir expõe obras sobre mulheres transexuais na Fundaj: “Mulheres: Nascer É Comprido” é formada por fotografias e vídeos. A mostra pode ser visitada no prédio da fundação no Derby. **Jornal do Comércio**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2015/07/23/chico-ludermir-expoe-obras-sobre-mulheres-transexuais-na-fundaj-191502.php>>. Acesso em: 26 de jun. de 2017

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BRASILEIRO, Paula. Exposição retrata transformações de transexuais: 'Mulheres: nascer é comprido', do fotógrafo Chico Ludemir, mostra a transição e o dia a dia de 10 mulheres trans do Recife. **Leia já**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www1.leiaja.com/cultura/2015/07/23/exposicao-retrata-transformacoes-de-transexuais/>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017

ABREU, Caio Fernando. **Onde andar Dulce Veiga?** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Alexandre Filordi de Carvalho. Função-educador e atualidade: ponderações foucaultianas para a educação. In: BRITO, Maria dos Remédios de; GALLO, Silvio (orgs.). **Filosofias da Diferença e Educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p. 243-266.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. Outros espaços e tempos, heterotopias. In: **Congresso Internacional Espaços Públicos**. 1., 2015, Porto Alegre, RS. **Anais [...]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807535/mod_resource/content/1/Castro.pdf. Acesso em: dez. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: a imagem-tempo**, São Paulo, Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DI LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. **Educar em Revista**, n. 26, p. 01-13, 2005.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'tudes Architecturales**, em 14 de Março de 1967. Disponível em: https://historiacultural.mpbnnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Vol. IV: estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Pulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Nau editora, 2005.

FREIRE, Simone. **Travestis e mulheres trans negras que estão transformando o país, e você precisa conhecer**. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/travestis-e-mulheres-trans-negras-que-estao-transformando-o-pais-e-voce-precisa-conhecer>. Acesso em: 29 de dez. de 2019.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (FUNDAJ). “Arte, reforma e revolução” manter viva a FUNDAJ derby. **Blog da Fundação**, Recife, 12 de fev. de 2015. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/inventarios-documentais-e-indices->

bibliotecas/131-blog-da-fundacao/noticias/577-arte-reforma-e-revolucao-mantera-viva-a-fundaj-derby>. Acesso em: 2 de jun. de 2017.

G1. Pesquisa de Chico Ludemir durou dois anos e está em cartaz na Fundaj. **G1**, Recife, 23 de jul. de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/exposicao-reune-transformacoes-e-historias-de-transexuais-no-recife.html>>. Acesso em: 24 de jun. de 2017

JOGO DE CENA. In: **Enciclopédia itaú cultural de arte e cultura brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67310/jogo-de-cena>>. Acesso em: 30 de Maio 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7).

KRUTZEN, Eugênia Correia. Discurso e autoria: a escrita terapêutica. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio(orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LUDERMIR, Chico. **A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

LUDERMIR, Chico. Encontros que tornam bela a incompletude. CEPE - Companhia Editora de Pernambuco: Suplemento Pernambuco, Recife, 23 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/67-bastidores/1832-encontros-que-tornam-bela-a-incompletude.html>>. Acesso em: 23 de jun. de 2017.

MACIEL, Auterives. **Clínica, indeterminação e biopoder. direitos humanos? o que temos a ver com isso?** Comissão de Direitos Humanos do CRP-RJ [org.] Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia- RJ, 2007.

MACLENNAN, Gloria Crespo. Wolfgang Tillmans, a fotografia sem limites: A Tate Modern expõe a obra do fotógrafo, considerado um dos artistas mais inovadores do momento. **El País**, Madrid, 17 de fev. de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/16/cultura/1487253964_955625.html>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

PACCE, Lilian. Bettina Rheims, feminilidade à flor da pele. **Lilian Pacce**, São Paulo, 19 de fev. de 2017. Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/bettina-rheims-feminilidade-a-flor-da-pele>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

PESSOA, Breno. Autor pernambucano lança livro com narrativas sobre mulheres trans e travestis recifenses. Obra terá lançamento neste sábado, na Festa Literária das Periferias, na Cidade de Deus, Rio de Janeiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de nov. de 2016. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/11/escritor-e-fotografo-pernambucano-lanca-livro-com-narrativas-sobre-mul.html>>. Acesso em: 23 de jun. de 2017.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. Ide (São Paulo), v. 29, p. 123-129, 2006. **Direitos Humanos? o que temos a ver com isso?** Comissão de Direitos Humanos do CRP–RJ [org.] Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia– RJ, 2007.

ROLNIK, Suely. Flowerings of Reality/Florações da Realidade. In: Catherine De Zegher. (Org.). **Vida Afora /Life Line**. Anna Maria Maiolino. New York: The Drawing Center, 2006, v, p. 107-112.

ROLNIK, Suely. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno de Lygia Clark. **The Experimental Exercise of Freedom: Lygia Clark**, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel, 1999.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 25, 2002.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica**. Goethe Institut, 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>. Acessado em: 15 out. 2017.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Cultura e subjetividade. **Saberes Nômades**, Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24.

ROMANELLI, Rayanne. **Rayanne: A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FWO0sndRbqA&t=42s> Acesso em: 25 de jun. de 2019.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, 2005.

SENA, Maria Clara Araújo. **Maria Clara: A História Incompleta de Brenda e de Outras Mulheres**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pxwN_DjQTz4&t=31s. Acesso em: 25 de jun. de 2019.

SOUSA, Ilza Matias de Sousa. Clarice Lispector, “perto do coração selvagem”: uma cartografia das singularidades selvagens à luz de Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio(orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **NISC/UPE: Núcleo Integrado de Saúde Coletiva da Universidade de Pernambuco**. Disponível em: <http://www.upe.br/nisc.html#:~:text=O%20N%C3%BAcleo%20Integrado%20de%20Sa%C3%BAde,pesquisa%2C%20de%20extens%C3%A3o%20e%20de>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

VEIGA–NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

YAHN, Camila. Nan Goldin: mergulhe no trabalho da artista que passa pelo Brasil nesta semana. **Fashion Forward UOL**, São Paulo, 30 de out. de 2017. Disponível

em:<<https://ffw.uol.com.br/noticias/fotografia/nan-goldin-mergulhe-no-trabalho-da-artista-que-passa-pelo-brasil-nesta-semana/l>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.